



**António Leite, S.J.**

**História  
da aparição  
e milagres  
da Virgem da Lapa**

**Edição atualizada, introdução e notas de  
Abel Estefânio  
Manuel Ramos**

**PORTO – FLUP 2021**

(folha deixada propositadamente em branco)

**António Leite, S.J.**

**História  
da aparição  
e milagres  
da Virgem da Lapa**

**Edição atualizada, introdução e notas de  
Abel Estefânio  
Manuel Ramos**

**PORTO – FLUP 2021**

## **Agradecimentos**



&

Dr. João Emanuel Cabral Leite

## **Organizadores**

**Abel Estefânio**, licenciado e mestre em Economia pela Faculdade de Economia do Porto. Exerceu funções profissionais no Banco Português do Atlântico e no Millennium BCP. Foi também docente na Universidade Lusíada, no Instituto Superior de Entre Douro e Vouga e, posteriormente, consultor de empresas familiares na EFConsulting. Tem interesse no estudo de história medieval e de história religiosa, tendo publicado artigos em diversas revistas científicas nacionais e estrangeiras. É membro da Mesa de Honra da Associação Nossa Senhora da Lapa.

**Manuel Ramos**, professor auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, DEPER, área de Estudos Clássicos. Doutor em Literaturas Clássicas. Docente das unidades curriculares de Latim, Literatura Latina, Métodos e Técnicas de Pesquisa e supervisor na formação de Professores de Português. Membro da U&I Instituto de Filosofia (IF) e colaborador do CITCEM – FLUP. Tem na edição de textos latinos e na retórica clássica e medieval as principais áreas de interesse e é aí que está a maioria das suas publicações.

## FICHA TÉCNICA

<i>Título</i>	História da aparição e milagres da Virgem da Lapa [1639]
<i>Autor</i>	António Leite, S.J. (1580-1662)
<i>Organizadores</i>	Abel Estefânio de Sousa Almeida Manuel Francisco Ramos
<i>Edição do texto</i>	Manuel Francisco Ramos
<i>Apresentação</i>	P.º Joaquim Proença Dionísio
<i>Introdução e notas</i>	Abel Estefânio de Sousa Almeida Manuel Francisco Ramos
<i>Editor</i>	Universidade do Porto. Faculdade de Letras
<i>Local de Publicação</i>	Porto
<i>Data de publicação</i>	Junho de 2021
<i>Execução gráfica</i>	Manuel Ramos
<i>Capa</i>	Abel Estefânio
<i>ISBN</i>	978-989-8969-90-3
<i>DOI</i>	<a href="https://doi.org/10.21747/978-989-8969-90-3/hist">https://doi.org/10.21747/978-989-8969-90-3/hist</a>
<i>URL</i>	<a href="https://ler.letas.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1757&amp;sum=sim">https://ler.letas.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1757&amp;sum=sim</a>
<i>Imagens</i>	Nuno Correia
<i>Natureza da publicação</i>	Reedição das monografias jesuíticas relativas ao Santuário da Senhora da Lapa – Sernancelhe
<i>Divulgação</i>	Esta monografia pode ser consultada na Biblioteca Digital da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
<i>OBS</i>	Esta obra pode ser livremente reproduzida desde que devidamente citada

## Apresentação

O Santuário de Nossa Senhora da Lapa é uma referência na secular diocese de Lamego, local de peregrinação para muitos fiéis e ponto de encontro para gentes de perto e de longe.

Assim acontece há mais de cinco séculos. Com mais ou menos sacrifícios, motivados pela fé e pela esperança, com sorrisos ou lágrimas, em voz alta ou em silêncio, a sós ou acompanhados, muitos são os que demandam este local sagrado e se dirigem à gruta e à imagem da Mãe para agradecer e suplicar, rezar e meditar, ver e tocar... E quem chega sabe que foi precedido por uma multidão, a quem se junta no caminho e na experiência, e de quem recebe encorajamento a dar um passo mais.

O Santuário da Lapa pertence à imensa lista de surpresas que a Providência de Deus nos reserva, desde a imagem de Nossa Senhora que alguém deixara nestas terras inóspitas até ao protagonismo da pequena e frágil Joana que a encontrou. Longe dos grandes centros, afastado dos círculos de poder e sem grandes riquezas para oferecer, aqui se desenvolveu um culto mariano que a fé dos simples soube viver, que a perseverança de tantos conseguiu manter e divulgar, que o tempo ajudou a cimentar.

A singular história deste local sagrado, aliada à providencial presença e missão dos Padres da Companhia de Jesus, motivou, entre outras coisas, o aparecimento de livros que, desde cedo, registaram tradições e informações sobre o culto aqui existente, bem como a descrição das edificações conseguidas.

O aparecimento da presente obra inscreve-se num projecto iniciado pelo anterior responsável deste Santuário, Padre José Alves Amorim, cujo objectivo visava a reedição das três monografias jesuíticas relativas ao Santuário da Senhora da Lapa: a mais antiga e que agora sai do prelo, *História da aparição e milagres da Virgem da Lapa*, do Padre António Leite (Coimbra, 1639), o *Loreto Lusitano*, *Virgem Senhora da Lapa*, do

Padre António Cordeiro (Lisboa Oriental, 1719) e *Ilias in nuce sive historiae apparitionis et miraculorum beatissimae Virginis de Lapa compendium*, do Padre Manuel de Azevedo (Roma, 1751), estas últimas já reeditadas em 2019 e em 2020, respetivamente.

Esta hora é, pois, de júbilo e de gratidão. Alegramo-nos com a riqueza documental existente e que cuidamos como património ímpar que nos esclarece, edifica e compromete. No caso dos livros citados, devemo-los à arte e à fé dos padres jesuítas que a Lapa teve a dita de acolher e que, com os dons que se lhes reconhecem, foram registando o que viam, ouviam e edificavam.

Mas é também o momento para expressar gratidão a quantos contribuíram para a presente reedição. Neste particular, gostaríamos de registar o nosso agradecimento ao Senhor Professor Doutor Manuel Francisco Ramos que, mais uma vez, coorganiza a edição de uma monografia sobre o Santuário da Lapa e que, com o seu saber e sem desvirtuar o conteúdo original, coloca diante de nós um texto de leitura mais fácil. Um agradecimento extensivo à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, na pessoa do seu bibliotecário, Senhor Dr. João Emanuel Cabral, pela realização desta edição. Por último, uma palavra de reconhecida e devida gratidão ao Senhor Dr. Abel Estefânio que há muito adotou a nossa região como sua e, em particular, o nosso Santuário, que muito estima e ao qual dedica uma atenção sem medida, ocupando-se e preocupando-se com a sua valorização e divulgação. A este membro da nossa Mesa de Honra se deve a iniciativa de reeditar a obra que agora nos chega e muito nos alegra. Bem hajam!

A par da alegria sentida e da gratidão assumida, imploramos a intercessão maternal de Nossa Senhora da Lapa por estes seus amigos e por tantos devotos espalhados pelo mundo.

*P.º Joaquim Proença Dionísio*

Reitor do Santuário de Nossa Senhora da Lapa

# Introdução

## Autor e obra

Com o nome de *História da aparição e milagres da Virgem da Lapa*, faz-se aqui a edição semidiplomática com introdução notas e índices do livro do Padre António Leite (1580-1662), da Companhia de Jesus, publicada em Coimbra, na tipografia de Diogo Gomez de Loureiro, em 1639, em formato pequeno (in-octavo).

O seu autor, natural de Lisboa, nasceu em 1581 e era filho de Matias Leite e Jerónima de Valadares<sup>1</sup>. Com 15 anos de idade, em 1596, entrou no noviciado da Companhia de Jesus, em Évora. Estudou filosofia na Universidade de Évora de 1600 a 1604 e teologia de 1610 a 1614. Nos seis anos intermédios (1604-1610) ensinou latim em Évora, Braga e Coimbra. De 1614 a 1618, ditou um curso de filosofia na Univesidade de Évora<sup>2</sup>. De seguida, exerceu por dois anos o cargo de prefeito dos estudos, lente de escritura e graduou-se de bacharel em teologia.

Em 1621, deixando de vez as cátedras, navegou para os Açores onde, por três anos, governou o Colégio de S. Miguel. Voltando à metrópole, residiu primeiro em Coimbra, logo em Braga, no Porto e outra vez em Coimbra, por mais de vinte anos seguidos. Em 1645 mudou para a Casa

---

<sup>1</sup> Seguimos de perto GOMES, João Pereira – *Os Professores de filosofia da Universidade de Évora (1559-1759)*. Câmara Municipal de Évora, 1960, pp. 252-253, onde se pode encontrar ainda uma ampla bibliografia manuscrita e impressa sobre o P.<sup>e</sup> António Leite.

<sup>2</sup> Em MACHADO, Diogo Barbosa – *Biblioteca Lusitana: histórica, crítica e cronológica*. Lisboa: Occidental na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, tomo I, 1741, p. 304, António Leite é dado como tendo entrado na Companhia de Jesus a 12 de setembro de 1596, o que parece não estar correcto.

Professa de S. Roque, em Lisboa, e aí ficou até falecer em 6 de dezembro de 1662<sup>3</sup>.

António Leite foi teólogo distinto e célebre pregador do seu tempo, de palavra fluente e inflamada. Dotado de feliz memória, era capaz de repetir, quando se oferecia a ocasião, páginas inteiras das Escrituras e de diferentes autores sagrados e profanos. Teve também todos os dotes que compõem um perfeito religioso: prudência, modéstia e afabilidade<sup>4</sup>.



(Assinatura do Padre António Leite)

Consagrou especial afecto à Mãe de Deus no mistério da sua Conceição Imaculada, razão por que, por sua iniciativa, foi colocada na capela da Universidade de Coimbra, junto ao altar lateral, dedicado à Virgem, uma inscrição a perpetuar o compromisso que, a 28 de julho de 1646, a “florentíssima Academia Conimbricense” tomou com “inviolável juramento” de defender aquele dogma; e foi dos que mais contribuíram para que D. João IV e toda a nação a declarassem e constituíssem Padroeira e Rainha de Portugal.

Como escritor, este padre inaciano cultivou a história e a genealogia, mas só deixou impressa a *História da aparição e milagres da Virgem da Lapa*.

\*\*\*

---

<sup>3</sup> Cf. FRANCO, António – *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus do Real Collegio do Espirito Santo de Évora*. Lisboa: Officina Real Deslandesiana, 1714, p. 660, n.º 13.

<sup>4</sup> Cf. FRANCO, António – *Synopsis Annalium Societatis Jesu in Lusitania ab anno 1540 usque ad annum 1725*. Augsburg, 1726, p. 333: “Eum exornavit peculiaris cum in divinis, tum humanis litteris eruditio et mores sanctissimi” (Foi ornado de uma peculiar erudição, tanto nas letras sagradas como nas humanas, e de costumes santíssimos).

Há no livro duas dedicatórias, uma destinada “à soberana magestade da Raynha e Virgem da Lapa”, em que é patente a afeição mariana do autor – era, na verdade, um piedoso devoto da Virgem e da sua conceição –, sendo este livro uma modesta retribuição do autor às suas graças; e a segunda dedicada “aos religiosos do Real Collegio de Coimbra, da Companhia de Jesus”.

Neste último prólogo, o autor tem consciência de que este é o primeiro livro que é escrito acerca do santuário e isso, de certa forma, deverá merecer, perante os seus leitores, a desculpa de alguma imperfeição que possa ter. Neste prólogo o autor também dá uma explicação para o facto de ter optado por um formato de livro pequeno: para que mais facilmente seja transportado e manuseado e, portanto, mais lido, como o livrinho dos epigramas de Marcial, que andava “nas mãos, seyos e algibeiras dos que, por o verem pequeno, com especial vontade o recolhiam”.

Achando-se dividido em seis livros, não lhe falta “variedade... proveito e doçura”. Começa com uma parte histórica, acerca da chegada à Lusitânia da imagem da Virgem da Lapa e do seu desaparecimento motivado pela invasão muçulmana (Livro I); seu achamento, o qual originou a construção de uma capela para a acolher, e crescimento da fé em honra da Virgem (Livro II); os muitos milagres operados pela Virgem perante os seus fiéis provindos de diferentes regiões de Portugal (Livro III e IV); como os pastores e aldeões a festejam e como deverá ser honrada (Livro V); e como os fiéis deverão realizar as suas novenas (Livro VI).

Portanto, grande parte do livro é dedicado aos milagres da Virgem da Lapa, dezenas deles, atestados em livro do santuário (“com a diligencia dos Padres da Companhia”), ainda que o autor ache (Livro III, cap. 6) que se escreveram muitos poucos milagres. No entanto, para lá do conteúdo dedicado à imagem da Virgem e sua capela, seus milagres, peregrinações e novenas, esconde-se um livro em que o seu autor, em estilo cuidado (“levantado estilo”, nas palavras de Fr. Adrião Pedro,

qualificador do Santo Ofício), pretende a cada passo exibir erudição, como notou igualmente o mesmo qualificador: “nella mostra bem o Autor sua muita erudiçam”.

“Erudição”, porque com frequência o autor, interrompendo a Lapa, discorre por conteúdos paralelos, quer teológico-filosóficos e histórico-literários, quer artísticos e geográficos, para melhor exemplificar ou integrar os conteúdos do Santuário da Lapa, mas também para instruir os leitores. É o caso de, por exemplo, antes de abordar os milagres operados pela Virgem, discorrer acerca do diabo e dos seus falsos milagres (p. /57 ss/); ou como quando, antes de abordar a cura dos endemoninhados da Lapa, discorrer acerca dos endemoninhados bíblicos (p. /127 ss/).

Ao nível da intertextualidade, destacam-se, pela frequência, os conteúdos bíblicos do Antigo Testamento, os preferidos do autor, parecendo umas vezes um mestre de Sagrada Escritura, outras vezes um pregador, que instrui e apela à conversão de vida. A sua erudição fica igualmente patente nas inúmeras fontes a que recorre, as quais foram registadas num aparato de fontes, na margem do texto, e que nós, por maior conveniência, pusemos em nota de rodapé.

Com este livro dedicado ao culto e milagres da Virgem da Lapa, um santuário administrado pela companhia de Jesus desde o tempo de D. Sebastião (1575 ou 1576), o Padre António Leite pretendia contribuir para o seu florescimento, para alimentar o acréscimo dos fiéis, que no tempo já era elevado<sup>5</sup> – provindos sobretudo das Beiras, mas também de lugares distantes como de Entre Douro e Minho, Trás-os-Montes, Douro Litoral, Coimbra e até Lisboa, Alentejo e Algarve –, para estimular à peregrinação e engrandecer o santuário reputado pelos seus milagres; mas também para melhorar a espiritualidade dos romeiros (compreendendo o mistério do nascimento de Cristo na lapa de Belém, que lembra a lapa de Quintela), instruí-los no respeito e elevar e

---

<sup>5</sup> “peregrinos, que nos campos daquelle deserto se ajuntam com tanta frequencia, que parece huma populosa /27v/ Cidade ou copioso exercito”. “Os dias... principais da Romagem [de indulgência e de Jubileu], onde, /45r/ como a feira, copiosamente vem infinita gente por causa do muito que nestas occasiões grangeam”.

dignificar a peregrinação. Neste sentido, este é também um livro didático e instrutivo do povo.

A este desidério educativo do autor não é alheio o facto de o Concílio de Trento (1545-1563) haver reforçado o culto aos santos, às relíquias e à Virgem; e os próprios propósitos de evangelização que presidiram à fundação da Companhia de Jesus (1540), à qual António Leite pertencia.

Quase oitenta anos depois, o padre António Cordeiro, referindo-se a este livro, que o tomou como fonte, dizia “já se não achão estes livrinhos”.

O livro agora editado permite conhecer o quotidiano seiscentista do santuário, desde a geografia do local até aos edifícios da Lapa, passando pelos milagres operados pela Virgem, quer em terra, quer em mar, quer em Portugal, quer no império ultramarino; permite também analisar as motivações dos peregrinos, de diferentes estatutos sociais e etários, as suas relações com o sagrado (como os ex-votos, mortalhas e donativos por eles oferecidos e novenas realizadas), a sua devoção e espiritualidade, mentalidade, quotidiano, divertimentos (músicas e danças) e práticas de religiosidade popular, num tempo em que o santuário já era muitíssimo frequentado.

*Manuel Ramos*

## Contexto histórico e historiográfico<sup>6</sup>

*É aqui,  
Bem no âmago da Lapa  
Entre a dureza do granito,  
O sussurro do silêncio,  
A grandiosidade do espaço,  
Que se albergam tesouros  
Preciosos, recheados  
De letras, sentires  
Encantos, desencantos,  
Histórias, ciência, estudos,  
Que merecem ser tasteados,  
Divulgados e partilhados.*

*(Extraído do poema Aqui, de Isilda Monteiro)*

**N**o coração da Beira Alta, no alto da penhascosa Serra da Lapa, ergue-se o famoso e devoto Santuário de Nossa Senhora da Lapa. O sítio em que se venera sua imagem deu a denominação por que vulgarmente se nomeia. Nossa Senhora é aqui invocada com um acidente geográfico característico, a lapa, que mais tarde se tornou toponímico.

A origem do Santuário da Lapa, como da maioria dos locais de peregrinação, encontra-se envolta na penumbra. Merece a pena dizer que há em Portugal e noutros países santuários muito antigos, alguns certamente pré-históricos, que devem ter sido lugares de culto pagão e que vieram a ser transformados em santuários. O aparecimento de lendas

---

<sup>6</sup> Este estudo teve uma primeira formulação no artigo ESTEFÂNIO, Abel – “A memória histórica da Ermida de Nossa Senhora da Lapa (1549-1639). *Beira Alta. Revista de estudos da região*, 2018, Vol. LXXVII, 2.º semestre, pp. 347-389, que contém um apêndice documental.

destinadas a justificar o culto e a ocultar a função anterior é frequente. Várias vezes a lenda tece-se à volta da aparição de uma Virgem, quer se trate dela própria, quer de uma imagem sua encontrada por algum pastor ou viajante.

Temos assim pela frente a tarefa difícil de procurar ver para além da cortina de lendas e interpretações do passado, elaboradas em datas muito posteriores aos pretensos acontecimentos. Aquilo que se pretende não é seguir cronistas e hagiógrafos, mas fazer uma identificação tão completa quanto possível das fontes e sujeitá-las a um apertado escrutínio, em busca da substância original.

Os problemas a tratar devem ser definidos pela ordem cronológica dos testemunhos a interpretar como fontes do conhecimento do passado. Ou seja, a primeira coisa a fazer é estabelecer o grau de veracidade e o significado de cada um. Uma vez verificado o primeiro deles, convém começar por dar conta disso e dos testemunhos que se seguem, para determinar que espécie de credibilidade se pode ou deve dar às suas informações acerca das origens do culto de Nossa Senhora da Lapa.

Seguindo Marc Bloch<sup>7</sup>, consideramos que atualmente somos mais capazes que no passado de discernir e de explicar as imperfeições do testemunho. Ganhamos o direito de não aceitar sempre, porque sabemos, melhor que no passado, quando e porquê não deve ser aceite.

As fontes de que dispomos não são só cartas e narrativas, mas também textos literários. Estes, com preocupações deliberadamente estéticas, também se alimentam dos acontecimentos, os fatos sociais, políticos e históricos que constituem uma época ou um dado período temporal.

Devemos começar por deixar claro que excluímos como fonte uma carta do Infante D. Fernando, pretensamente escrita no seu cativeiro em Fez, a que se atribuiu o ano de 1442 e se supôs dirigida ao Infante D. Pedro, seu irmão, fazendo referência ao cumprimento de uma promessa

---

<sup>7</sup> BLOCH, Marc – *Introdução à História*. Lisboa: Publicações Europa-América, 3ª edição, 1976, p. 119.

a «Santa Maria da Lapa»<sup>8</sup>. Admite-se que possa ter sido criada como efabulação no processo de santificação de D. Fernando mas, como veremos à frente, não se pode alegar como motivo dessa exclusão, o facto de existirem tradições que fixam a fundação do santuário da Lapa em data posterior.

Dito isto, o primeiro testemunho seguro da existência do culto de Nossa Senhora da Lapa, é-nos dado pela mão do corregedor de Lamego, Martim Velho, numa carta dirigida à rainha D. Catarina de Áustria, dando conta da grande importância que a Ermida de Nossa Senhora da Lapa vinha adquirindo, cuja fama já tinha ultrapassado as fronteiras do reino, assim como a atenção com que pretendia verificar a ocorrência de um milagre em que um mudo tinha recuperado a fala<sup>9</sup>. Este documento inédito, datado de 6 de fevereiro de 1549, coloca, mais cedo do que se poderia supor, a realização de grandes romarias à Lapa. Merece a pena referir que o conceito de romaria, utilizado na carta, deve ser entendido como sinónimo de peregrinação em geral<sup>10</sup>, embora na sua origem se

---

<sup>8</sup> Este documento apresentado por SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos – A última carta do Infante Santo e a falência do seu resgate, in *Anais da Academia Portuguesa da História*, II série, vol. VII, Lisboa, 1956, pp. 9-32, foi contestado quanto à sua autenticidade por CALADO, Adelino de Almeida – “Subsídios para a bibliografia do Infante Santo”, *Separata do Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, Ano III, n.º 13-14, 1958, pp. 15-20 e *O Infante D. Fernando e a restituição de Ceuta*, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 1962, p. 23, nota 55 e obteve de alguma forma o acordo posterior de SANTOS, Domingos – “Bibliografia”, *Brotéria*, vol. LXX, 1960, p. 359. Consideramos, no entanto, que será requerida uma nova reapreciação deste documento, atualmente perdido, se vier a ser reencontrado e se se concluir que seja uma cópia defeituosa de um original perdido (agradecemos ao Doutor Marco Daniel Duarte a amabilidade da informação de que o historiador da diocese de Leiria-Fátima, o Dr. Luciano Cristino, e uma equipa do Inventário do Património Móvel da Diocese de Leiria-Fátima, se deslocaram ao Cartório do Convento da Visitação, onde se pensava que estava a carta, mas não a encontraram).

<sup>9</sup> ANTT – Corpo Cronológico, Parte II, mç. 241, n.º 100.

<sup>10</sup> No final do século XVIII, o "Dicionário Morais" apresentava ainda «peregrinação» como «o acto de viajar por instrução, ou devoção» e «romaria» como uma «peregrinação devota à terra Santa, ou casa de algum Santo» (SILVA, António de Morais e Rafael Bluteau – *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro* (Volume 2: L - Z). Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira,

referisse à peregrinação específica a Roma. Só muito mais tarde, no século XX, é que se fez a distinção entre romaria, que aparece ligada à religiosidade popular, e peregrinação, associada à regulamentação da autoridade eclesiástica<sup>11</sup>.

A segunda notícia sobre a Ermida de Nossa Senhora da Lapa surge, dois anos depois, a 2 de novembro de 1551, pela mão do bispo de Lamego, pedindo à Rainha D. Catarina D'Áustria que interceda junto do rei D. João III para obter licença para edificar a igreja no lugar da Ermida de Nossa Senhora da Lapa por ser de grande concurso e devoção<sup>12</sup>. D. Manuel de Noronha (1551-1569) tinha sido confirmado nesse mesmo ano, a 22 de Abril de 1551, pela bula de Júlio III «*Gratiae divinae praemium*»<sup>13</sup>. Este bispo foi indigitado para integrar a delegação portuguesa ao Concílio de Trento que decorreu entre 1542 e 1563, atrasado e interrompido várias vezes por divergências políticas ou religiosas. Com Trento num impasse, com os avanços da reforma protestante e conseqüente crise religiosa, tornava-se imperioso emprender obras que relançassem o prestígio da Igreja de Roma.

D. Manuel de Noronha deixou muitas obras notáveis na cidade de Lamego. Consagrou a Nossa Senhora uma devoção muito filial e muito

---

1789, pp. 186 e 355). Sobre a temática da peregrinação, do ponto de vista antropológico, deve consultar-se a bibliografia apresentada por CARDITA, Ângelo – “Peregrinação: possibilidades de compreensão crítica de uma experiência”. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXIV, 2012, pp. 195-213.

<sup>11</sup> SANCHIS, Pierre – “Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso”. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*. Porto Alegre, v. 8, n. 8, outubro de 2006, pp. 85-99. Para um retrato multidisciplinar das romarias portuguesas é imprescindível a referência, do mesmo autor, Arraial: *Festa de um Povo. As Romarias Portuguesas*. Lisboa: Publ. D. Quixote, 1983.

<sup>12</sup> ANTT, Corpo Cronológico, Parte I, maço 87, nº14.

<sup>13</sup> Seguimos DOMINGUES, Gabriel de Paiva – *Oração de André de Resende pronunciada no Colégio das Artes em 1551*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade, 1982, p. 101-102; ALMEIDA, Fortunato de – *História da Igreja em Portugal*, Nova ed. preparada e dir. por Damião Peres. Porto e Lisboa: Livraria Civilização (1968), Tomo III, p. 826; COSTA, M. Gonçalves da – *História do bispado e cidade de Lamego*. Lamego, 1979, vol. 2, pp. 35-39, 561 e CHAVES, Luís – *Portugal, A Beira*. Lisboa, 1929.

intensa<sup>14</sup>. Além da capela de Nossa Senhora dos Meninos, junto à ponte sobre o Rio Balsemão, mandou edificar a primeira capela erguida em Lamego em honra de Nossa Senhora dos Remédios, no ano de 1568.

Menos conhecido é o seguinte: logo que tomou posse da cadeira episcopal, empenhou-se pessoalmente na edificação de um templo condigno na Lapa, em tempo por ele classificado como «de tão pouca devoção». Na carta referida acima, pede à rainha D. Catarina que «se fizesse a igreja porque há aí esmolos». É verosímil que a esta data existisse na lapa um nicho com a imagem da virgem, e que, embora se tratasse de um sítio ermo e desabitado, fosse palco de grande fervor religioso. A literatura arqueológica oferece vários exemplos de dolmens transformados em santuários. A reutilização religiosa de antigos espaços de culto, ou de *habitats*, está suficientemente documentada, como seja o caso de grutas e lapas intimamente associadas ao aparecimento da Virgem<sup>15</sup>.

A serra da Lapa e as fontes do rio Vouga seriam espaços que contribuíram para o sucesso do santuário, transformando-o num desses locais que favoreciam o numinoso, facilitando a possibilidade de hierofanias e predispondo para o sagrado.

Merece a pena citar o naturalista Abel Botelho na descrição que nos deixou da serra:

«O topo aspérrimo da serra da Lapa, monstruosa acumulação massiça de penhascos, tem o grandioso aspecto d'um gigante da selva, a severa crueza d'um tirano do deserto, imponência magestoso d'um rei da solidão»<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup> Cf. MARRANA, José António – *História do culto de Nossa Senhora dos Remédios em Lamego*, 3ª edição. Lamego: Real Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios, 2004, pp. 27-28.

<sup>15</sup> Sobre monumentos megalíticos transformados em capelas, de onde emergiram tantas das Nossas Senhoras da Lapa que se conhecem em Portugal, ver OLIVEIRA, Jorge, Panagiotis Saratampoulos e Carmen Ballesteros – *Antas-Capelas e Capelas junto a antas no Território Português*. Lisboa: Edições Colibri, 1997.

<sup>16</sup> BOTELHO, Abel – “Os Miradouros”, *Ilustração Portuguesa*, IV volume – 23 de dezembro de 1907, pp. 825. Devemos à amabilidade da Sra. Dra. Ana Nunes esta

Por sua vez, o poeta António Correia de Oliveira capta a essência do rio<sup>17</sup>:

«Ó rio de milagre e maravilha!  
Ó Vouga – Espelho da Montanha, ó olhos,  
E clareza suavíssima do Vale!

Tu, que vais nessa Beira austera e boa  
Onde este triste Reino dias vezes  
Se torna português. – se apura e esforça;

E dela tens ainda o modo e o gesto  
Do seu antigo génio, do perdido  
E divino segredo desta raça;  
...»<sup>18</sup>

Na lapa, que os devotos não deixavam de visitar, sentiam-se aí aconchegados, protegidos e seguros, numa espécie de regresso inconsciente ao útero materno. A imagem de Nossa Senhora da Lapa está colocada num sítio em que, para a ver, tem de se passar de lado. A passagem dessa quelha asseguraria, no final, o renascimento.

O século XVI não era favorável ao desenvolvimento de novos cultos de origem popular, mas a construção de uma igreja no local constituiria, para o bispo de Lamego, a conquista deste espaço para a vida da Cristandade. O sagrado permitiria, desta forma, domesticar a natureza selvagem por parte da comunidade envolvente e afastar do local as forças obscuras existentes. Ao mesmo tempo, representava a rutura com o

---

referência, que fornece uma preciosa descrição da romaria da Lapa no início do século XX.

<sup>17</sup> Sobre a veneração de rios, ver ALMEIDA, Carlos Alberto F. de – “Um aspecto do culto dos rios na Lusitânia: sua divindade, castigo e rito expiatório para todos aqueles que os atravessam”. *Douro-Litoral*. Porto. 8.ª série. 9, 1958, pp. 873-887.

<sup>18</sup> VIANA, António Manuel Couto – *Terras da Beira na Literatura Portuguesa*. Edições Inapa, 1991, p. 98.

domínio do caos, através da elaboração de um novo espaço organizado, habitado e dominado pelos homens na arquitetura do cosmos. Depois do Concílio de Trento, assistiu-se ao reforço desta demarcação entre os espaços de culto e os que se destinavam a usos profanos<sup>19</sup>.

Na contenda que o assunto gerou entre o vigário de Quintela e o abade de São Paio de Rua, que tinha jurisdição sobre a Lapa, D. Manuel de Noronha coloca-se ao lado do vigário que pretendia avançar com a construção da igreja. A atitude do bispo enquadra-se, pois, na tendência que depois se viu, no florescimento dos santuários marianos.

Embora as informações desse período sejam muito escassas, a ermida estaria colocada num caminho que ligava a Guarda a Lamego, como consta num processo da Inquisição de Lisboa, que relata que o padre Guilherme Bro, vindo de Castelo Novo, no bispado da Guarda, entrou na diocese de Lamego no dia 22 ou 23 de abril de 1554, passando pela Lapa onde celebrou missa por duas vezes<sup>20</sup>. O roteiro utilizado por Guilherme Bro seria, possivelmente, o que passava pela Guarda, Cavadoude, Ponte do Ladrão, Forno Telheiro, Aldeia Nova, Queiriz, Eirado, Aguiar da Beira, passando então pela Lapa e seguia por Ariz, Alvite, Mondim da Beira, Vila Meã e Britiande, para finalmente chegar

---

<sup>19</sup> No mesmo ano em que terminou o Concílio Ecuménico Tridentino (1545-1563) saiu do prelo a publicação das constituições sinodais de 1563 onde «Defendemos e mandamos, que com as Procissões nam vam a outeyros, nem penedos, mas somente aa igreja, ou hermida, onde se faz ho officio divino» (*Constituições synodales do Bispado de Lamego* – Per Ioam de Barreyra. Coimbra, 1563. Título XVI. Das Procissões. Constituição III, p. 135).

<sup>20</sup> Vide PEREIRA, Isaias da Rosa – “Um francês do Languedoque na inquisição de Lisboa: Guilherme Bro, Clérigo de Missa (1553-1555)”, extraído do I vol. *Actas das III Jornadas Arqueológicas 1977*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1978, pp. 421-451 e CORREIA, Francisco Carvalho – “Uma vítima da inquisição por terras de Lamego”. *Beira Alta*. Viseu, 41:1 (1982) 199-256. O provisor do bispado e vigário geral, Lic. Fernão Ribeiro, em obediência a uma requisitória da inquisição de Lisboa, mandando-o prender e encerrar no Aljube a 27 de Abril de 1554, à responsabilidade do solicitador do santo Ofício em Lamego, Pedro Pinheiro. No mesmo dia compareceu perante o provisor e respondeu a um interrogatório, sendo depois levado preso para Lisboa, a 17 de Junho, e entregue ao tribunal da Inquisição e queimado por herege na Praça da Ribeira, no auto-de-fé realizado a 3 de Março de 1555.

a Lamego<sup>21</sup>. O seu destino final, que já não chegou a realizar, seria o de prosseguir viagem para Santiago de Compostela.

Às romarias e peregrinações devotas, que desde o século XVI se realizam na Lapa, associa-se também o nome de António Ferreira, considerado um dos maiores poetas do classicismo renascentista de língua portuguesa, conhecido como «o Horácio português». Nascido em 1528, inicia os estudos na universidade de Coimbra em 1543, tendo obtido o grau de bacharel em direito em 1551 e o grau de doutor em direito Canónico em 1555. Frequentou da Universidade de Coimbra na época áurea do Humanismo Bordalês. Morreu em 1569, vítima de uma epidemia de peste que assolou a cidade de Lisboa.

A sua obra mais conhecida, a tragédia *A Castro*, também chamada *Tragédia de Inês de Castro*, publicada postumamente em 1587, é um texto dramático de inspiração clássica em cinco atos, escrita em verso polimétrico e baseado nos amores de Pedro e Inês. Esta obra de António Ferreira iria ser desencadeadora de uma série de peças teatrais de dramaturgos europeus.

Em 1598, seu filho, Miguel Leite Ferreira, publicou a sua poesia reunida sob o título de *Poemas Lusitanos*. Em data incerta teria escrito os sonetos XXXVIII a XLIV dedicados à Virgem, a Cristo ou a figuras de Santos. Com o número XXXIX vem um belíssimo soneto proclamando a necessidade de uma espiritualidade interior, inspirada mais pela fé do que por sinais:

*A esta lapa vimos, Virgem Santa,  
humildes e devotos peregrinos.  
Que os olhos sejam de te ver indinos,  
ver o que o mundo todo alegre e espanta,  
  
e que a pureza em nós não seja tanta,  
tua graça nos fará, senhora, dinos  
de ouvires nossos versos, nossos hinos,*

---

<sup>21</sup> Este roteiro seria registado mais tarde em CASTRO, João Bautista de – *Mappa de Portugal*. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, Tomo Terceiro, Parte V, 1763, pp. 61, 69, 71.

*que cada alma fiel te ofrece e canta.*

*Grandes são os teus poderes, tuas grandezas.  
Novos sinais, Senhora, não esperamos:  
depois de Deus, de ti tudo mais cremos.*

*Alimpa em nossas almas suas torpezas;  
desfaze as névoas, com que nos cegamos;  
e estes grandes milagres cantaremos<sup>22</sup>.*

Dele se pode em bom rigor afirmar, como o faz T. F. Earl nas suas notas aos Poemas Lusitanos<sup>23</sup>, que se trata de soneto de romaria a Nossa Senhora da Lapa, devido à importância que já detinha em meados do século XVI. Talvez o soneto pertença ao período universitário da vida do poeta. Os contactos entre o Colégio de Coimbra e a igreja de São Paio de Caria, à qual era anexa a Ermida de Nossa Senhora da Lapa, remontam, pelo menos, a 1565, dado que nesta data já estava prevista a união da igreja e estipulado o recebimento de uma renda enquanto não se concretizasse<sup>24</sup>.

A tomada de posse dos inacianos, na sequência do breve do Papa Gregório XIII, de 17 de setembro de 1575<sup>25</sup>, confirmando a doação que lhes foi feita por D. Sebastião, veio proporcionar um maior conhecimento sobre este lugar. Devemos a Monsenhor Arnaldo Pinto Cardoso a chamada de atenção para a importância das informações que os jesuítas

---

<sup>22</sup> FERREIRA, António – *Poemas Lusitanos*. Edição “Fac-similada” da edição de 1598 (estudos introdutórios de Vítor Aguiar e Silva, T. F. Earl e Aníbal Pinto de Castro), Braga: Universidade do Minho, 2000, número XXXIX (f. 25).

<sup>23</sup> EARL, T. F. – *Musa renascida: a poesia de António Ferreira*. Lisboa: Caminho, 1990.

<sup>24</sup> TEIXEIRA, António José – *Documentos para a história dos jesuítas em Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1899, p. 317, doc. XCII.

<sup>25</sup> RODRIGUES, Francisco – *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*. Porto: Apostolado da Imprensa, 1938, t.2 v.1, p. 227. O *Loreto Lusitano* atribui ao mesmo breve a data de 16 de outubro de 1576 (CORDEIRO, António – *Loreto Lusitano, Virgem Senhora da Lapa*, Edição comemorativa do III centenário, com Introdução de Abel Estefânio, Santuário de Nossa Senhora da Lapa, 2019 [1719], p. 6, nº 18 do fac-simile do original).

produziam de forma periódica e regular sobre a «Residência da Lapa» nas designadas «Cartas Ânua» ou cartas anuais<sup>26</sup>.

A primeira carta anual de que temos conhecimento com informação sobre a Lapa é de 1579<sup>27</sup>, relevando as grandes romarias realizadas pela Quaresma e na festa da Assunção. É referida a presença de três padres e de uma multidão de peregrinos que atingia as cinco mil pessoas, muitas das quais seriam atraídas pelas curas miraculosas realizadas por interseção de Nossa Senhora. Dá como exemplo o caso de uma menina caída num poço e já sem sinais de vida, ressuscitada por apelação de sua tia à Senhora da Lapa e que, em sinal de agradecimento, foi ao santuário cumprir a promessa de pesar a sobrinha a trigo.

O texto deste milagre foi vertido para uma carta em latim recebida em Roma em 1580<sup>28</sup>, mas à qual foram acrescentadas algumas informações que importa analisar: que se trata de um santuário antiquíssimo em uma gruta, onde está um nicho com uma imagem vetusta da Virgem; e que a celebridade do santuário se deve à fama antiga de milagres, atraindo não só os habitantes do reino, mas também estrangeiros. Este texto, analisado de *per se*, sugere que a Ermida de Nossa Senhora da Lapa teria sido primitivamente um monumento pré-histórico, associado a um culto pagão, que teria mantido ao longo dos séculos o seu caráter sobrenatural<sup>29</sup>. Confirma também a fama do lugar antes da entrada na posse dos jesuítas.

De acordo com Mircea Eliade, as populações rurais europeias conseguiram integrar no cristianismo uma grande parte da sua herança

---

<sup>26</sup> CARDOSO, Arnaldo Pinto – *Santuário da Lapa. História e Tradição*. Alêtheia, 2007, pp. 27-32.

<sup>27</sup> AN/TT – Manuscritos da Livraria, n.º 690, fólio 64 verso, fólio 65.

<sup>28</sup> AHSI – Lus. 106, 129-129v (1578-80) ms. em latim, de acordo com a digitalização latina amavelmente cedida pelo Monsenhor Arnaldo Pinto Cardoso, que publicou a tradução parcial em português (*Santuário da Lapa: História e tradição*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2007, p. 31).

<sup>29</sup> Uma carta latina dos jesuítas, datada de 1588, reforça de algum modo esta interpretação, ao considerar a Lapa um «templum antiqua religione», referência que se encontrava habitualmente associada a cultos pré-cristãos (AN/TT – Manuscritos da Livraria, n.º 690, fólio 176 verso).

religiosa pré-cristã, de uma antiguidade imemorável<sup>30</sup>. Esquecida já a origem pagã do santuário, continuaram a praticar-se nele, perante a condescendência dos párocos e das autoridades eclesiásticas, os antigos rituais próprios dos lugares sagrados.

Um desses rituais foi por nós assistido numa visita ao santuário, em 2008. Um casal jovem, dos lados de Moimenta da Beira, passou três vezes pela quelha. A cada volta, cada um deles deitava-se no côncavo da rocha que existe do lado esquerdo, à saída da quelha, depois de visitarem a gruta onde está a imagem de Nossa Senhora. Perguntamos-lhes o significado. A mulher disse que lhe tinha sido ensinado pela avó e que, a cada volta, deitava-se e formulava um desejo.

Numa segunda carta anual de 1580<sup>31</sup>, é referido que os padres do Colégio de Coimbra se deslocavam em missão à Lapa por ocasião das grandes festas e que, pela Páscoa, foram cerca de 25 mil pessoas em romaria ao santuário.

Um manuscrito existente na Biblioteca Nacional apresenta-nos uma tradição da origem do santuário, que desconhecíamos, de que «a imagem de Nossa Senhora da Lapa se achou na era de 1530»<sup>32</sup>. A forma lacónica com que se refere à sua descoberta, não se atribuindo a qualquer significado transcendente, reforçada pela referência a testemunhas oculares do facto ocorrido 54 anos antes, que ainda viveriam, parece contribuir para a veracidade do testemunho. O mesmo não poderemos afirmar relativamente ao relato da natureza sobrenatural do alargamento dos penedos com o decorrer do tempo. É verosímil que o local fosse progressivamente desentulhado e afeiçoados os penedos por mão humana, como podemos rapidamente concluir pela sua análise.

Segue-se, no mesmo documento, o registo de um milagre de que já fizemos referência anteriormente, na carta anual de 1579. Oferece,

---

<sup>30</sup> ELIADE, Mircea – *O sagrado e o profano - a essência das religiões*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, s.d., págs. 25 a 31.

<sup>31</sup> AN/TT – Manuscritos da Livraria, n.º 690, fólio 94.

<sup>32</sup> [Aparições de Nossa Senhora da Luz, do Cabo Espichel, da Merceana, da Lapa, de Sopenran e de Santa Maria Nieva] – [manuscrito], 1584 (?), cota F. 510 microfilme, cod. 74//3 manuscritos reservados, Biblioteca Nacional de Portugal.

contudo, mais detalhes, nomeadamente por conter a informação do dia do ano em que teria ocorrido. Descreve mais três milagres, dois de 1582 e um de 1584, pelo que admitimos que o texto teria sido escrito próximo desta última data.

Antes de terminar o século XVI, temos ainda uma segunda fonte literária. Trata-se de uma peça de teatro mariano que faz parte de um conjunto de composições dramáticas religiosas reunidas em um manuscrito: *Nuestra Señora da Lapa y un milagro que hizo*<sup>33</sup>. Não sabemos qual o seu autor. Apesar de estar escrita em castelhano não é de descartar que tenha sido escrita por um português, o que era corrente no século XVI. O bilinguismo luso-castelhano em Portugal, ou seja, o fenómeno de convivência das línguas portuguesa e castelhana em território português teve início na segunda metade do XV e prolongou-se até ao século XVIII.

A peça é dividida em quatro atos, indicando que é um trabalho provavelmente composto antes de 1585-1586, anos em que as comédias começam a se fragmentar em três atos. A protagonista indiscutível da peça é Estefânia. A sua devoção à Virgem da Lapa é o fio condutor. Injustamente acusada de adultério, ela é morta pelo seu marido Rafael e, uma vez enterrada, a Virgem realiza o milagre e ressuscita-a, a ela e ao seu filho ainda não nascido, alcança o arrependimento de Rafael e o perdão dos pecados. A configuração do espaço dramático concretiza a ação em uma povoação próxima da ermida da Lapa, no bispado de Lamego. Sendo uma obra de ficção, não deixa de ser consistente com a documentação disponível na segunda metade do século XVI, em que a ermida é relatada como centro de romaria e milagres.

Virado o século, surge uma nova referência escrita a este templo, elaborada pelo frade alcobacense Bernardo de Brito, cronista da Ordem de Cister e cronista-mor do reino. Este autor é considerado estilista

---

<sup>33</sup> A edição da peça, composta de 1382 versos, poderá ser consultada em DURÁ CELMA, Rosa – *El teatro religioso en la colección del conde de Gondomar: el manuscrito 14767 de la BNE*, tesis doctoral, dir. Teresa Ferrer Valls, Departament de Filologia Espanyola, Universitat de València, Valencia, 2016, pp. 1401-1439, em linha, <http://hdl.handle.net/10550/51899>. [Consultada em 26 de abril de 2020].

vernáculo e elegante; como historiador, porém, o seu mérito é negativo, seja porque foi cúmplice na fabricação de documentos falsos, ou porque se deixou lograr pelos indivíduos que os fabricaram.

Na *Monarquia Lusitana* é referida a destruição de um mosteiro perto de Sismiro, por Almançor, no ano de 983, de onde teria sido levada a imagem de Nossa Senhora, escondida desde então em uma gruta, e a sua descoberta pela pastorinha Joana, no ano de 1498<sup>34</sup>. Autores posteriores anotaram que este ano coincidia com a viagem de Vasco da Gama à Índia, mas Brito não dá indícios sobre essa coincidência. O facto de aparecer assim «a seco» mostra que o redator não pretendia atribuir-lhe significado especial. Talvez o ano de 1498 apontado como a data em que foi encontrada a imagem da Virgem, tenha sido deduzida de uma menção acerca do santuário, que cremos ter identificado.

Dois anos após a data em que foi publicada a *Monarquia Lusitana*, falecia no Convento de São Francisco de São João da Pesqueira, Frei Baltazar da Piedade, com cento e doze anos e com fama de santo. Segundo um registo ventilado no segundo volume do *Agiológico Lusitano*, publicado em 1657, teria doze anos quando teve uma doença grave e seu pai fez romaria à Senhora da Lapa para alcançar a saúde do seu filho (o que, feitas as contas, teria sido no ano de 1511)<sup>35</sup>.

O relato que se segue é rocambolésco. Quando o pai regressou à sua aldeia de Tamanhos, no termo de Trancoso, o filho já tinha sido sepultado, ao que teria exclamado com grande fé que o seu filho não era morto. Foi este desenterrado e, para grande admiração dos presentes, estava vivo, embora com uma perna e uma costela partidas pela enxada do coveiro.

Os acontecimentos de carater sobrenatural que são acrescentados aos cem anos que depois ainda durou, fazem-nos deparar com algumas

---

<sup>34</sup> BRITO, Bernardo de, Frei – *Monarquia Lusitana*. Segunda Parte, 1609. Ed. de A. Silva Rego. Lisboa: Imprensa Nacional, 1975, fólho 353.

<sup>35</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiológico Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1656, tomo II, pp. 366-367, 376. Edição fac-similada de FERNANDES, Maria de Lurdes Correia. Porto: FLUP, 2002.

dificuldades na aceitação da veracidade do relato<sup>36</sup>. Temos também dúvidas quanto à longevidade imputada a Frei Baltazar. A verdade é que a noção de tempo passado nessa época era muito imprecisa. Pode, contudo, ter contribuído para Frei Bernardo de Brito ajustar a data em que a imagem da Senhora da Lapa teria sido encontrada, para concordar com o que corria então sobre Frei Baltazar da Piedade, dada a fama de virtude que se lhe atribuiu ainda em vida.

Seja como for, a imaginação barroca do frade alcobacense apoderou-se da história e deu-lhe proporções dramáticas, o que facilitaria a sua divulgação posterior. Ela serviu, como outras narrativas que conhecemos do mesmo autor, a finalidade de reservar um lugar especial a Portugal na história do povo de Deus<sup>37</sup>.

Um ano após a publicação da *Monarquia Lusitana*, a Ermida de Nossa Senhora da Lapa recebe a visita do Padre João Alvarez da Companhia de Jesus à Província de Portugal. O Visitador é um oficial extraordinário, um emissário do Preósito Geral, o Padre Cláudio Aquaviva. Dos poderes que lhe são delegados podemos referir, entre outros, substituir o Geral no seu ofício pastoral de visitar, tratar pessoalmente, consolar os Irmãos e corrigi-los. Trata-se, pois, de alguém que atua por poder delegado.

Em resultado da sua incumbência, produziu um relatório do qual não se retira qualquer referência à narrativa fabulosa apresentada por Brito, fosse pela leitura da sua obra ou por testemunho local. Pelo contrário, remete-se a uma sóbria descrição «...assi pera se conseruar o penedo, que em breues annos ficara pouco delle, como também pera mais ueneração

---

<sup>36</sup> O autor do *Agiológio Lusitano*, Jorge Cardoso, é caracterizado por utilizar dados duvidosos ou totalmente falsos, não discutindo o que considera seguro e acentuando pormenores de caráter edificante, como se o maravilhoso fosse um indício de credibilidade (conf. MATTOSO, José – Santos portugueses de origem desconhecida. *Poderes invisíveis: O imaginário medieval*. Lisboa: Temas e Debates/Circulo de Leitores, 2013, p. 270).

<sup>37</sup> Veja-se a intervenção de Frei Bernardo de Brito na memória história da Senhora da Nazaré (PENTEADO, Pedro – *Peregrinos da Memória. O Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, 1600-1785*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, 1998, pp. 41-49).

da Santa capella, a qual perderia muyto em se desfazer algũa cousa do natural que tinha quando a Snõra a escolheo»<sup>38</sup>.

A mensagem que transmite é que o espaço sagrado não foi escolhido pelo homem, mas por vontade da própria Virgem. O objeto sacral, presente em centenas de narrativas de achados de imagens por toda a cristandade, contribuía para fortalecer a crença de que as divindades escolhiam o território onde pretendiam ser cultuadas pelos homens, exigindo-lhes em troca o reconhecimento da sua soberania espiritual.

Este reconhecimento ocorria quando as populações beneficiadas pela presença da Virgem lhe erguiam um templo e estabeleciam uma festa cíclica em sua homenagem. A partir desse momento, tornava-se evidente que o lugar pertencia ao hóspede sagrado. Por isso era frequente a referência à «Casa» de Nossa Senhora da Lapa.

Alguns anos mais tarde encontramos um outro autor que, embora conhecedor da obra de Bernardo de Brito, não reproduz a sua narrativa. Trata-se de António de Vasconcelos, jesuíta e reitor da Universidade de Évora. No seu livro latino publicado em 1621, faz uma breve referência à «Virginis ab Specu (vulgo Dalapa *sic*)», limitando-se a sintetizar a informação que compilamos anteriormente ao ano de 1609; aludindo a celebridade do lugar, a descrição dos penedos, em alargamento contínuo atribuído a mão divina, os muitos milagres que lá ocorriam e as correspondentes promessas que lá se iam cumprir<sup>39</sup>.

Dá-nos ainda a notícia de que a imagem original de Nossa Senhora pereceu num fogo causado pelas muitas velas a arder, deixadas pelos peregrinos, o que concilia com o facto de o santuário não ter no seu

---

<sup>38</sup> Extraído de ROSA, Teresa Maria Rodrigues da Fonseca (autoria e coord.) – “Visita do Padre João Alvarez da Companhia de Jesus à Província de Portugal”. In *Monumenta Historica. O Ensino e a Companhia de Jesus (séculos XVI a XVII)*, Volume II (1581-1700). Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2016, pp. 284, 285, 287.

<sup>39</sup> VASCONCELOS, António – *Anacephaleoses id est, Summa capita actorum regum Lusitaniae*. Antuérpia, 1621, P. 538, Nº 15. Agradecemos a prestimosa colaboração do Professor Manuel Francisco Ramos na tradução deste texto.

espólio imagens anteriores ao século XVII<sup>40</sup>. Não sabemos a data exata em que ocorreu o incendio, se anterior ou posterior à lenda que Brito teceu, em que a imagem tinha sido lançada à fogueira pela mãe da pastorinha Joana e não se tinha queimado.

De qualquer modo, não detetamos o conhecimento posterior deste episódio nefasto, inclusive por parte do padre António Cordeiro, o grande obreiro da residência e colégio da Lapa. Seduzido pela narrativa de Bernardo de Brito, que remetia a origem da imagem para o século X, revelou grande admiração pela perfeição da imagem de Nossa Senhora, incapaz de concluir que se tratava de obra do seu século<sup>41</sup>.

Seria preciso encontrar alguém com as mesmas motivações de Bernardo de Brito, para ajudar à divulgação da sua narrativa. E é assim, de facto, que esta aparece ventilada por Frei Luís dos Anjos, na sua obra *Jardim de Portugal*, publicada em 1626<sup>42</sup>. Este autor que, tal como Brito, manifesta a urgência da visibilidade da santidade portuguesa para a afirmação da própria identidade do Reino.

Dois anos depois, Manuel Faria e Sousa (1590-1649) também faz eco da narrativa de Brito, no *Epitome de las histórias portuguesas*, escrito em castelhano e publicado em 1628<sup>43</sup>. Este autor foi um fidalgo, poeta e historiador, sendo considerado um dos portugueses mais eruditos de seiscentos. Apesar de escrever quase tudo em castelhano, escreveu a maior parte da sua obra em relação a Portugal. A escolha dessa língua deve-se ao facto de, durante a maior parte da sua vida, a coroa de Portugal se encontrar unida à coroa de Castela e de a língua castelhana ser consideravelmente mais divulgada na Europa que a portuguesa, pelo que,

---

<sup>40</sup> Também no nosso tempo, na sequência da peregrinação de 15 de agosto 2012, houve um fogo da mesma natureza, ainda que sem prejuízos graves e irrecuperáveis.

<sup>41</sup> CORDEIRO, António – *Loreto Lusitano*, p. 13, n.º 39 do fac-simile.

<sup>42</sup> ANJOS, Fr. Luís dos – *Jardim de Portugal*. ed., introd. e notas de Maria de Lurdes Correia Fernandes. (1ª ed. 1626). Porto: Campo das Letras, 1999, p. 112.

<sup>43</sup> SOUSA, Manuel de Faria e – *Epitome de las historias portuguesas*. Madrid, por Francisco Martinez, 1628, p. 282.

para dar a conhecer as façanhas dos portugueses, entendeu certamente que era a melhor solução.

A narrativa de Brito aparece novamente plasmada em um poema épico barroco de inspiração patriótica e interesse nacional, datado de 1638, da autoria de João de Pavia, natural de Viseu<sup>44</sup>. Para a tarefa, o narrador invoca a «Meretíssima Maria», numa atitude comum de cristianização da mitologia clássica e imposição de um espírito barroco da Contrarreforma<sup>45</sup>.

No primeiro canto, dedicado a descrever a região de Viseu, apresenta «a estória verdadeira de como foi escondida a imagem da virgem Nossa Senhora da Lapa, onde hoje tem sua devota casa, que chamam a Senhora da Lapa, por umas religiosas, que vinham fugindo dos Mouros, quando se perderam às Espanhas, e como foram Martirizadas». Já não faz passar a imagem sóbria de uma ermida de romaria e casa de milagres subjacente à produção literária do século anterior, mas uma evidente reprodução da memória amplificadora criada pelo frade alcobacense.

Por fim, a narrativa de Frei Bernardo de Brito é espelhada na primeira monografia sobre o Santuário da Lapa, do Padre António Leite e publicada em 1639 com o título *História da aparição e milagres da Virgem da Lapa*<sup>46</sup>, a qual é aqui reeditada.

O livro de António Leite, enquadrado na literatura de carácter apologético da sua época orientada para o estímulo de devoções e peregrinações marianas em Portugal, surge na sequência da *Historia do insigne aparecimento de Nossa Senhora da Luz* e suas obras maravilhosas de Fr. Roque do Soveral<sup>47</sup> e da Antiquidade da sagrada Imagem de Nossa Senhora de Nazaré, da autoria do Padre Manuel de

---

<sup>44</sup> [PAVIA, João] – *Descrição da Cidade de Viseu. Sua antiguidades e cousas notáveis que contém em si e seu Bispado, composta por um Natural*. Edição e estudo de Sara Augusto. Viseu: Câmara Municipal de Viseu, 2002, pp. 60-62.

<sup>45</sup> AUGUSTO, Sara – “Descrição da cidade de Viseu: um poema épico barroco”. *Máthesis*, nº. 10, 2001, p. 45.

<sup>46</sup> LEITE, António, S.J. – *História da apariçam, e milagres da Virgem da Lapa*, Coimbra, Impr. Diogo Gomez de Loureiro, 1639.

<sup>47</sup> Lisboa, ed. Pedro Craesbeeck, 1610.

Brito Alão<sup>48</sup>. Ele vem na sequência dos depoimentos ordenados pelo visitador Pe. João Alvarez, em 1610.

A obra é um reportório único dos milagres da Senhora da Lapa, imprescindível para o estudo das peregrinações de carácter taumatúrgico na Lapa. A terna devoção que o autor da *História da Aparição* revela para com a Virgem Maria manifesta-se no seu empenho em impedir a degradação da memória dos milagres e maravilhas da Senhora. Os exemplos de milagres que apresenta fazem saber que ela pode tudo quanto quer.

O autor seguiu Brito e reforçou a narrativa relativamente à origem deste lugar sagrado, mas não lhe dá o respetivo crédito, o que é um comportamento distinto de outras narrativas em que introduz as respetivas fontes. Queria com isso separar a narrativa do seu autor que, entretanto, sofrera alguma contestação? Ou que essa narrativa era «propriedade» dos jesuítas, sendo portanto a *Monarquia Lusitana* uma fonte secundária?

Seja como for, o objetivo era o de contribuir para o florescimento do santuário, tornando-o reputado pelos seus milagres e, desse modo, estimular as peregrinações. A partir daí verificamos uma cadeia de transmissão da narrativa do cisterciense em todas as monografias do santuário até à atualidade, as mais das vezes por via indireta, portanto, ignorando a sua fonte primordial<sup>49</sup>.

---

<sup>48</sup> Lisboa, ed. Pedro Craesbeeck, 1628.

<sup>49</sup> Sobre a perpetuação da narrativa de Frei Bernardo Brito, ver, entre outros autores, SÃO TOMÁS, Leão de – *Benedictina Lusitana*. Coimbra: Oficina de Manoel Carvalho, Vol. 2, 1651, pp. 184-185; SANTA MARIA, Agostinho de – *Santuário Mariano*. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Galvão, 1711, livro III, pp. 155-160; CORDEIRO, António – *Loreto Lusitano, Virgem Senhora da Lapa: Residencia milagrosa do Real Collegio de Coimbra da Companhia de Jesus*. Lisboa Occidental: na Off. de Filipe de Sousa Villela. Lisboa, 1719, pp. 1-4; AZEVEDO, Joaquim – *História Eclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego*. Porto, 1877, p. 157; COSTA, M. Gonçalves da – *História do Santuário da Lapa*, 3ª edição, Lamego, 2000 (1ª edição em 1974), p. 17 e CARDOSO, Arnaldo Pinto – *Santuário da Lapa. História e Tradição*. Lisboa: Alêtheia, 2007, p. 15.

Uma constatação interessante é o das diferentes tradições que surgiram sobre o lugar de origem da imagem de Nossa Senhora da Lapa, como se cada uma delas procurasse dar mais brilho a determinado lugar da predileção do respetivo autor. Frei Leão de São Tomás identifica um mosteiro que teria existido no concelho de Sátão, próximo de Decermilo, no lugar da ermida de Nossa Senhora do Barrocal<sup>50</sup>. Por sua vez, Frei Agostinho de Santa Maria refere como origem da imagem a capela de Nossa Senhora do Vencimento, que é conhecida na atualidade por Nossa Senhora do Livramento, no lugar da Quinta dos Cepos, termo de Aguiar da Beira<sup>51</sup>. O abade Vasco Moreira também aborda a questão e conclui que a imagem procede de um antigo convento de Arcas de Sever, em Moimenta da Beira, onde atualmente existe a capelinha de Nossa Senhora das Seixas<sup>52</sup>.

A narrativa de Brito serviria ainda para o Cónego Agostinho Nunes de Sousa justificar a fundação do Convento do Senhor Santo Cristo da Fraga em Ferreira de Aves, ao atribuir a escultura do Senhor da Fraga, «miraculosamente aparecida aos 19 de Novembro de 1741» em um penedo junto ao rio Vouga, às mesmas freirinhas que tinham deixado a imagem de Nossa Senhora escondida na lapa de Quintela<sup>53</sup>.

Se durante muitos anos, analisar criticamente a narrativa de um milagre seria uma audácia que não passava pela cabeça de ninguém, hoje a nossa imagem do universo pôde ser limpa de muitos prodígios fictícios, graças ao paciente trabalho de uma experiência continuada acerca do homem mesmo como testemunha.

---

<sup>50</sup> SÃO TOMÁS, Leão de – *Benedictina Lusitana*, Vol. 2, 1651, p. 241.

<sup>51</sup> SANTA MARIA, Agostinho de – *Santuário Mariano*. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Galvão, 1716, livro V, pp. 444-448.

<sup>52</sup> MOREIRA, Vasco – *Terras da Beira. Cernancelhe e seu Alfoz*. Porto, 1929, pp. 163-169.

<sup>53</sup> SOUSA, Agostinho Nunes de Sousa – [*Olympto Mystico, Fraga Prodigiosa*], fac-simile do manuscrito na posse do autor, [séc. XVIII], cap. 39, pp. 333-338 (agradecemos à Sra. D. Maria Helena Lucena Cardoso de Figueiredo a amabilidade de nos ter disponibilizado o borrão original para o efeito). Parcialmente publicado em ALVES, Alexandre – *Memórias do Santuário e Convento do Senhor Santo Cristo da Fraga*. Edição da Câmara Municipal de Sátão, 1989, em especial p. 20, nota 4.

Entre nós, contribuiu decisivamente para esse progresso o insigne historiador Alexandre Herculano, que deixou da sua passagem pela Lapa o seguinte comentário cáustico: «os Jesuítas não podendo tornar férteis aquelas rochas fizeram-nas produzir milagres»<sup>54</sup>. Por seu turno, o laborioso historiador Almeida Fernandes faz o seguinte exercício crítico: «O culto de Santa Maria deve ser, por aqui, muito remoto; e, na Lapa nesta freguesia [de Quintela da Lapa], foi, historicamente adulterado, com uma lenda inepta, que corre nas pessoas como verdade (a responsabilizar aos Jesuítas)» *sic*<sup>55</sup>. Registamos ainda o comentário do saudoso pároco de Sernancelhe Cândido de Azevedo: «A lenda não resiste às exigências de um espírito crítico e duma inteligência serena»<sup>56</sup>.

Podemos, portanto, colocar a hipótese de haver uma tradição sacral em torno dos penedos, vinda já desde tempos imemoriais, e que se procurasse conciliá-la, por essa data, com o culto cristão por meio da veneração de uma imagem de Nossa Senhora. Este fenómeno era bastante corrente na Idade Média e prolongou-se pela Idade Moderna. O relato de uma imagem de origem desconhecida no meio da natureza (gruta, floresta, beira-mar, etc.) é o que se convencionou designar de «cliché» hagiográfico, por ser muito comum em toda a cristandade.

Fica contudo por esclarecer de uma forma cabal a possibilidade de ter mantido ao longo dos séculos o seu carater sobrenatural ou se ter abandonado e esquecido e recuperado mais tarde, conforme sugere uma tradição que aponta a descoberta da imagem em 1530. O certo é que em meados do século XVI a ermida já era muito conhecida e lugar de romaria.

---

<sup>54</sup> HERCULANO, Alexandre – *Cenas de um ano da minha vida e apontamentos de viagem*, coord. e pref. de Vitorino Nemésio. Lisboa/Rio de Janeiro: Livraria Bertrand, 1934, p. 191.

<sup>55</sup> *Censual da Sé de Lamego, século XVI* – Leitura, transcrição e notas de A. de Almeida Fernandes. Arouca: Associação de Defesa do Património Arouquense, 1999, p. 121, nota 202.

<sup>56</sup> AZEVEDO, Cândido – “Santuário de N.<sup>a</sup> Senhora da Lapa”. *Lumen*, ano 49, série II, n.º 1, janeiro 1988, p.32.

Pela intervenção de Frei Bernardo de Brito, surge uma nova tradição para a data de descoberta da imagem, fixando-a em 1498, ao mesmo tempo que coloca a origem do santuário em um plano transcendente. A sua reconstituição imaginária fascinou a quase generalidade dos eruditos posteriores, apesar do seu caráter expressamente hipotético, e foi considerada como relato verídico. Os pormenores que autores posteriores acrescentaram à *Monarquia Lusitana*, em vez de confirmarem a reconstituição de Brito, parecem revelar, pelo contrário, a sua inveracidade.

A nova narrativa tornou-se tão célebre, de tantas vezes contada e recontada, que tem de se considerar como verdadeiro acontecimento mítico que favoreceu a afirmação da identidade do santuário. Mas, por mais respeitável que seja o sentimento religioso, não é possível defender o sagrado com argumentos falsos.

Outra coisa, de natureza bem diferente, é acarinhar, proteger e divulgar todo esse património imaterial que se constituiu ao longo de cinco séculos, com uma contextualização histórica adequada. Foi com esse empenho que demos início ao procedimento de proteção legal da lenda de Nossa Senhora da Lapa, como medida fundamental para a sua salvaguarda e valorização à escala nacional.

A vitalidade do Santuário de Nossa Senhora da Lapa não pode depender de uma memória declinante, mas da capacidade de atualização e renovação da sua mensagem, que só poderá ser verdadeiramente apreendida indo lá. Obviamente, a perceção que daí resultará dependerá da motivação dessa viagem, se por devoção ou por passeio. Em qualquer dos casos, será sempre uma experiência marcante. Sem sombra de dúvida que podemos aplicar à Lapa as palavras que o Cardeal D. José Tolentino Mendonça proferiu em Fátima, na homilia de Missa Internacional Aniversária de 13 de maio de 2021: «Obrigado, Senhora, por fazeres deste lugar uma alavanca da nossa humanidade. Um laboratório sem portas nem muros, sempre aberto para a esperança! Em ti, louvamos o Senhor que nos reergue de todas as fraquezas».

*Abel Estefânio*

# BIBLIOGRAFIA

## Fontes manuscritas

AHSI – Lus. 106, 129-129v (1578-80) mss latim.

AN/TT – Corpo Cronológico, Parte II, mç. 241, n.º 100.

AN/TT – Corpo Cronológico, Parte I, maço 87, n.º14.

AN/TT – Manuscritos da Livraria, n.º 690, fólio 64 verso, fólio 65.

AN/TT – Manuscritos da Livraria, n.º 690, fólio 94.

AN/TT – Manuscritos da Livraria, n.º 690, fólio 176 verso.

[Aparições de Nossa Senhora da Luz, do Cabo Espichel, da Merceana, da Lapa, de Sopetran e de Santa Maria Nieva] – [manuscrito], cota F. 510 microfilme, cod. 74//3 manuscritos reservados, Biblioteca Nacional de Portugal.

SOUSA, Agostinho Nunes de – [*Olympto Mystico, Fraga Prodigiosa*], fac-simile do manuscrito na posse do autor, [Séc. XVIII].

## Fontes impressas

ALÃO, Manuel de Brito – Antiquidade da Sagrada Imagem de Nossa Senhora da Nazareth, grandezas do seu sitio, Casa, e Jurisdição Real, sito junto Villa da Pederneira. Lisboa, ed. Pedro Craesbeeck, 1628.

ANJOS, Fr. Luís dos – *Jardim de Portugal*. ed., introd. e notas. de Maria de Lurdes Correia Fernandes. (1ª ed. 1626). Porto: Campo das Letras, 1999.

BRITO, Bernardo de, Frei – *Monarquia Lusitana*. Segunda Parte, 1609. Ed. de A. Silva Rego, Lisboa: Imprensa Nacional, 1975.

*Censual da Sé de Lamego (século XVI)*. Leitura, transcrição e notas de A. de Almeida Fernandes. Arouca: Associação de Defesa do Património arouquense, 1999.

- Constituições synodaes do Bispado de Lamego* – Per Ioam de Barreyra, Coimbra, 1563.
- CORDEIRO, António – *Loreto Lusitano, Virgem Senhora da Lapa*, Edição comemorativa do III centenário, com Introdução de Abel Estefânio, Santuário de Nossa Senhora da Lapa, 2019 [1719].
- DURÁ CELMA, Rosa – *El teatro religioso en la colección del conde de Gondomar: el manuscrito 14767 de la BNE*, tesis doctoral, dir. Teresa Ferrer Valls, Departament de Filologia Espanyola, Universitat de València, Valencia, 2016, pp. 1401-1439. Em linha, <http://hdl.handle.net/10550/51899>. [Consultado em 26 de abril de 2020].
- FERREIRA, António – *Poemas Lusitanos*. Edição “Fac-similada” da edição de 1598 (estudos introdutórios de Vítor Aguiar e Silva, T. F. Earl e Aníbal Pinto de Castro). Braga: Universidade do Minho, 2000.
- FRANCO, António – *Synopsis Annalium Societatis Jesu in Lusitania ab anno 1540 usque ad annum 1725*. Augsburg, 1726.
- \_\_\_\_\_. *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus do Real Collegio do Espirito Santo de Évora*. Lisboa: Officina Real Deslandesiana, 1714.
- LEITE, António, S. J. – *História da apariçam, e milagres da Virgem da Lapa*. Coimbra: Impr. Diogo Gomez de Loureiro, 1639.
- [PAVIA, João de] – *Descrição da Cidade de Viseu. Sua antiguidades e cousas notáveis que contém em si e seu Bispado, composta por um Natural*. Edição e estudo de Sara Augusto. Viseu: Câmara Municipal de Viseu, 2002, p. 62.
- ROSA, Teresa Maria Rodrigues da Fonseca (autoria e coord.) – “Visita do Padre João Alvarez da Companhia de Jesus à Província de Portugal”. In *Monumenta Historica. O Ensino e a Companhia de Jesus (séculos XVI a XVII)*, Volume II (1581-1700). Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2016, pp. 141-399.

- SOUSA, Manuel de Faria e – *Epítome de las historias portuguesas*. Madrid, por Francisco Martinez, 1628, p. 282.
- SOVERAL, Roque de, Fr. – *História do insigne aparecimento de Nossa Senhora da Luz e suas obras maravilhosas*. Lisboa: P. Cresbeek, 1610.
- VASCONCELOS, António – *Anacephaleoses id est, Summa capita actorum regum Lusitaniae*. Antuérpia, 1621.

## Estudos

- ALMEIDA, Carlos Alberto F. de – “Um aspecto do culto dos rios na Lusitânia: sua divindade, castigo e rito expiatório para todos aqueles que os atravessam”. *Douro-Litoral*. Porto. 8.<sup>a</sup> série. 9, 1958, pp. 873-887.
- ALMEIDA, Fortunato de – *História da Igreja em Portugal*. Nova ed. preparada e dir. por Damião Peres. Porto-Lisboa: Livraria Civilização (1968), Tomo III.
- ALVES, Alexandre – “O Sequestro dos bens da Companhia de Jesus na comarca de Lamego: O Tesouro de Nossa Senhora da Lapa”. *Beira Alta*. Viseu. 56: 3/4, 1997, pp. 459-465.
- \_\_\_\_\_. *Memórias do Santuário e Convento do Senhor Santo Cristo da Fraga*. Edição da Câmara Municipal de Sátão, 1989.
- AUGUSTO, Sara – “Descrição da cidade de Viseu: um poema épico barroco”. *Máthesis*, n.º. 10, 2001, p. 35-58.
- AZEVEDO, Cândido – “Santuário de N.<sup>a</sup> Senhora da Lapa”. *Lumen*, ano 49, série II, n.º 1, janeiro 1988.
- AZEVEDO, Joaquim – *História Eclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego*. Porto, 1877.
- BARROS, Amândio Morais e BARROS; Susana Pacheco – *Caminhos e devoções: viajar no Douro medieval e moderno, Douro: estudos & documentos*, vol. 6, n.º 11, 2001 (1.º).
- BLOCH, Marc – *Introdução à História*. Publicações Europa-América, 3.<sup>a</sup> edição, 1976.

- BOTELHO, Abel – “Os Miradouros”. In *Ilustração Portuguesa*, IV volume – 23 de dezembro de 1907, pp. 825-832.
- CALADO, Adelino de Almeida – “Subsídios para a bibliografia do Infante Santo”. *Separata do Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, Ano III, nº 13-14, 1958.
- CALDEIRA, António Correia – *Obras completas do Cardeal Saraiva*, Tomo IX. Lisboa: Imprensa Nacional, 1880.
- CARDITA, Ângelo – “Peregrinação: possibilidades de compreensão crítica de uma experiência”. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXIV, 2012, pp. 195-213.
- CARDOSO, Arnaldo Pinto – *Santuário da Lapa: História e tradição*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2007.
- CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1656, tomo II, pp. 366-367, 376. Edição facsimilada de FERNANDES, Maria de Lurdes Correia. Porto: FLUP, 2002.
- CASTRO, João Bautista de – *Mappa de Portugal*. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, Tomo Terceiro, Parte V, 1763.
- CHAVES, Luís – *Portugal, A Beira*. Lisboa, 1929.
- CORDEIRO, António – *Loreto Lusitano, Virgem Senhora da Lapa: Residencia milagrosa do Real Collegio de Coimbra da Companhia de Jesus*. Lisboa Occidental: na Off. de Filipe de Sousa Villela, Lisboa, 1719 (Reedição fac-simile da Reitoria do Santuário da Lapa, em 2019).
- CORREIA, Alberto; OREY, Leonor d’ – “Um relicário de prata: Lapa: Sernancelhe”. *Beira Alta*. Viseu. 41: 1, 1982, pp. 1-23.
- CORREIA, Francisco Carvalho – “Uma vítima da inquisição por terras de Lamego”. *Beira Alta*. Viseu. 41:1 (1982).
- COSTA, M. Gonçalves da – *História do Santuário da Lapa*, 3ª edição. Lamego, 2000 (1ª edição em 1974).
- \_\_\_\_\_. *História do bispado e cidade de Lamego*. Lamego, 1979, vol. 2.

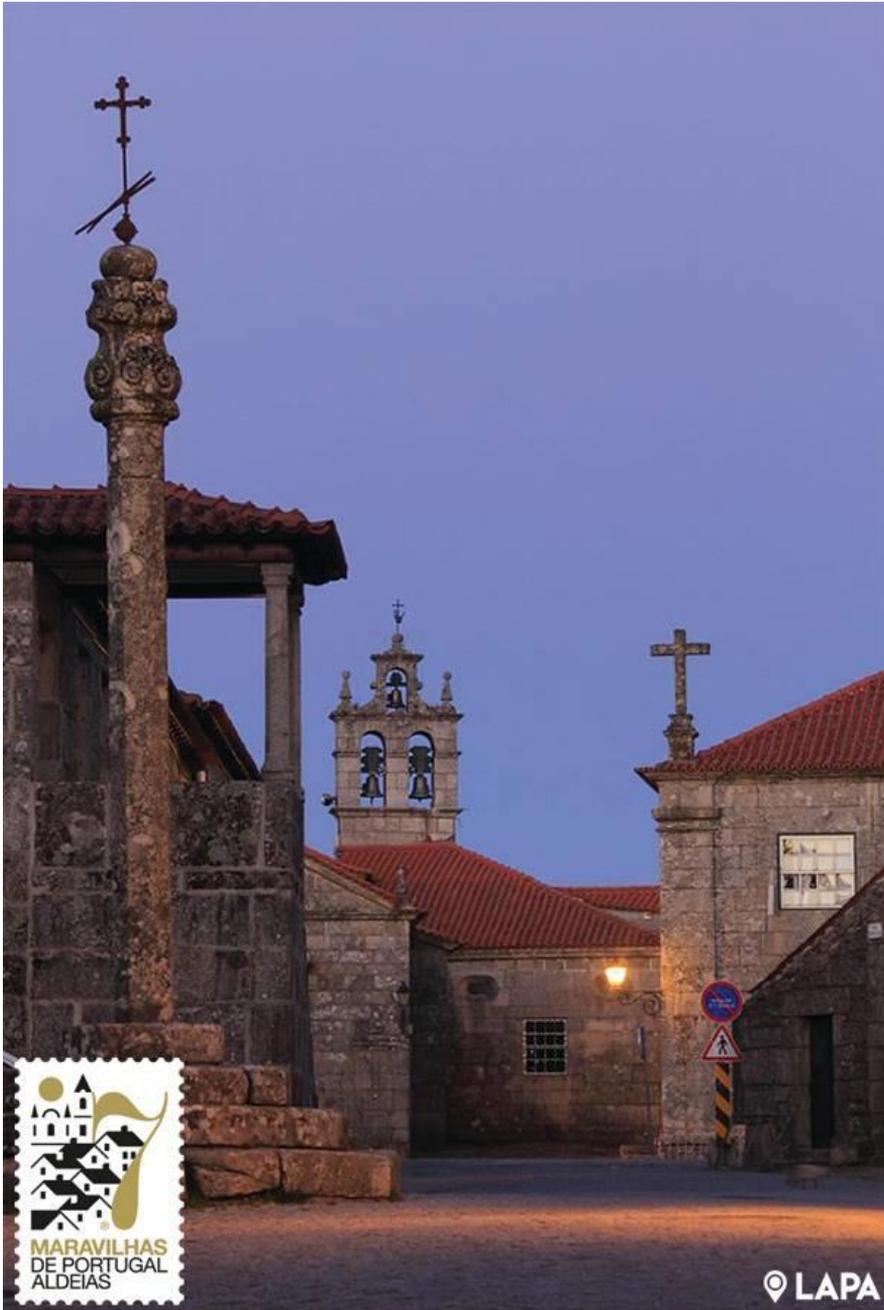
- DOMINGUES, Gabriel de Paiva – *Oração de André de Resende pronunciada no Colégio das Artes em 1551*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade, 1982.
- EARL, T. F. – *Musa renascida: a poesia de António Ferreira*. Lisboa: Caminho, 1990.
- ELIADE, Mircea – *O sagrado e o profano - a essência das religiões*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, s.d.
- ESTEFÂNIO, Abel – “A memória histórica da Ermida de Nossa Senhora da Lapa (1549-1639). *Beira Alta. Revista de estudos da região*, 2018, Volume LXXVII, 2.º semestre, pp. 347-389.
- \_\_\_\_\_ “A inscrição moçárabe do Barrocal”. *Revista Beira Alta*, Assembleia Distrital de Viseu, volume LXVIII E LXIX, 2009, 1.º e 2º semestre.
- GOMES, João Pereira – *Os Professores de filosofia da Universidade de Évora (1559-1759)*. Évora: Câmara Municipal de Évora, 1960.
- HERCULANO, Alexandre – *Cenas de um ano da minha vida e apontamentos de viagem*, coord. e pref. de Vitorino Nemésio. Lisboa/ Rio de Janeiro: Livraria Bertrand, 1934.
- LIMA, J. da Costa – “Artistas velhos e novos”. *Brotéria*. Vol. XXXII, fasc. 4, abril, Lisboa, 1941.
- MACHADO, Diogo Barbosa – *Biblioteca Lusitana: histórica, crítica e cronológica*. Lisboa: Occidental na Oficina de Antonio Isidoro da Fonseca, tomo I, 1741.
- MARRANA, José António – *História do culto de Nossa Senhora dos Remédios em Lamego*, 3ª edição. Lamego: Real Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios, 2004.
- MATTOSO, José – “Santos portugueses de origem desconhecida”. In *Poderes invisíveis: O imaginário medieval*. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2013.
- MOREIRA, Vasco – *Terras da Beira. Cernancelhe e seu Alfoz*. Porto, 1929.

- OLIVEIRA, Jorge, Panagiotis Saratampoulos e Carmen Ballesteros – *Antas-Capelas e Capelas junto a antas no Território Português*. Lisboa: Edições Colibri, 1997.
- OLIVEIRA, Margarida Suzel Correia de – “Lenda da Senhora da Lapa (Moimenta da Beira)”. *Beira Alta*. Viseu. 25: 3 (1966) 433-437.
- PENTEADO, Pedro – *Peregrinos da Memória. O Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, 1600-1785*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, 1998.
- PEREIRA, Isaías da Rosa – “Um francês do Languedoque na inquisição de Lisboa: Guilherme Bro, Clérigo de Missa (1553-1555)”, extraído do I vol. *Actas das III Jornadas Arqueológicas 1977*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1978.
- REAL, Mário Guedes – “Pelourinhos da Beira Alta: LXVII – Lapa de Quintela (Sernancelhe)”. *Beira Alta*. Viseu. 22:3, 1963, pp. 163-181.
- RODRIGUES, Francisco – *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*. Porto: Apostolado da Imprensa, 1938, t.2 v.1, Porto, 1938.
- SANCHIS, Pierre – *Arraial: Festa de um Povo. As Romarias Portuguesas*. Lisboa: Publ. D. Quixote, 1983.
- \_\_\_\_\_ “Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso”. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*. Porto Alegre, v. 8, n. 8, outubro de 2006.
- SANTA MARIA, Agostinho de – *Santuário Mariano*. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Galvão, 1711, livro III, 1716, livro V.
- SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos – “A última carta do Infante Santo e a falência do seu resgate”. In *Anais da Academia Portuguesa da História*, II série, vol. VII, Lisboa, 1956.
- \_\_\_\_\_ “Bibliografia”. *Brotéria*, vol. LXX, 1960.
- SÃO TOMÁS, Leão de – *Benedictina Lusitana*. Coimbra: Oficina de Manoel Carvalho, Vol. 2, 1651.
- SILVA, António de Moraes e Rafael Bluteau – *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e*

- acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro* (Volume 2: L - Z). Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.
- SILVA, Brasilina Almeida P. – “A Lapa: a terra, o homem, a cultura”. *Beira Alta*. Viseu: 2001, vol. LXI, fasc. 1 a 4, pp. 231-266/455-479.
- TEIXEIRA, António José – *Documentos para a história dos jesuítas em Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1899, p. 317, doc. XCII.
- VASCONCELOS, José Leite de – *Etnografia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, Vol. IX, 1985.
- VIANA, António Manuel Couto – *Terras da Beira na Literatura Portuguesa*. Edições Inapa, 1991.



Santuário de Nossa Senhora da Lapa.  
© Nuno Correia



Santuário de Nossa Senhora da Lapa.  
© Nuno Correia



Igreja de Nossa Senhora da Lapa, gruta.  
© Revista Beira Alta



Igreja de Nossa Senhora da Lapa.  
© Revista Beira Alta

# CRITÉRIOS DA EDIÇÃO

A *História da apariçam e milagres da Virgem da Lapa* é uma obra publicada em Coimbra em 1639 pelo Padre Antonio Leite (1580-1662), S.J., em formato pequeno (in 8.º - 15 cm) e que se insere neste projeto de dar a conhecer as monografias jesuíticas acerca do santuário da Senhora da Lapa<sup>57</sup>. Não desejando fazer uma transcrição de tipo diplomático, rigidamente conservadora nos usos ortográficos da língua nos meados do séc. XVII, também não quisemos intervir em demasia na sua atualização ortográfica, desfigurando-o. A edição semidiplomática achou-se-nos a melhor. Quisemos, pois, eliminar as maiores resistências de leitura através de algumas uniformizações gráficas, de forma a tornar o texto agradável e acessível à leitura, sobretudo por parte de um leitor contemporâneo nada habituado ao livro antigo.

Assim,

1) Desdobrámos as poucas abreviaturas.

2) Distinguímos entre as grafias *u* e *v*, preferindo o *v* na ocorrência consonântica e o *u* quando tem valor vocálico: *ouue* > *ouve*; o mesmo fizemos com as grafias *i* e *j*, preferindo o *j* na ocorrência consonântica e o *i* quando tem valor vocálico: *iniuriassem* > *injuriassem*.

3) Atualizámos graficamente as vogais nasais: *tẽpo* > *tempo*; *homẽ* > *homem*.

4) O til quando ocorre sobre a segunda de duas vogais contíguas foi transferido para a primeira: *naõ* > *não*.

---

<sup>57</sup> A digitalização da edição de 1639 pode ser consultada na biblioteca digital da BNP: <https://purl.pt/36325>. A sua disponibilização pública resultou da aquisição do serviço de digitalização da obra por parte do Santuário de Nossa Senhora da Lapa.

5) O ditongo nasal átono *-ão* no final das formas verbais graves (3.<sup>a</sup> pess. pl. do presente do indicativo, pretérito perfeito e mais que perfeito, pretérito imperfeito, condicional e pres. conjuntivo) foi restituído a *-am*, como em: *chamão* > *chamam*; *tiverão* > *tiveram*; *tinhão* > *tinham*; *dirião* > *diriam*; *tenhão* > *tenham*.

6) No caso da arbitrária união (aglutinação) e separação de palavras (por anomalias gráficas ou em razão de usos antigos), procedemos à separação das palavras indevidamente unidas e reunimos os elementos dispersos da mesma palavra: *aquem* > *a quem*.

7) Empregamos a acentuação quando foi indispensável evitar a confusão de palavras homógrafas. P. ex., “vos” e “vós”, “nos” e “nós”, “ira” e “irá”, “esta” e “está”, “aquelle” e “àquelle”, “a” e “à”, “tem” e “têm”, “pode” e pôde”, “da” e dá”...; e para evitar erros de pronúncia e de interpretação.

8) Grafaram-se com hifen as formas oblíquas átonas dos pronomes pessoais: *pedindolhe* > *pedindo-lhe*; *darseão* > *dar-se-ão*.

Outras alterações:

9) Por questões de clarividência do texto, empregámos o uso moderno da pontuação, mas só depois de cuidadosa leitura, já que pontuar é interpretar.

10) Corrigimos gralhas de edição tipográfica.

11) Identificámos as fontes, tal como no original, mas por razões gráficas preferimos colocá-las em nota de rodapé e não ao lado do texto.

12) Inserimos a numeração das páginas do livro, como p. ex., /22r/ e /22v/.

13) Dotámos o texto de notas indispensáveis, nomeadamente a definição ou sinonímia de palavras obscuras (arcaísmos).

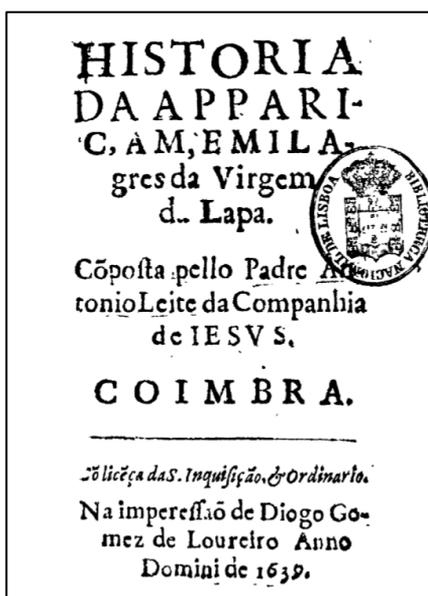
14) Por fim, adicionamos um indispensável índice antroponímico e toponímico, que falta na edição de 1639.

# HISTÓRIA DA APARIÇÃO E MILAGRES DA VIRGEM DA LAPA

Composta pello Padre Antonio Leite  
da Companhia de JESUS.  
COIMBRA.

---

*Com licença da S. Inquisição e Ordinário.*  
Na impressão de Diogo Gomez de Loureiro  
Anno Domini de 1639.



Fac-símile do frontispício

¶ Visto estar conforme com o Original pode correr este livro.  
Lisboa, 4 de Novembro 639.

*Frey Joam de Vasconcellos      Pedro da Sylva,  
Francisco Cardozo do Torneo.  
Sebastiam Cesar de Meneses.  
Diogo Osorio de Castro.      O Deam de Braga.*

¶ Taxam este livro a cem reis em papel.  
Lisboa, 31 de Outubro de 639.  
João Sanches de Baena.  
Pinheiro.                      Fialho.

## LICENÇAS

**O**PADRE Doutor Frey Adrião Pedro, qualificador do Santo Offício, veja o livro de que o supplicante faz menção e informe com seu parecer.

Lisboa, 17 de Agosto de 1638.

*Manoel da Cunha.*

*Pero da Sylva.*

*Francisco Cardozo de Torneo*

*Diogo Osorio de Castro.*

*Sebastião Cesar de Meneses*

**P**OR mandado do Concelho Geral do Santo Offício, vi com particular atenção e gosto esta historia da apariçam e milagres da Virgem da Lapa, composto pello muito Reverendo e Douto Padre Antonio Leite de Companhia de JESU; nella mostra bem o Autor sua muita erudiçam e levantado estilo; pois historiando o descobrimento desta Sagrada Imagem por huma simples pastorinha, a aspereza do sitio e as festas com que os pastores e aldeãos a festejam. Nihil ex agro dicit<sup>58</sup>; antes em tudo se conforma com as leys da verdadeira historia, não encontrando em nada nossa Santa Fè ou bons costumes, mas avivando os desejos aos leitores, pera que com maior devaçam e fervor saibam buscar nesta Senhora o remedio certo a suas necessidades, penhorados com as grandes maravilhas que cada dia obra Sua intercessam, descubertas com tanta diligencia pello Autor, que bem se pode dizer por elle aquillo do Poeta

Tu nihil magnum sinis interire.

Nil Mori clarum pateris<sup>59</sup>.

*Portanto me parece que se lhe deve dar a licença que pede pera imprimir esta obra, pois ella servirà de penhor pera o Autor nos não negar as mais, que esperamos de seu fertil engenho. Lisboa, no Convento da Santissima Trindade, em 24 de Agosto de 1638.*

## O Doutor Frey Adrião Pedro

---

<sup>58</sup> “Não diz nada de grosseiro”. O mesmo que “nihil obstat”, nada obsta. Fórmula empregada pela censura eclesiástica para autorizar a impressão de um escrito.

<sup>59</sup> “Tu não permites que nada de grande pereça / Tu esforças-te para que nada de ilustre morra” Apropriação do grande elogio constante dos versos de Gramático Foca (século V).

VISTA a informação, pode-se imprimir este livro intitulado: *Historia da apparição e milagres da Virgem da Lapa*, Autor o Padre Antonio Leite, da Companhia de JESUS. E depois de impresso tornarà ao Concelho pera se conferir com o original e se dar licença para correr e sem ella não correrà. Lisboa, 27 de Agosto de 1638.

*Manoel da Cunha.*

*Pero da Sylva.*

*Francisco Cardozo de Torneo.*

*Diogo Osorio de Castro.*

*Sebastião Cesar de Meneses.*

**D**AMOS licença pera se imprimir esta Historia dos milagres de nossa Senhora da Lapa. Coimbra, de Março 29 de 1639.

J. Bispo Conde<sup>60</sup>.

**Q**UE se possa imprimir este livro, vistas as licenças do Santo Officio e Ordinario que offerece, e depois de impresso torne pera se taxar e sem isto não correrà. A 15 de Outubro de 1638.

*Balthesar Fialho*

*Sebastião de Carvalho.*

---

<sup>60</sup> É D. João Mendes de Távora, bispo de Coimbra de 1638 a 1646. Conde de Arganil é um título nobiliárquico português associado ao cargo eclesiástico de bispo de Coimbra. Por essa razão, os seus detentores sempre foram designados desde a sua concessão Bispos-Condes.

## À SOBERANA Magestade da Raynha e Virgem da Lapa.

**A**ugustissima Senhora, grilhões são de diamante invencivel beneficios, que professam amoroso cativeiro e suavemente obrigam a render perenes graças aos que recebem liberaes mercês de vossa riquissima mão. A todo o Ceo he notorio o muito que vos deve esta nossa, em seu nome, minima em o sobrenome, grandiosa Companhia de JESUS. Seu fundador, Santo Ignacio de Loyola (todo vosso por muitos titulos), em sua pessoa consagrou a vosso illustre serviço todos seus vindouros, quando, velando as armas diante da Santa Imagem de Monserrate, deu felicissimo princípio à milicia espiritual, com que tanta guerra faz ao inferno.

As primicias que de vossa benevolencia em Roma tivemos no de 1540<sup>61</sup> foy a Igreja da Estrada, a vosso santissimo nome dedicada, como penhor certo de estar sempre a estrada do Ceo patente aos filhos de Ignacio, emparados com vosso favor. Trinta e tantas veses lhe concedestes clara vista de vossa real presença, communicando-lhe as Constituições de nossa vida, feitas pello molde de vossa vontade, criando e sustentando nelle heroicadas inspirações do bem universal do mundo. Toda nossa gloria, qualquer que seja, he tanto por justiça vossa, que

---

<sup>61</sup> A instituição oficial da Companhia de Jesus deu-se com a sua aprovação pelo Papa Paulo III, a 24 de setembro de 1540.

ficamos obrigados a restituição, se cousa alguma sem vossa licença se usurpasse pera gosto e proveito proprio.

Este direito que tendes sobre todas as cousas, pessoas e talentos de nossa (antes vossa Religião) me não deixa liberdade, pera dedicar a historia de tam milagroso apparecimento (do qual ouvestes por bem de nos instituir idoneos ministros) senão à vossa celestial Magestade. Pedindo-vos, não que aceiteis o que he vosso, mas que não rejeiteis a devota e humilde vontatade [sic] de tam pequena e pobre offerta; suprimdo os defeitos de minha rudesza e ignorancia com a magnificencia de vossa bondade.

*Indignissimo Capellão.*

*Antonio Leite.*

AOS RELIGIOSOS  
do Real Collegio de Coimbra,  
da Companhia de JESUS.

**M***uito Reverendos Padres, bem sei que pera empresa tam insigne era necessaria pena de ave fenix apparada com o engenho dos illustres historiadores, que em o mundo como oraculos, na variedade das palavras, delicadesa de sentenças, sutilesa de conceitos, disposição de cousas gloriosamente floreceram. Espero que a falta destes resplandores, que de mim fogiram, alcance dos prudentes e sabios leitores hum jubileo plenissimo com que fique absolta da culpa e pena que merece qualquer negligencia no serviço de tam grande Senhora, pois me levou apos si a cobiça, que neste frutuoso trabalho segue o louvor de Nephtalim, o qual, por ser o primeiro que offerecia a Deos as primicias de sua terra (donde naciã muitas graças ao Criador, postas em suave rima), ganhou o título de fermoso, aprasível e perfeito eloquente: “Nephtalim clans eloquia pulchritudinis”<sup>62</sup>. Tambem me livra de qualquer censura a preça muitas vezes, com outras musas mais laboriosas e com várias occupações no melhor de tudo cortada, por acodirmos àquella virtude, que entre todas aos de sua bandeira a faz cantar vitorias. “Vir obediens loquetur victorias”<sup>63</sup>. Posso com verdade affirmar que, em espaço de seis meses, dando-lhe cada dia huma hora, sayò da officina de minha ignorancia esta perola toscamente*

---

<sup>62</sup> “Neftalim, que proferia palavras de beleza” (*Génesis* 49).

<sup>63</sup> “O varão que obedece proferirá vitórias” (*Provérbios* 21).

*lavrada, levando consigo a escusa dos affamados pintores e artifices. “Faciebat”*<sup>64</sup>.

*Deixamos a perfeição deste assumpto aos que forem mais diligentes em descobrir nas minas do tempo novidades que se festejem, ficando-lhe aberta a porta pera com mais facilidade melhorarem e acrecentarem pensamentos em peito alheo bem nascidos e criados. A mim me basta corresponder às influencias de huma Constellação de infinitos beneficios, com que a Virgem de todo me rendeo, quando entrey naquella Lapa, onde as mesmas pedras estão bafejando santidade e, com suas lingoas mudas, exhortam e persuadem a reconhecer a divindade nos braços da humilde pobresa, majestosa.*

*O fastio, que foy criado aos peitos da abundancia, sempre se mostrou de roim boca; principalmente neste seculo em que a multidão faz abater os engenhos e livros como a prata na felicidade de Salomão*<sup>65</sup>. *Nem ha manjar que lhe abra o appetite, se não vai guisado pelas mãos da Brevidade, metendo entre as demais aquellas duas especiarias, Proveito e Doçura, do Poeta Lyrico tam emcommendadas. “Qui miscuit utile dulci”*<sup>66</sup>. *Com ella fizemos concerto pera ver se podiamos alcançar o gosto do Epigramatario Hespanhol*<sup>67</sup>, *quando dava os perabens ao seu livrinho por andar nas mãos, seyos e algibeiras dos que, por o verem pequeno, com especial vontade o recolhiam.*

*Por esta mesma cousa nos aproveitamos de outro antidoto contra o ingrato fastio, que he a Variedade, repartindo a obra em seis livros pera mais alívio dos leitores. No primeiro foy necessario dar noticia da perda de Hespanha, com a qual desapareço a Imagem da nossa Virgem da Lapa, pera em annos mais dourados tornar a renovar com dobrado rendimento de amor as vontades dos Christãos por muitos annos abatidos.*

---

<sup>64</sup> “Fazia-a” (Plínio). “Fazia-a” (e não “fê-la”), colocado nas obras de arte, porque se achava que a obra era um processo começado, mas não terminado.

<sup>65</sup> 3 *Reis* 13.

<sup>66</sup> “O qual misturou o útil ao doce” (Horácio, *Ars Poetica*, 243).

<sup>67</sup> Marcial.

*No segundo mostraremos a parte da Lusitania, que tam riquo thesouro nos deparou e, por ser dentro em nosso Reyno, vestimos nossa historia á Portuguesa sem impedimento de quem, á Romanisca ou com qualquer outra librê mais custosa a quiser trajar, pera lhe estender mais as arrayas de sua fama.*

*O terceiro nos dà a conhecer a natureza do milagre conforme aos Canones da Sagrada Theologia, pera que melhor alcancemos os da Virgem da Lapa, os quais assi neste como no quarto livro ordenamos com tal arte, que abraçassem os [milagres] que à nossa notícia vieram, aprovados assi com a fé humana de testemunhas, como com o exame do Santo Concílio Tridentino, aos Bispos cometido.*

*No quinto livro<sup>68</sup> se acharão as rubricas, pellas quais se devem governar as Romarias sem prejuizo da primorosa virtude da Religião, que, como seja de corte superior, ensina regras com as quais se não possa errar nas cortesias da devação.*

*O sexto livro dará fim a nosso bem empregado trabalho, com nove meditações pera os que ouverem com proveito de comprir suas novenas, cada hum a pera seu dia, cavadas na lapa, que foy berço de Christo, pela muita semelhança que entre a da Beira e Bethlem apparece<sup>69</sup>.*

*Estão as velas largas esperando a branda viração da benevolencia dos ouvintes e leitores, pera que encha as de meus desejos, ao serviço da Santissima Virgem dedicados.*

Humilde Servo

Antonio Leite.

---

<sup>68</sup> Sessão 25, de Inucia.

<sup>69</sup> Lucas 8.

## INDICE DOS LIVROS e CAPITULOS DESTA OBRA.

### LIVRO I

- Cap. 1. Da entrada dos mouros em Hespanha.
- Cap. 2. Culpas e perda de Dom Rodrigo, o qual trouxe a Portugal a Imagem de Nazareth.
- Cap. 3. A crueldade com que entrou Almançor em Portugal.
- Cap. 4. O tempo e pessoas que esconderam a Virgem da Lapa.

### LIVRO II

- Cap. 1. Em que parte da Lusitania appareceo a Imagem da Virgem da Lapa?
- Cap. 2. Em que tempo e de que maneira se descobrio a Imagem da Senhora?
- Cap. 3. Fundação da casa de nossa Senhora da Lapa.
- Cap. 4. Como foy crescendo a devação de povo pera com a Virgem.
- Cap. 5. Das offertas que alguns devotos fizeram à Virgem da Lapa.

### LIVRO III

- Cap. 1. Em que se declara que cousa seja milagre.
- Cap. 2. De alguns mudos que a Virgem sarou.
- Cap. 3. De outros mudos e alguns surdos a quem a Virgem restituiu perfeito uso de seus sentidos.
- Cap. 4. Dà a Senhora vista a cegos.
- Cap. 5. Alejados que alcançaram saúde por intercessam da Virgem da Lapa.
- Cap. 6. Milagres que a Senhora fez em doenças mortaes.

### LIVRO III

- Cap. 1. Milagres da Virgem obrados nos maridos por orações de suas molheres e nas molheres por rogos de seus maridos.
- Cap. 2. Mortos que a Virgem resucitou.
- Cap. 3. Livra a Senhora de grandes perigos aos que a ella se encommendaram.
- Cap. 4. Alguns emdemoninhados em que a Virgem fez milagres.
- Cap. 5. Favor da Virgem contra a lagarta.
- Cap. 6. Porque se escreveram tam poucos milagres desta Senhora.

## LIVRO V

- Cap. 1. Que Romarias sejam lícitas e proveitosas pera nossas almas?
- Cap. 2. Qual aja de ser o caminho dos Romeyros?
- Cap. 3. O respeito que os Romeiros hão de ter à Igreja da Senhora.
- Cap. 4. Musicas e danças dos Remeyros.
- Cap. 5. Donde teve principio a devação, a que chamam Novena.

## LIVRO VI

- Cap. 1. O principio da Novena ha de ser confissão e communhão.
- Cap. 2. Porque quis a Virgen apparecer e morar em lapa?
- Cap. 3. Dos gostos e alegrias com que a Virgem foy regalada em a Lapa de Belem.
- Cap. 4. Os Anjos saindo da Lapa vão dar novas aos pastores.
- Cap. 5. Das festas pastoris em a Lapa de Belem.
- Cap. 6. Da Circumcisão do menino Jesus dentro na Lapa.
- Cap. 7. Na Lapa se pos ao menino o nome Santissimo de Jesus.
- Cap. 8. Alegria dos tres Magos, buscando e entrando na Lapa de Belem.
- Cap. 9. Como se ha de acabar a Novena?

FINIS. LAUS DEO.

# /1r/ LIVRO PRIMEIRO

## Da Virgem da Lapa

### CAPITULO I

#### *Da entrada dos mouros em Espanha.*

**P**ERA todos conhecerem claramente o grande thesouro de mimos que Deos descobrio a Portugal, com lhe deparar a imagem da Virgem da Lapa, cujos milagres determinamos escrever, convem dar huma breve noticia da perda de Espanha, quando della se apoderaram os mouros inimigos crueis da feè catholica e relig[i]ão Christã, assolando ermidas, templos, mosteiros, quebrando e queimando /1v/ as imagens, matando e cativando religiosos, freiras e toda a sorte de gente que lhe parecia accomodada pera sacrificio de seu Mafamede. A causa deste mal he a que todos os Reynos e Imperios têm com perda sua experimentado, por se não apartarem dos primeiros esquadrões que combatem os muros e alicerces das grandes monarchias, levando apos si os Reynos, Cidades e povos que lhes estão sojeitos. Estes inimigos são os peccados segundo a infallivel doutrina do divino Spirito no *Ecclesiastico*<sup>70</sup>, aonde diz que se mudam os cetros, os reynos e estados de humas pera outras nações por causa das injustiças, injúrias, afrontas, enganos, que nelles têm seu commercio, accendendo a ira de Deos, pera não perdoar aos /2r/ que sem emenda fazem guerra ao Ceo; dos quaes nunca o soberano triumphador aparta seus olhos, como pregou Amos no capitulo 9<sup>71</sup>, pera totalmente a destruir, não lhe deixando nem as mais fundas raizes, das quaes podessem arrebentar algumas esperanças da antigua prosperidade, plantando em seu lugar outras varas de fruto tanto mais proveitoso e gostoso, quanto mais têm de humildade pera com a ley divina. Esta

---

<sup>70</sup> *Eclesiástico* 10.

<sup>71</sup> *Amós* 9.

verdade achamos escrita no capítulo 16 do *Ecclesiastico*<sup>72</sup>; e fallando Deos com Babilonia, dando-lhe a causa de se ver cercada, quando menos o cudava<sup>73</sup>, de seus inimigos, diz que foy por ter provocado a Deos com suas idolatrias e peccados.

Os que maiores exercitos de males /2v/ ajuntaram contra as Republicas são as cabeças dellas, os Principes e os Reys, como nos aviza o santo Propheta Isaias no capítulo 24<sup>74</sup>, onde com estilo claro e sem enimas<sup>75</sup> ameaça a ultima ruina e averem de ser todos despojados; nem dà outra causa senão os graves peccados dos Reys, fazendo leys mui contrarias ao direito divino; e porque lhes sobeja à desobediencia de Saul a soberba de Nabuchodonozor, à idolatria de Jeroboam, ò atrevimento de Balthazar, a duresa de Pharaó, se perdem Reynos e Reys em cujos ombros, como em colunas e bases, se estribam os Imperios, segundo a doutrina de *Job* no capitulo 38<sup>76</sup> e da *Sabedoria* no capitulo 6<sup>77</sup>, onde o Rey se chama sustentação de seu povo, não sò pera lhe acodir com /3r/ alimentos a seu tempo, mas porque da virtude e exemplo do Rey depende a segurança dos vassallos; que por isso os Gregos com muita propriedade chamaram ao Rey, *Basileu*, que he palavra composta de dous vocabulos, a saber: *Base* e *povo*, porque todos os povos se encostam sobre o Rey, como sobre as colunas assentadas em suas bases descança todo o edificio. Pensamento foi este de Sam Gregorio Papa, do qual nos aproveitamos, pera veremos com quanta razão os antigos deram a culpa de tamanha perda, qual foy a de Espanha, aos peccados de elRey Dom Rodrigo, ultimo dos Godos, em cujo tempo os mouros à força de armas, deixando Africa se passaram a Castella e Portugal, fazendo dos corpos christãos pedras de /3v/ afiar ao ferro Mauritano e ficando os campos e Cidades coalhados de ossos e fertilizados do sangue, que, não com menos queixumes que o de Abel, està bradando e pedindo a Deos satisfação.

---

<sup>72</sup> *Eclesiástico* 16.

<sup>73</sup> O mesmo que *cuidava*.

<sup>74</sup> *Isaiás* 24.

<sup>75</sup> Ou seja, *enigmas*.

<sup>76</sup> *Job* 38.

<sup>77</sup> *Sabedoria* 6.

## CAPITULO II

*Culpas e perda de Dom Rodrigo,  
o qual trouxe a Portugal a Imagem de Nazareth.*

**A** Vareza e pouca honestidade foram os crimes de Dom Rodrigo, que por morte de Witiza no anno de Christo de 711 e de Acosta, irmão seu inteiro e ambos filhos de Theodofrido, entrou elle no cetro e coroa de Espanha. Dizem que avia neste tempo em a Cidade de Toledo huns paços, /4r/ ou torre, a que chamaram de encantamento, cuja architectura e fama de grandes thesouros rendeo tanto o cobiçoso animo de Dom Rodrigo, que contra o parecer de seus conselheiros e fidalgos da corte determinou quebrar todos os cadeados que os Reys antigos nas portas daquelle encantamento tinham lançado, pera que nenhum de seus successores se atrevesse a descobrir os males que no interior do Labiryntho estavam escondidos e quasi dormindo, pera de romaria<sup>78</sup> sairem contra quem os espertasse.

Mas como os homens doutos, que com madureza julgaram estas antiguidades, tenham pera si que tudo isto foram tintas fabulosas com que os antepassados quizeram mais alegrar que ensinar aos vindouros, /4v/ não me detenho em contar o que a *Cronica Espanhol*<sup>79</sup> relata da fabrica deste Castello e os sinaes que dentro se acharam da perdiçam de Espanha, sendo mui certa a verdade que no capitulo primeiro deixamos escrita, com a qual se ajusta a pouca lealdade delRey Dom Rodrigo pera com a Cava, filha do Conde Dom Juliam, que alguns querem fosse senhor da nossa Covilhã, chamada Cava Iuliani, posto que o mais provavel he ser o nome Arabigo, que he o mesmo que mà molher, não porque Florinda (este he o proprio, da filha de Dom Juliam e de sua molher Frandina) com sua mà vida abatesse o resplendor de sua nobresa, mas

---

<sup>78</sup> *romania* no texto.

<sup>79</sup> Lib. I. c. 30.

porque foi pera com Espanha – como Dina pera com os de Sichem<sup>80</sup>, Helena pera com /5r/ Troia e outras muitas pera com os pouco acautelados –, matando primeiro a alma com a vista que o corpo com o ferro, conforme ao *Ecclesiastico*<sup>81</sup>, pregador da honestidade.

Estava nesta conjunçam o Conde em Seita, aonde fora mandado por ordem de seu Rey a fazer pazes com os mouros, pera maior segurança da Coroa de Espanha. O qual, sabendo da afronta que elRey fizera a sua filha, determinou de se vingar, lançando-se com os mouros, pera que fossem inimigos de quem procurava te-los por irmãos em armas. As cousas se affeiçoaram de tal maneira, que os mouros pella porta da treiçam, que o Conde lhes abrira, entraram a fazer guerra a Dom Rodrigo, que por estar descudado, /5v/ nem armas, nem soldados tinha pera se defender – como o Rey era animoso, com poucos veyo buscar muitos pera dar fim ao estado tam florente dos Godos.

Façanhas maravilhosas tinha o Rey com seu proprio braço feito na guerra, não perdendo golpe em vam, do que Dom Juliam foy verdadeira testemunha com as tres feridas que a lança de seu Rey levou, de que esteve a morte. Deos, em cuja mão estão os principios e fins dos Reynos, foy servido que aos dous de Setembro de 714 da era de Christo, junto ao rio Guadalete, fosse Dom Rodrigo de todo desbaratado, acabando naquelle dia e em hum pessoa o imperio dos Godos no mundo tam celebrado.

/6r/ Antes que cheguemos a caza da nossa Virgem da Lapa, veremos como Deos de males tira bens, qual foy o de Dom Rodrigo. Depois da vitória perdida, despedindo-se das insignias reaes que levava e saindo de hum lamarão, onde o cavallo de cançado e muy sangrado attolara, trocou com hum pastor, por não ser dos que em seu alcance vinham ou morto ou cativo; e com hum cacheiro<sup>82</sup> na mão, tomando o caminho pera Merida, entrou no mosteiro Caulina, onde os monges se aprestavam, assi pera a fugida, como pera esconder as santas reliquias. Sò na igreja,

---

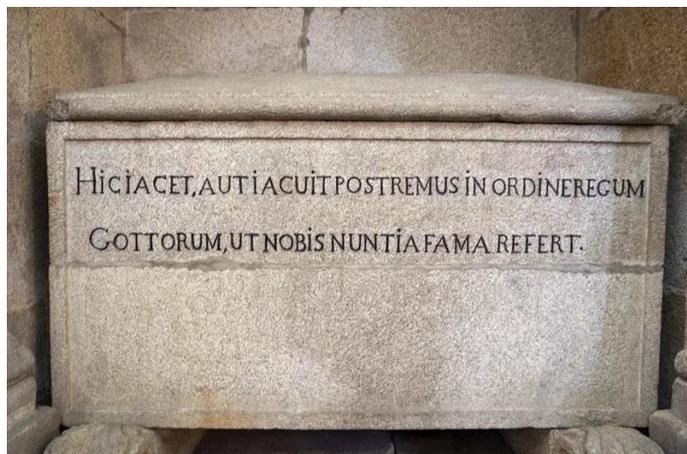
<sup>80</sup> *Génesis* 34.

<sup>81</sup> *Eclesiástico* 9.

<sup>82</sup> Vestimenta grosseira ou surrada.

cuando<sup>83</sup> que ninguem o ouvia, escandalizado de sy mais do que do castigo do Ceo, pello que dizia, foy conhecido do monge Romano que em oração estava e lhe /6v/ acudio e levantou da terra, donde hum desmayo de malenconia o deitara, a quem tantos encontros de lanças e mouros não poderam derribar.

Tornando em si, não sò se confessou e commungou pera ganhar ânimo contra as cotiladas do tempo e mundo, mas pera tambem servir de companheiro a Romano na peregrinação que determinava fazer pera livrar, como fez, a imagem da Virgem, que ally estava e oje em Portugal, com titulo de Nazareth he venerada sobre o mar Oceano, donde serve aos navegantes de certo forol pera mostrar a terra e descobrir o Ceo.



(“Aqui jaz ou jazeu o último na sucessão dos reis godos, tal como a mensageira fama popular nos conta”).

De acordo com a tradição cristã, na igreja de S. Miguel do Fetal, a mais antiga de Viseu, repousa Rodrigo, o último rei visigodo.

Fica esta Senhora junto à Pederneira onde o penitente Rey com seu companheiro Romano veo /7r/ descançar aos 22 de Novembro, dia de Santa Cecilia, ficando o Rey muy pago do sítio pera a penitência a que vinha determinado e com santo odio da vida passada se sobio ao alto de

---

<sup>83</sup> Isto é, *cuidando*.

hum rochedo, que no meo dos areaes se levanta; como se daly ficasse mais vesinho com a gloria, onde já tinha posto o coração.

Dos antigos se chama este monte Seão e nos nossos tempos de Sam Bartholameu e de Sam Bras, por nelle se collocarem as reliquias destes Santos, que Romano juntamente com a imagem da Virgem de Nazareth tinha livrado do estrago que os mouros vinham fazendo, como triumphadores da religião Christã. Deixou esta senhora Nazareth, deseparou Merida, escolheu /7v/ Portugal e pera esta romaria fez dos braços de hum Rey charolla da sua gloria.

### CAPITULO III

*A crueldade com que entrou  
Almançor em Portugal.*

**Q**uebrada a primeira furia da tempestade Mauritana, ouve tregoa entre Leam e Cordova, a qual estava já sogeita a elRey Abderramen, por cuja morte e de seu filho maior, Alhaca, socedeo o menor por nome Hiscem, que sendo de dez annos ficou debaixo da tutoria do capitam Alhagis, por sobrenome Almançor, que na sua lingua val tanto como dizer vitorioso ou numqua vencido. Entre os mouros deve ser illustre /8r/ sobrenome, com que os mais nobres se querem afamar. Pois nos consta haver este apellido nos mouros de sangue real, como se acha na linhagem da Raynha Neachile Porcaraga, que o grande Apostolo do Oriente, S. Francisco Xavier, converteo a fê, a qual era filha delRey Almançor de Tidore, molher de Bolefyfe, Rey de Ternate, e may de tres Reys da mesma ilha. A fereza de Alhagis escureceo sua nobreza, porque este foy o mais cruel inimigo que teve a christandade depois da perda universal de Dom Rodrigo e assi, rompendo as tregoa, veyo com poderoso exercito e, entrando por Lusitania sem perdoar ainda aos que não resistiam, mostrou braveza sanguinaria contra o povo christam.

/8v/ Algumas de suas entradas apontarei, posto que não guarde a ordem dos annos. Huma dellas foy rompendo atè Compostella e metendo na igreja de Sam Tiago os cavallo, dando ao seu de comer em huma pia

da mesma igreja, que ainda oje se mostra; e sem duvida desperdiçará as reliquias do patram de Espanha se o Ceo com rayos e trovões nesta sua barbara temeridade o não espantara e muito mais à lavareda de fogo, que do sepulcro do Santo contra elle arremeteo, de que ficou tão atemorizado (mas não emendado), que se não atreueo mais a entrar no templo, donde o fogo temporal o ameaçava com o infernal. Porem, levou consigo as portas da igreja, que oje se ve[e]m na Sè de Cordova, huma das famosas mesquitas /9r/ daquelle tempo, pera onde tambem desta vez tresladou os sinos de S. Tiago, fazendo delles alampadas ao seu Mafamede na mesma mesquita, donde ao diante elRey Dom Fernando, o santo, o tirou e restituiu a Compostella, não com pequeno trabalho dos mouros, aos quais, segundo alguns escrevem, mandou trouxessem às costas, fazendo delles ou bois ou elefantes de carga, pera elles tam pesada quam violenta.

Depois deste rayo destruir Coimbra, Porto, Braga e a populosa Britonia junto a Viana, deu volta pellas terras da Beira, onde rendeo Viseu e Lamego, não sò com morte e cativoiro dos moradores, mas com a ruina de muitas ermidas, igrejas e mosteiros, sem ninguem o /9v/ poder refrear. Tres legoas de Lamego, aonde agora està a ermida de nossa Senhora de Seixa, avia hum mosteyro de religiosas da regra de S. Bento, o qual se chamava Archense e nelle era abbadessa Columba Osores, a quem Deos guardou pera esta occasião, na qual com todas suas freiras ouvesse de alcançar coroas de martyrio, porque de noite foy de repente entrado o mosteyro e todas passadas ao fio da espada, com tanto mais crueldade, quanto os naturaes de Africa aborrecem a vida pura e casta, que debaixo de clausura se guarda.

Dali se foy a Trancoso pella serra de Pera e, atravessando até à Villa de Aguiar, arremeteo com outro rebanho de Cordeiras, a Christo consagradas, que era o mosteyro /10r/ de Sismiro, escapando algumas daquelle primeiro sacrificio, pera soffrerem mais comprido martyrio, que foy o cativoiro a que Almançor as condenou, levando-as comsigo na retirada que fez a Cordova.

Recolhendo-se a invernar à sua terra no tempo do Veram, tornou com maior força a perseguir os Catholicos e assi, voltando no anno de

997 e marchando outra vez contra Portugal a 29 de Junho, destruiu Coimbra de tal maneira, que se não habitou por espaço de sete anos; da mesma crueldade usou com Montemor o Velho e com o povo que escapou de Viseu e Lamego.

Nem sempre se recolheu tam gostoso de si, que nos não deixasse alguns padrões pera lembrança de /10v/ nossas vitórias; estes são os nomes que oje duram, como he o da Matança, junto ao lugar chamado Souto, quando os Christãos de noite lhe deram na retaguarda e com grande mortandade dos mouros constrangeram a recolher seu capitam ao pico do monte, que se chama de Almançor.

Tambem o Ceo pelejou por nós, ferindo-lhe o exército com grave doença de câmaras, da qual ocasiam se ajudou o progenitor da casa da Feira, Dom Froyla ou Dom Froiux Vermuiz, saindo-lhe por vezes ao encontro em lugares asperos e apertando-o tanto, que lhe fez deixar a estrada que vai do Porto a Castella, parecendo-lhe ao mouro ficava mais seguro se decesse a Coimbra por onde foy fugindo, /11r/ deixando os campos e caminhos alastrados de corpos mortos, assi por causa da doença, como do ferro Lusitano.

Dom Froiux o foy seguindo junto ao Rio Coimbra, onde lhe matou tanta gente, que chamando-se o valle dantes Osset, depois foy chamado Ossella, por causa dos muitos ossos mouriscos que naquella paragem ficaram, como em sepultura – tendo aquella canalha tam boa ventura, que deu com sua carne pasto às feras e aves de Portugal –, deixando-nos os ossos pera memoria da bondade divina, que numqua nos castiga com tanta severidade, que se não lembre e acuda na adverdidade, como fez nestes perigos, porque alguns dizem que viram a S. Tiago pelejar em favor /11v/ dos nossos e que, por essa causa, o Conde Dom Froiux mandara lavrar huma ermida no Outeyro que divide os valles de Arouca e Cambra, a quem oje chamam S. Tiago de Chave.

Foy Deos servido tirar do mundo a peste de Almançor, porque tratando Dom Bermudo, no de 998, de pazes entre o Rey de Navarra e o Conde Gracia Fernandes, grande senhor e a melhor lança daquelle tempo, fizeram tal liga entre si, que, esperando Almançor quatro legoas açima

de Osma, o poseram em fogida com morte de setenta mil mouros de pè e quarenta mil de cavallo, cuja perda sentio o barbaro tanto, que, fechando-se em casa sem admitir consolaçam alguma ou de amigos ou de parentes, de pura /12r/ malenconia brutalmente se deixou morrer. O corpo foy sepultado em Medina Celi, que por seu respeito se podia chamar Medina Inferni.

Com esta breve relação das culpas e successos de Dom Rodrigo na perda de Espanha e com a noticia da crueldade do capitam Almançor, satisfazemos as duvidas com que muitos se podiam embaraçar se de repente entrassemos a fallar na Virgem da Lapa, nomeando o mouro Almançor sem lhe darmos principio a sua deshumanidade, com a qual, acovardados os fieis daquelle tempo, nos guardaram por tantos annos a Imagem da Lapa como se verà no capitulo seguinte.

### /12v/ CAPITULO III

#### *O tempo e pessoas que esconderam a Virgem da Lapa.*

**A**S tempestades com o vento, a guerra com seu rumor avisam dantemão aos que podem e se querem segurar da tormenta e inimigos que atras os vêm ameaçando. Costume he nestes apertos esconder em lugares secretos dinheiro, ouro e prata lavrada com outras cousas de preço e estima, pera que não venham a ser despojo dos inimigos, que depois de banharem as espadas em sangue de seus contrarios se querem apoderar do que nada lhes custou.

Daqui vem acharem-se ao diante, em varias partes, cofres de dinheiro e outros brincos que o tempo /13r/ vai descobrindo, dando lugar a se aruinarem os lugares e Cidades, ficando tudo campo raso, onde se pode cavar, lavrar e semear; servindo por vezes o alviam e ferro de arado como de chave, para abrir os thesouros que os antepassados, com esperanças de a seu tempo os gozarem, ou sò com a sua ou com notícia de poucos enterraram. Cada hum nestas preças esconde o que mais estima

e o que consigo não pode levar, deixando com mágoa e âncias do coração à cortesia do tempo o que o perigo da vida não pode salvar.

O que os seculares fazem com as riquezas temporaes dessa mesma traça usam as almas espirituaes e religiosas pera com as reliquias e imagem dos Santos, achando que /13v/ bem viveo quem bem se escondeo – e por essa causa lhes dão em vida covas nas entranhas da terra. Usança antiga he esta, ensinada no tempo dos Machabeos<sup>84</sup>, quando ouveram de ir cativos pera Persia, por se não perder, nem ficar offerecido ao atrevimento dos inimigos o fogo do altar com que faziam os sacrificios a Deos, determinaram de o esconder, até que a divina misericordia, compadecendo-se de seu cativo, os resgatasse e restituisse à sua pátria; onde os mesmos ou os descendentes, guiados polla tradiçã dos maiores (que ordinariamente he caminho certo pera a verdade), desenterrassem o fogo, que do ceo tinham recebido e por muitas centenas de annos se fora conservando no divino serviço.

/14r/ Os sacerdotes, com as lagrimas nos olhos, como he de crer, lhe buscaram morada pera tantos annos, despedindo-se com aquella piadosa cerimonia dos sacrificios, do templo, da Cidade, da pátria, pera os levarem cativos, carregados de ferros, famintos, despresados, afrontados às terras e aos cárceres de seus inimigos, conhecendo ser castigo da divina justiça pellos muitos peccados com que a provocaram, a não dar perdam, nem aos vasos sagrados, nem ao templo no mundo tam famoso, entregando-o à furia dos inimigos. Ensinando-nos o que no mesmo livro dos *Machabeos* se diz, cap. 5: “*Verum non propter locum gentem, sed propter gentem locum Deus elegit, ideoque et ipse [locus] particeps factus est populi malorum*”<sup>85</sup>. /14v/ Não criou Deos a gente por amor dos lugares santos, mas lavrou e consagrou os templos por amor da gente. E quando a esta por suas maldades abrangem os castigos do Ceo, não ficam delle izentos os templos da terra. E com esta doutrina nos tira a Sagrada

---

<sup>84</sup> II *Macabeus* 2.

<sup>85</sup> “Efetivamente, Deus não escolheu o povo por causa do lugar santo, mas sim o lugar por causa do povo; e, por isso, o próprio [lugar santo] foi feito participante dos males do povo” (II *Macabeus* 5).

Escritura de nossas almas a dúvida da divina providencia, que parece falta, quando falta aos lugares e Imagens Santas com seu emparo, descoutando tudo à descortesia e blasfemias de seus contrarios, como se não ouvera poder para os refrear; sendo assi que tudo Deos ordena com altissima sabedoria, mostrando que os peccados dos homens abrangem as Images, Reliquias e templos sagrados; e por essa mesma causa no tempo do Juizo se abrasará o mundo, não avendo respeito /15r/ a lugar algum santo por os peccadores o não terem a divina Magestade.

A invençam de esconder em o fogo diz a Escritura que foy preceito de Jeremias aos que hiam comprir seu degredo entre os inimigos da Ley divina. Avisando-os que nas terras dos idólatras se não deixassem enganar das images de ouro e prata que em seus altares vissem com tanto erro ser adoradas, porque seriam com mais carregada mão castigados.

Esta mesma advertencia se podera fazer às religiosas de S. Bento e do Mosteyro de Sismiro, quando no de 983 foram algumas mortas e outras cativas pelo cruel Almançor, como temos dito. Ellas, se cre, que esconderam a Imagem que hoje /15v/ chamamos da Lapa, com o thesouro de mais estima que no seu mosteyro tinham, querendo antes levar em si os golpes do ferro Africano que ver diante dos seus olhos desfazer às cotiladas a Arca do Testamento de Deos, à qual não com menos amor procuraram de resguardar, do que antigamente se fez à Arca, Tabernaculo e Altar do incenço, quando todas estas peças e lembranças dos beneficios divinos foram com o corpo de Moyses metidas em huma cova, ou lapa, que a seu tempo Deos ao mundo descobrirá pera confusam e conversam de muitos, como se refere no segundo livro e capitulo dos *Machabeos*<sup>86</sup>. Querendo Deos já naquelles tempos mostrar como a santidade da Ley da Graça em nenhum /16r/ outro lugar estaria mais quieta e segura que metida nos desertos e solidões, soterrada em lapas e covas escuras, como escreve S. Paulo [acerca] dos Santos perseguidos e em vida sepultados: *In solitudinibus errantes, in montibus et speluncis et in cavernis terrae*<sup>87</sup>,

---

<sup>86</sup> II *Macabeus* 2.

<sup>87</sup> “Errantes nos lugares desertos, nos montes nos antros e nas cavernas da terra” (*Hebreus* 11).

pera darem lugar à braveza dos Tyrannos e sairem a seu tempo com o corpo, sangue e vida em testemunho da verdade.

Assi o fizeram muitos catholicos da primitiva igreja, nos cemeterios que ainda hoje em Roma se veneram debaixo da terra por servirem antiguamente aos Santos de valhacouto<sup>88</sup> contra a carniçaria dos Emperadores, que tinham por gloria sua abater à do Salvador. E com os nomes de Calipodio e Callisto /16v/ se conservam, pera memoria dos insignes varões que alli habitaram sem ver Sol nem Lua, contentando-se com a muita luz espiritual que em suas almas tinham e não querendo da material mais que hum candieiro pera a reza dos psalmos, dos quaes, se qualquer nos ficara por relíquia, fora com rezam em mayor estima avaliado que os dos filososos Aristophanes, Cleantes, Eпитeto, na antiguidade tam celebrados, que achavam ficar sempre em justo preço o excessivo que davam por algum delles. Desvio foy este que o medo descobrio, pera se encobrir de quem o perseguia; e como os inimigos andam já experimentados, nestes lugares escusos se empregam quando entram e vencem povos e Cidades, /17r/ como fizeram os Babilonios ou Romanos em Jerusalem, pera cumprir Deos nelles a profecia de Sophonias, quando muito dantes mandou pregar que com tochas e candeas faria miuda pesquisa naquella populosa Cidade; de modo que ninguem nem debaixo da terra escapasse, como declara Sam Jeronimo: *Scrutabor Hierusalem in lucernis*<sup>89</sup>, ajudando com sua interpretação a historia de Josepho, que escreve largamente o como foram os Principes, Reys, sacerdotes desencovados das grutas e canos reais da Cidade, onde não poderam escapar dos inimigos, que com fochas acesas os tiravam a publico pera lhes tirar a vida, como refere Sam Jeronimo<sup>90</sup>.

Temendo pois as freiras as muitas /17v/ afrontas que a Imagem da Virgem podia receber de ânímos tão sacrilegos (cujos olhos somente bastavam pera a profanar), buscaram lugar onde segurassem a sua Princesa e com ella todas suas esperanças e saudades, que não deviam de

---

<sup>88</sup> Isto é, *refúgio, esconderijo, abrigo*.

<sup>89</sup> “Eu perscrutarei Jerusalém nas lâmpadas” (*Sophon. I*).

<sup>90</sup> Hieronimus in *Sophon*.

ser poucas, antes acompanhadas de infinitas lagrimas com que se despediam de quem tanto amavam, lembrando-se das horas de oração que com ela gastavam; como lhe servia de emparo em seus perigos, de alívio em seus trabalhos, de alegria em suas tristezas. E como nella tinham seu Propiciatorio, a quem Deos naquelle aperto por seus occultos juizos não deferia, como nem no tempo de Heli<sup>91</sup> se deu por obrigado a livrar de cativo a Arca do Testamento, deixando-a /18r/ tomar e levar dos Philisteos a teu templo, tratando estas cousas em seu entendimento, mais com procissam de exequias que de festas e alegrias a deixaram enterrar, mostrando-lhe por obra os affectos de sua alma com mayor efficacia do que os naturaes de Epheso teveram pera com S. Paulo, quando, desfazendo-se em lagrimas<sup>92</sup>, dando-lhe mil abraços, o foram embarcar pera nunca mais se verem nesta vida mortal. Que soluços, que suspiros averia naquellas Santas Religiosas? Como se abraçariam com a Virgem? Que palavras tão cordeais lhe diriam? Como huma vez e outra empregariam nella seus olhos, falando mais com elles que com as lingoas? Por huma parte pelejavam as saudades, por outra, os temores /18v/ de verem a May de Deos pisada de pees Mouriscos, quando primeiro a não arrastassem e injuriassem com as descortesias de seu filho na noite da paixão. A este mosteyro podemos accomodar o nome que o nosso Chronista<sup>93</sup> deu ao lugar junto a Belem em Lisboa, aonde ao princípio os amigos e parentes se despediam quando se embarcavam para a India; pera mostrar o sentimento dos que ficavam e se apartavam, lhe chamou *Praya das lagrimas*<sup>94</sup>. O mesmo ou semelhante appellido se pode dar ao lugar de Sismiro, chamando-lhe agora *Mosteyro das Saudades*. São forçadas a larga-la nas mãos de quem seguramente a enthesourasse entre dous penedos feytos não sem divina providencia pera servirem de arca, a /19r/ Arca do Testamento, onde a deixaremos até que a gloria de Deos torne a dar mostras de si, como disse Jeremias<sup>95</sup> quando

---

<sup>91</sup> *Reis* 5.

<sup>92</sup> *Actos* 26.

<sup>93</sup> Trata-se de João de Barros.

<sup>94</sup> *Décadas* I, l. 4, c. 2.

<sup>95</sup> II *Macabeus* 2.

com Moyses escondeo a que era figura desta verdadeira Arca dentro de sua cova.

## LIVRO II

# Da Virgem da Lapa

### CAPITULO I

*Em que parte da Lusitania  
apareceo a Imagem da Virgem.*

**L**USITANIA se chamou este Reyno que Deos criou pera senhorear o mundo, com o zelo da Fè Catholica, por causa de hum Rey /19v/ que entre outros governou estas partes, com tanto amor de todos seus vassallos, que lhes servio mais de crueis saudades, com os breves trinta e tres annos de sua vida, que de alegrias quasi em flor cortadas; porque não sò na guerra era tam venturoso, como valeroso, mas na piedade (se tal nome pode merecer o culto dos falsos Deoses) foy exemplar de Numa Pompilio, entre os seus Romanos. Este se chamava Luso e delle tomaram seus povos com approvaçam e applauso de todas as outras nações o nome de Lusitanos. Floreceo antes de Christo 1509 annos; do dilúvio 797; da criaçam do mundo 2453, segundo o mais apurado computo dos antigos e novos Authores.

O tempo que tudo muda, /20r/ como emfastiado de estar muito em hum lugar, quis emnobrecer tanto a Cidade do Porto, chamada dos antepassados Portugal e do Porto Grayo, que com ella e com seu titulo, como com ouro fino, quis dourar e autorizar todo o Reyno, nomeando-o Portugal e aos que dantes eram Lusitanos, novamente Portugueses, nome dos Reys e vassallos recebido e dos estrangeiros amado, reverenciado, emgrandecido.

A cosmographia de Portugal, segundo a demarcação que lhe deu Plinio, abrangia do rio Goadiana, atè o Douro, ficando-lhe da parte do

meio dia a Costa marítima e do Norte o rio Douro, que dividia Galiza. De maneira que, correndo o Goadiana até um estreito que se faz /20v/ em Castro Marinho, apartava Portugal da Bética antiga.

Depois foi crescendo até o rio Minho a largura de nosso Reyno, appellidando mais em particular as terras e povos que as habitavam, metendo em si da parte oriental menos terras, porque passaram para Castella: Mérida, Badajoz e outras Cidades da Estremadura, que não conhecendo o bem que tinham, quiseram antes ficar no sertão que no marítimo.

Seguindo pois aos mais novos e curiosos Autores, do Goadiana até o Cabo de S. Vicente ficam os que se chamavam Turdetanos; aos quais pertenciam Mérida, o Porto de Annibal, que hoje se nomeia Villa Nova de Portimão, Tavira, Ossunoba, de cujas ruínas nasceu /21r/ Faro. A estes emcostou Ptolomeo na sua descripção: Cetual, Alcacere do Sal até Beja, todos com nome de Turdetanos.

Confinavam com estes os Celtas, a que hoje chamamos Alemtejo, gente muito dada a exercício de armas e por tal conhecida e temida naquelles tempos, a qual pelo meio dia visinhava com os Turdetanos, do Norte com o Tejo, limite certo com que se estremavam dos Turdulos antigos; do Poente tinha os bárbaros, cujo nome mostra sua fereza e dos quaes ganhou o nome o Cabo de Espichel, sobranceiro ao mar Oceano, e dos latinos chamado Promontorium Barbaricum.

Ao levante moravam os povos Vettones; destes ficou celebrada a erva Vettonica, por usarem muito /21v/ della em suas enfermidades e principalmente para conservarem a vista de todos tão estimada.

A principal Cidade he Évora, couto do valeroso Sertorio, a quem naquelles campos tão accommodados para sementeiras deu batalha Pompeio, antes da vinda de Christo.

Suas insígnias são a imagem de Giraldo sem Pavor, posto a cavallo com espada e duas cabeças na mão, por cujo ardil foi tomada aos Mouros em tempo de D. Affonso Enriques, que por esta façanha lhe deu cargo da Cidade, ficando seu primeiro capitão. E como nella esteja hoje a mitra Archiepiscopal, abrange com sua jurisdição a muitas terras de gente e

mantimentos abastadas. Entre as mais nobres se podem contar a Cidade /22r/ de Beja, as Villas de Moura e Estremós; e a fidalguia de Villa Viçosa, onde està a Corte do grande Duque de Bragança. Ao prelado de Evora ficam suffragâneas as Mitras do Algarve e Elvas, sita em Alemtejo.

Passado o Tejo corriam assi pollas prayas do mesmo rio, a quem ElRey Tago fez mercê do seu nome, como pello Sertam de aquem Tejo os que se diziam Túrdulos. E se estendiam atè o Douro, conforme a Plinio, os quaes deram princípio aos Túrdulos de Andalusia e Turdetanos do Algarve. Depois se estenderam atè o Minho, fazendo das terras que entre os dous rios ficam situadas outra Mesopotâmia, assi chamada dos Gregos, por ter seu assento entre o /22v/ Tigres e Euphrates. E a nossa entre o Douro e o Minho. Eram estes povos tão bem cultivados com as regras da policia que diz Estrabo l. 3<sup>96</sup> que tinham suas leis compostas em verso, que algumas nações mais delicadas no entendimento fizeram, tomando este costume do S. Moyses<sup>97</sup>, que por ordem divina compos a Ley em solfa<sup>98</sup> poetica; assi pera ficar mais copiada, como tambem por entrar e se assegurar na memoria com raizes mais fundas, como he tudo o que em verso se aprende.

Aos Túrdulos pertencia Felicitas Iulia que he a Cidade de Lisboa, Metropoli de todo o Reyno, sobre a qual ouve sempre tantos debates de Africanos, Alanos, Suevos, Hespanhoes, Mouros, Lusitanos, /23r/ com os quaes D. Afonso Enriques, fazendo cruel matança nos Arabios, que a possuiam, a ganhou e fortificou, não sò com soldadesca Portuguesa, mas como Corpo do glorioso S. Vicente, a quem, tirado daquelle promontorio com o titulo do S[anto] afamado, lhe deu a principal igreja e Cidade, prometendo-se assi e aos descendentes grandes vitorias fundadas no vitorioso nome de tal Padroeiro. Na jurdição dos mesmos Túrdulos cabia Santarem, Alcobça, a Cidade Calippo<sup>99</sup>, que, derribada, foy fundamento da que hoje temos de Leyria, tomando o nome (segundo particular

---

<sup>96</sup> *Estrabão* l. 3.

<sup>97</sup> *Deuteronomio* 32.

<sup>98</sup> Ou seja, *solfejo*, ritmo poético.

<sup>99</sup> *Colippo*: Leiria.

opinião pouco seguida) da grande Santa Virgem Martyr Iria, a qual com o nascimento deu o título à patria (que a Villa /23v/ de Tomar não sofrera) e com a sepultura lavrada pellos Anjos no coração do Tejo trocou Scalabis, em Santarem, que, por abreviar, assi se apregoou, sendo dantes Santa Iria. Tanto val a Santidade que todos della se prezam.

Nesta Provincia e Catálogo se assentava a nobre Cidade de Coimbra, junto a Condeixa-a-Velha, antes de passarem o Mondego, possuida dos Romanos, ganhada pellos Suevos, vencida por ElRey Attaces e por elle mudada de seu princípio pera a Serra eminente ao rio, onde foy tambem por Remismundo destruida e muitos annos depois combatida, restaurada e defendida dos Mouros por ElRey D. Affonso, o Magno, em a perda de Hespanha, e depois entrada por /24r/ Almançor, Capitam Mouro, e outra vez restituída e reparada pello famoso Rey Castelhana D. Fernando.

Dobrando à mão esquerda pera o Norte se estendem até o Douro terras dignas de grandes louvores, se não foramos de passagem. Desta parte sobre o mesmo rio ficam os vestigios antigos da Cidade do Porto, a que hoje chamam Gaya, destruida com seu Castello por ElRey D. Ramiro segundo, depois de ter furtado a famosa Zahara, irmam do Rey Mouro Albucahem, de cujo poder tirou a Rainha Aldora, matando primeiro ao mesmo Rey. Da banda d'alem está a nova Cidade, que deu o nome a todo Reyno, fundada pellos Suevos no lugar em que hoje se vê. Dahi /24v/ por diante se vai estendendo até às arrayas de Galiza a mui aprasivel frescura de entre Douro e Minho, dos Romanos tam amada, que muitos se esqueciam de sua natural patria, por gozarem daquelles a que elles cantaram Campos Elysios, dando ao Lima nomen do affamado Lethes, pois os fazia de todo esquecer e emgeitar a fertilidade de Italia polla brandura da nossa Mesopotamia. Oito legoas além do Douro se aparta a Cidade Augusta de Braga, de cujas grandezas no tempo passado e presente se podia fazer hum grande livro; baste por agora dizer que a ella estavam sojeitas vinte e quatro Cidades, em que havia duzentos e setenta e sinquo mil vezinhos.

Distante desta tres legoas se está /25r/ ainda hoje gloriando, por ser berço de Portugal, a nobre e alegre Villa de Guimarães, na qual naceo o

nosso primeiro Rey Dom Affonso Enriquez, aleijado dos pès, mas delles são por milayre da Virgem Maria, sita no lugar chamado Carquere, do Bispado de Lamego, Mitra tam bem-afortunada, que goza de duas Imagens da Virgem das mais milagrosas do mundo: Lapa e Carquere; como se a Beira nacera pera Casa de prazeres da May de Deos.

De Coimbra pera cima, aos que vam com o rosto ao Leste, começa a Provincia chamada Beira, a que – conforme a Estrabo – applicaram seu nome os Berones, que no tempo do Emperador Tiberio entraram pella Lusitania e povoaram grande /25v/ parte della, donde se tomou a invocação da Berya e depois, com o tempo que tudo muda, se nomeou Beira; a qual com este titulo podemos dividir dos Turdetanos, Celtas e Túrdulos, tanto pellas Cidades e Villas muy nobres e populosas que têm, como pollos muitos templos, Mosteyros e gente dotada dos melhores e mais escolhidos talentos do Reyno Portugues. E começando por Coimbra, que fica ao Oeste, cortando ao Nascente nos recebe a Cidade de Viseu, sobre cuja posse e Senhorio tantos recontros ouve entre Christãos e Mouros, de cujo poder e sojeiçam a libertou ElRey D. Affonso, o Catholico, descendente do S. Rey Reccaredo, como tambem o fez ElRey D. Ramiro, sobrinho do Abbade /26r/ João, a quem soccedeo o milagre de nossa Senhora de Ceiça, sobre os degolados de Monte Mor. E tam assolada ficou Viseu desta vez, que pera a tornar a povoar, como desemparada de todos, a pedio ao mesmo Rey, Sebastiano, Bispo de Salamanca, como conta Morales na vida de ElRey Ramiro. I. 13. c. 54<sup>100</sup>. em cuja reedificação se achou, dentro em huma igreja dos arrabaldes, a sepultura de ElRey D. Rodrigo. Foy outra vez ganhada à força de braço por Abdele, Rey de Cordova, e dahi a 39 dias de novo cobrada por ElRey D. Affonso, vindo com a perda de Espanha a ser de novo destruida por Almançor e finalmente restituída aos Christãos por D. Fernando.

A parte do Sul se alevanta a Serra /26v/ com o nome de estrella tam celebrada, a qual banhada com agoas de neve, de que ordinariamente està cuberta da princípio à nacença, e cheas do rio Mondego, ao pè da qual ha

---

<sup>100</sup> Morales l. 13, c. 54.

grandes povoações: Covilham, Fundam, Linhares, Serolico e outras. Da banda do Norte està situada a Cidade de Lamego, que em seus tempos foy a maior de toda Espanha, segundo affirma Claudio Ptolomeo, destruida na primeira fundaçam pellos Romanos e depois alevantada em sitio menos defensavel. Tambem experimentou a crueldade de Almançor, atè que ElRey D. Fernando a tirou dos grilhões e cativeiro Arabigo. A esta provincia pertence a Guarda, pera com Viseu e Lamego fazer o terceiro Bispado da Beira, que abrange a Castello Branco.

**/27r/** Posso dizer que todas estas terras servem como de muros, cercando em roda o lugar e sitio onde appareceo a Virgem da Lapa, que, ainda que a Beira não tivera outra prerogativa mais que a boa ventura de tam grande mimo do Ceo, bastava pera ficar a todas as outras muy aventejada.

Dalli està a Virgem sustentando com seus favores ao remoto do Reyno, quanto mais aos povos que ficam tam vezinhos, que, partindo no mesmo dia e vingando a distancia de oito, sete, seis e cinco legoas, vêm tomar a benção à Santissima Virgem, fazendo com sua alegre vista recebimento a todos os peregrinos, que nos campos daquelle deserto se ajuntam com tanta frequencia, que parece huma populosa **/27v/** Cidade ou copioso exercito, cujas armas são a competencia de quem com maior diligencia ha de saudar e festejar a Virgem, que he o termo de suas jornadas; aonde asi com vozes naturaes, como de instrumentos musicos, mostram de dia e de noite a grande alegria, que seus corações recebem com a vista e vizinhança de tam sagrada imagem. Podèram os romeiros assi alojados dar occasiam de serem engrandecidos ao Profeta Balam<sup>101</sup>, se do alto do monte ou do penedo, que està junto à igreja, vira este arrayal de devaçam, com os mesmos olhos com que descobryo o alojamento dos filhos de Israel ordenados com suas tendas, a modo de frescos bosques e prados, os quais, com a variedade de arvores **/28r/** e flores, dobraram tanto o coraçam, que o moveram de repente a canções e poesias de estranhos e singulares louvores.

---

<sup>101</sup> *Números* 24.

Com hum breve exemplo quero declarar a cordeal devaçam e grande estima, que o povo tem da vista e conversaçam de tam divina Senhora. Soccedeo não ha muitos annos que, sendo muy numeroso o concurso da gente e não cabendo na igreja os que se queriam offerecer, foy tanto o aperto, que entre aquella multidam se ouviram os gritos de huma moça que morria de abafada, pedindo desta maneira socorro aos que o pediam à Virgem pera suas necessidades; entre o reboliço soaram outras vozes, que, ainda que pareçam pouco torneadas, são comtudo muy accomodadas /28v/ pera declarar a affeição que no peito de todos vive pera com esta Senhora, ainda que seja com perigo da propria vida, diziam assi: *Tolla, Tolla, deixa-te morrer, que bem morre quem morre á vista desta Senhora*; sentença esta que, ainda que nacida no campo e mais de rabil que de arpa ou manicordio, bem se poderà tresladar pera as Cidades e Cortes, com as quais todos aprendessem a estimar a valia do serviço da Virgem, posto que, com perda de todos os bens humanos, em cujo alcance despendemos fazenda, fama, saúde, vida, por tantas vias arriscada sem esperança do galardam, que o Ceo costuma a dar, por muito menos suor do que no ingrato mundo se emprega.

## /29r/ CAPITULO II

*Em que tempo e de que maneira  
se descobrio a Imagem da Virgem.*

**C**ONFORME a relação das Cronicas antiguas que nos fazem perenne a memoria da perda de Espanha, como açima fica escrito, achamos que no anno de novecentos e trinta e tres se enterrou a imagem tam milagrosa trasida de Simiro, aonde entam viviam muitas Religiosas, que com a protecçam da Senhora e devaçam da gente, que a ella se acolhia, davam grande cheiro de suas virtudes; e querendo salvar a May de Deos dos golpes dos inimigos, a meteram no /29v/ lugar que logo veremos, onde esteve soterrada até o anno de mil e quatrocentos e noventa e oito, esperando por esta era pera dar ao Reyno de Portugal na Provincia da Beyra hum thezouro de tantos bens, que, como fonte

caudalosa, està de continuo fazendo mercês a todos os que della se querem aproveitar.

Naquelle tempo, dizem não haver no lugar da Lapa mais que espesso mato, posto que hoje, assi pello roçarem, como polla frequencia dos Romeyros, ficou tudo tam escalvado, que nenhuma arvore se acha pera dar sombra no veram, nem agasalhado algum contra o rigor do inverno, o qual, usando de seu costume, cobre aquelles campos de neve, sobre que os peregrinos fazem /30r/ suas estancias e se recostam, apurando com esta aspereza o grande fogo de sua charidade, que com a frialdade do tempo e lugar mais se accende em seus peitos, servindo-lhe aquella pena e pouco abrigo de mais preciosa offerta para com a Senhora. Pera seus devotos quis a mesma Virgem ouvesse alli perto huma pequena fonte que desse aos da Romagem alivio e ao rio Vouga principio de sua corrente.

Neste lugar se alevanta brandamente a terra, de tal sorte que, em comparaçam do mais campo razo, podemos chamar outeiro, no qual, entre muitos, avia huns penedos traçados e compostos a modo de lapa, os quais tantos annos como em sala Real recolheram a May de /30v/ Deos, ensinando-nos que ella he a que ennobrece a pobreza e nos aposentos mais toscos realça a devaçam com rico feitio das obras que aos Santos e à Rainha delles se oferecem; mostrando em todos os seculos que o seutil da pobre viuva do Evangelho sempre val mais que o ouro da soberba Farisaica, de Deos tam avorrecida que logo no principio de sua vida, mostrou quanto lhe contentava a humildade, não sò dos parentes pobres e desemparados, mas tambem dos lugares, nacendo na Lapa de Belem, a qual tanto agradou a sua May Santissima, que, pera lembrança daquelle mysterio, quis em nossos tempos ouvesse outra gloriosa lapa, onde com gosto seu e proveito nosso fosse de tantos povos adorada.

/31r/ Pera que na memoria dos devotos fique mais representado o jardim que por largos tempos tam linda bonina nos conservou, serà bem que apontemos as miudezas desta cova e penedia. Fica de tal maneira situada, que a Virgem tem as costas pera o Oriente, e a boca desta sua recâmara pera o Occidente, entrando o Sol, quando se poem com seus rayos, pella porta principal da igreja, dando por bem empregado o

trabalho de todo o dia com visitar a Virgem, antes que deça ao outro hemyspherio, aonde vay despertar os dormentes do outro mundo, pera louvarem e servirem a seu criador. A fábrica dos penedos he de tal sorte, que tem a lapa nove palmos de alto, de largo à entrada dous e na concavidade interior /31v/ se acham outros nove, estendendo-se tanto ao comprido, que leva de espaço trinta palmos. No penedo que fica da parte superior se tem observado hum grande milagre, porque ao princípio, nenhum sacerdote podia alevantar a Hostia, por ficar mui baixa aquella abobada, que a natureza como escaça de tanto bem, alli fechou; hoje qualquer dos que dentro celebram o divino Sacrificio do Altar, sem impedimento algum de tocar nas pedras, alevanta a Sagrada Hostia quanto quer, como os que alli continuam têm observado; e he tam clara esta maravilha, que desemparrando o penedo, que serve de telhado, outro, sobre quem, a modo de parede, estribava pera a parte do norte, abriu huma como [que] janella, por /32r/ onde os Romeyros metem as cabeças pera ouvir missa e saudar a Virgem, cuja imagem, com não ter mais que dous palmos e quatro dedos de comprido, abrange com seus beneficios e milagres ao mundo, como em seu lugar veremos.

Pera a banda do norte, fora já da Lapinha, se vê outra pedra que serve como de muro àquella Cidade de Refugio, na qual os peregrinos, assi homens como molheres, exercitam sua devaçam; porque, estando hum pouco desunida das outras, faz passagem pera entrarem por huma e sairem por outra parte, com tal opiniam de virtude, que têm pera si, não estar em graça de Deos, o que não poder ter saída, por mais grosso que seja seu corpo, e /32v/ já este aperto servio de se porem bem as almas com Deos, com a perfeita confissam de todas suas culpas. O mais alto deste penedo, a quem podemos chamar *da Approvaçam*, he de oito palmos, fazendo de roda oitenta; e com ser tam grande, se os que têm cuidado daquella Santa Ermida o não impediram, já com ferro e pedras estivera elle e os de mais tam cavados da muita devaçam dos Romeyros, que nada apparecera; tanta he a fè que têm nos pós daquelles seixos, pera com elles de maior preço que as perolas do Oriente.

Nesta penedia estava emthesourada a Rainha dos Anjos, quando com ella foy dar huma pastorinha por nome Joanna (em o nome e successo bem emgraçada), /33r/ muda de nascimento e natural de Quintella, lugar vizinho à Lapa, tão grande na boa ventura, quam pequeno na povoaçam. Tanto que a menina deu com esta joya, cuidando ser daquellas a quem as de sua idade chamam Bonequas; levada da simplicidade daquelles anos, começou de a querer emfeitar, servindo-lhe de passatempo, emquanto o gado pastava; o caixilho em que Joanna agasalhou a sua imagem foy a cesta que as pastoras daquelles montes costumam a trazer no braço, assi pera a sustentaçam do dia, como pera nela guardarem as maçarocas que vam fiando emquanto o gado se està apascentando.

Era tam grande o gosto da innocente, roubada da fermosura da imagem com quem tratava /33v/ (entendendo-se mais com ella com a lingoagem da alma que do corpo, pois lhe faltava), que parece não acodia com tanta preça ao serviço de casa, como sua May queria. Emfadada, com a negligencia da filha por lhe tirar o impedimento da prestesa que della esperava, arremetendo à Santa imagem, sem saber o bem que entre mãos tinha, a lancou no fogo, junto do qual Joanna com a sua Virgem se recreava e aquentava. Foy tam cordeal o sentimento da menina, quando vio arrebatat e arremeçar a imagem na fogueira, que, ajudada da mesma Senhora, começou a dar mostras de sua magestade, porque de repente fallou, estranhando com estas pallavras à obra tam indigna: *Ay, May, que fizestes?*

/34r/ Foy aquella choupana merecedora de quatro milagres que a Virgem repentinamente executou. Soltou a lingua de Joanna, que nacera muda, pera naquella hora pregar os louvores da Senhora; tolheo o braço à May pello atrevimento e erro que cometeo; no meo das lavaredas não se queimou a milagrosa imagem e, dantre ellas tirada, tornou a restituir o braço a May, que, conhecendo seu peccado, pediu perdam à que era May de toda a Misericordia – poderamos com rezam chamar àquella pobre morada a casa dos quatro milagres. Brada a May, gritta a Filha, acodem os visinhos, ouvem fallar a muda, pasmam da maravilha, corre a fama, ajuntam-se os camponeses, contam-lhe o successo, /34v/ huns com

vozes, outros com lagrimas, outros com tal caso confusos alevantam olhos e coraçam ao Ceo e, entre todos elles, feita já mestra da montanha a ditosa Joanna com a sua imagem nos bracos, levando-a em procissam à mina onde achara o celestial ouro de tanta devaçam; muitas pastoras tinham Santa enveja por lhes não deparar o Ceo aquella Lapinha, tendo por vezes passeado com suas ovelhas e cordeiros o lugar que sò pera Joanna estava tanto antes destinado.

Alguns querem que nesta conjunçam fizesse a Senhora o milagre na May da Pastorinha, restituindo-lhe a mão e braço, que ficaram tolhidos, quando, acesa em colera contra a filha por gastar tanto /35r/ tempo no trato e emfeites da imagem, lha tirou dantre as mãos pera a meter no fogo.

Em outra relaçam<sup>102</sup> acho que os moradores de Quintella, reconhecendo a mercê de Deos em lhe deparar entre aquelles matos a que havia de ser medicina de muitos bens, com grande reverencia a recolheram na sua igreja, que devia de ser naquelle tempo pouco mais que os seixos da nossa Virgem, aos quais a Senhora estava tam affeioada, pellos muitos annos que entre elles se agasalhara, que, levada como das saudades de sua casinha, se tornou outra ves pera a lapa, com grande sobresalto dos moradores, quando pella manhã, concorrendo a visita-la, se acharam como roubados com a ausencia da sua peregrina. /35v/ Mas, entendendo o que podia ser, foram dar com ella nos seus antigos passos lavrados em dura pedra por mãos da Santa pobreza.

Esta mudança, dizem, fes a Senhora por algumas tres vezes, atè que desistiram da porfia e, deixando-a ficar junto à antigua posse e herança, foram alevantando por detras do penedo huma pequena Ermida pera a Raynha dos Anjos. Nem desta se contentou, estimando a vontade e boa tençam, que he o preço e valor nas obras de piedade, não aceitando, porem, a nova architectura, porque vinha, não pera receber grandesas de edificios sumptosos naquelles primeiros annos, senam pera alevantar e criar especial amor àquelle lugar, que, por ter semelhança e nome da lapa de /36r/ Belem, seria solar e cabeça de todas as virtudes.

---

<sup>102</sup> Outra fonte bibliográfica anterior a 1639, a qual não é citada. Talvez seja a *Monarquia Lusitana*, Segunda Parte, 1609, de Bernardo de Brito.

Bem nos poderamos queixar dos naturaes de Quintella por se louvarem neste descobrimento e milagre, como os de Samaria, que ao principio, levados das maravilhas que ouviam à Samaritana, foram buscar e convidaram a Christo quisesse entrar na sua Cidade e depois, com sua conversaçam, se acharam tam satisteitos, que se davam por desobrigados pera com a Samaritana, que fora principio de todo seu bem<sup>103</sup>. Nem menos os de Quintella, pasmados com a novidade do caso, considerando e examinando a pastora dantes muda e jà com Rhetorica e eloquencia mais que humana, ao Ceo e à mesma Virgem attribuiam o descobrimento /36v/ daquela fonte de graças, donde tantas veas de doçura espiritual cada dia arrebentavam, com os quaes beneficios se foram de tal maneira esquecendo de Joanna e sua familia, que nem dos pays, nem da casa, nem da menina, nem de sua vida e estado, nem de seu fim e morte nos deixaram memoria alguma, metendo todas estas miudesas na sepultura do esquecimento, cemeterio onde se enterram excellentes e illustres façanhas, que a muitos poderiam servir de alimentos pera a gloria.

### *CAPITULO III*

#### *Fundaçam da casa de nossa Senhora da Lapa.*

**N**A fábrica da Ermida se guardaram as duas condições, /37r/ que o insigne tracista Vitrúvio descreveo ao Emperador do mundo, Augusto Cesar, no primeiro livro, capitulo segundo. No qual reparte a perfeiçam dos edificios em tres generos entre os antigos muy celebrados e dos Vindouros não menos estimados, se não entrara nelles a peçonha da Idolatria pello demonio inventada. Dizia elle que a Minerva, Marte e Hercules, por serem Deoses que professavam aspereza de vida, muy alhea de branduras, como quem andava sempre em armas combatendo e vencendo o mundo, não convinha senam igreja feita de

---

<sup>103</sup> João 4.

obra Dorica, a qual he muito cham<sup>104</sup>; sem as delicadesas da obra Corinthia, que por ser toda lavrada, mais pera a vida deliciosa que grave e generosa, /37v/ com suas galantarias e floridos remates, quadrava às Deosas Venus, Flora e Proserpina, dos gentios, adoradas com gostos carnis e torpes, cujas forças entre a suavidade dos manjares, brandura dos vestidos, alegria de casas e florestas, mais crecem e se alevantam contra os que regaladamente os vam sustentando. O Terceiro modo de edificar se chamava Jonico; este accomoda o mesmo autor a Juno e Diana, por serem Deosas a quem contentava a mediocridade em todas as cousas, afastando-se hum pouco da sumptuosidade dos Corinthios, abraçando-se algum tanto com a singelesa dos Doricos.

A segunda condiçam do templo havia de ser – conforme o mesmo /38r/ autor no livro quarto, capitulo quinto –, que a imagem da igreja a quem todos vinham sacrificar desse as costas ao Oriente e o rosto ao Poente. Guardou Vitruvio o costume que de muitos annos veyo correndo a varias nações, as quaes o receberam<sup>105</sup>, mais por se não apartarem dos antepassados, cuja usança faz ley aos descendentes, do que por acertarem com a fonte desta corrente sobre a qual há tantas opiniões que deixam o entendimento duvidoso no caminho que deve seguir. O *Decreto*, dist. II. c. *Ecclesiasticarum*<sup>106</sup> faz mençam deste costume, não achando outra rezam mais que a tradiçam dos antepassados e o uso de tantos tempos; ainda que na Grossa<sup>107</sup> se diz que este modo de usar era por causa do templo de /38v/ Salamão que ao Oriente se fundou; e que por isso Daniel, estando em Babilonia cativo, no tempo da oraçam se virava pera aquella parte donde lhe ficava o templo. Boa e devota consideraçam. Mas determinada a certo tempo, por onde não pode ser geral e que abranja aos annos que ficam mais acima, nos quais já se usava desta cerimonia. Sam

---

<sup>104</sup> Chã, rasteiro, vulgar.

<sup>105</sup> Vitruvio, l. 1, c. 2. De facto, é essa a implantação das nossas igrejas: altar-mor a oriente, entrada a ocidente, ficando os fiéis a fixarem o oriente. O mesmo se diga das sepulturas abertas na rocha: pés orientados a Este e cabeça a Ocidente para que, na ressurreição final, fixassem Cristo a Oriente.

<sup>106</sup> Trata-se do *Decreto* de Graciano, distinção 11, cânone *Ecclesiasticarum*.

<sup>107</sup> Glosa ao *Decreto* de Graciano.

Boaventura, meditando na causa deste mysterio, deu algumas rezões, a saber: Pera o edificio ficar autorizado e alumiado com os primeiros rayos do Sol e confessaremos ser Deos Sol de justiça, assi como o he do mundo o quarto planeta<sup>108</sup>; pera nos desencontraremos de Judeos, que adoravam com o rosto no Occidente, como consta do oitavo capítulo de Ezechiel<sup>109</sup>.

**/39r/** Com estas rezões serem bem fundadas, pera dar saida à duvida, a que mais me contenta he a de S. Basilio<sup>110</sup>, o qual tem pera si que naceo esta devaçam das saudades e lembranças que deviamos ter do Paraiso Terreal, como primeiro solar da geração humana, o qual Deos fez pera a parte do Oriente com todos os mimos e regalos que podia ter a casa de prazeres, que elle com tanta perfeiçam edificou pera morada da vida, Santa e innocente, em que criou a nossos progenitores. A magoa de tanta perda nos faz virar os olhos e, com elles, o coração ao bem de que nos desterrou nosso Pay Adam, com engano da serpente, persuasam de Eva e grande appetite de honra, cuidando podia ficar semelhante a **/39v/** Deos se contra vontade sua comesse de fruita vedada.

Posto que Vitruvius entre os preceitos de Architectura não desse nesta delicadesa tam espiritual, quis a Virgem da Lapa que assi se alevantasse sua Santa casa, não se apartando a traça artificial da espiritual, porque, constando a todos que a Senhora não queria desamparar sua humilde pousada e que o lugar era tam estreito, que pera entrarem a cumprir com suas devações (tendo já cavado a terra) convinha ir de gatinhas; acordaram entre si de fazerem o edificio de tal maneira que, ficando a mesma Lapa dentro na igreja, obrigassem a Senhora com a boa vontade que lhe mostravam a não desprezar aos que já tinha prezos com as primicias **/40r/** de tam claros milagres. Começaram este edificio com tal arte, que a Capella Mor ou paraiso onde a Virgem appareceo, ficando no alto daquelle outeiro com as costas pera o Oriente (não querendo outros resplandores mais que os da Virgem), viesse brandamente decendo com oito degraus até o pavimento, de modo que do primeiro degrau do

---

<sup>108</sup> Portanto, segundo a cosmologia da altura: Sol, Mercúrio, Vénus e Terra, o quarto.

<sup>109</sup> *Ezequiel*, 8.

<sup>110</sup> *Liber de Spiritu Sancto*, cap. 27.

cruzeiro até o ultimo fica espaço de vinte e quatro palmos e deste até à porta principal setenta de comprido, tomando de largura trinta e cinco e meyo.

Em tal estreitesa agasalharam a Raynha dos Anjos, pera quem o mundo era pequeno templo; emsinando-nos que o amor he o que de nossas obras Doricas e humildes /40v/ faz offertas Jonicas e Corinthias diante de Deos, o qual, nacendo homem, não escolheo a soberba de Roma ou Babilonia, senam a humildade de Belem, pera fazer della Metropoli de toda a devaçam; e não contente ainda com a pobreza da terra, escolheo pera a primeira câmara de seu nacimiento huma lapa e pera o primeiro berço huma manjadoura; e tanto estimou a pobre casa, onde o mysterio da Encarnaçam se obrou em Nazareth, que, tirando-a por mãos de Anjos da terra e patria, a tantos beneficios ingrata, quis depois de varios sitios que viesse finalmente descansar em Italia, no lugar chamado Loreto, onde o famoso templo que a magnificencia dos Principes Christãos alevantou, de tal maneira foy /41r/ cercando aquella bemaventurada e Sacrosanta casinha, que lhe ficou dentro como coraçam que dà vida a todo o corpo<sup>111</sup>. Não foy menor a caridade com que naquelle tempo se edificou esta igreja, que não he pequena, considerando o lugar tam aspero onde a Senhora se deu a conhecer. E se Portugal não viera a tanta pobreza, de crer he que a Lapa fora outro Loreto na riqueza e Concurso dos povos que a ella haviam de acodir<sup>112</sup>.

Dos fundadores não sabemos, nem dos que deram traça pera que o penedo ficasse dentro como fina pedra de anel, com o qual mais realçasse o ouro da devaçam e reverencia com que os primeiros instituidores a quiseram cercar. A certesa que temos he ser esta Santa /41v/ Ermida annexa a Sam Payo de Carva e, depois de muitos annos estar sojeita sua administraçam ao Abbade, foy de novo apresentado nella o Collegio da

---

<sup>111</sup> De facto, segundo a tradição, a casa de Maria foi transportada por anjos para Itália, em Loreto, onde à sua volta foi construído um imponente santuário que a acolhe no seu interior.

<sup>112</sup> Cremos que foi deste passo que, oitenta anos mais tarde, o Padre António Cordeiro se inspirou para dar o título da sua obra: *Loreto Lusitano, Virgem Senhora da Lapa*.

Companhia de JESUS da Cidade de Coimbra, por confirmação perpetua do Papa Gregorio decimo tercio, no anno de mil e quinhentos e setenta e seis.

Esta mercê e graça, com outras muitas sem número, devem os Padres da Companhia ao Serenissimo e Christianissimo Rey Dom Sebastiam, Neto por via de seu Pay delRey Dom Joam terceiro e por via da May do Imperador Carlos quinto, criado desd'a flor de sua idade nos braços da Companhia e com a doutrina de seu mestre, o Padre Luis Gonçalves da Camara, /42r/ Filho de Joam Gonçalves da Camara, Capitam da Ilha da Madeira, e de Dona Leonor de Vilhena, Filha do Conde de Tarouca, Mordomo-mor DelRey Dom Manoel; a ele lhe foy entregue ElRey Dom Sebastiam, não tendo mais que seis annos, pera aprender a doutrina Catholica, ser amigo de justiça, bem inclinado aos pobres, liberal pera com os Vassallos. Muito deviamos dantes a ElRey Dom Sebastiam, muito mais obrigados lhe ficamos com nos entregar a Virgem da Lapa, fazendo-nos Capellães seus e fiando de nós o acrecentamento de sua Romagem e a perfeição do culto divino, o qual se não pode negar foy sempre avante com grande proveito das almas, em que de proposito se emprega o estatuto de /42v/ nossa Religiam. De modo que as duas milagrosas imagens da Virgem Maria (a saber, Carquere e Lapa) que a Beira tem sitas, ambas no Bispado de Lamego, se entregaram aos Padres da Companhia, como certos penhores do amor que esta Senhora lhes tem pello muito que no mundo a servem, dando-a a conhecer com sua doutrina a todas as nações tam notoria.

### *CAPITULO IIII*

*Como foy crescendo a devaçam do povo  
pera com a Virgem.*

**T**ANTO que os Religiosos da Companhia tomaram posse daquelle paraíso, que dantes era cerrado mato, começaram /43r/ de lavar a terra com o arado da Santa Cruz, pera que brotasse com fruto espiritual e divino, dando em certos tempos do anno Padres que

aliviassem os peregrinos, ouvindo-os de confissam, pera com a limpeza de suas almas agradarem e renderem mais a Virgem à suas deprecações; e no tempo de Coresma, acodem com pregador, que não sò na Santa Ermida haja de semear a palavra divina, mas de quem os lugares visinhos se hajam de valer em tempo tam rendoso. Quam grande seja a colheita deste campo, do Ceo favorecido, se conhece pellas muitas pessoas que de varias partes, neste e no mais tempo, concorre a negociar por esta via com Deos, e acham ser a mercancia tam proveitosa, que [a]tè os sacerdotes, /43v/ pera remendar a vida corporal por meyo da devaçam dos Romeyros, se ajuntam de diversos lugares ao dizer das missas, que são tantas, que por rol se acha chegarem já em hum anno a tres mil e duzentas e quatro; pera que não falte bem algum, nem temporal, nem espirital à vista desta Senhora.

Porem, de toda esta sementeira, não abrange aos Padres da Companhia, nem a colheita do Altar, nem o Pulpito, nem Confessionario, porque, conforme a seu instituto, não podem levar dinheiro nem prémio algum por pregaçam, missa ou confissam, do que nada duvida os que têm perfeita notícia de sua Religiam. De graça communicam as graças do Ceo. E pera que as almas ficassem mais fertilizadas, participando /44r/ do thesouro da igreja, alcançaram de Sua Santidade Indulgencias e Jubileu pera os que em certos dias viessem bater a esta Porta da Gloria. Porey aqui o Breve e concessam do Papa Paulo V, pera que mais facilmente venha a notícia dos que lerem esta historia; diz assi:

*A Santidade do Papa Paulo V, hora Presidente na igreja de Deos, pera acrecentamento da devaçam de todos os fieis Christãos, que confessados e comungados visitarem a Ermida de nossa Senhora da Lapa, que està no Bispado de Lamego, em qualquer dia das festas seguintes, a saber: na festa da Assumpsam da Virgem nossa Senhora, que vem aos quinze dias do mes de Agosto, ou na festa do Nascimento da mesma Senhora, que vem aos oito de Setembro, ou das oitavas dos ditos dias, ou na /44v/ festa da Anunciaçam, que vem aos vinte o cinco de Março, começando das Vesporas de qualquer das ditas festas e acabando atè o Sol-posto do dia da festa ou oitava: concede sua*

*Santidade a qualquer fiel Christam, que no dito tempo confessado e comungado e, arrependido de seus peccados, dentro na dita Ermida e igreja da Senhora, rogar a Deos devotamente pella Paz e uniam entre os Reys e Principes Christãos e pella destruição das heresias e pella exaltação da Fé Catholica, que alcance Indulgencia e Jubileu plenario de todos seus peccados. A qual Indulgencia Sua Santidade concedeo em Sam Marcos de Roma, aos dez de Fevereiro do anno de mil e seiscentos e doze.*

Os dias que aqui se contêm são os principais da Romagem, onde, /45r/ como a feira, copiosamente vem infinita gente por causa do muito que nestas ocasiões grangeam. Ve[e]m-se os caminhos cheos, cobrem-se os campos de innumeravel povo e, pera os que se detêm em suas novenas, alevantaram os mesmos Padres da Companhia varios aposentos, assi de logeas como de sobrados, conforme a qualidade dos que mais de espaço querem gozar da vista e clemencia com que a Virgem os empara e consola.

Na verdade que move muito ve-los de joelhos andar à roda da igreja, como se temessem estar em pè à vista das paredes daquelle paço Real! Devia de nacer esta penitencia ou devaçam do milagre que succedeo a huma moça do termo de Villa Real, que, sendo derreada, quasi /45v/ a rastos levada, de grande fervor e confiança dando huma volta à Ermida, se alevantou perfeitamente são. Outros exercitam a mesma devaçam dentro da Ermida. Outros tantos, que chegam a certo cruzeiro donde assi de Leste como Oeste começa já aparecer o limite de seus desejos, lançados logo por terra, vêm daquela sorte, com gosto tam humilde, atè entrarem no porto de suas saudades, achando que fazem pouco ao muito que devem, se vierem somente descalços, como Moyses<sup>113</sup> ver o espinheiro tam mysterioso ardendo em amor de seus devotos, e assi, com joelhos em terra, dão fim à sua peregrinação; e achando-me eu ali na festa de Setembro, me certificou hum nosso Religioso, que frenquentara /46r/ mais vezes aquelle lugar, ter visto hum Romeyro, ao qual tanto que

---

<sup>113</sup> Êxodo 3.

apareceu a casa da Senhora, não satisfeito com vir de joelhos, afastou a roupa toda e, com a carne por cima de pedras asperas e agudas, fazendo de seu sangue púrpura com que as matizava, andou todo aquelle espaço de terra que he grande, até entrar com o corpo, onde muito dantes estava com a alma e coração.

O toldo de Ermida tem não pequena graça, porque todo se vê armado com argumentos de devaçam e agradecimento das muitas mercês que a Virgem tem feito aos que della se valeram; Lenções e mortalhas penduradas das traves servem de panos de seda ou bandeiras que estão no alto arvoradas contra /46v/ as doenças e morte de quem se alcançou a victoria; são os padrões da memoria, que Deos e sua May quer tenhamos dos beneficios com larga mão despendidos. Pollas paredes vêm decendo bordões e muletas em que os braços e pes dantes se estribavam, quando estavam presos com grilhões de suas enfermidades e, livres por intercessam da Virgem, com voz clara apregoam louvores de sua Rainha.

## CAPITULO V

### *Offertas que alguns devotos fizeram à Virgem da Lapa.*

**P**ERA maior bem nosso quer Deos que nos mostremos agradecidos, com /47r/ algum reconhecimento do muito que lhe devemos, como a direito Senhorio, ficando mais obrigado pella boavontade com que lhe fazemos offercimentos de nossa pobreza, sendo as offertas como rios que vam ao mar<sup>114</sup>, donde com maior força tornam a nacer por veas que nas entranhas da terra escondeo o criador della. Por esta causa mandou que dos frutos e gado ouvesse primicias e dizimos, com os quais nos sojeitassemos ao autor de todo o bem. E quando Moyses acabou a fábrica do Tabernaculo, segundo a perfeiçam que no monte Sinay lhe fora mostrada, não rejeitou as dadivas que as tribus offerceram, pera maior autoridade do lugar que Deos escolhera como

---

<sup>114</sup> *Eclesiástico* 1.

morada mais visinha a seu /47v/ povo, que sempre trazia diante dos olhos. Começando a tribu da Judá, como mais nobre, a abrir os cofres da devaçam com a chave de liberalidade e bom ânimo do culto divino; e o mesmo Senhor no capítulo setimo dos *Numeros*<sup>115</sup> mandou aceitar e pôr em lista e Cronica, não sò as pessoas, mas o numero e pezo de cada huma das peças, mostrando neste assento das cousas offerecidas quanto festejava a oblaçam dos que cordeal e voluntariamente lhe faziam serviço de seus bens.

Custume antiguo foy este de ennobrecerem os templos com dadivas preciosas, os que tinham posse pera declarar a alma com a doação que faziam. E quando não quizeramos pedir exemplos à gentilidade /48r/ dos muitos gastos que os Reys, os Nobres e o povo faziam aos templos de seus idolos, bastava correremos com a memoria as igrejas da Christandade, as quais acharemos alumeadas com alampadarios de ouro e prata, com castiçaes de vario metal e feitio, com armações de sedas, telas e borcados, com coroas de fina pedraria guarnecidas, com ornamentos de Altares, de galhetas, de Custodias, em tanta quantidade e com tanta perfeição lavradas, que bem se mostra em todas ellas o ânimo, a Religião, a devação, a reverencia em que os autores das offertas parece que à porfia dezeitavam competir no modo, arte, grandeza, preço e multidão com o mundo todo, se cuidassem que sò na gentilidade se alevantavam bandeiras /48v/ de superstição com armas da Idolatria, de coroas e poderosos cetros reverenciada.

Na nossa Ermida da Lapa acharemos o feitio da piedade Christà com grandes ventajes ao ouro de Sofala e pedraria de Ormuz, porque a Virgem, como em tudo he grandiosa, sabe melhor estimar a pouquidade bem offerecida que a riqueza de soberba esvaecida. Não se mostrou Artoxerxes mais soberano em aceitar as dadivas dos poderosos<sup>116</sup>, nas Cidades em que hia entrando, do que a alegria e bom rosto com que recebeo do rustico aldeão as mãos cheas de agoa tomada no rio, pera prova daquelle rifão tão fidalgo e cortezão: *Que não dà quem tem, senão*

---

<sup>115</sup> *Números* 7.

<sup>116</sup> Plutarco.

*quem quer bem.* Neste preço andam as ricas pouquidades /49r/ com que os peregrinos abrem seus peitos e corações diante da Sanctissima Virgem, que com grande gosto seu lhe aceita o pedacinho de pão, o pintainho, a franga, o real que com estremada vontade tiram da bolsa da pobreza; e he tanta a frequêcia, que se tem notado não estar nunca a igreja sem alguma gente, nem o Altar e capelinha da Senhora sem alguma esmola.

Estas nem sempre ficam no ultimo preço, porque achamos que hum devoto da Virgem natural de Viseu, por se achar prezo da Senhora com muitos beneficios, quis tambem prender suas lembranças com huma cadea de ouro que passa de vinte mil reis. Outro natural de Ceroliquo offereceo pera sempre huma custodia mui capaz, com a qual /49v/ se dà o Santissimo Sacramento aos que alli recebem o pão divino, depois das consciencias purificadas no Jordam da penitencia.

O Senhor Dom Joam Coutinho, Arcebispo de Evora, sendo Bispo de Lamego, a quem pertence esta sagrada imagem, fes serviço à Senhora de humas galhetas de prata e huns castiçais do mesmo metal, data<sup>117</sup> digna de Senhor Ecclesiastico e devoto Capellão da Virgem.

Frey Luis Alvares de Tavora, Baylio de Lessa, da Ordem de S. João, concertando-se com a morte que já lhe tinha entrado das portas adentro, em lugar de luctuosa<sup>118</sup> d'antemão e antes de tempo procurava a mesma pessoa do Baylio, se tornou vazia pera fora por se /50r/ elle oferecer à Virgem da Lapa, a quem, depois da saúde alcançada, mandou bater hum alampadario de prata de cem mil reis, pera mandar de presente à Senhora, com hum vestido de tela bem lavrada; pera que todos conheçam ser elle também dos cativos de tal redemptora, por cujo meyo alcançou estender-se-lhe mais o curso da vida que, por idade e perigosa doença, mostrava estar já em passamento e, por haver pouco, soccedeo ô caso lhe dêmos entrada neste capitulo, se porventura ao diante não fizeremos menção delle.

---

<sup>117</sup> Isto é, *dádiva*.

<sup>118</sup> Lutuosa: direito que os donatários recebiam por morte dos seus rendeiros ou que os bispos recebiam por vagatura de alguma igreja da sua jurisdição.

Como faremos largamente de Diogo Soares, Veador que foy do Senhor Arcebispo Dom Aleixo de Meneses, porque a Virgem o livrou da morte naquella sua afamada /50v/ jangada que, por ser tam milagrosa, se julgou merecia paynel particular. Este Diogo Soares deu hum a lampada de prata, quatro frontais de cetim branco, com canefas e franias de cetim de ouro encarnado, vestimenta do mesmo corte, bolsa com seus corporaes, veo de cetim borslado com as armas de seu amo, o Arcebispo, a quem a Virgem atè por este meyo quis autorizar com a devação do seu Veador.

Outra alampada he memorial do milagre que a Senhora obrou com Joam Dias, natural de Aveiro, como ao diante contaremos mais devagar. Outra he hum data<sup>119</sup> de hum Indiatico natural de Freixo, querendo com esta prenda obrigar à Senhora ao não desemparar /51r/ em seu Reyno natural, pois da India o trouxera prospero em navegação e fazenda.

Tem a Senhora tres coroas de prata douradas, com pedras de bom e illustre lavor, pera não haver naquella caza couza que não sirva de luz, pois tudo està dedicado à Virgem, cujo vestido he feito do mesmo Sol, calçado de Lua, Coroa de Estrellas, como testimunha quem a vio entre suas revelações, o glorioso e mimoso Evangelista S. Joam<sup>120</sup>. Não descobrimos quais fossem os autores destas datas, esperando em melhor Reyno a memoria de seus nomes escritos no livro, cuja tinta e rubricas nunca se apagam por serem de vida eterna, onde estão alistados por notarios da gloria todos os predestinados.

/51v/ A rezam pede que fique neste Catalogo o Nobre e Real Collegio de Coimbra, em tudo grandiozo conforme ao braço de seu Pay, Senhor e fundador, o Serenissimo Rey Dom Joam terceiro, donde lhe vem a liberalidade com que acode ao temporal e espiritual, conservando em tudo os brios generosos de seu autor. E se pera com outras pias obras tem mostrado sua magnificencia, não se mostrou menos pera com a Virgem da Lapa no anno de mil e seiscentos e trinta e cinco, quando por industria de seu Reytor, o Padre Antonio Mascarenhas, se penduraram

---

<sup>119</sup> Isto é, *dádiva*.

<sup>120</sup> *Apocalipse* 12.

nas paredes daquella Santa Ermida vinte e quatro paineis, que dessem a conhecer ao povo a Misericórdia com que a Virgem acodia a fazer milagres, os /52r/ quais sem os retratos da pintura estavam como em sepulturas, comidos do esquecimento envejoso a toda a gloria e fama. Os gastos sahiram da liberal devação do mesmo Collegio, entrando nelles o trabalho das mãos do Oficial, que, por ser Religioso da mesma Companhia, parece da mais graça as pinturas, das quais na verdade os que andam ha tantos annos triumphando no carro da fama poderam louvar o temperar das tintas, o menear do pincel, o accommodar das cores, a propriedade das roupas, a viveza dos rostos, o natural das figuras, o talho dos corpos, a symetria dos membros, a graça dos sembrantes, a elegancia dos cabelos, as linhas da perspectiva, com mais successo que os seus quadros no /52v/ mundo tam famosos, com os quais esgotavam as bolsas dos Emperadores e Principes, sò pera alcançarem hum painel historiado com a mão e habilidade daquelles insignes artifices.

Se Zeuxis enganou com as uvas pintadas aos passarinhos que as vieram depenicar; e Parrhasio a Zeuxis<sup>121</sup> com a toalha, ficando na vitoria tam aventejado quanto vai de homem a bruto, ambos sahiriam da contenda enganados com a cestinha da ditosa Joana<sup>122</sup> e pegariam das maçarocas, enxotariam o gado que se vinha chegando, tam delicado em tudo està o pinsel. Apelles e Prothogenes<sup>123</sup>, no adelgaçar das linhas, não teriam contenda à vista das que aqui se estendem, sem falha das cores que vão fogindo dos /53r/ olhos. O Anjo na fermosura, o diabo na fealdade, o pastor na feição agreste, a morte na cor medonha, o mar no azul ondoso, tudo em seu natural, ou seja, grande ou pequeno, achareis que realça e campea; e com a pintura, o feitio e o preço della, porque sò nas tintas se despenderam alguns vinte mil reis, deixando outras miudezas, sem as quais a perfeição de huma tam insigne obra não fica de todo cabal. Os paineis todos passam de mil cruzados, avaliados ainda

---

<sup>121</sup> Plínio, livro 35, cap. 10.

<sup>122</sup> A pastorinha Joana aqui referida é a mesma que em outras partes do livro aparece com a grafia Joanna.

<sup>123</sup> Plínio, livro 35, cap. 10.

pello preço de quem dezeja mais servir de graça, que encher as gavetas com a devida e justa paga. Logo se julga ser data e offerta do Collegio de Coimbra<sup>124</sup>.

/53v/ **LIVRO III**  
*Da Virgem da Lapa*  
**CAPITULO I**

*Em que se declara que cousa seja milagre?*

**C**RIOU Deos o Mundo com tanta ordem, pezo e medida, que todas as cousas, alem da inclinação natural que lhes deu, as sogeitou de tal maneira à sua divina vontade, que ainda que não tenham sentido, nem rezam, com mais promptidão lhe obedecem do que o fas o ginete bem adestrado, dobrando-se todo a qualquer meneo da redea, com que o governa o mestre e cavaleiro que o ensinou; e do modo com que a /54r/ nau e galeão, entre as ondas do Mar Oceano, vira a proa com toda a carga que leva ao rumo e paragem pera onde o leme a chama, segundo a vontade do piloto, a quem o mesmo leme se inclina.

Melhor alcançaremos esta filosofia, se em particular entraremos como o entendimento no sitio, lugar e natureza com que Deos formou as partes deste mundo, onde seu poder, sabedoria e providencia como em fermoso e claro espelho se estão vendo. O fogo sobe ao alto, tomando assento sobre o ar, onde as nuvens se penduram como tanques de agoa,

---

<sup>124</sup> António Leite exalta o pintor além dos méritos reais, só faltando dizer que as figuras são de carne e osso, passadas a tão maravilhoso políptico. Apesar disso, o Padre António Leite não revela quem foi o pintor. Trata-se de Manuel Henriques, jesuíta leigo, a quem chamavam o pintor santo, nascido na Vila de Nogueira do Cravo e vindo a morrer na Lapa em dois de Setembro de 1654, com 61 anos de idade e 37 de jesuíta (conf. LIMA, J. da Costa – “Artistas velhos e novos”, *Brotéria*. Vol. XXXII, fasc. 4, abril, Lisboa, 1941, pp. 405-406). As 24 pinturas encontram-se descritas em CORDEIRO, António – *Loreto Lusitano, Virgem Senhora da Lapa*, Coimbra, 1719, pp. 19-22. Atualmente apenas existem no santuário dois ex-votos que podem ser reformados de dois originais perdidos.

que a seu tempo fertilizam a terra, a qual, por ser elemento menos nobre, ficou abaixo de todos pera proveito do homem, sendo assi que a natureza deste /54v/ elemento pedia ficar afogado debaixo do mar, coma as demais partes sobre as quais elle nada, sendo jà tam costumado a se encolher nas concavidades em que Deos o encarcerou, que lhe fica como natural ver sobranceiros a si montes e rochedos, que pera o bem commum dos homens e animais deixou sem enveja alguma descubertos, contentando-se com os acometimentos que de contínuo està fazendo nas prayas, como quem dezeja estender sua jurisdição ao que lhe era devido, se não fora a obediência que se lhe pos em não passar as areas que seu criador por limites e arrayas lhe assinou.

Consideradas as creaturas humanas desta maneira, veremos todas ellas dispostas tanto por ordem, /55r/ que em cada genero aja effeitos dependentes de suas causas; e estas todas sogeitas com grande obediencia à primeira e suprema causa de todas, que he Deos, em respeito do qual nenhuma maravilha se pode dizer que he contra a natureza das criaturas, pois a todas he natural obedecer a seu autor, como ensina S. Thomas<sup>125</sup>. Fica logo sendo maravilha e milagre quando o mesmo Senhor fas passar as creaturas alem do que lhe era devido, segundo a natureza de cada huma.

Cousa natural he aos rios levarem sua corrente ao mar, a quem todos pagam tributo; milagre seria se algum parasse sem correr seu caminho direito, ou tornasse pera tras, mudando a vea d'agoa pera a fonte donde nace, como aconteceu /55v/ ao famoso rio Jordam, quando por elle ouveram de passar os Filhos de Israel, levando a Josue por capitão seu<sup>126</sup>, parte das agoas se foram recolher no mar, as outras, que da nacença deciam, não continuaram e seguiram as demais que no mar entraram, mas foram se alevantando em monte e tam alta serra, que de cidades distantes se podia ver como se vê hoje de muito longe a grande e afamada Serra da Estrela. De modo que a maravilha esteve em Deos fazer nestas agoas o que lhe a ellas não era devido, segundo sua natural inclinação, sendo-lhe,

---

<sup>125</sup> D. Thomás I. p. q. 103 a 106.

<sup>126</sup> *Josué* 3.

porem, mui natural obedecer a Deos em passarem os termos da propria habitação.

Polla mesma causa se chama milagre tornar a natureza atraz e /56r/ dar vida ao que já era morto, porque, soposto que seja cousa ordinaria aos viventes sensitivos e racionais sahirem ao mundo com vida, dependente da forma que o author da natureza lhe deu, à qual nos homens chamamos alma; comtudo depois que esta, huma ves ou por morte natural ou violenta, se aparta do corpo, já lhe não fica poder humano pera tornar a morar na pouzada que deixou e, se ouver de vir, convem que acuda o braço divino, sem outro trabalho mais que ser vontade sua dar de novo vida a quem com o apartamento d'alma a tinha já perdida, e a este milagre chamamos Resurreição.

A mesma maravilha achamos na restituição dos olhos, ou no cego que assim naceo, ou naquelle que /56v/ por algum desastre os perdeo, ficando a cobrança delles fora do poder e arte da Medicina, porque, então, sòmentes o autor e mestre de tão delicada obra, como he a forma e guarnição de hum olho, a pode de novo restaurar e restituir. O que dizemos do olho, se acha tambem verdadeiro na reparação dos mais membros, a quem nem Medicos, nem ervas, nem artificio algum pode valer sem particular socorro do Ceo.

Nestes milagres entram os endemoninhados, quando Deos, por seus occultos juízos, permite que os demonios se metam nos corpos dos homens e molheres, detendo-se nelles pello tempo e segundo a licença que lhes deram, contra os quais nada montam forças humanas, /57r/ nem ha remedios naturais, tirando os exorcismos da Santa igreja Catholica, aos quais Deos os fas obedecer, quando se fazem com a devida perfeição – e muitas vezes diante das imagens dos Santos, principalmente da Santissima Virgem Maria, como ao diante veremos.

De toda esta doutrina, consta que sò Deos pode fazer milagres, uzando das criaturas como de instrumento, com que acode a quem, estando bem disposto com a fê que tem do poder divino, se quer valer da primeira causa de todo o bem pera que lhe acuda, pondo de parte a ordem das causas naturais, trazendo-as pella sogeição obediencial que tem ao

que lhes não era devido; como no tempo de Josuè, quando a seus rogos os Ceos obedeceram /57v/ com tanta presteza, que, refreando de repente o impeto com que hiam correndo pera a noite, fizeram o maior dia que até àquelles tempos se tinha visto, dando bastante luz pera tão generoso capitão alcançar de todo a vitoria que tinha começado contra os inimigos de Deos, o qual, por dar gosto a seu servo, mandou parar o Sol; e pera que todos soubessem que fora isto obra divina à petição de seu vassalo, dis a Escritura que obedecera Deos à voz humana, quando Josue bradou ao Sol que não fosse mais avante *obediente Domino voci hominis*<sup>127</sup>, uzando da palavra *obedecer* pera mostrar a vontade e pressa com que Deos acodia a quem com tanto gosto o servia.

Não podemos negar que o /58r/ demónio, muitas vezes pera enganar, fas tais maravilhas que parecem milagres, ficando muito aquem da natureza do milagre; porque tudo como de imigo he fantastico e aparente, assy pera se acreditar conforme à soberba que tem, como pera com esta magia enfeitiçar aos que pouco entendem, ou se bem o conhecem, por algum interesse humano se dedicam a seu serviço, começando nesta vida a ter por Senhor a quem por toda a eternidade serà tyranno e atormentador.

Tal o demonio Astaroth, em certa Cidade de Armenia<sup>128</sup>, o qual não sò com oraculos do que estava por vir, mas tambem com falsas mostras de fingidos milagres, fazia crer que dava vista a cegos, pès e braços a mancos e aleijados, acreditando-se /58v/ com estas aparencias e permitindo-o assim Deos pera castigar aquella gentilidade, até que chegou o Apostolo S. Bertholameu, que com a luz do Evangelho deu a conhecer o Principe das trevas, prendendo-o, de tal maneira que nunca mais uzou de seus embustes e arditosas mentiras.

A muitos dos feiticeiros podemos conceder verdadeiras maravilhas, mas não verdadeiros milagres, tais foram as obras espantosas com que no Egypto, à vista do povo, sahiram os sabios de Pharaó, mostrando

---

<sup>127</sup> “Obedecendo o Senhor à voz do homem” (*Josué* 10).

<sup>128</sup> Petrus Ribadan, in eius vita (Pedro Ribadan, na sua vida).

verdadeiras raãs e serpentes<sup>129</sup> subitamente com seu artificio produzidas, não sendo nenhuma dessas milagrosa; porque tudo era conforme à natureza, de cujos materies se ajudaram pera sahirem com /59r/ serpentes, misturando, como dizem os filosofos, as causas activas com as passivas, assi como vemos por vezes com gottas de chuva nacerem logo çapos e outros animais, que de materia bem disposta vão sahindo, tanto que a agoa molha a terra, may de semelhantes maravilhas.

Com isto està ser muita verdade o que Christo no Evangelho ensinou, a saber: que no ultimo dia do juizo muitos aviam de requerer perdão e misericordia<sup>130</sup> com lhe lembrar quantos demonios tinham lançado dos Corpos e quantas profecias e milagres nesta vida em seu nome tinham feito; e já que assim os tinha penhorado com sinais tão claros de amor, que não serà rezão que naquelle aperto os desempare, /59v/ condenando-os a penas eternas. Allegaram naquelle tempo com verdadeiros milagres, feitos, porem, não à instancia de sua vida, senão pera honra do Santissimo nome de Jesu<sup>131</sup>, como fazia o Judeu de quem o Apostolo S. Joam se agravou, vindo-se queixar a Christo, porque em seu nome punha os demonios em fugida, o que tudo acontecia pera que os homens, vendo a força do nome divino, dessem credito ao Verbo encarnado, que tais maravilhas obrava. E quando leremos em S. Joam<sup>132</sup> que Deos não ouve, nem defere à petição de peccadores pera effeitos milagrosos, como dizia o cego a quem Christo dera vista, ha se de entender, por rezão dos próprios merecimentos, que quando estes não têm valor pera alcançarem o comprimento /60r/ de sua oração, tudo se ha de attribuir à misericordia divina, a qual, pera gloria sua e proveito do que pede ou dos que presentes se acham, acode liberalmente com semelhantes beneficios.

Assy que toda a força do milagre se ha de attribuir ao criador da natureza e não às criaturas, ainda que sejam os mesmos Anjos, como ensina o Doutor que dos tais espiritos tomou o sobrenome de Angélico<sup>133</sup>;

---

<sup>129</sup> *Êxodo*, cap. 7.

<sup>130</sup> *Mateus* 7.

<sup>131</sup> *Marcos* 9; *Lucas* 9.

<sup>132</sup> *João* 9.

<sup>133</sup> São Tomás I, p. q. 110, a. 4.

porque também a estes como aos demais Santos cumpre o Senhor a vontade, acodindo às súplicas que lhe fazem, ou estando já em sua divina presença, ou por sua intercessão os desta vida rogam e devotamente importunam a Deos em suas aflições.

Desta Theologia se colhe que /60v/ as imagens dos Santos e da Rainha deles, a Virgem Maria, não tem força natural para sahir com obras espantosas, quais logo veremos, senão que Christo seu Filho, verdadeiro Deos e Homem, para acreditar a virtude de seus Santos, para mostrar o amor que lhes tem, para ensinar e fazer certo ao povo que ouve aos seus escolhidos, que favorece a fê e confiança dos supplicantes, que quer em terras determinadas ter alguns lugares como valhacouts<sup>134</sup> das miserias humanas. Por estas e outras rezões, reservadas a sua divina providência, acode aos que lhe pedem mercês, por intercessão de sua May Santissima; e para acender mais os desejos e devação do povo, descobre no tempo que melhor lhe parece /61r/ algumas imagens desta Senhora, para que a novidade do caso esperte os entendimentos a cuidarem que não foy acaso estarem tantos annos como em thesouro escondidas, senão particular mimo do Ceo, para que as vontades com especial amor seguissem e procurassem alcançar os benefícios, que de semelhantes aparecimentos, como de novas fontes, arrebetam com veas de agoa a todos salutífera; ou seja, para o bem das almas, que he o principal, ou para proveito dos corpos, donde nos nace grande confiança de avermos de alcançar de Deos a maior obra e maravilha de todas, que he a justificação e salvação de nossas almas, quando com tanta facilidade nos acode aos perigos do corpo, que em breve ha de perecer /61v/ e sòmente nos foy dado para com elle grangearemos os bens eternos, dos quais será participante quando for sogetto à rezão, enquanto vay obedecendo à ley divina.

## *CAPITULO II*

*De alguns mudos  
que a Virgem sarou.*

---

<sup>134</sup> Morada ou lugar seguro (cf. abrigo, asilo, esconderijo, refúgio).

**O**S mudos serão os primeiros que neste coro de louvores começaram a levantar a voz, cantando as grandezas da Virgem Maria, a qual mais alevantada fica quando nos calamos, espantados das maravilhosas virtudes e do muito que esta Senhora pode pera com Deos, fazendo dela trono de sua misericordia. Atè /62r/ aos gentios abrangeo tão delicada doutrina, quando ordenaram que as aves do sacrificio se offerecessem dentro no templo sem lingoa, não sò pera ensinarem o silêncio que se deve ter nos lugares sagrados, mas tambem pera mostrarem que, diante de grandes Santos, o mais escolhido louvor he calar. E por esta causa no Egypto se adorava por Deos hum idolo chamado Harpocrates<sup>135</sup>, cuja pintura, com dous dedos fechando os beiços a modo de cadeado, ensinava aos Romeiros o grande silencio que deviam ter diante dos Deoses, pois a lingoa humana ficava sempre muy curta pera o muito que se devia a tanta divindade. A este tom acharam que convinha consagrar a mais fermosa das flores, que he a rosa, /62v/ ao mesmo Idolo, buscando nesta bonina condições de segredo que nem todos alcançam. Com ella sinificavam que nem a todo tempo e lugar era lícito e decente abrir o peito e boca, onde o segredo enthesourou as perolas de maior estima, que são as palavras aperfeiçoadas entre as mãos da consideração, porque nenhuma das flores, nem mais a proposito, nem com mais graça se vay desenrolando do que he a rosa, ao princípio como avarenta da natural fermosura, de que ao diante fica tão prodiga, que a todos com suas virtudes, sem differença de pessoas, linda e ayrosamente se communica.

Posto que o calar a tempo seja louvor e elegante poesia, conforme a David, quando disse que a Deos /63r/ eram competentes os hymnos e canções de Sião, ou o silêncio, como outros querem<sup>136</sup>, comtudo, quando a rezão o pede, estima Deos tanto a rudeza de nossos elogios, que atè dos meninos, por falta de idade mudos, se serve pera lhe cantarem laudes. Assi querem alguns que socedesse quando os Filhos de Israel, sahindo de

---

<sup>135</sup> Rader in Mart:

<sup>136</sup> *Salmo* 64.

Egypto, depois de passarem o mar vermelho, aberto em doze estradas conforme as doze tribus, e depois do naufragio com que a mão poderosa de Deos afogou seus inimigos, repartidos em còros, Moyses<sup>137</sup> com os homens e Maria, sua Irmã, com as molheres, ao som de instrumentos musicos entoaram louvores a Deos, ficando todos de repente tão destros, que cada hum podia ser mestre /63v/ da Capella. Os tipres desta musica foram milagrosos, anticipando os meninos de peito o uso da lingoa e rezão pera meterem em solfa suas chançonetas entre os demais cantores, comprindo à letra a verdade do Profeta, quando disse<sup>138</sup> que, pera confusão de seus inimigos, tomaria Deos por musicos os que ainda andavam como reliquarios de amor e saudades aos peitos de suas amas, faltando-lhe a lingoa pera os suaves nomes dos pays e mays e sobejando-lhe a destreza de fallar pera apregoarem as vitorias e triunfos de seu Deos.

De Quintella, lugar mais vizinho da Lapa, nos podera vir o primeiro exemplo com que a Virgem começou a penhorar as vontades dos que tão perto moravam pera /64r/ cada dia receberem mercês de sua grandiosa mão, se já não tiveramos dado assento a Joanna, pastora ovelheira, que foy a primeira que experimentou quam proveitosa era a companhia da May de Deos, pois a deixou com falla, sendo ella de nascimento muda. Mas já que fica com seu premio, demos entrada a quem, assy como o nascimento, deixou pobre de lingoa, o bautismo lhe pronosticou ditosos sucessos com o nome de Gabriel, embaixador do maior beneficio que Deos fes ao mundo<sup>139</sup>, qual foy a Encarnação do Verbo eterno, acrescentando elle, por causa de agradecimento, o sobrenome de Lapa, no qual andasse viva sempre a memoria do milagre; e prezando-se tanto deste renombre como as illustres familias /64v/ do Reyno, dos que seus antepassados, a poder de braço e serviços feitos aos Reys, lhes plantaram pera que a sombra destes, como de frescas arvores, os vindouros sem trabalho seu, mas enriquecidos com honras, brandamente repouzassem.

---

<sup>137</sup> *Êxodo* 15.

<sup>138</sup> *Salmo* 8.

<sup>139</sup> *Eucæ* 1.

Caminhava Gabriel da Lapa, fundador dos que depois tomaram este apelido, pola Serra do Carneiro, vindo – parece – de Amarante, patria sua, quando lhe apareceu a Senhora, sem magestade de Rainha, mas com trajo de Romeira cansada; e como se não soubesse que elle era mudo, travou pratica sobre a cabacinha que Gabriel levava pera alívio de seu caminho, achando-se de repente provido de clara voz, com a qual disse hir vazia a cabaça sobre que lhe fallavam; e pera que /65r/ não duvidasse de quem tanto bem lhe fizera, a mesma Virgem lhe disse que viesse a sua casa, perguntando pella Senhora da Lapa, o que elle comprio, aparelhando-se primeiro pera o caminho com dous círios que de presente trouxe à Virgem, fazendo-se pregador do lugar, do encontro, da prática que com ella tivera quando lhe quis fazer tão estranha e assinalada mercê.

Não he de menos estima o que socedeo a Francisco da Lapa, de seu nascimento mudo e de muitos por tal conhecido, mas, pello milagre que nelle se obrou, de todos muito mais enobrecido. Continuava no lugar da Lapa, não com pequenas esperanças de tambem alcançar na propria casa da Virgem a saúde que ella na Serra tinha concedido ao /65v/ sobredito Gabriel; e como aos mudos não falte o entendimento pera cousas mui delicadas, o que mostram com seus asenos, dos quais fazem lingoas, não sò pera proveito corporal, mas ainda pera o espirital, confessando-se com a inteiresa e perfeição necessaria ao Sacramento, dava o nosso Francisco mostras de seu bom ânimo pera com todos, alegrando-se e ajudando a festejar aos peregrinos em suas danças e balhos<sup>140</sup>, ao som dos adufes, violas e pandeiros, como ordinariamerte se fas em semelhantes ajuntamentos. Procedia, porem, nestas suas alegrias com tanta cautella e respeito da Virgem Maria, que a obrigou a lhe valer com o remedio que sò do Ceo lhe podia vir; era a sua devação tanta, que /66r/ nunca no sabbado podiam acabar com elle [sem que] desse duas voltas no terreyro, onde os outros, sem distincção de dias, devotamente festejavam a Senhora da Lapa; andava na follia huma molher que por graça importunou o bom mudo que sahisse com ella a balhar, o qual, assi por ser sabbado dedicado

---

<sup>140</sup> Isto é, *bailes*.

à Senhora, como por julgar não ser conveniente sahir a campo, sò com tal parelha, não veyo no que lhe pediam, recolhendo-se com o coração e corpo à Senhora, de quem esperava, como galardão do amor que lhe tinha, a medicina de seu mal; foy ella servida em pago de tanta devação e modestia ao dia seguinte, que era Domingo, dar lingoa a quem sò pera louvores da Santa Virgem dezejava. Foy esta maravilha /66v/ pública a todos os que alli assistiam, tratavam e conheciam a Francisco, dantes mudo e agora feito orador com nova eloquencia e linguagem, sobre as mercês da soberana Rainha recebidas.

### *CAPITULO III*

*De outros mudos e surdos a quem a Virgem restituiu  
perfeito uso de seus sentidos.*

**O**BEM fazer na May de Deos pera com os peccadores de coração arrependidos e dispostos ao recebimento das mercês divinas, he como o azeyte da molher que, por virtude do Profeta Eliseo, nunca parou senão quando faltaram vazilhas onde /67r/ se recolhesse, mostrando que da sua parte era perenne a fonte da boa vontade, que sò da nossa faltavamos com a capacidade bastante pera agazalhar tantos beneficios. Não he menos a liberalidade da Santissima Virgem em acodir aos que estão vasos aparelhados pera nelles empregar a inclinação que tem de nos ajudar. Não foram sò dous os mudos que por merecimentos da Virgem alcançaram lingoa e falla perfeita; outro achamos, do qual testemunha hum natural de Penamacor de oitenta e dous annos de idade, que o conhecera falto de voz e, vendo-o com muita devação de joelhos rodeando a Ermida da Senhora, depois de algumas voltas o vira e ouvira chamar pella Virgem Maria, tornando pera sua /67v/ casa obrigado a nunca se esquecer de quem tanto bem lhe fizera.

Não estava menos apercebido pera semelhante milagre hum mancebo de Villa de Conde, o qual não achando no seu Entre Douro e Minho a saúde que tanto procurava, pondo o coração e vontade na Senhora da Lapa, ouvindo como a todos, à maneira de Sol, acodia com os rayos de

sua bondade, se pos ao caminho e, entrando pola Beyra, chegou à casa da Virgem, que não quis ficasse baldada a confiança que nella tivera e o trabalho que tomara por alcançar a falla que tinha perdida. Mas os que dantes o conheciam de todo mudo, agora de novo e sem dúvida se espantam de o ver sem impedimento algum da lingoa, não sò engrandecer a padroeira /68r/ dos miseraveis peccadores, mas confessar-se e comugar como qualquer dos outros que ao tempo devido começaram e continuaram sempre com a falla desde meninos, atè que a igreja os obriga aos Sacramentos da confissão e comunhão, ficando Vila de Conde rendendo vassalagem à Senhora da Lapa por esta mercê tão notável, desd’o mes de Outubro de 1582 atè o presente de 1636, que o escrevemos, e assi se darà sempre por obrigada à lembrança de tão grande favor.

De Villa Nova de Portimão, no Reyno do Algarve, veyo a esta casa da Senhora, aos 19 de Março de 1585, hum Pero da Costa que, sendo cativo em Alcacerquibir de huma arrenegada, que, por não consentir com ella nas torpezas de /68v/ Mafoma, o prendeo em huma masmorra tão funda e desabrigada pera a vida humana, que assi pola roim habitação de tão cruel lugar, como pola muita fome com que sua ama o tratava, veyo a perder a falla; de tal maneira que, vinte annos depois de resgatado, ficou de todo mudo, sem remedio algum que com effeito a medicina lhe podesse socorrer; movido com a fama da Virgem da Lapa, se veyo em Romaria à sua Santa casa e, em dia de S. Sebastiam, depois de ouvir pregação, lhe concedeo a Senhora voz perfeita como se nunca dantes fora mudo. Ficando a todos notorio que, por seus merecimentos, acodira o Ceo a quem tantos annos tinha faltado a terra.

Em Monteiras, freguezia de /69r/ Castro de Ayro, ouve huma molher que, por se lhe tolher a falla e não ter quem curasse della, o Juiz se achou obrigado a lhe dar tutor, debaixo de cujo emparo viveo alguns tempos sem a natureza lhe restituir o uso da lingoa, que ou por àr ou por outra qualquer occulta qualidade lhe tinha roubado, nem tivera remedio se da Virgem o não alcançara. Foy ella servida dar-lhe falla pera maior gloria divina e, pera ficar a saúde mais conhecida, foy registada em dia da

Purificação, como ella mesma testemunhou, vindo em Romaria aos seis de Mayo de mil e quinhentos e noventa.

Da mesma graça foy participante Madanela Vaz, do Couto de Bostello do Porto, avendo tres ou quatro meses que tinha a falla perdida.

**/69v/** Dez annos esteve mudo hum mancebo por nome Balthazar, do concelho de Tondella e Bispado de Viseu, e desta Senhora foy digno receber o benefício a que as forças humanas nunca poderam abranger.

Em o numero dos mudos e surdos, achamos hum moço de quinze pera desaseis annos, que, avendo quatro, não fallava, nem ouvia; vindo buscar remedio, deu como muitos fazem algumas voltas de joelhos à casa da Virgem e, depois entrando dentro e ficando diante de quem tinha já posto suas esperanças, começou a fallar e ouvir como os demais, que presentes se acharam a este milagre e foram testemunhas do que à sua vista socedeo em 10 de Outubro de 1582.

**/70r/** Tambem Ovar quer emgrandecer a Senhora com lhe agradecer a mercê que fez a hum natural, ao qual, com o nascimento, a vida abrio as portas, trazendo-lhe os sentidos de fallar e ouvir, tam fechados das emtranhas da may, que não servia mais que de pena aos pays, de lástima aos vezinhos e ao menino de tormento. Chamava-se elle Francisco, a quem ouve por bem seu pay offerce-lo à Virgem, como a may de misericordia e que tanto defere aos innocentes. Assi o fez a este de que fallamos; em 17 de Fevereiro de 615 estava elle defronte do Altar da milagrosa Lapa, quando de repente o que nunca fallara começou com voz clara a saudar a Virgem Maria, sendo tam ditoso, que a primeira palavra que nesta vida de **/70v/** sua boca lhe sayo foy o nome da Sacratissima Virgem, que sò pera tanto louvor se podia dar por bem empregado todo o tempo que não fallou, pois esperava por tam boa ventura e tanta gloria, qual he o Santissimo e milagroso nome de Maria, digno de ser com lingua de serafins eternamente celebrado.

### *CAPITULO IIII*

*Dá a Senhora vista a cegos.*

**M**UITO devagar conta S. Joam Evangelista<sup>141</sup> o modo com que Christo, medico das almas e copos, deu vista a hum cego, sobre cujos olhos os fariseos tanto lidaram pera, do milagre tam manifesto, pesquisarem alguma /71r/ culpa contra o Salvador do Mundo, que pera mostrar ser Deos Omnipotente, a quem toda a natureza estava sojeita, achou convinha fazer a cura contra todas as regras de medicina. Do seu cuspo e da terra fez lama, a qual, assi amassada, servio de collyrio pera os olhos, ao cego e a todo o genero humano, porque não ha nas boticas remedio mais aprovado pera a vista do corpo do que he pera a vista d’alma e conhecimento de quem somos, o lodo de que somos criados.

Desta dificuldade usou nos annos antiguos o profeta Eliseo, quando, pera dar sabor às agoas de Jericò<sup>142</sup>, não buscou outras confeições doces e gostosas, mais que hum pouco de sal, com que matou a qualidade tam salobra que dantes /71v/ tinham, ficando tam saudaveis, que não sò pera o gosto contra a sede mais acesa, mas ainda as sementeiras e graça particular das boninas e rosas daquella terra<sup>143</sup> alcançaram virtude do sal, meneado com as mãos do Santo profeta. Não ha duvida que tanto maior fica o milagre, quanto o remedio que se applica parece de proposito contrario à natureza do membro ou inclinação da doença, qual he a lama contra a vista e o sal contra o sabor das fontes.

E já que o cego de que falla S. João nos deu princípio a este capitulo, não iremos avante sem primeiro (pera doutrina de muitos) desembaraçarmos a dúvida que tiveram os dicipolos do Senhor, perguntando-lhe qual fora a causa daquella cegueira: se o peccado dos /72r/ pays, se a culpa do mesmo cego; mostrando nacerem todas as doenças de peccados como castigo bem merecido aos que se afastam da Ley Divina. E Christo lhes favorecia esta opinião com o conselho e aviso que deu ao alejado de 38 annos, quando, sarando-o, lhe disse que não

---

<sup>141</sup> *João 9.*

<sup>142</sup> *4.º Reis 2.*

<sup>143</sup> *Abul.*

quisesse mais tornar a peccar<sup>144</sup>, porque o ser relapso no crime o sentenciaria a maior e mais grave castigo.

Alguns autores cuidaram que os Apostolos, como vistos já em principios de Theologia, pois eram dicipolos de tam grande mestre, faziam com aquella pergunta mensão do peccado Original, origem de todos os males e penas corporaes a que [nós], os descendentes de Adam, ficamos condenados. Mas não acodem /72v/ bem com a resposta os que assi acodem à duvida, porque, ainda que ao peccado de nossos primeiros pays attribuamos tantos males de pena<sup>145</sup>, he rezam mui generica, com a qual mostravam ser a duvida de pouca força e não muito a proposito da cegueira daquelle homem, porque desta causa, quando assi fosse, claramente se concluiu haverem todos de nacer cegos, pois todos vêm ao mundo emvoltos no peccado Original.

Outros, confiando pouco do saber dos discipulos e Apostolos, como de quem ainda andava na rudimenta da doutrina Christam, lhes querem acostar o erro com que muitos Judeos deram à costa e por elle, com muita rezam, foy tambem reprehendido Origenes<sup>146</sup> por /73r/ Santo Epiphânio. Cuidavam, pois, estes que Deos tinha criado as almas no outro mundo e que, em penitência de erros cometidos, as mandava meter nos corpos humanos pera que lhes servissem como de sambenitos<sup>147</sup> e dessem a todos notícia de suas culpas, accomodando cada hum dos corpos segundo à qualidade dos crimes. Erro he este, que tem muito parentesco com a Palingenesia de Pythagoras, que às almas dos crueis dava corpo e natureza de lobo ou leão, aos palreiros de peixe e às almas de peccados mais carregadas tinham pera si que se não podia dar mais cruel e rigorosa pena do que prende-las nos corpos das molheres. Querem os desta opinião tam errada que a pergunta dos Apostolos venha /73v/ a fazer este mesmo sentido. Senhor, quem peccou? Este ou seus pays, pera haver de nacer cego? Se a cegueira era por castigo, ou aos pays se ha de attribuir,

---

<sup>144</sup> *João 5.*

<sup>145</sup> Chrys. Theophyl. Maldon.

<sup>146</sup> Orígenes.

<sup>147</sup> Peça de vestuário usada pelos penitentes para mostrar público arrependimento dos pecados e mais tarde pela Inquisição para assinalar os condenados dos autos de fé.

pera que se vejam condenados e atormentados no que mais amam, que são os filhos, ou ao filho por causa dos peccados que sua alma cometeo, antes de emtrar no corpo do menino, ficando privada de tam grandes alegrias, quais se alcançam com os espectaculos tam varios e aprasiveis que Deos criou pera recreação dos olhos<sup>148</sup>, sem a vista dos quais achou o Santo Tobias que não podia ter gosto perfeito na vida.

Não diremos, porem, estarem os Apostolos tam cegos, que não tivessem mais acertados pensamentos pera com o cego, que seu mestre /74r/ queria curar, pois seu modo de falar não he outra cousa mais que desejar saber se aquella privação de vista fora causada de algum pecado, como em outras doenças acontecia? Ao que o Senhor acodio que nem peccados dos pays (o que bem podia ser como no filho de David, avido de adultério), nem do mesmo cego, pois saira sem olhos quando não era capaz de culpa actual, mas que sô viera ao mundo como figura, que representasse as maravilhas de Deos, obranda nelle hum milagre tam affamado, pello qual o Verbo Eterno ficasse conhecido por verdadeiro Deos e Senhor da natureza humana, sem respeito aos aforismos da medicina.

Toda esta doutrina podemos /74v/ aplicar à Virgem da Lapa, pera com aquelles a quem restituyo a vista, ou de todo ou em parte, acodindo-lhe em os apertos em que os médicos se davam por vencidos do mal, que não obedicia aos preceitos de Galeno e Avicena. Aos quais ficam muitas vezes superiores os animais que de rezão carcecem, mostrando que lhe sobeja, quando com medicina natural acodem a seus filhinhos, sem consultarem a Dioscórides<sup>149</sup> ou Matthiolo<sup>150</sup> sobre as ervas tam salutiferas contra as doenças que atè aos animais abrangem. Assi o faz a andorinha: conhece mui bem a erva chamada Chelidonia, remedio unico pera abrir os olhos e apurar a vista dos seus passarinhos que nacam cegos, como consta dos autores, que acham ser /75r/ de tanta virtude, que usam della como de aprovado defensivo contra as doenças de nossos olhos.

---

<sup>148</sup> Tobias 5.

<sup>149</sup> Autor greco-romano do I séc., médico, botânico, farmacêutico e farmacologista.

<sup>150</sup> Pietro Andrea Matthiolo (séc. XVI), reputado médico e naturalista italiano.

Achamos que a intercessam da Senhora foy o melhor collyrio de todos pera com hum cego natural de Guimarães, cujo nome nos escondeo o esquecimento e descuido, que ouve em apontar as maravilhas da Virgem. Sabemos, contudo, que foy este cego de seu nascimento e que nelle, como em pedra de toque, se mostrou a finesa de amor que a Virgem nos tinha, querendo logo no principio autorisar sua imagem e casa, com dar ou restituir o sentido que se pode chamar Universidade de todas as sciencias, pello muito que com elle se aprende. Cego veio de sua patria, com vista tornou o bom peregrino, tomando /75v/ noticia dos camininhos, que sem bordam nem guia tornava a desandar. Esperando de alcançar da Virgem olhos claros e limpos, com os quais visse na gloria quem com tanta facilidade nesta vida lhe dera os do corpo.

Oito meses havia que huma molher do Bispado de Viseu andava em escuras trevas, com grande desconsolação, sem haver quem lhe pudesse descobrir mesinha com que tornasse a cobrar a vista perdida, quando se determinou chegar à Lapa (que não fica da sua terra muy distante), metida toda na confiança da May de Deos, que numqua desempara aos que com devação e fê pura della se querem valer; quando aos quatorze de Abril de mil e quinhentos e oitenta e seis /76r/ foy Deos servido, que por rogos de sua May Santissima florescesse nos olhos da cega, o mesmo mes de Abril, a quem os antiguos deram tam alegre nome por ser elle o que abre o anno e as esperanças da fertilidade com as folhas, flores e boninas dos bosques, campos e prados. Assi se abriram os olhos desta cega, presentes testemunhas que deram sua fê pera acrescentar a devação dos vindouros em pedir e esperar mercês desta Senhora.

Em Villar, termo de Fonte Arcada, avia emtre outras huma menina, cuja innocencia acrescentava mais o sentimento do pay, quando à via falta de hum olho, sem emxergar cousa alguma, nem achar medico ou artificio com que possesse sua filha no estado em que as de mais /76v/ naquelles floridos annos costumam a gozar da vida. Deixando a terra, se acolheo o pay ao socorro divino, tomando por avogada a Virgem da Lapa, prometendo que, se lhe dava vista à filha, elle mesmo a traria a sua casa e lha pezaria a trigo, que he hum dos offerecimentos e votos que fazem

os daquellas partes. Rendeo-se a Senhora com as piadosas lagrimas e devota oração do pay para dar saúde à menina, com a perfeiçam que se desejava. O qual, pera não faltar com a promessa a quem por obra tal graça lhe concedera, veo cumprir seu voto aos vinte e quatro de Março de 628.

Não duvido que outros muitos milagres faria a Virgem nos olhos de cegos e cegas e que à sua igreja concorrem, mas, como a diligencia /77r/ dos que apontam miudamente com testemunhas, dia, mes e anno começou tarde, fogiram da lembrança aquelles que com certesa podiamos escrever<sup>151</sup>; baste-nos como por mostra do que a Senhora faz estes que deixamos aprovados, atè que se ponham em lista os que o agardecimento Christão irá notando, pera com elles se acrecentarem os louvores e lembranças que devemos ter da Virgem, que numqua de nós se esquece.

## CAPITULO V

*Alejados que alcançaram saúde,  
por intercessão da Virgem da Lapa.*

**A** CONDICAM da Virgem tem muita semelhança com aquelle tam liberal Rey<sup>152</sup>, que tendo aparelhado hum aparatoso /77v/ banquete para as vodas do principe seu filho, sentido da pouca cortesia com que os convidados lhe rejeitaram as iguarias e os gastos que tinha feito, mandou aos criados que se fossem à cidade e nos remates das ruas esperassem todos os fracos, coxos, cegos e alejados e os trouxessem a gozar da suavidade da sua mesa; ficando os outros as[s]às castigados com os riscar do rol dos convidados. A mesa que Deos neste mundo pôs chea de iguarias saborosissimas foy a Virgem Maria, figurada na que Deos mandou lavar a Moyses<sup>153</sup>, pera sempre a ter diante de seus olhos provida de pão, no qual se representa toda a sustentação do genero

---

<sup>151</sup> O autor tem consciência de que o registo escrito dos milagres começou tarde, daí que o número de milagres registados não seja muito abundante.

<sup>152</sup> *Mateus 22.*

<sup>153</sup> *Êxodo 25.*

humano. Esta a ninguem se nega, e quando os nobres e riquos do **/78r/** mundo se não derem por achados dos manjares, darà entrada aos tolhidos, coxos e alejados, pera que venham gozar das iguarias, não sò espirituaes, mas corporaes, que a divina clemencia nos offerece na intercessam com que a Virgem Sanctissima a todos acode, conhecendo por suas maravilhosas obras o muito que pode e ficando seus milagres servindo da resposta que Christo deu aos discipolos do Bautista<sup>154</sup>, fazendo diante delles milagres em cegos, surdos, mortos, alejados, pera que cada huma daquellas excellentes obras fosse evidente testemunho de seu poder e divindade.

Assi testemunham os tolhidos, se seus membros que da Lapa foram curados, quam grande seja o **/78v/** amor que a Virgem nos tem, quanto se dobra Deos quando ella por nós roga e o agradecimento que espera dos convidados a quem ouve por bem dar entrada e lugar na mesa de sua misericordia, que, por estar povoada de gente desprezada da soberba mundana, nem por isso fica perdendo alguma cousa de sua majestade; como nem a de David, quando nella e junto de si assentava a Miphiboseth<sup>155</sup>, desde minino alejado e neto de seu grande inimigo Saul; antes com este emgenho emsinou como o mais baixo do mundo, entrando na casa de Deos, fica com foro de nobresa e fidalguia; e com estes faz Deos guerra à infidelidade e desconfianca humana, como alguma hora fizeram os Jebuseos ao mesmo Rey **/79r/** David, quando, pellos muros de Jerusalem que elle queria combater e entrar<sup>156</sup>, deram estâncias a coxos e cegos como a soldados mui vistos no exercicio militar e que sò elles bastavam, não pera defender os muros, mas pera serem muros da mesma Cidade. Com estes pelejaremos e destruiremos os esquadrões inimigos da Virgem.

Hum dos solennes dias, em que o povo Christão deixa suas casas e terras pera visitarem a Senhora, he aos oito de Setembro, consagrado com o nascimento da mesma Virgem. Neste concurso de gente veo hum

---

<sup>154</sup> *Lucas 7.*

<sup>155</sup> *2.º Reis 19.*

<sup>156</sup> *2.º Reis 5.*

homem por nome Fernando, que também, pela lembrança perpétua do insigne benefício que da Virgem recebera, tomou o /79v/ sobrenome da Lapa. Era este tolhido da cintura pela baixo e havia cinco annos que andava assim quebrado, assentado em hum pelle, trazendo nas mãos pantufos, não tanto pela se menear, quanto pela se arrojarem (invençam em que deram muitos alejados), e, por ser o caminho comprido pela quem estava tam attado, o trouxeram seus amigos e parentes em cima de hum carro, que pela elle podera ser triunfante. Porque aos sete do mês, vespora do Nascimento da Virgem, ficou tam são à vista da Sagrada Imagem, que com os de mais emtrou pellos buracos, onde os peregrinos (como já està ditto) cuidam que experimentam sua boa consciencia e devação.

Outro natural da Sarzeda, termo /80r/ de Cerramcelhe, o qual avia nove annos que andava em muletas (que são os quartãos e ginetes de semelhantes cavaleiros emfermos), de que se ajudam pela remediar a falta de pès ou braços, que vários acontecimentos emfraqueceram; emfadado já de tam comprida novena, mudou os annos em dias e alcançou da Senhora tornar são pela sua casa, deixando as muletas penduradas na mesma igreja da Lapa, pela que os vinduros tivessem com sua vista occasião de louvar continuamente tam piadosa Senhora.

Semelhante memorial de seu agradecimento pela com a Virgem, deixou nesta casa pendurado outro natural dos Alhais. Havia dous meses estava de hum grave mal tam /80v/ cativo, que nem das mãos, nem pès se podia servir, senão com as muletas, às quais se emcostava pela dar algum passo e aliviar os membros, mais mortos que vivos. Offerecendo-se a nossa Senhora, lhe recebeo o ânimo e vontade com que fiara della o despacho de sua petição e o remédio de seu mal.

Com a novena que nesta Ermida teve, hum mulher natural de Villar de Fonte Arcada ficou são de hum braço, que havia espaço de hum anno não podia mandar, por lho ferir o ar, que com desar<sup>157</sup> e desgraça priva os membros de seu costumado serviço, sem deixar recurso, nem querer

---

<sup>157</sup> Isto é, *desaire*.

que a medicina leve este louvor, pera se referir tudo ao Ceo, donde, entre os de mais bens, nos soccorre tambem a saúde.

**/81r/** No lugar da Lagrosa havia huma menina cujo nome de Maria obrigou a Virgem a lhe abrir as mãos, com que a criança naceo tam cerradas, que, posto que aparecia a divisão dos dedos, estavam elles como grudados, sem lhe serem de prestar, nem dedos, nem mãos, como os melhores instrumentos de sua vida pera o fuso e agulha e outros ministerios de que depende a sustentação e governo da casa. Seus pays a trouxeram à Virgem da Lapa, que se compadeceo da miseria da sua Maria e de todo são lha entregou. Os quais claramente experimentaram e viram estar sua filha com as mãos e dedos tam bem ordenados e divididos como quaisquer das outras meninas, que em companhia da sua se tornaram **/81v/** pera casa com sinais de festa e alegria.

Outra do mesmo appellido, natural de Villarinho de Froizas, termo de Villa Real, vindo com sua may a comprir a segunda novena, mostrando com esta perseverança o muito que na Virgem confiava, aos sete dias, às quatro da tarde, no de 632, ficou a sua menina perfeitissimamente livre do mal que lhe impedia o andar; estando dantes tolhida por espaço de dous annos.

Posto que os officios sejam rendosos aos que nelles artificiosamente se ocupam, soccedem muitas vezes tais perigos, que obrigam aos artifices ou a grandes dores ou, com estas juntamente, a despezas de médicos; quando não for com perda de algum membro, como **/82r/** soccedeo a hum lavrador que, occupado na cultivação da terra, fiando-se mais do que convinha dos bois com que trabalhava, hum delles lhe tirou tal couce, que lhe quebrou dous dedos e, por espaço de quatorze ou quinze annos, andaram desemcaixados, sem delles se poder ajudar em cousa alguma. Veo-se a valer da Senhora da Lapa e, depois de quatro dias que com devação se offereceo, acabando de ouvir missa, se achou com os dedos em seu lugar, como antes; e por não ficar ingrato pera com a Virgem, à vista do povo se desfez em graças de sua bem feitora.

Tres annos havia que huma molher natural de Moimenta da Beyra, não muito longe da Lapa, trazia huma das mãos tão alejada, que **/82v/**

nem abrir, nem serrar a podia. Mas em presença da Virgem, que [h]à tantos abre as fontes de sua misericórdia, ficou libertada do mal que a perseguia.

A vinte dous de Março de 1580, deu a Senhora mostras de sua clemencia e piedade pera com hum pobre natural da Pampilhosa, que fica ao Sul da Serra da Estrella. Era este manco, mudo e surdo e, quanto mais desesperado dos remedios humanos, tanto mais confiado nos divinos, se mandou trazer a esta igreja milagrosa, na qual, acabada a primeira novena, começou a sentir a propriedade daquelle lugar e casa celestial, que he o bem fazer. Logo andou sem impedimento algum. Esforçado interiormente com este primeiro favor corporal, /83r/ continuou perseverando em sua petiçam, quando dahi a poucos dias lhe foram restituídos ouvido e lingua, com grande espanto dos que o conheciam; e de todo são, o vieram acompanhando atè sua casa, passando o caminho em louvores da may de Deos.

Não foy menor a graça que a Virgem fez em huma natural da Villa de Chaves, tam tolhida que, sem querer tanta devação, andava sempre de joelhos por se não poder alevantar; seu remedio esteve apresentar-se à Senhora, mandar-lhe dizer huma missa. Ella acabada, começou de se sentir com forças pera ficar na postura de todas as outras que entravam e sahyam, a gozar do alegre e aprazivel rosto da Senhora.

Não ficara Villa Real desobrigada da /83v/ omenagem que todos devem à Virgem, pois huma moça sua, feamente derreada, procurando ver-se diante do propiciatorio, que Deos pera acodir às miserias humanas criara, tirando forças da fraqueza, com huma volta que deu à roda da Ermida ganhou a saúde que tantos annos lhe faltara.

Outra pessoa que não sò tinha grande quebradura, mas das mãos estava com as algemas do roim humor tam tolhida, que lhe era necessario socorro das alheas, pera se vestir, comer e alevantar. Emcomendando-se à Virgem, fez sua Romaria e, depois da missa dita, não sò da quebradura, mas das mãos ficou saníssima e desembaraçada pera as poder alevantar, com grande respeito e amor diante da nossa /84r/ celestial Raynha. Verdade he que achamos ser o milagre da quebradura em differente anno;

mas este bem lhe veio do mesmo princípio, e pouco monta a divisam dos annos, quando nos consta da união dos beneficios.

A Villa de Monsanto nos consola e alegra com o milagre que a Virgem fez em huma alejada, tam deseparada do natural movimento de seus membros, que por não poder com elles grangear a comida, nem acodir ao meneô de sua casa e, por se achar da cintura pera baixo toda preza com a doença, passava o dia assentada à porta do Spirito Santo, como costumam pobres e alejados, pera darem occasião aos que entram nas igrejas de obrigarem a Deos ao despacho de seus /84v/ desejos, com a esmola em seus pobres sempre com fruto emtesourada. Trazendo-a à Lapa e emcostando-se no Altar da Virgem, pedio hum vintem pera offertar, muy confiada no excessivo preço de outra moeda, que da mesma Senhora esperava alcançar; e arrimando-se mais de proposito ao Altar, se achou com os membros todos desempedidos, pera com devota postura render as gracias àquella Virgem, onde todas as que do Ceo alcançamos se acham sempre em preamar. Mostrando, com este e outros milagres, ser aquella sua Ermida verdadeira casa da saúde.

Paraduça, do Conselho de Leomil, nos darà o remate deste capitulo, com o raro caso que socedeo na mesma Lapa a hum menino, /85r/ contra quem se atreueo tanto o Ar, que, no mesmo tempo em que seus pays estavam comprindo huma novena, se apoderou da criança, motrando-se tam cruel, que lhe virou os pès pera tras e lhos pegou de tal meneira nas coxas, que parecia estar de propósito a doença atormentando aquelle innocente, e nelle a seus pays, a quem muito mais se acrecentavam as dores por se acharem de peor partido, no lugar onde tantos alevantavam memorias de grandes beneficios. Vendo, sobretudo, ao seu menino não sò com as perninhas tortas, mas as cores naturais perdidas e elle de todo negro e azullado, como se a morte começasse a tomar posse de quem pouco antes andava alegre e esperto.

/85v/ Não desmayaram com estes golpes, pegam com a Senhora, allegam suas rezões, mostram lagrimas e âncias de coração, queixam-se piadosa e humildemente, sem ficarem baldadas suas importunações,

porque em breve o menino tornou a cobrar saúde, com especial contentamento dos pays, que à porfia davam graças a Virgem da Lapa.

## CAPITULO VI

*Milagre que a Senhora fez  
em doenças mortaes.*

**E**M Jerusalem avia hum tamque ou piscina, a quem chamavam Probática<sup>158</sup>, por causa do gado que se lavava, depois de morto, pera os sacrificios do templo, cuja agoa vinha por canos escondidos dar na piscina, a qual era /86r/ de tanta virtude, que o primeiro que emtrasse ficava livre de qualquer emfermidade por longa e perigosa que fosse. Era necessário, porem, que viesse hum Anjo do Ceo mover aquellas agoas, deixando-as tão medicinais, que logo pareciam tocadas por mão celestial. Alguns têm pera si que este milagre se atribua ao madeiro que dentro estava, avia muitos annos, cheo de altos mysterios, revelados à Raynha Sabbà, em tempo de Salamão, do qual se fez a Cruz em que nosso Salvador obrou tam grandes maravilhas; como foram as que se emcerram no resgaste do genero humano e que, jà em virtude deste pau, os doentes que em cinco alpendres estavam repartidos, esperando o movimento das agoas, recebiam a saúde /86v/ desejada, com esta defferença: que sò ao primeiro que emtrasse se concedia tam grande beneficio; por onde era necessário, ao que buscava seu remedio, ter homens que estivessem em vigia, pera que o lançassem dentro, tanto que sentissem a presença do Anjo sobre as agoas do tamque; e os que pouco podiam muito esperavam, como foy aquelle a quem Chiristo sarou, o qual avia trinta e oito annos que estava sem remedio e sem homem algum que se compadecesse delle; e lhe desse lugar pera emtrar nos banhos, onde os mais ligeiros e os que mais-valias tinham mais depreça emtravam e saravam.

---

<sup>158</sup> Ou tanque de Betesda (casa de misericórdia). Cf. *João* 5.

A piscina que Deos, pera nossas enfermidades do corpo e alma, deixou neste mundo foy a Virgem /87r/ Maria, cujos merecimentos e altissimas virtudes são tam escondidas aos emtendimentos criados, que sò Deos os pode conhecer e a quem elle os declarar. Por estes canos tam claros e tam secretos nos vêm os bens todos, que do Ceo nos manda Deos, comprindo-se o que disse Sam Bernardo: *omnia per manus Mariae*<sup>159</sup>. Tudo nos vem pellas mãos de Maria, nem ha que duvidar do movimento do Anjo, quando todos elles, como à Raynha sua, obedecem com o joelho em terra; nem he necessaria valia de homem algum, pera com huma Senhora que se preza de ser May de peccadores, de cujos olhos, peito e boca qualquer lagrima, oração e suspiro que saya tem mais valor e preço que todas as cousas do mundo.

/87v/ Pera mostraremos a muita misericordia que nesta piscina achamos, serà necessario referir, não todos os milagres que a Virgem da Lapa fez, porque sairiamos com grande volume, mas contar alguns de cuja doutrina mais se acenda e conserve a devação e amor que devemos a esta Senhora, toda ella milagrosa por trazer em si, não a Cruz, mas o Salvador, que com seu corpo e sangue santificou aquelle sagrado madeiro e fez digno de toda a reverencia e nobilissima adoração de latria<sup>160</sup>.

Fique no primeiro lugar huma menina, por nome Maria dos Anjos, filha de Diogo de Amaral de Castello Branco, a qual, com o garrotinho que lhe afogava a respiração, estava já na garganta da morte, e /88r/ a pouca esperança que de sua vida se tinha servia de garrote ao grande amor do pay pera com a sua menina, que, por em tudo ser e lhe parecer Anjo, lhe deu o sobrenome de todos elles, honrando-a mais com o titulo do Ceo que com os terrenos de Amaral e Castello Branco. Lembra-se o bom pay da Virgem da Lapa, offerece-lhe a menina em seu proprio appellido, metida no gremio da igreja Catholica. Quado de repente o Anginho abre os olhos, que até àquelle ponto estavam diffuntos, e reconhecendo ao Pay com o doce riso daquella amorosa idade, mostrou que não sò estava são,

---

<sup>159</sup> “Tudo por mãos de Maria”.

<sup>160</sup> O mesmo que adoração ou culto, devia a Deus, pessoa ou coisa.

mas que de novo vinha ensinada com solfa de louvores Santos, começando a cantar desta maneira:

*/88v/Senhora da Lapa  
Guardai-me do garrotinho  
Que eu ei de ir a vossa casa  
Com hum follesinho de trigo.*

Comprindo a Virgem os desejos do pay, comprio elle com a sua e a promessa da filha, trazendo-a à Senhora da Lapa e, dando volta à igreja com a sua Maria, arrebatou os olhos de todos, não sò cheos de admiração, mas de lagrimas de consolação, por verem com quanta gravidade a menina exercitava o que prometera. O folle que aos hombros lhe poseram, pera se accommodar aos annos da tenrura, não levava de peso mais que hum Salamin de trigo; porem, na devação e vontade montava tanto diante da Virgem, quanto */89r/* costumam diante de Deos a valer as obras que vam aperfeçoadas com o rico feitio do bom coração, o qual tudo faz fino ouro e pedraria, diante daquelle Senhor que da riqua tenção faz pedra de toque pera examinar os merecimentos de cada hum. Seria a menina de três anos, quando no de seiscentos e vinte e oito, a deoito de Setembro, veo dar satisfação a seu voto.

Em Agosto de 611, trouxeram seus pays a hum menino de anno meyo, do termo de Villa Real, a esta casa da Lapa, pera o pezarem a trigo e, com esta oferta, se desobrigarem da promessa que tinham feito à Virgem, quando o viram diante de si tam sepultado, com hum grave acidente de morte, que já o queriam empanar pera o dar à terra. */89v/* Mas a Virgem, vendo o grande sentimento do pay e may, foy servida de lhe conservar a vida, pera que gozassem do fruto de seu filho, que a morte tanto em flor queria cortar, sem compaixam do amor que pera com aquelles anos he mais brando e mavioso.

E já que posemos diante a infantaria de meninos innocentes, em cuja idade os perigos são mais contínuos, por não poder resistir às cotiladas do tempo e doenças com que he asalteada, daremos vista de huma menina

de doze ou treze annos, por nome Maria, de cujo corpo a erisipola<sup>161</sup> tinha feyto terra de lavradio. Della naciã temores de morte, sem esperança de vida, apreçando-a mais pera a sepultura o fastio, que se lhe atreveçou /90r/ na garganta, metendo-a toda nas mãos da desconfiança, avendo três dias que não dava emtrada a sustentação alguma. Tanto que sua may, Maria Sarayva, se valeo da Virgem, tornou à menina, como quem vinha de comprida jornada e, abrindo não sò os olhos que a fraquesa mortal lhe tinha fechados, mas tambem a lingoa, começou a contar a Romaria que fizera. E como vinha de nossa Senhora da Lapa e vira estar hum Sacerdote dizendo missa e que a mesma Virgem lhe dissera que se tornasse pera casa, porque não havia de morrer daquella enfermidade. O effeyto mostrou a visam ser verdadeira, porque a erisipola, como culpada de querer tomar posse do que lhe não era devido por título algum, /90v/ se pôs em fogida por não pagar a pena. E a menina ficou aliviada, e a may livre da mortal tristesa com que seu coração hia acabando por ver acabar sua filha.

De Pena Macor veo outro menino de dous annos nos braços de seus pays (que he o melhor andor desta idade) offerecer-se a nossa Senhora a 20 de Agosto de 1579, a quem huma aspera esquinencia tinha já sentenciado à morte, sem haver appellaçam nem agravo pera a medicina humana, quando a Divina acodio por intercessão desta gloriosa Senhora, a quem a criança se veo offerecer com a pessoa, vela e mortalha, como despojos que da morte alcançara.

Se os meninos acham abrigo na Virgem, não he menor o que a /91r/ Senhora dà às mays, quando esperam a hora de seu parto tam perigoso e arriscado à vida humana. Qual foy o que nos veo às mãos do anno de 1614, no mes de Agosto; sentindo-se huma may tam afligida, sem poder lançar a criança que, por espaço de desoito dias, se vio entregue à morte, inchando disformemente, sem levar bocado. E nestas angustias tam alheas de vida, como nova luz, lhe veyo à memoria a Virgem da Lapa, a quem logo se encomendou. E não ouve mais distancia pera alcançar

---

<sup>161</sup> Isto é, *erisipela*, doença infecciosa.

melhoria que nomear a Virgem Maria da Lapa. Nace a criança e fica livre a may e, por justiça, obrigada a ser toda e pera sempre escrava da may de Deos.

Com estas mesmas cadeas se /91v/ acha presa Anna Marques, molher de Amador de Amaral, os quais vieram a 19 de Setembro de 616 a esta Santa Casa com a mortalha, por a Virgem livrar a sua molher que, por espaço de dous dias, esteve desconfiada com grandes dores de parto sem Deos a alumiar, atè que chamou polla Virgem da Lapa, que logo lhe acodio, livrando-a do perigo com ditoso parto.

Ao Conselho de Besteiros servirà de louvores a Fogaça, que de offerta levou à Virgem da Lapa huma moça de vinte annos, por nome Barbora, na qual a Senhora fez hum milagre que se não acha fizesse Christo em toda sua vida. Porque não lemos que restituísse o juizo a nenhum doudo, como que não fosse bem empregada tal /92r/ mercê, a quem faltava o ciso pera a saber pedir e agradecer. Porem, a Senhora, pondo seus misericordiosos olhos nas lagrimas do pay por ver assi a filha por espaço de tres mezes vazia de miolo, sem eperança de remedio, tam rico de vontade, quam pobre dos bens da fortuna, lhe offerece a enferma com huma Fogaça. Contentou à Virgem a offerta, satisfaze[n]do aos desejos do pay, o qual com rezam se pode gabar que levou a Fogaça por alcançar tam grande milagre, raramente concedido.

Lobrigos, Concelho de Penaguiam, dà confiança aos Sacerdotes com o notavel milagre que a Senhora obrou em o seu Abbade Pero Pinto no mes de Novembro de 1599. Despidido já desta vida e /92v/ com segura matalotagem<sup>162</sup> dos Sacramentos da igreja, cercado de Sacerdotes e dous Capuchinhos, que com suas orações e psalmos o ajudavam naquelle transe tam agonizado, que já lho tinham aprovado com o officio da Agonia, quando o Padre Guardiam, Frey Bernardino, lhe pegou pello braço pera ver se estava de todo repousando com o sono da morte. Eis que de súbito, tendo-se já as esperanças todas recolhido e desemparado casa, cama e remedios, acode o Abbade com os olhos abertos, corre o

---

<sup>162</sup> O mesmo que provisão, fornecimento, abastecimento.

aposento, conhece a todos e, com sembrante e ar de vida, agasalha os hospedes, agardece a vontade e trabalho, consolando-os com lhes dizer que a saúde e vida se devia à Virgem da Lapa, que, posto que /93r/ com a igreja auzente, com suas piadosas orelhas estava presente aos rogos e orações, que no tempo da Agonia sua ama com outras devotas mulheres fizeram, chamando pella Virgem, a cujo mandado obedecera logo a morte, que já com elle estava à cabeceira. E bem se vio ter-se ella voltado pella mesma porta que entrou, carregada com as alfayas que trouxera, a saber: vela, mortalha, fraqueza, tristeza e fastio, ficando a câmara do Abbade recâmara de Alleluya e Resureiçam. O qual, vindo à igreja da Senhora, aos dous de Mayo de 1600, em lugar da mortalha deixou à Virgem hum vestido de seda verde, querendo com as cores mostrar o muito que com a Senhora ganham os que não perdem as esperanças de /93v/ alcançar bom despacho no tribunal de sua misericordia.

Semelhante ventura acompanhou ao Padre Martim de Amaral do Concelho de Penalva, estando já com a extrema-unção, de todos e principalmente de si mesmo desconfiado, tanto que o offereceram à Virgem com a mortalha e haver de satisfazer com trigo o pezo de seu corpo, foy aliviado da doença, que tam pezadamente o tratara.

Como o Sacramento da Santa Unção, conforme ao costume da Igreja, não se dà senão aos que estão de caminho pera a outra vida, com elle se mostra a pouca esperança que hà nas forças da natureza pera resistir ao mal que a vai combatendo e, assi, por mercê particular de Deos, se julga arribarem à vida os que /94r/ já navegavam pello mar da morte. Destes lemos muitos milagres no livro, em que se vam escrevendo os que a Senhora faz<sup>163</sup>, os quais não apontamos em particular por serem todos do mesmo jaez.

## *LIVRO III*

### *Da Virgem da Lapa.*

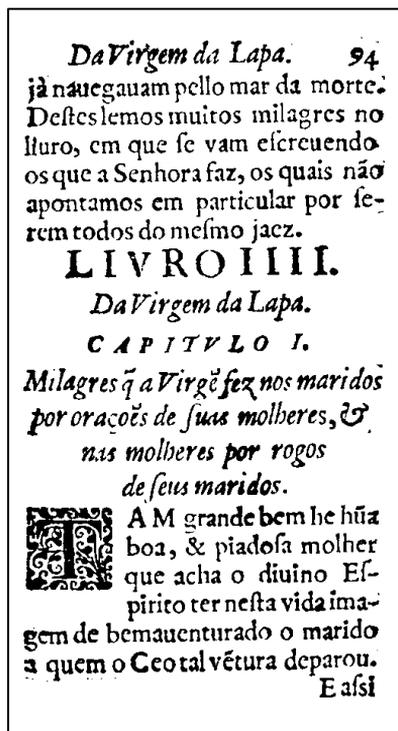
---

<sup>163</sup> Portanto, havia no santuário da Lapa um livro que relatava os milagres operados pela Virgem.

## CAPITULO I

*Milagres que a Virgem fez nos maridos  
por orações de suas molheres,  
e nas molheres por rogos de seus maridos.*

**T**AM grande bem he huma boa e piadosa molher que acha o divino Espirito ter nesta vida imagem de bemaventurado o marido a quem o Ceo tal ventura deparou. /94v/ E assi lhe manda se não aparte da que, com sua prudente virtude, negocea os bens da fortuna sem perda dos eternos. Na Ladainha de louvores com que a Escritura autorisa e favorece as bem casadas, podem com maior rezam entrar as que têm com Deos tanta valia, que delle pera seus maridos otorgam a saúde e vida, dos medicos desemparada.



Fac-símile do início do Livro III, p. 94r

Por isso, fizemos outra divisam, não de pequeno gosto, pera os casados e he que, estando os maridos pellos medicos e doenças condenados à morte e a mesma desconfiança tendo já aparelhado mortalha, banhada com lagrimas, cercada de saudades – tanta foy a devação e efficacia das molheres que embargaram as exéquias com alcançarem da Virgem /95r/ revogar e mudar a sentença. E destes casos achei alguns desoito ou mais, que servem muito pera os maridos estimarem a virtude e amor de suas molheres, por meo das quais restauraram a vida, ficando-lhes com novos titulos obrigados, assi a ellas como a Deos, por lhes dar tais companheiras e tam fieis no amor conjugal, que com suas lagrimas abrandaram o rigor da morte cega e surda, pera não ver nem ouvir os muitos gemidos e brados que em todas as partes do mundo contra ella de contínuo se mandam ao Ceo.

E sendo assi que descobrimos tantos exemplos das molheres pera com os maridos, por mais deligencia que fiz, não pude entre tantos milagres desta ordidura encontrar /95v/ mais que quatro, nos quais se nos prova alcançarem os maridos saúde a suas molheres, fazendo orações e offeras à Virgem da Lapa. Deve de ser porque a devação naturalmente segue mais ao sexo feminino que ao masculino, conforme ao fallar da Igreja na commemoração que faz à May de Deos, tirada das palavras de Santo Agostinho, com que encommenda à mesma Senhora os varios estados e entre elles lhe roga: *Pro devoto foemineo sexu*<sup>164</sup>.

Mas pera que não fique tudo em geral, apontarei brevemente alguns. Como foy hum natural de Passos, termo de Santa Marinha. Estava de todo frio e com sinais claros da morte, no anno de 1590; por orações de sua molher lhe foy /96r/ otorgada a vida, saúde e forças pera ambos virem em Romaria dar as graças à Virgem da Lapa, deixando a mortalha em lembrança pera os vindouros.

Igual sorte foy a de Gonçalo Annes, de S. Miguel de Pena, desconfiado dos medicos em Fevereiro de 616 e, sendo pella molher encommendado à Virgem, cobrou vida e saúde.

---

<sup>164</sup> “Em favor do devoto sexo feminino.”

No mesmo anno, outro de Villa Real, quasi morto, fez pè atraz, desviando-se da cova por sua molher o prometter à Virgem da Lapa.

O último, de Março de 1618, se achou com falla e vida, outro vezinho a Villa Real, pella mesma causa e privilégio de sua molher.

Peso de Penaguiam e a Villa /96v/ do Vimioso nos descobriram dous naturaes seus desconfiados, sem haver quem por elles avogasse, senão as lagrimas de suas molheres, às quais com vida e sem perigo os entregou à Virgem da Lapa.

Outro do termo de Linhares, chamado Thomé Veloso, estando nas mesmas angústias e com solluços da morte, que sem dúvida lhe arrancaram a alma, se a molher o não impedisse com a efficacia de sua oração, em virtude da qual, tornando o marido em si, com as mãos alevantadas disse: *Venho de nossa Senhora da Lapa e sua imagem fica muito suada*. Tanto poderam os gemidos da molher e, assi como com elles apresentou o marido à Virgem pera que lho curasse, assi depois de são o acompanhou pera que /97r/ lho agradecesse em sua Santa casa, a 9 de Setembro de 1592.

Nesta lista entra Jorge de Mello de Sam Payo, natural do termo de Algodres, Bispado de Viseu. Em companhia de sua molher, Dona Isabel Osorio, se veo offertar diante da Virgem: ella por ser ouvida quando offereceo o marido e elle por ser libertado quando a molher o encomendou, estando desconfiado.

O Bispado de Coimbra, no termo de Cea, em Setembro de 92, ficou mui obrigado à mercê que recebeo por a Virgem, com sua costumada clemencia, acodir às lagrimas e cordeaes gemidos, com que huma molher lhe pedia saúde pera seu marido, a quem depois da Santa Unção apertou tanto a doença, /97v/ que já lhe concertavam os olhos e cerravam a boca, pera o dar à terra, mas, entam, com mais efficacia abriu a molher a sua e foy ouvida da Virgem, tornando o marido em si, fallando e convalescendo veo pagar o tributo de agradecimento que devia.

Na Villa de Mello, do mesmo Bispado Conimbricense, se conheceo outro homem que, estando rematando a vida, foy com tanto affecto socorrido das orações da molher pera com a Virgem da Lapa, que logo

se começou a achar melhorado, dizendo que sonhara como a Virgem intercedia por elle diante de Christo, filho seu, e que logo lhe concedera a saúde.

Francisco Annes de Souto Maior, do termo de Trancozo, aos **/98r/** vinte de Abril de 615 veu com a mortalha, que pendurada deixou, cumprir a promessa que sua molher por elle fizera, quando o vira sem esperanças de vida, mas por meo da Virgem restituída.

Outros muitos deixamos todos da mesma cor e feitio, por meter neste predicamento os quatro milagres que a Virgem fez, inclinando-se ao affecto com que os maridos pediram se estendessem mais as arravas da vida de suas molheres. Huma dellas foy de Villa Chaã, termo de Cea, por nome Juliana Borges, estando carpida e desconfiada, seu marido fez em tam boa forma a petiçam à Virgem que sahyò despachada muito a seu prazer.

A segunda, Maria Luis, da Villa **/98v/** de Valhelhas, depois de tres dias que esteve em passamento, trazendo-lhe a mortalha a casa o desgano da vida, tanto que seu marido devotamente a offereceo, tornou tam de repente em si, que ao outro dia lhe parecia não estivera nunca sogeita a doença.

A Terceira, do termo de Linhares, por nome Isabel Fernandes, com o mesmo perigo desconfiada, sem dar acordo de si, em sono eterno ficara, se o marido com suas orações não fora tam acordado, que fizera espertar a molher, bradando à Virgem da Lapa, que logo lhe acodio. E juntamente com seu marido, trouxe a mortalha, com que testemunhou a graça communicada de tam liberal e sagrada mão.

A Quarta, do termo de Villa **/99r/** Real, à qual, tendo a desconfiança dado certa nova de sua última hora com todo o apparelho funeral e até os Sacerdotes juntos pera lhe fazerem o saymento, sayo o marido tanto de si com dor, que se meteo muito de proposito na oração com a Virgem da Lapa, offerecendo-lhe a mortalha da molher e visita de sua casa. E logo a doença appellou e, recebida a appellação, entrou a saúde no corpo, como alegre primavera, com que os membros refloreram, e ambos se poseram ao caminho pera a sagrada Virgem, onde, comprindo a

promessa, muito obrigaram a quem toma por serviços, mercês de si recebidas, quando com grato ânimo se lhe oferecem.

### */99v/ CAPITULO III*

#### *Mortos que a Virgem resusitou.*

**N**AM ha cadeas que tanto apertem como as do amor, com que a alma criada por Deos se ata com o corpo humano. Esta união se julga pella maior de todas e, por isso, a morte he a cousa mais pennosa que na vida temos, porque com ella he forçada a alma a se apartar do corpo, com quem tinha feito amoroso contracto de sociedade; e sendo certo que, ainda depois deste nõ desatado, lhe fica natural inclinação pera se tornar a ajuntar com o corpo, em que Deos lhe assinou a primeira estancia, comtudo he de fê que a alma despedida **/100r/** de sua morada corporal, ou seja, com violencia ou com morte natural de doença, idade e fraqueza, não pode outra vez, nem por hum momento, tornar a visitar seu antigo companheiro e amigo, senão por ordem e poder divino. E a esta segunda uniam chamamos resurreição, que pertence aos mysterios da Igreja Catholica; e no Symbolo da fê confessamos que no fim do mundo ha de haver resurreição da carne, reformando-se os corpos, de tal modo que, entrando as almas nos mesmos, que dantes animavam, ajam de ser apresentados diante de Deos pera delle serem julgados.

Antes deste Universal juizo faz Deos particulares mercês aos homens, com lhes restituir as almas que estavam no outro mundo ou em **/100v/** depósito pera este effeito ou no Purgatorio, lugar de satisfação e purificação às que hão de gozar da essencia divina, ordenando que tornem a este territorio com outro novo prazo de vida.

Muitas vezes concede Deos este milagre pera authorizar aos Santos que lho pedem pera maior gloria divina. Do Testamento velho sabemos que, com medo dos ladrões, deitaram hum defunto dentro na sepultura de Eliseo<sup>165</sup> os que o levavam a enterrar, servindo-lhe a casa da morte de

---

<sup>165</sup> 4.º Reis 13.

singular medicina pera a vida; porque tanto que tocou nos santos ossos do Profeta, de improviso resuscitou; querendo o Criador do mundo com esta maravilha que seu servo muito mais resplandecesse e que sua doutrina /101r/ fosse mais estimada, como de mestre que dava conselhos de vida tam provada, que ainda depois de morto brotava de seus ossos. Bastava ser discipulo de tal mestre, como Elias, o qual com suas orações tinha cobrado a vida, que o filho da Viúva<sup>166</sup> com grave doença perdera e, com tam avengejado partido, que mereço este menino ao diante ser o Profeta Jonas, pera servir de painel à Resurreição de Christo com os tres dias que andou no bucho da balea. Assi o querem os Hebreos, como refere S. Agostinho<sup>167</sup>.

Este privilegio concedido aos criados, com maior rezão avemos de confessar e reconhecer na Raynha dos Anjos, May do mesmo Senhor, em cujas mãos cremos que se guardam as chaves da vida e /101v/ morte, e que muitas vezes as entrega a sua Santissima May, pera que acuda e console a seus devotos, que diante de suas imagens com tanta confiança, como se com ella fallaram, abrem seus corações, donde tiram gemidos, lagrimas e orações pera lhe offercerem e a renderem ao comprimento de seus desejos, sabendo decerto que estas são as perolas de que ella mais gosta, como nacidas no pego da afflicção, em que as almas pera com Deos ricamente se ornam.

Parece que ainda hoje se alegra a Senhora, ouvindo o nome de sua prima Santa Isabel, pera acodir e recrear as deste apelido; elle nos abrirà caminho pera darmos muitas graças a Deos e ganharmos huma santa confiança pera com a /102r/ Virgem da Lapa. No Garajal havia huma menina de tres annos, por nome Isabel, a quem sua may, sem querer, deu a morte com certo guizado que temperou pera lhe sustentar a vida; escaçamente a criança o tinha comido, quando começou de inchar, gritando à may que lhe valesse; como os Profetas em outro tempo,

---

<sup>166</sup> 3.º Reis 17.

<sup>167</sup> *De mirabili S. Script.* l. 2, c. 17.

gostando as coloquintidas<sup>168</sup> que, em lugar de ervas saudáveis, por erro do cozinheiro, entre as mais do campo se lançaram na panella com hum sabor tam contrario à vida, que todos lhe chamaram *Panella da morte*<sup>169</sup>; e assi o mostraria em todos a peçonha, se a muita virtude de Eliseo não enfreada o mal que hia lavrando, e por meo de seu mestre escaparam os discipolos do último fim que temiam. Mais /102v/ adiante foy a maravilha da menina Isabel, porque os solluços e arrancos da morte ferraram tam cruelmente della, que dos braços da may, sem compaixão das muitas lagrimas que derramava, lha arrebataram, sentindo tanto mais asperamente o caso, quanto entendia ser ella a causa da morte da filha, com quem de boa mente trocara a vida, se lhe fora concedido. Não desmayou de todo, mas, à vista da defunta, pega das contas e fallando com a Virgem da Lapa, começou a fazer as exequias de lagrimas à menina, que diante de seus olhos tinha. Foy a Virgem servida mostrar que não era mais que hum doce sono, semelhante ao que sobreveo à may, parece que cançada e trasportada com o sentimento da filha. Salvo se disseremos /103r/ que, entretanto, a foy buscar à outra vida, donde a Senhora lha concedeo tam viva, que a mesma menina espertou a sua may em grave sono e melancólico sepultada; e pera mostrar que vinha da escola do Ceo, fez logo, como brinquinho daquella idade, huma Cruz de pau e com ella na mão diante da may começa a cantar: *Santa Maria, ora pro nobis*<sup>170</sup>; alevantando a antífona pera a ladainha dos muitos louvores e graças, que todos deram à Virgem por tam assinalado benefício, trazendo-lhe a sua casa a ditosa Isabelinha, aos 8 de Setembro de 613, escolhendo este dia do Nascimento da Senhora, que ouvera por bem fazer outra vez nacer com nova resurreição a sua menina.

Na quinta da Serra e caminho /103v/ de Aguiar da Beyra, nos espera outra Isabelinha de anno e meo, a qual, estando ainda no Oriente de seus dias, sem os pays lhe poderem valer, se vio no occidente da vida. Chegou-

---

<sup>168</sup> Planta da família das cucurbitáceas, cujo fruto é uma espécie de pepino amargo e purgativo.

<sup>169</sup> 4.º Reis 4.

<sup>170</sup> “Santa Maria, ora por nós.”

se a menina à fonte, que, por ser de campo, não tinha repairo que livrasse de perigos aos que os não sabem temer. Estando na borda, ou por querer beber, ou por estranhar ver-se nella como em espelho, querendo pegar de si mesma na agoa representada, posto que a discrição ainda a não alumiaava, como outro Narcisso se afogou. Avia mea hora que a fonte, cobicosa da fama que avia de ter, santificava seus cristais com o corpo da innocente, o qual a morte por breve tempo em depósito lhe deixara, quando outro fiel de Deos, companheiro /104r/ da afogada, não sendo mais que de dous annos, espavorido se acolheo e, mais gaguejando que fallando, com a fraqueza de membros delicados e tenros chegou aos trabalhadores, que bem distantes andavam, e assi como pôde, com as lagriminhas nos olhos, assenos de mãos, rudesa da lingua, declarou o successo da menina. Acodem todos com preça, acham Isabel na fonte falta de calor e sentido, olhinhos cerrados, boquinha aberta, chea e inchada com a agoa em que a morte a afogara; lançam mão della. Com resistencia a fonte alargou, nada receosa do crime e vitupério de homicida, como quem logo esperava o milagre da resurreição, que em presença de todos a Virgem da Lapa fes, movida com a lastima e dores /104v/ dos pays e com as lagrimas e orações dos que, feridos da compaixão, pediram instantemente vida à que todos tinham por morta; e os pays, como cousa propria da Senhora e mais sua que delles, a levaram a sua igreja no mes de Agosto de 1639.

No de 1634, se fez instrumento público do grande milagre que a Virgem foy servida executar na pessoa do Padre Lourenço Soarez, morador na Villa de Figueirò da Granja. Era clerigo de Evangelho e, com essas ordens, sem cantar missa, se foy a outra vida chorado de muitos pello que lhe succedeo no rio Mondego, que tambem se quis afamar de cruel à conta da mercê que a Virgem avia de fazer, condecendendo com as lagrimas /105r/ dos muitos que lhe pediram vida pera o defunto. Era o dito Padre costumado a pescar e, não contente com o tresmalho<sup>171</sup> e sedella<sup>172</sup> por ser destro em nadar, se lançou de mergulho pera desapossar

---

<sup>171</sup> Rede de pesca de três panos sobrepostos.

<sup>172</sup> Cordão de seda que sustenta o anzol na pesca à linha.

à força de braço o peixe de seu elemento. O qual, perseguido e com medo da morte, buscou a toca mais segura pera seu emparo e mais perigosa ao pescador, que, vendo o peixe recolhido em sua lapa, por não poder entrar com o corpo meteo o braço; e de tal sorte ficou preso na talisca da pedra, que cuidando pescava, ficou pescado, armando-lhe a morte o laço, onde menos o temia. Sabendo que a morte o prendera, sem esperança da vida corporal acodio à espiritual, com actos de contrição debaixo d’agoa, /105v/ a qual lhe servia das lagrimas que nos olhos faltavam. Os companheiros que em terra estavam, cofiados na destreza do pescador, pela tardança julgaram o perigo em que espirou e, bradando pella Virgem da Lapa, dous deles, com a maior preça que poderam, juntamente se deitam ao pego, feitos buzios de quem já estava nas prayas da eternidade. Acham-no preso e sem alento algum, procuram de o desentajar, mas como estava tam apertado, se a Virgem com sua clemencia não acodira, ali ficara manjar de peixes o que pera manjar seu os queria desencovar. Tanto lidaram, atè que já de todo morto o soltaram, fazendo delle triste espectáculo aos de mais que o esperavam. As agoas de seus olhos /106r/ podiam acrescentar às do Mondego, e com ellas foram os ays e gemidos navegando atè à Misericordia da may de Deos, não se ouvindo em toda aquella paragem senão: *Virgem da Lapa acodi-nos*. Foram as orações ouvidas, porque a morte obedeceo, entregando a alma nas mãos da vida, pera que a restituísse ao corpo. Alevanta-se o morto, conta o que passara, refere seu perigo e actos de contrição que fizera com espanto dos circunstantes, que, não cabendo com alegria, fazem de seus braços charola, em que o levam pera casa, desfazendo-se em louvores da Virgem. Concorrem muitos ao correr da fama, e huns sobre outros desejam ver e ouvir ao que pouco antes, levado da tempostade debaixo d’ agoa, /106v/ passara os horizontes da vida temporal. E sendo elle o relator da maior parte deste caso, com as tetemunhas que presentes se acharam, se tirou público instrumento pera memória de tam grande milagre.

No Carvalhal, termo de Marialva, em o anno de 613, estando hum homem tanto à falla com a morte, que lhe faltou a do corpo, fechando-

lhe as portas de todos seus sentidos, pera que ninguem as podesse abrir, senão a mesma morte, estrangida de maior alçada, à qual fez omenagem de tornar a traz quando lho mandasse. Vendo sua molher ao marido de todo desesperado, muito mais lhe creçeram as âncias de seu coração, largando as rédeas ao sentimento, que com maior lavareda se accendeo quando o /107r/ vio diante de si, não sò morto, mas amortalhado e cozido no lancol, que pera sempre nas entranhas da terra lhe serviria de cama. Alevanta o coração e os gritos ao Ceo, chama pella Virgem da Lapa com tanta efficacia, que tornando a morte com o roubo que fizera, entre a mesma mortalha se sentiram logo sinais de vida, bole e menea-se o defunto, a quem todos acodem como a outro Lazaro, que, ao mandado de Christo<sup>173</sup>, se alevantou da cova, atado nas mortalhas com que o enterraram; huns com tesouras, outros à força de mãos cortam, quebram, desatam as linhas e barbante<sup>174</sup>, com que o tinham cozido, convertendo-as de paixão em lagrimas de alegria e devação, principalmente sua molher, cuja /107v/ festa e alvoroço deixamos à consideração dos que isto lerem, pois lhe entrava outra ves em casa o marido, que vinha não do Brazil, nem da India, mas de legoas mais distantes, quaes são as do outro mundo.

Quasi o mesmo soccedeo a outro do termo de Pinhel, que, soprando os ventos da morte e fazendo do lançol vela pera outra vida, o começaram de amortalhar, mas não se tinham levado todas as amarras, porque, estribando-se os de sua casa na sagrada âncora da devação, o seguraram de tal maneira, que começou a bolir e fallar ao bradar pella Virgem da Lapa; e como obrigado ao voto que o navegante faz na tempestade, procura como falta em terra cumprir a promessa, /108r/ assi o fez este, que todos tinham por defunto, pondo-se ao caminho pera a casa da Lapa, onde mostrou ser já todo da Virgem quem não muito antes o tinha sido da morte, como constou a todos e com testemunhas se deitou em lembrança aos quinze de Abril de 616.

---

<sup>173</sup> João 11.

<sup>174</sup> Corda fina utilizada para amarrar.

Na Villa de Fontello, Bispado de Lamego, andando em huma rocha trabalhando Antonio Nunez, mais confiado de seus pès do que pedia o lugar tam arriscado em que estava, quando lhe resvalaram e, não se podendo firmar, de repente se veo com o corpo todo seguindo a decida, que era pera voar e não pera andar. Como a altura<sup>175</sup> do lugar não era pera salto, quanto menos pera queda, elle a deu tão grande, que logo ao parecer de todos ficou /108v/ morto, como tem succedido a muitos, e a menor pensão que pagam por serem tão aventureiros e tão pouco acautelados he acharem-se alejados. Como já defunto o trouxeram em huma tumba pera sua casa; não avia, entre todos os que uzaram desta misericordia, ninguem a quem tanto chegasse aquella morte como a sua mulher, diante de cujos olhos o poseram pera que, convertidos em rios de lagrimas, alcançassem vida a quem em tal queda a perdera; chama pella Virgem da Lapa, fazendo de suas dores lingoas, que arrezoadavam dentro no coração, melhor que a do corpo; mas, ajudando-se de todas, promete à Senhora de lho levar a sua casa. Eram passadas vinte e quatro horas sem dar sinal de vivo, nem nas /109r/ cores, nem na quentura, nem no pulso, que he mão do relógio, que dentro do peito têm as rodas de nossos annos, meses e horas, quando ao dia seguinte começa a fallar, acordando como de sono natural e não mortal. Reconheceram todos o favor da Virgem e o resucitado com sua mulher veo dar as graças devidas, aos trinta dias de Agosto de 623.

Bem vejo que este milagre pertence tambem ao capitulo I do livro 4, por ser concedido às orações da mulher em proveito do marido, mas, como trata de morte, pareceo melhor pô-lo nesta fileira, fiando dos que o lerem julgarão por boa a escolha do lugar, sem perjuizo da lembrança que fizemos aos casados pera com suas mulheres.

### */109v/ CAPÍTULO III*

*Livra a Senhora de graves perigos,  
aos que a ella se encommendam.*

---

<sup>175</sup> *Alutra*, no texto.

**A**FAMADA e celebre foy, no tempo de David, a Torre que no alto do Monte Sião<sup>176</sup> o mesmo Rey mandou edificar, cercada de muitos belluartes, que faziam mais aprazivel a invencivel e graciosa soberba com que sobia por cima de todos os montes; a qual torre, segundo a opiniam de alguns, não somente servia de armazem, onde se penduravam muitos e ricos escudos, mas tambem de forol<sup>177</sup> aos que de longe /110r/ vinham caminhando pera Hierusalem. Muitos Santos e Doutores accomodam esta fortaleza à Virgem Maria, por ficar com seus merecimentos e illustrissimas virtudes sobranceira aos altos montes de todos os varões afamados em virtude, assi da ley velha, como da nova. He rico armazem aos Christãos que se querem aproveitar, achando nella todo o genero de armas espirituaes e principalmente de escudos, que servem de emparar o corpo dos golpes e perigos com que he combatido.

Com esta figura entenderemos como sempre na Virgem achamos emparo muy favoravel e como pera com os que della se lembram usa de sua misericordia, como de escudo forte e impenetravel, com que rebate /110v/ os perigos da morte, mundo e inferno de que andamos cercados e combatidos. Não podemos negar que tenha a nossa celestial Torre officio de forol, pois sabemos que dà luz e mostra o caminho aos que vão errados, não só na via espiritual, mas na humana e mortal, por onde todos navegamos. Donde, com muita propriedade, lhe chamaram tambem Estrella de navegantes; e porque da maneira que a estrella do norte no alto do Ceo faz forol ao mundo, principalmente aos que lavutam com as ondas do mar, guiando-os seguramente por caminhos tão cegos, que, por mais cursados que sejam, nem sinal, nem estrada deixam; assi a May de Deos, assentada no alto polo de seus privilegios e virtudes, está de /111r/ continuo como resplandescente forol do norte, mostrando a carreira do Ceo e desviando-nos dos baixos<sup>178</sup> em que podemos perigar. He a Virgem tão liberal na comunicação destes lumes e fermosos rayos, que atè nos

---

<sup>176</sup> *Cânticos* 4.

<sup>177</sup> Isto é, *farol*.

<sup>178</sup> Isto é, *baixios, escolhos*.

males corporaes quer [que] a tenhamos por guia nossa, seguindo a Sam Bernardo<sup>179</sup>, o qual nos manda que, em quantos arricifes<sup>180</sup> nos ameçarem, ponhamos os olhos nesta Estrella e chamemos por Maria: *Respice Stellam, voca Mariam*<sup>181</sup>.

Quem navega sempre tem que contar, porque o mar he praça<sup>182</sup> e campo onde os ventos se desafiam, alevantando tais motins e revolvendo as ondas com tanta furia, que atè os mesmos peixes, como emjoados das tempestades, dão comsigo à costa, querendo antes morrer /111v/ fora de seu elemento que sofrer dentro de sua patria guerras civis; e pode ser que tantos sejam os que o mar tem comido com seus naufragios, como os que o ferro tem consumido em batalhas campais. E posto que em terra se mostre claramente a misericordia divina com acodir aos seus, de contínuo se experimenta no mar, por serem os perigos mui frequentes e a desconfiança da vida andar sempre à vista e tam vesinha com a morte, que não tem outro muro que as aparte, senão a grossura da tavoa em que se estribam. Mas o norte dos peccadores, que he a Virgem, como sente os corações tocados com sua devação (como agulha de marear com a pedra de cevar, que logo vai buscar a estrella que governa o /112r/ mundo), acode com segurança aos que se ve[e]m sem esperança.

Tal foy Domingos Soares, Veador do Ilustrissimo Senhor Dom Aleixo de Menezes, Arcebispo de Goa, Visorey da India, Primás das Espanhas, em cujos louvores se podiam fazer grandes volumes. Embarcou-se este seu veador, morando na India, em certa armada, como he costume; e antes que encontrasse com velas inimigas, que lhe dessem occasião de estender as de sua fama, lhe sobreveo tal enfermidade (inimigo tanto mais perigoso, quanto mais doméstico), que saindo em huma Ilha, onde se fez agoada, achou que lhe convinha ficar em terra, ordenando-o assi a divina providencia pera maior gloria da Virgem da Lapa. A terra era falta de mantimentos, /112v/ o mal crecia cada ves mais

---

<sup>179</sup> Bernardo.

<sup>180</sup> Isto é, *recifes*.

<sup>181</sup> “Fixa a Estrela, chama por Maria”.

<sup>182</sup> *Eclesiástico* 34.

e com elle a confiança que numqua desemprou o enfermo, como nem hum escravo seu, que com elle desembarcara pera o servir. A este obrigou que engenhasse huma jangada, na qual se meteo com tanto ânimo, como se fora dentro no Galleão e, deitado às ondas, sendo o vento por olho, não tendo outro pano, nem leme que desejos de vida ou de morte na terra conhecida, em breve tornou a arribar, entregando-se de novo à boa vontade com que seu escravo lhe obedecia. Manda-lhe que o ate na mesma jangada, pera que os balanços do mar o não sacodissem fora da sua Argos (que por tal se poderam ter aquellas mal pregadas e mal calefetadas tavoas), com a qual o bom preto o /113r/ tornou a fiar de quem tam infiel he; mas jà parece que o mar tinha algum recado do Ceo, onde o navegante levava olhos e coração, porque, sendo-lhe mais favoravel, o foy empègando<sup>183</sup>, furtando-o da terra e dos que nelle empregavam a vista com admiração de tão estranha ousadia. Assi andou sobre a tona da agoa em companhia da Virgem da Lapa, de quem era particular devoto, não a tirando da boca, nem da alma, atè que lhe deparou hum navio naquella immensidade de agoas, mais desertas de socorro humano que a Ilha donde saíram. Ao princípio duvidam (como acontece) do que podia ser, vão-se chegando, descobrem ser homem vivo o que ao longe tinham por tronco ou corpo defunto; falla elle, pede /113v/ favor, acodem todos a bordo, desejam saber a novidade do caso, lançam barco fora, metem-no dentro e, allando-o acima ao navio, ajuntam-se todos a ouvir o pregador da Virgem, relatando elle fielmente o que passava. Alcançando saúde e boa viagem pera o Reyno, se quis mostrar agradecido, vindo à santa casa da Senhora no fim de Setembro de 612, onde teve huma novena e contou miudamente o benefício que da Virgem recebera e, pera que a memoria do milagre ficasse mais viva, fez serviço a Santíssima Virgem das peças que acima ficam relatadas<sup>184</sup>.

Grande lástima causa a perda do navio, quando, depois de ter passado os perigos e tormentas do mar alto, a entrada do porto lhe /114r/ serve de golfão da morte, ou pelos ventos o encostarem a terra, ou por

---

<sup>183</sup> Ou seja, *engolfar-se, entrar cada vez mais pelo mar dentro.*

<sup>184</sup> Ver p. /50r/ e /50v/.

toquar em algum penedo, onde està certa a perdição; caso he este que a muitos tem soccedido sem os de terra lhe poderem valer. Nestas agonias se vio Andre Pires, natural de Aveiro, porque, ao entrar da barra se abriu de tal maneira a embarcação, que ficando todos sobre as ondas e em braços com a morte, sinquo pessoas se afogaram com tanto maior dor, quanto mais à vista da praya, sem a poderem tomar, assi por lhe faltarem as tavoas, como por não serem tão destros em nadar, como o nosso devoto da Virgem; que vendo-se já desfallecido e vencido do rolo do mar, começou alevantar a voz ao Ceo, emquanto as ondas lha não tiravam e, bradando /114v/ pela Virgem da Lapa, se achou remediado por hum modo tão extraordinario, que podera a respeito do naufragante ser mais celebrado que a fabula de Arion e a verdade do Delfinado de França, porque, se não vieram golfinhos que lhe servissem de fragata ou bergantim pera o levar a terra, veo hum barco que subitamente appareço, não com marinheiros que o remassem, mas do fundo do mar, onde parece estava alagado; e metendosse-lhe por baixo do peito, lhe deu ânimo a pegar com as mãos, que de cansadas não podiam servir de remos ao corpo, que no barco tão milagroso se salvou, pera ter louvores que contar da Senhora da Lapa, como fez em sua Igreja, onde veo em Romaria aos quatorze de Março de /115r/ mil e quinhentos e oitenta e dous.

A mesma Villa de Aveiro nos dà ocasião de tornarmos com hum seu natural a fazer della comemoração com novos hymnos e psalms da Virgem Maria. Vespóra de sua Immaculada Conceição, no de 89, vindo João Fernandes junto a Setuval, bem fora do que lhe podia sobrevir, se perdeo a nau que lhe sustentava a vida, pera com ella ficar mais obrigado a quem de maior perigo o livrasse, andando debaixo da agoa (que, posto lhe cerrava a boca, não empedia o coração, cujas vozes de qualquer profundo lugar, como as do Propheta Jonas se ouvem no mais alto do Ceo)<sup>185</sup>, recorreu à Virgem da Lapa e com tanta preça /115v/ lhe segurou a vida, que vestido e calçado se achou posto em terra, com tanto espanto, que duvidava ser aquelle que no mesmo tempo mais se tinha por defunto

---

<sup>185</sup> *Jonas 2.*

marinho que por vivente humano. Tanto poder tem a Senhora na terra, como no mar, tanto ençima como debaixo da agoa, nenhum elemento pera ella està fechado quando os corações com amor e devação estão abertos.

Mais tem que contar e engrandeçer a quem a Senhora procurou mais de favorecer. Ficou-nos o nome, não da patria, mas de Adrião Fernandes, tam confiado pera com a Virgem, quam penhorado dos mimos que lhe fasia e, como sua vida era de mareante, tres maravilhas nos deixou pera com ellas tecermos esta coroa de milagres que imos aperfeiçoando. A primeira foy que por baixo da Margarita, lugar /116r/ onde se pescam as perolas, teve huma tempestade, não de furiosos tufões, mas de crueis pyratas chamados Pyxocas, os quais não sò com a pilhagem da fazenda alhea se mantêm, mas entam se dão por bem regalados, quando em seu tinello<sup>186</sup> vêm os pratos cheos de carne humana; e pera se banquetearem o dia seguinte, prenderam a elle e a seus companheiros, a quem jà a terra e conversação dos homens parecia mais bárbara que a furia dos mares, onde tantos corpos vêm a ser mantimento de peixes. Assi atados ficaram de noite pera o sacrificio tão profano, quando viram que seus algoses com alegria da presa se engolfaram de maneira em beber sem medidas afiladas, que se afogaram em tão profundo sono, como se passassem desta vida. Começam os cativos a tomar ânimo, /116v/ buscam remédio pera se desatarem, acharam-se tão bem liados com as cordas inimigas, quam emleados se viram, por lhe faltar o socorro humano. Alevantam os olhos aos montes, donde David em suas angustias achava todo o emparo; e Adrião Fernandes, como guia de todos, invoca a Virgem da Lapa, a quem tinha paticular affeição, ajudam-no os companheiros e foy a oração dos prisioneiros tam efficaz, que as cadeas se quebraram; e se o ânimo não fora sò pera fogir, poderam em terra alcançar vitoria dos que delles a tiveram no mar, os quais deixaram em o sono sepultados, emquanto se puseram em salvo, dando mil salvas à Virgem da Lapa.

---

<sup>186</sup> Refeitório onde criados e serventes comem em mesa comum.

Outra ves, levando âncora no rio da Prata e fazendo-se à vela /117r/ com a proa em Pernambuco, lhe veio no alcance hum ladrão e, metendo mais velas, que são no alto as asas do medo, se abriu o navio, bebendo tanta agoa, que a bomba a não podia despejar; crecia o mar dentro na embarcação, faltavam as forças pera alijar a morte que pelos costados entrava, seguia o inimigo a presa, jà os passageiros se davam ou por afogados ou cativos; os homens do mar, sem arte pera resistir à violência do perigo, postos de joelhos com os de mais, voz em grito, olhos no Ceo, “Virgem da Lapa na boca e coração” – sendo author desta invocação o dito Adrião Fernandes –, escaparam de ambos os inimigos: mar e coçairo<sup>187</sup>, por meyo de sua libertadora, a Virgem Maria.

/117v/ Não foy menor o benefício que da Virgem recebeo no porto de Sines, vespora de Santa Caterina Martyr, às duas da tarde, quando se desatou a furia dos ventos e, escaramuçando por cima das ondas, as inquietaram de tal sorte, que a nau com os balanços trincou as amarras, ficando à mercê do temporal, que com a escuridade da noite acrescentava o temor da morte, em cujas garras se viram, quando às nove horas soaram entre aquella cerração as voses do mesmo Piloto, que bradava: “Perdemo-nos, perdemo-nos”. O vento afastava o navio da barra, onde, com forol, se procurava dar remedio aos que tinham maior pena por se não poderem melhorar, antes mais desacorçoavam<sup>188</sup> por se verem junto de hum penhasco, /118r/ onde estava certa a perdição. Chamou o devoto da Virgem pela Senhora da Lapa, que – dizem – foy vista de hum menino de sete annos, a quem tão claro e sereno norte, entre as escuras trevoas no convês, resplandeceo, certificando-lhe se não perderiam. Brada aos afligidos que, com a nova tam celestial e vital, cobraram alento e, vencendo os ventos e mares, acharam o navio desemvolto dos baixos<sup>189</sup>, onde mais alevantaram suas esperanças, atè que todos se viram na praya, descorados, com as sombras da morte, as quais, pera testemunho do perigo passado, os detiveram por algum espaço enfiados nos rostos,

---

<sup>187</sup> Isto é, *corsário*.

<sup>188</sup> O mesmo que *descorçoar* (desalentar, desanimar).

<sup>189</sup> Isto é, *baixios, escolhos*.

desconfiados da vida, mas de novo com tam grande milagre na Virgem muito mais confiados.

**/118v/** Deixemos o mar Oceano, manso e sojeito ao imperio da Raynha do mundo; metamos neste coro de louvores ao rio Douro, que nos merece alguma lembrança pelo desejo que mostra de ver o Reyno de Portugal, escolhendo-o pera sua sepultura e fazendo-se peregrino de tantas légoas, deixando sua patria, por se vir meter na Lusitania, depois de correr muitas terras, nas quais, por não achar campinas em que possa livremente esprayar, nem arvoredos que lhe fiquem obrigados ao regadio de suas correntes, como se fogissem da qualidade pouco sadia de suas agoas, o mais do caminho vem entalado entre penhascos e altas serras, que o fazem mais temeroso e alcantilado, até chegar à vista da nobre e **/119r/** alegre Cidade do Porto; dando-se por bem pago, depois de tantas jornadas, por lhe ser concedido o fim da peregrinação em terras do Ceo e de várias nações favorecidas e frequentadas. Muitas legoas se navega por elle; mas, como tambem se prese de ter Syrtes e Carybdes<sup>190</sup>, convem saber os pegos e os pontos (que assi chamam aos lugares mais perigosos) onde as embarcações correm muito risco, ainda quando o arrays he muito experiementado na carreira e condição do rio.

Esta sorte abrangeo a hum mancebo natural de Travanqua; indo à vista do pay (que ficava com os pès em seco e com os olhos dous rios de perenes lagrimas) se abrio o barco, ou por a velhice da **/119v/** madeira não poder resistir ao impeto das agoas, ou por se encontrar com algum penedo, onde està manifesto o perigo, assi nas embarcações de muitas toneladas, como nas que têm as cavernas quasi abordadas com a agoa. O filho diante do pay, sem lhe poder ser bom, mergulhou a baixo, começando a lidar com a morte, rendeira destes sucessos; valeo-se o velho, que em terra estava, da Virgem da Lapa, pedindo-lhe misericordia pera com seu filho, que mais o alvoraçou com tornar a cima e logo desaparecer, assi por lhe faltar a arte de nadar, como por não ter naquelle seu naufragio távoa de que pegar; esta lhe deparou a Virgem por orações

---

<sup>190</sup> Cila (ou Sirtes) e Caribdis eram dois monstros marinhos ou, de outra forma, dois escolhos perigosos para a navegação.

do pay, que fortemente apertou com a Senhora, até que sobindo outra vez do /120r/ fundo pego, ferra de hum pau, em que se salvou, sem saberem donde viera, nem de que podia servir, senão de batel mandado polla Virgem pera dar vida ao fillho que se afogava e ao pay que, com o ver morrer, espirava. O testemunho e prova deste milagre se fez aos 13 de Dezembro de 619.

Não he differente o de 28 de Mayo de 628, com que ficou nomeado hum Antonio Martins, natural de Favayos. Decendo pelo mesmo Douro, por não acodir com diligência ao barco, levado da vea da agoa, topou com tanta força em hum seixo, que, saltando fora os tornos e pregadura, não ficaram mais que as tavoas sem forma de batel. Desacordado com o perigo posto na madre do rio, foy chamando pela /120v/ Virgem da Lapa perto de mea legoa, sem decer a tomar o vau da morte, antes servindo-lhe a corrente de brando colcham, levou todo aquelle espaço, até que se achou em cima de hum pau, que foy pera elle fragata de salvação em que a Senhora o livrou da corrente do rio, que muitas vezes se despenha tam arremeçado, que mais parece doudo que Douro.

Não sey se demos nome de rio ao que vai junto a Botam, não mui longe de Coimbra; se não for proprio seu, emprestar-lho-emos no tempo do inverno, quando com suas cheas vay tam soberbo, que se quer meter na lista dos caudalosos, saindo por vezes com seus impetos de cólera contra o lugar e campos vezinhos, até que se vai fazer /121r/ em hum corpo com o Mondego e pagar o tributo dividido ao mar. Em hum destes assaltos levou comsigo a Isabel, menina de sete annos, sem lha poderem tirar da sua furia muitas molheres e homens, que com brados procuraram vencer o estrondo das agoas, chamando polla Virgem da Lapa. Soccedeo que a caso passava por aquella paragem Gaspar Leirão, narural de Ferreira, duas legoas da Senhora da Lapa, a toda a preça se apeou e, como quem andava mais à vista da Senhora, estribado na vezinhança que com sua santa casa tinha, invocando-a, com muita confiança se lançou à corrente, que arrebatara a menina, e lha tirou da boca são e salva, com grande espanto e gosto dos presentes e muito mais de seu pay, que /121v/ entre os lastimados estava temendo o último fim da vida à criança, a

quem a Virgem acodio, mandando ao rio que a tornasse a quem a tinha roubado, obedecendo elle coma escravo a sua Senhora, a quem os Anjos têm por grande honra servir.

Posto que as historias mais velhas tenham por herança o privilégio que os Juristas deram à antiguidade e encerraram naquellas breves palavras: *Omne antiquum nobile*<sup>191</sup>, dando-lhe por aya e companhia perpétua a nobresa. Comtudo não sey que graça têm as cousas modernas, que, por serem domesticas e nadas em nossos tempos, nos causam maior espanto e com maior alvoroço as recebemos. Tal espero que seja a que agora contamos, fresca no tempo (pois não tem dous mezes de idade), /122r/ medonha em seu princípio, maravilhosa no processo, milagrosa no remate.

Neste anno de 636, ouve tam grandes invernadas, que parece de propósito se conjuraram as chuvas a querer como de repente afogar os ardores do sol, que ainda no mes de Setembro duraram com extraordinarias calmas. Creceram tanto os rios, que vieram a se fazer crueis contra o gado, arvoredos, moinhos, pizões, edificios, allagando-os e desfazendo-os com notavel perda dos Senhorios. E como sejam nestes assaltos mui arrebatados, levam muitas vezes comsigo homes e molheres, que, ou por descuido de se salvarem, ou por desejos de acodir à fazenda, perdem o que mais val, que he a vida.

/122v/ Aos tres de Outubro (sendo oje dous de Dezembro em que isto escrevemos), em Villa Cortês, termo de Linhares, pertencente ao nobre e riquo Bispado de Coimbra, querendo passar hum menino certo pontão pera ir a Mello ao colher da castanha, estando já entrado no perigo, faltando-lhe o tino e lume dos olhos com a multidão e estrondo das agoas com que a ribeira o atemorizou, não se podendo sustentar, escorregou sobre a corrente furiosa, que todos os sentidos lhe roubara, tirando a lembrança da Virgem da Lapa, de que se valeo neste naufragio gritando: *Nossa senhora da Lapa valei-me*. Os que em terra estavam e viram a queda, ajudaram-se dos brados e alaridos que em repentinos

---

<sup>191</sup> “Todo o antigo é nobre” (*Ex C. et ff.*; a partir do *Codex* e do *Digesto*)

casos mostram o /123r/ sentimento d' alma sem remedio humano. Foram tais as vozes que, vencendo o roido das agoas, abrangeram dentro a Igreja, bem distante do perigo, onde no mesmo ponto o Sacerdote que dizia missa alevantava a Hostia, dando vista ao povo daquelle Senhor, que das alturas do Ceo ouve os gemidos do coração. Os que dentro estavam pronosticando o que podia ser, deixando a Deos por Deos (sacrificio que muito lhe agrada), acodiram à piedade que por elles bradava, a qual os fez tam ligeiros, que voando e não correndo chegaram e conheceram o successo; viram o menino no rolo das agoas lancar de quando em quando o braço fora, como quem pedia socorro aos que magoados e indignados contra a soberba /123v/ chea; foram por terra, seguindo a quem já davam por morto, pois tendo passado muitos asudes<sup>192</sup>, moinhos e agudos penhascos, por espaço de mea legoa, veo dar comsigo em huma como bahya, donde as agoas se esprayavam; e como entre estes piadosos aventureiros fosse hum por nome Francisco Thomas, insigne em saber nadar, a charidade o fez tam animoso, que, pisando o medo da morte, armado com o sinal da Cruz, se deitou à corrente, que teve respeito e se acovardou a quem tanto a desprou. Chega, pega, vem trasendo comsigo o que já tinha por afogado e a quem dera o braço, não tanto como batel pera são e salvo navegar, como pera esquife em que o levassem a enterrar, e com este intento o /124r/ puseram junto à Igreja, onde o naufragante, abrindo boca e olhos, claramente disse: *Virgem da Lapa sede comigo*.

A estas vozes, como de resuscitado, acompanharam as lagrimas dos presentes, estilladas de seus olhos com o fogo da devação, que nos corações se lhes acendeo com milagre tam raro, alevantando as vozes ao Ceo pera engrandecerem a May de Deos; e pera ficar a maravilha mais aprovada, despiram o menino de seus pobres e molhados vestidos e, dando-lhe de comer, foy por seus proprios pès levado a seus pays moradores em Villa Ruiva.

---

<sup>192</sup> Isto é, açudes (represas).

Camava-se Pedro, o qual, em agradecimento de tam illustre benefício, tomou por sobrenome de /124v/ nossa Senhora da Lapa, querendo com os de mais fazer nobiliario e familia dos da Lapa, que não devia ser menos estimado que dos primeiros descobridores da Ilha da Madeira, quando, correndo-a em roda, foram entrar na concavidade de huma rocha, onde as agoas mais brandas, dando hospedajem a muitos lobos-marinhos, deram tambem a nobilissima geração dos Câmaras deste Reyno, por chamarem aquelle lugar *Câmara de Lobos*; cujas figuras ajuntaram a suas armas, pera com ellas mais resplandecerem – julgando que ficava o seu antigo *Gonçalves* bem agasalhado com o recolherem naquella câmara feyta pela natureza, pera o diante ser morada e origem de tam illustre nobresa.

/125r/ Polla inquirição que se fez, soubemos como Pedro da Senhora da Lapa nunca fora a sua igreja, mas que importunara muito aos pays o levassem comsigo, quando foram em Romaria a sua santa casa; e não alcançando delles este favor, ficara tam affeioado à Virgem, que sempre ao diante lhe resara huma Ave Maria. O fruto da devação se mostrou no socorro com que a Virgem lhe acodio, que, quando se dá por obrigada a não faltar com tam grande premio a huma pequena Ave Maria, com que mimos acrecentara ao que de seu coração faz madre perola de terços, coroas, rosairos?

A relação deste caso se deve ao Padre Diogo Rodrigues Cardoso, Prior da Collegiada de Nossa /125v/ Senhora da Assumpção da villa de Linhares, pera cujo credito (bastando sua palavra) elle a authorisou juridicamente e referio por escrito seu ao Collegio de Coimbra, e este ao Reverendo Cabido pera o julgar e aproar.

Fazendo-nos outra ves na volta da terra, com rezão se agravara de nós Pero de Reyna, natural do Tojal, se não fizemos delle mensam entre os mimosos da Virgem, confessando que por seu particular favor se vira livre de hum mar e abismo de trabalhos, em que andara por espaço de nove annos cativo entre Mouros, os quais, em lugar de âncora batida na forja de sua crueldade, lhe lançaram mais de hum quintal de ferro, com que /126r/ escaçamente podia acodir ao trabalho, que os ministros do

demonio e devotos de Mafamede lhe davam de empreitada, com a costumada paga e satisfação de cárceres da Mourama. Desta tempestade terrena o livrou a Virgem da Lapa, a quem se emcomendava no tempo de sua prizam e aspero cativeiro. E pera sinal de seu agardecimento, lhe deixou hum grilhão em sua Igreja, à vista do qual se dão os Romeiros por cativos do amor que devem a tam piadosa Senhora.

Querendo Domingos Gonçalves, de Santo Adriam, tapar hum portal da vinha, pera defender o remedio de sua vida dos que ociosa e golosamente se sustentam dos trabalhos alheos, bolio com huma pedra /126v/ que servia de base ou coluna à grande penha que nella se assentava, a qual de repente se veo toda sobre elle, ameaçando-o com hum sepulcro mais sumptuoso do que pedia a qualidade de sua pessoa e o desejo que ainda tinha de prolongar o prazo de seus annos. Pera escapar destas ultimas honras, em tal perigo tam ingratas, dentro em huma pequena lapinha bradou pella Senhora da Lapa, que fez delle outro Moyses<sup>193</sup>, mentendo-o em tam estreito buraco pera ver a gloria da Virgem Maria, que claramente experimentou, ficando-lhe o chapeo da cabeça e ombreira da roupeta corradados, como rastos da morte que por junto delle passara e sem duvida o acabara se a Virgem o não estorvara.

### /127r/ *CAPITULO III*

*Alguns emdemoninhados,  
em que a Virgem fez milagres.*

**Q**UE os demonios com licença de Deos entrem nos corpos dos homens e molheres por rezões e particulares juizos do mesmo Senhor, alem da experiencia tam frequente com que isto se prova, a igreja Catholica nos ensina ser verdade com os exorcismos que inventou contra os inimigos d’ alma, pera os desapossar dos castellos em que se fizeram fortes, pera assy atormentar os corpos humanos e desacreditar o governo divino.

---

<sup>193</sup> Êxodo 33.

Muita doutrina aprendemos /127v/ com a vinda de Christo acerca destes espiritos malignos; huma dellas he saber que muitas vezes em hum corpo se recolhe não hum sò, mas muitos diabos, os quais, como sejam espíritos, não occupam lugar por carecerem de quantidade, que, conforme as leys humanas, a todas as cousas corporeas poem marcos e prazos com que ficam divididas humas das outras, posto que as vejamos juntas e contiguas. Mostrou-nos Christo o odio que os diabos do inferno têm contra nós, quando perguntou a hum delles como se chamava, e elle em continuo, diante de grande multidão de gente, respondeo que seu nome era *Legião*<sup>194</sup>, a qual, conforme ao estillo da guerra e algarismo dos Romanos, tinha seis mil e seiscentos e /128r/ sesenta e seis soldados; tantos eram os demonios que dentro naquelle corpo estavam e com o nome de *Legião* declaravam estar sempre em guerra contra nós, pera assy nos avisarem quam necessario nos he vigiar e andarmos armados contra as siladas e enredos em que nos espera pera nos roubar o thesouro da divina graça, matando-nos cruelmente nossas almas; e que não faltava soldadesca infernal, quando, pera atormentar hum sò corpo, acodia huma legião de algozes feros e deshumanos.

No Capitulo desasete de Sam Mattheus<sup>195</sup> se nos descobre outro nome que tambem tem seu mysterio; diz o sagrado Chronista que era Lunatico, porque nas conjunções de lua apertava tanto com /128v/ aquelle moço em cujo corpo morava, que com grandes dores e sentimento de seu pay lho deitava humas vezes no fogo, outras na agoa, como quem dava sinais da vontade que tinha de o queimar e afogar. Dúvida faz aos authores o nome de Lunatico; alguns cuidam que era doença natural e sobre esta lhe viera a persiguição do demonio. Sam Chrysostomo<sup>196</sup> affirma não ser doença natural, senão arte do inimigo, pera o que se assinam duas rezões. A primeira de Sam Jeronymo e Origenes<sup>197</sup>. Procurava infamar a lua que Deos criara pera tantos beneficios do genero

---

<sup>194</sup> *Marcos 5; Lucas 8.*

<sup>195</sup> *Mateus 17.*

<sup>196</sup> *Homilia 58.*

<sup>197</sup> In 4.º Mateus Origenes.

humano, como se ella fosse causa da doença daquelle moço e dos ímpetos com que arremetia a se abrasar e afogar. Outra aponta o Venerável /129r/ Beda<sup>198</sup>, a saber: que pretendia o demónio com este ardil maliçioso que os homens ganhassem odio contra Deos, pois criara cousa tão contraria à saúde e boa disposição dos corpos, qual era a lua com cujas enchentes, vasantes e quarteirões destemperava a viola de nossos membros, arriscando-os a perigos mortais.

Outro mau Anjo nos descreve Sam Mattheos; este, sabendo quanto se grangea com a lingua palreira, tanto de proposito se amou dentro naquelle miseravel homem, que lhe não consentia dizer palavra, achando melhor partido com lhe deitar hum cadeado na boca, conforme a opinião de alguns authores fundados no sagrado Texto; não sò era mudo, mas cego e surdo, /129v/ fechando-se o demonio por todas as partes, pera que, deixando a casa às escuras, nos desse a conhecer sua natureza quam amiga he de trevoas, posto que alguma ves se vista de luz fingida e mentirosa. Chama-se *diabo mudo*, não porque nele aja este travamento da lingua que vemos nos homens, mas porque faz mudos aquelles de quem se apodera<sup>199</sup>, assy como a huns constringe a fallar varias linguas que numqua aprenderam e a outros a tanger e cantar sem numqua tomarem viola nem saberem solfa<sup>200</sup>, como já socedeo a certo demónio que, perguntando-lhe o exorcista se sabia alguma arte, respondeo que tanger e cantar; e dando-lhe a viola, o endemoninhado fez peças estremadas, tocando as cordas por modos numqua vistos. /130r/ E começando a cantar, lhe foy o exorcista à mão, porque deu principio a huma canção mais profana do que o lugar e auditorio pedia, prometeo o diabo de não dizer palavra descomposta, o que comprio, mudando de repente a letra mundana, que então corria em verdade santa, condenando sua muita soberba desta maneira:

*Esclavo foy; pero cuyo?*

---

<sup>198</sup> Beda.

<sup>199</sup> *apodetera* no texto.

<sup>200</sup> Isto é, *solfejo, música*.

*Esso no lo nego yo.  
Que cuyo foy me embió  
Al inferno donde estoy  
Porque dixé, no era suyo.*

Tambem este se poderá chamar diabo musico, tomando o nome como qualquer outro dos effeytos que obra, usando dos membros humanos como de instrumentos de sua maldade.

**/130v/** Huns são urbanos e caseiros, outros solitarios e malancolicos, como aquelles de que fallam os Evangelistas S. Mattheus, Sam Lucas e Sam Marcos<sup>201</sup>; moravam estes em sepulturas, que naquelle tempo se abriam ao picão em pedra viva ou se faziam de seixo e tijolo a modo de cella com sua abobada, onde os corpos defuntos honesta e piamente eram sepultados. De semelhantes lugares saíram dous endemoninhados, queixando-se de Christo por antes de tempo os atormentar, cujo dito fez crer a muitos e varios authores que os demonios antes do final juizo estavam como em férias e tinham tregoa com as grandes penas que depois do mundo julgado os esperam. Vay esta opinião fundada **/131r/** nas palavras de Sam Pedro, cabeça dos Apostolos, na segunda carta que deixou escrita, aonde diz que meteo Deos a nossos inimigos no inferno<sup>202</sup>, como em custodia, pera no ultimo juizo serem atormentados, e com elle concorda o Apostolo Sam Judas Thadeo. Comtudo, a opinião vulgar na Igreja he que os espiritus malignos, desd'o ponto que se rebellaram contra Deos, foram logo castigados com fogo que comsigo trasem, como o cativo leva o grilhão e ferretes, que o dão a conhecer por sojeito à vontade de quem ou na guerra o venceo ou na paz o comprou. Sentirem os demonios serem antes de tempo atormentados, foy porque não têm certesa do fim do mundo, aonde as penas se lhe hão de dobrar, ficando **/131v/** pera sempre encarcerados no inferno; e como agora têm mais liberdade pera tentar e perseguir aos homens, fica-lhe servindo de maior dor verem-se privados deste officio, constrangidos por Christo a largarem os corpos onde se tinham acastellados.

---

<sup>201</sup> Cap. 8; cap. 5.

<sup>202</sup> *Codex* 2, 54.

O intento de se recolherem em sepulturas faz variar aos sagrados Doutores; huns dizem que a tenção do demonio he zombar dos corpos mortos, mostrando que se fazem companheiros seus, no lugar em que os catholicos, movidos da charidade, os agasalham pera não ficarem mantimento das aves e animaes da terra e, por esta causa, ensinam e approvam o costume de se porem cruces nas cousas dos fieis defuntos. A este intento remetem alguns a contenda /132r/ do diabo com o Arcanjo Sam Miguel sobre o corpo de Moyses, como aponta Sam Judas Thadeo na sua Canonica, do qual ou queria o inimigo zombar ou com elle fazer idolatrar ao povo Hebreo. Outros julgam ser crueldade dos diabos, pera com o mau cheiro e podridão dos corpos enterrados atromentarem a seus hóspedes endemoninhados.

Sam Chrysostomo<sup>203</sup>, Euthymio, Theophyl têm pera sy que os diabos, com se acolherem às sepulturas, querem fazer crer aos homens que as almas dos finados se convertem em demonios. E Santo Agostinho<sup>204</sup> tocou a mesma opinião, à qual se encostaram os que beberam na fonte Tertulliana, quando estava mais turba com os erros daquelle /132v/ tempo. Podemos tambem dizer que estes endemoninhados eram tam atrevidos e deshumanos, que por causa de sua fereza todos os deitavam de sy, não se atrevendo com gente tam furioza e, por se verem desemparedados, fogiam pera os sepulchros, os quais, como està dito, se edificavam a modo de camarotes.

Em Sam Marcos<sup>205</sup> se nos abre outra eschola em que podemos aprender muitos documentos de virtude. Refere de hum endemoninhado que às claras se pôs a pregar louvores de Christo, confessando sua vitude e divino poder, a quem o mesmo Senhor, em tudo mystrioso, mandou calar e que mudo se fosse daquelle homem, delle tam oprimido. Obedeço o /133r/ inimigo e, quando se despedia da sua antiga morada, parece que queria esquarterar ao miseravel homem. O que fez, diz Sam

---

<sup>203</sup> *Homilia* 28.

<sup>204</sup> *De civitate Dei* l. 9, c. 11.

<sup>205</sup> Cap. 1.

Chrysostomo<sup>206</sup>, pera que a todos fosse claro a raiva e dor com que se apartava daquelle a quem tantas dores causava e que por despedida o deixava, como despedido da vida. Posto que Sam Gregorio<sup>207</sup> nos dá a entender o grande sentimento que Satanás tem, quando conhece que huma alma o quer deixar e passar a bandeyra de Christo, então lhe dá maiores batalhas e com mais frequentes tentações lhe quer meter ou medo ou fastio contra a virtude, que com braços abertos o està sperando.

Não he menos espiritual a dúvida em que Christo meteo aos /133v/ escriturarios por mandar calar este demonio, nem parece que devia embargar os louvores com que o descobria por filho de Deos, pois a isso viera ao mundo, como elle nos ensinou. Beda<sup>208</sup> diz que o quis castigar na lingoa com que tinha enganado a Eva, donde se originou a perda do genero humano. Tertulliano<sup>209</sup> escreve que foy pera que os circumstantes entendessem que o tinha por inimigo capital e que nenhuma communicam com elle queria ter e que, por esta via, cortava as maliciosas sospeitas que os Phariseos contra elle forjavam, semeando entre o povo ser Christo do bando e facção de Belzebud.

Sam Chrysostomo e Euthymio querem fosse lição moral com /134r/ que o salvador nos instruiu em não querer verdadeiro testemunho do pay das mentiras, qual he o diabo. Tanto monta o author, que diz bem ou mal da pessoa de que se trata<sup>210</sup>. Filósofo ouve que, sabendo como certo homem tinha em público armado hum tear de grandesas e louvores seus, com ordidura de palavras delicadas e elegantes ficou perturbado e, recolhendo-se hum pouco debaixo do sembrante malenconico, abrindo os registros das lagrimas, as deixou correr, pondo os presentes em confusão. E perguntando-lhe a causa daquella mudança, respondeo ser impossivel parecer bem a tal homem, senão por encorrer em alguma culpa semelhante à escoria de seus costumes. Tambem se /134v/ atribue à grande humildade de Christo, que, prohibindo ao diabo a pregação de

---

<sup>206</sup> *Homilia 5.*

<sup>207</sup> *Homilia 12; In Ezechiel.*

<sup>208</sup> Beda.

<sup>209</sup> *Contra Marci.*

<sup>210</sup> *João 8.*

suas virtudes e santidade, nos exhortou a não buscarmos satisfação dos homens com as guarnições e eloquência; e como avia de consentir que o demonio tomasse o officio que era proprio dos sagrados Apostolos, a quem por vezes tinha posto silêncio em as cousas de sua divindade, esperando por tempo mais accomodado, que era o de sua resurreição.

Toda esta doutrina servirà como na pintura, a que chamam paisagens<sup>211</sup>, com as quais se ornã os paineis pera recreação dos olhos, a quem à arte de pintar toda se dedicou. E porque não temos ao certo resumido o numero dos endemoninhados que a Virgem da /135r/ Lapa deitou dos corpos de seus Devotos, aproveitamo-nos dos que Christo afugentou, porque destes nos podemos ajudar pera entendermos a fereza e perrarias<sup>212</sup> com que se aviam contra os que sojeitavam a sua tyrannia; porque sem dúvida achamos escrito que a Senhora da Lapa fizera milagres em muitos emdemoninhados, não se apontando o modo particular de cada hum, que devia de ser como algum dos que no Evangelho ficam debuxados<sup>213</sup>. Assy como todos os lobos têm o mesmo modo de furtar e os leões de escalar, assy os algozes do inferno, geralmente fallando, guardam as mesmas leys em atormentar.

Sò em particular sabemos que, estando diante da Virgem huma /135v/ moça de sete annos presa do demónio, que muito a apertava, por vezes se alevantava pedindo lhe dissessem huma missa. O que foi contra vontade do inimigo, o qual, constrangido de maior alçada, vomita a verdade, mui alhea de seu estômago, e foy Deos servido, que, com o divino Sacramento do Altar, por intercessão da Senhora, ficou o demonio tam atemorizado, que fogio desemparando o alcaçar onde tanto a seu gosto se armara pera fazer guerra a tam fraca idade como eram sete annos; permitindo-o Deos, assy pera nos doutrinar acerca de seus divinos juizos e pera os pays em todo o tempo andarem mui cautellados sobre a criação de seus filhos, exercitando-os em cousas santas, pondo-lhe /136r/ reliquias ao pescoso, ensinando-os a chamar por JESUS e

---

<sup>211</sup> Isto é, *paisagens*.

<sup>212</sup> Isto é, *pirraça, perrice, desfeita* (grande número de perros ou cães).

<sup>213</sup> esboçados, delineados, edealizados.

Maria, armando-os com as contas da Coroa do Rosario, do Terço da mesma Senhora, que pode ser castigasse Deos o descuido dos pays com os tormentos da filha por ser mal criada.

Nem he cousa nova, porque a Sagrada Escritura<sup>214</sup> refere que trouxeram a Christo hum moço, a quem asalteava o demonio tam rebelde, que se não atreveram com elle os discipulos do Senhor, bem adestrados em amansar as bestas feras do inferno. E perguntando-lhe o Salvador quanto tempo avia que afligia aquelle menino, respondeo o pay que desde sua meninice; e com este modo de ensinar tam engenhoso quis advertissem os pays a /136v/ muita diligencia que se avia de empregar na criação daquellas boninas, que, por florecerem no campo da meninice, são tanto mais perigosas quanto de si menos cuidadasas.

## CAPITULO V

*Favor da Virgem contra a lagarta.*

**O**BOM medico tem varios remedios contra a multidam de doenças que perseguem o corpo humano, pera com elles fazer obedecer os inimigos da saúde às regras da medicina. Assy costuma Deos no caminho da salvação: refrea os gostos da vida, que são seminarios de peccados, tem castigos de fazenda e /137r/ corpo, pera que, vendo-se apertados por se apartarem de Deos, tornem atraz, reconhecendo a fonte de todo bem; e pera se alañar este intento, aos homens tam necessario, arma exercitos de inimigos, fome, calmas e chuva, as quais levam muitas vezes consigo as esperanças que sobre seus trabalhos tinham os peccadores semeado.

Hum dos esquadrões que a fome tras diante de si, como forte batalhão de sua vanguarda, he a lagarta<sup>215</sup>, com que assola as vinhas, searas, fruita, ortalija e arvores, deixando em breve tempo consumido o

---

<sup>214</sup> Marcos 9.

<sup>215</sup> Ou seja, *gafanhotos*.

que em muitos días e noites com despeza de sorças<sup>216</sup>, sono, saúde e bolça se gramgeou. A estes castigos chamamos praga, tomando o nome dos Latinos com mudança /137v/ de huma só letra, fazendo de *plaga*, praga, e com ella declaramos os golpes que dà o Ceo no suor dos lavradores pera abranger a todos que de seu trabalho dependem, como os membros de nosso corpo do estamago, que he o celeiro de todos elles.

No Profeta Joel<sup>217</sup> ameaça Deos aos peccadores daquelle tempo, não com Assirios e Caldeos ou outros inimigos, cujo nome fazia tremer aos mais esforçados, mas com fracos bichinhos que, roendo as novidades, despojassem a todos e lhes roubassem os thezouros de suas riquezas, tirando-lhes diante dos olhos e diante da boca a sustentação, que nos campos bem cultivados hia crescendo.

No Exodo<sup>218</sup>, contra a dureza de /138r/ Pharaó, por meyo de seu General Moyses pòs Deos em campo estas bandeiras de soldados pera que de todo acabassem o que da sarayva escapara. E não custou a Deos esta soldadesca mais que alevantar Moyses, por ordem sua, a mão ao Ceo e com ella dar final aos gafanhotos, pera que coalhassem ares e terras, eclypsando com suas asas e corpos os rayos do Sol, ferrando e mastigando com seus dentes toda a frescura e fartura de Egypto; e com não terem Rey que os guie<sup>219</sup>, como se diz nos Proverbios, vam pera esta batalha marchando tanto ao compasso da primeira causa que os governa, que cada hum delles, tomando a estância que lhe deram, não se alevanta d' ella sem primero desfazer a preza que lhe entregaram.

/138v/ Depois que Salamam<sup>220</sup>, na grandesa do templo que alevantou pera serviço de Deos, mostrou a vontade que tinha ao culto Divino, à vista de todos foy o primeiro, pera exemplo de seus vassallos, que entrou a fazer oração; e entre as varias supplicas, com que procurou agradar ao Ceo e ensinar ao povo, foy pedir livrasse aquella cidade e aos moradores della, assy dos inimigos do corpo e riquezas, como tambem

---

<sup>216</sup> Isto é, *surça* (víveres, comida).

<sup>217</sup> Cap. 1.

<sup>218</sup> Cap. 10.

<sup>219</sup> Cap. 20.

<sup>220</sup> 2. Par. 6.

das arvores e searas, que são gafanhotos, burgo<sup>221</sup> lagarta, e outras pestes rusticanas, com as quais a fome dà grandes assaltos e poem em apertados cercos lugares, villas e cidades.

O estilo que este piadoso e poderoso Rey guardou pera com Deos foy liçam pera os vindouros, /139r/ na qual aprenderam não só o castigo da largata vir por ordem divina, mas que convinha acodir a Deos e a seus santos como a certos avogados de nossos trabalhos e angustias. Este favor se tem por vezes achado na Virgem da Lapa, pera com todos aquelles que a ela demandaram com suas petições. Do que nos dão claro testemunho muitas terras e freguesias da Beyra, cuja fazenda he bem rendosa e gostosa com os muitos e frescos soutos de castanheiros, de cujo fruto em muitas partes se faz o pão, a que chamam, *fallacha*. Nestas arvores tam vitais se pega muitas vezes huma doença, da qual nace a lagarta, cruel inimiga da castanha, comendo-lhe a folha e empèstando o tronco e raiz com /139v/ sua peçonha, de tal sorte que, chupando-lhe o humor, fica tudo arvore seca, em tempo que com suas sombras e fruto aviam de recrear e sustentar a seus cultivadores.

As freguesias que com voto de procissão se obrigaram à Virgem da Lapa, pera que lhes desse socorro contra estes exercitos roedores, são as seguintes: Mageia, freguesia de S. Tiago, todos os annos em dia de Sam Barnabe com sua offerta de cera vem cumprir a promessa e dar testemunho da mercê recebida.

Os de Penude, freguesia de Sam Pedro, com o mesmo voto alcançaram semelhante despacho.

Os da Varzea, freguesia de Sam Martinho, seis legoas distante da sagrada Imagem, averà mais de /140r/ cincoenta annos que continuam com esta devacam, e affirmam não terem mais sentido a perda com que estes bichos os despojavam; os quais se viram pellos ramos pendurados a modo de pinhas, como se, em penitencia do dano que faziam, ou fossem enforcados, ou estivessem todos atados e comendo-se huns aos outros sem prejuizo algum das arvores em que se criaram.

---

<sup>221</sup> Ou seja, *vulgarmente* [designada].

Os de Lazarim, freguesia de Sam Miguel, experimentaram este tam grande beneficio o anno de 636.

Os de Geovandes, freguesia de Sam Sebastiam, com seu voto fizeram huma contrapeçonha com que se defenderam deste inimigo.

Os de Lalim seguiram a mesma /140v/ devaçam, como remedio certo de seu mal. Os de Guosende, freguesia de Sam Pedro, imitando aos primeiros, tiveram em effeyto o comprimento de seus desejos.

Os de Homisio, freguesia de Sam Miguel, por causa dos gafanhotos e bichos sobejos, se obrigaram a sy com voto e à Virgem com misericordia, pera matar e perder a quem tanta perda lhes dava. E foy cousa milagrosa que, logo naquella paragem (o que dantes se não tinha visto), apareceram muitos corvos que, fazendo banquete dos gafanhotos, os despovoaram, dando em seus estamagos sepultura àquella bicharia, que desapoderadamente se lançara a comer e roubar a pobreza dos que pera com a Virgem tinham grande valia.

/141r/ Os de Villa Cova, freguesia de Sam João.

Os de Alhães, freguesia de nossa Senhora do Rosario.

Os de Leomil, freguesia de Sam Tiago, não se desviando desta estrada tam segura, foram com a mesma benevolencia despachados. E alguns, em lembrança, trazem castanheiros de cera, que deixam diante da Virgem, porque a devaçã e amor são muy engenhosos em agradecer, quando o entendimento não falta em reconhecer o tempo e modo com que se faz a mercê.

Demos gosto aos de Sam Joanelho, freguesia de Sam João, com os metermos neste catalogo, os quais fecharam já a quarentena de sua muita piedade pera com a Senhora da Lapa, a quem, de quarenta /141v/ annos a esta parte, offereceram e sempre compriram com huma procissão por causa de fomes e temerosas trovoadas, de que a Virgem os livrou.

A mesma rezam trouxe os de Monteiras, freguesia do Espirito Santo; sentindo manifesta melhoria em seus trabalhos, que são os mynistros da justiça divina, que nos fazem nesta vida dar temporal satisfação pellas culpas que mereciam eternos annos de tormentos, principalmente quando interpoem sua autoridade à May de Deos e de toda a misericordia.

Outras freguesias averà que não vieram à nossa noticia quando esta historia se escrevia, nem por isso carecem de grande louvor que a seu tempo se lhes restituirà.

## /142r/ *CAPITULO VI*

*Porque se escreveram tam poucos milagres  
desta Senhora?*

**E**STES são os benefícios milagrosos da Virgem da Lapa, que à nossa mão chegaram bem cansados e muy semelhantes aos Gabaonitas, que com vestido e calçado rotos, com o pão duro e bolorento persuadiram ao vitorioso capitão Josue<sup>222</sup> virem de terras e cidades muy remontadas. Tais me pareceram as maravilhas que aponteí, porque se nos offereceram em letra e papel tam emgraxados, quam desemgraxados; e já pode ser que passassem /142v/ de largo, como estrangeiros não conhecidos, se não seguíssemos ao Santo Abraham, que se punha à porta de sua tenda a esperar os peregrinos, quando o sol com seus rayos mais ardentes feria o mundo, sendo-lhe, como diz Santo Ambrosio<sup>223</sup>, tempo de alegre festa pera os servir, o mesmo que aos outros era branda festa pera dormir.

Numqua deixarei de me queixar da negligência (madrasta de insignes obras) que ouve no apontar e ordenar os milagres da Virgem, porque muitos pereceram com aquella doença que abrange a grandes monarcas: *Carent quia vate sacro*<sup>224</sup>. Falta de quem escreva he sepultura aberta a illustres virtudes; e por maiores que sejam os talentos, /143r/ se não há quem com pena na mão dê penas à fama, pera que voè pello mundo, ficam os feytos heroicos, segundo a Musa de Claudiano<sup>225</sup>, como viola sem trastos, fragata sem remeiro, arco sem corda e seta. Verdade seja que favores criam autores. Montam estes tanto, que achou o poeta

---

<sup>222</sup> *Josué* 9.

<sup>223</sup> Ambrósio.

<sup>224</sup> “Porque têm falta de um poeta sagrado” (Ode de Horácio, livro IV, v. 28).

<sup>225</sup> Claudiano.

no sangue Castelhana e no estylo elegante Romano que, avendo Mecenas e fautores, em qualquer campo cultivado com grande novidade, brotaria a sonora trombeta de Vergilio<sup>226</sup>.

Contra o esquecimento, morgado da negligência, descobriram os antigos diversos modos de escrever; porque em Josepho<sup>227</sup> achamos serem os primeiros cronistas os filhos de Adam, ou elle /143v/ mesmo, deixando em duas columnas, huma de marmore, outra de ladrilho contra fogo e agoa, escritos os sucessos e ciências, não sò dos seus novecentos e trinta annos que viveo, mas tambem (o que podemos crer) como Profeta, outras muitas cousas do tempo vindouro. E seus descendentes, pera conservar a memória de tam grande progenitor, deviam de guardar a tradiçam que lhes deixou no escrever; porque as columnas de Gibaltar não sò foram pera dar balizas ao mundo, mas pera nellas ficarem emtalhadas as proesas de Hercules, como alem de outras provas nos dá a entender S. Gregorio Nazianzeno<sup>228</sup> nas ameaças tão justas que faz contra Juliano, prometendo-lhe com sua eloquencia /144r/ semelhantes padrões, pera lembrança de sua Apostasia e abominaveis costumes.

Despois a necessidade e meditação (as quais abrem muitas escolhas) usaram de cascas de árvores, donde nos ficou o nome *livro*, por ser no latim o mesmo que casca; outros de folhas de palma, como se promettessem vitoria a seus escritos, contra a emveja do tempo; outros de cera, recomendando a doçura do falar; outros de linho e seda, onde a agulha mostrasse seu agudo artifício, inventando com emgenhosa curiosidade varios modos de penas e tintas, nas quais representassem os thesouros mais escondidos do homem, que são seus pensamentos (emquanto elle quer), sò a Deos reservados; /144v/ mostrando-se raros pintores, porque com huma sò tinta, como a nossa ordinaria, podem e com effeyto debuxam terras e celestiaes esferas, com quanto em si abarcam e o entendimento alcança.

---

<sup>226</sup> Marcial.

<sup>227</sup> Livro I, c. 3.

<sup>228</sup> Nazianzeno.

E como seja facil ao que està achado acrecentar perfeições, deram não sò por necessidade, mas galantaria e curiosidade a fazer tinta de limão e leyte, de tal sorte temperados, que nem a todos, nem em qualquer tempo descobrem o segredo que com tal artificio lhes emcommendaram; e pera que vissem os tempos passados, como mestres de bons discípulos, quais são os tempos modernos, quanto se aproveitaram e creceram com as primeiras lições, acharam /145r/ tinta que só em noite escura se possa ler, tomando por materiaes a fermosura do chrystal moido sotilmente com os bichinhos, a que podemos chamar de furta-fogo, porque assy os criou a naturza com hum topazio ou esmeralda na ultima parte de seu corpo emgastada e debaixo de suas asas tam resguardada, que nem sempre se communicam, fazendo-se assi mais estimados e, não sey se diga, com perda sua mais cobiçados.

Os escritores de historias, e muito mais se são espirituaes, se ouveram de animar com aquelle preço que nos ensinaram os sacerdotes de Aegypto, aos quais, sobejando ouro e prata com que honrassem de continuo seus idolos, comtudo desprezando estes metais; /145v/ das flores do papel (que são os limos do rio Nilo e ellas à maneira de junquillos) lhe teciam capellas com que preciosamente os autorizassem. Mostrando com este ardil que no mais nobre lugar do corpo humano, que he a cabeça, punham seus deoses os trabalhos dos cronistas. E com rezam, pois com seu estudo fazem quasi huma eterna lembrança das cousas passadas. Este pensamento, que nos deu Plinio com as flores do papel, podemos dizer que vay servindo Christo, quando no Apocalypse<sup>229</sup> de seu amado Evangelista se comparou e fechou com todo o poder entre duas letras do Alfabeto grego, dizendo que era Alfa e Omega, principio e fim de todas as cousas, como se as letras, de que tomou a semelhança, /146r/ abrangessem a toda a eternidade – na qual se conservará sempre aquelle grande e afamado livro, a quem chamam da vida. E o mesmo Salvador alentou muito a seus discipulos, quando lhes certificou que seus nomes estavam escritos nos annais do Ceo<sup>230</sup>.

---

<sup>229</sup> *Apocalipse* 1.

<sup>230</sup> *Lucas* 10.

Com estas breves rezões, consolamos aos escritores e de presente declinamos o foro dos que nos querem julgar por curtos e escaços nos milagres da Senhora da Lapa, pois não alcançamos outos mais que os que deixamos atráz apontados, com a diligência dos Padres da Companhia, depois que do Ceo receberam o mimo de serem capellães da Virgem. Os que escrevemos serviram como mostras da terra de promessa, pera /146v/ com elles se animarem os que esta história lerem a querer bem e frequentar a tam piadosa e liberal Senhora.

Resta nos dous seguintes livros cumprir o que prometemos, a saber: lição gostosa e proveitosa; o gosto de ler e ouvir os milagres servirá de aparelho pera o fruto que se espera de tam santa Romaria.

*LIVRO V*  
*Da Virgem da Lapa*  
*CAPITULO I*

*Que Romarias sejam lícitas e proveitosas  
pera nossas almas.*

**R**OMARIA, cabeça do Imperio secular e Eclesiastico, santificada com o sangue de gloriosos Martyres, /147r/ authorizada com a cadeira de S. Pedro, vigairo de Christo, foi a que deu o nome de Romeiros e Romarias a todos aquelles que por sua devação, deixando casas e patrias, se punham ao caminho sò por gozarem dos corpos dos santos Apostolos Pedro e Paulo e outros muitos, cujos ossos estão lançando de sy vivo cheiro de suaves virtudes, com o qual animam a perfeição da vida espiritual, com grandes esperanças de alcançarem a eterna, pellos merecimentos daquelles a quem vam vizitar. Desta cidade (digo) tomaram o nome de Romeiros todos os peregrinos, a quem o divino espirito aballa a semelhantes caminhos, ou seja: pera Jerusalem ou pera Sam Tiago de Galiza ou pera outros quaesquer lugares sagrados, /147v/ que em varias partes do mundo são dos Catholicos frequentados.

E quando quizermos ter alguma vamgloria do nome Roma, por ser derivado de huma Portuguesa, que naquelle mesmo lugar, muito antes de Romulo, tinha edificado huma cidade deste appellido, como dizem graves historiadores<sup>231</sup>; sirva-nos pello menos o vocabulo com sua signifição de fortaleza, pera que os Romeiros e peregrinos saibam o ânimo e forças com que se hão de pôr aos caminhos remontados de sua patria, com falta do necessario, aspereza de tempos, mundança dos ares, que encontram a saúde, emfraquecem o corpo<sup>232</sup> e muitas vezes deixam a vida em terras alheas, que não he leve penitencia /148r/ pera os que acometem estas tam santas empresas.

Quanto agradeam a Deos, declaram os Summos Pontifices, com as muitas Indulgências, que do thesouro da Igreja concedem aos lugares donde se vem comprir com as Romagens, pera que o trabalho corporal alcance grande fruto na alma, que sem impedimento de peccado se quizer aproveitar; avaliando em tanto algumas destas Romarias, quedando licença aos Bispos pera dispensarem com seus subditos em todos os votos, sò sinco reservaram pera si, quando são absolutos e livres de condição alguma – tres dos quais são Romarias prometidas a Sam Pedro de Roma, a S. Tiago de Compostella, à Cidade de Jerusalem. O inimigo do /148v/ genero humano, envejando o concurso e proveito espiritual dos Christãos que visitavam os santos lugares de Jerusalem, procurou com assaltos de ladrões roubar a devação e impedir os caminhos, o que tivera effeyto se Deos não inspirara nos que depois se chamaram Templarios, os quais professaram defender aos Romeiros de Jerusalem; e nove annos depois de viverem nesta milicia com trajos seculares, por mandado do Papa Honorio, tomaram hábito branco e por ordem do Papa Eugenio o divisaram com Cruz Vermelha, que devia ser como a que hoje trazem os comendadores de Christo. Assy como estes, por impetração delRey Dom Diniz, ficaram gozando dos privilegios Templários.

---

<sup>231</sup> Plutarco.

<sup>232</sup> 2.º *Macabeus* 6.

**/149r/** A Ordem de S. João, que agora he dos Malteses, começou no ano de 1199, depois de tomada Jerusalem aos Mouros, sendo capitão Gothfredo de Bulhão, não menos esforçado na milicia temporal, que espiritual, porque, julgando todos que merecia ser levantado por Rey na cidade que elle ganhara<sup>233</sup>, numqua consentio lhe posessem em sua cabeça coroa de ouro, dando por rezão que se não deixava coroar de ouro na cidade em que Christo, por seu amor, fora coroado de espinhos – Catholica sentença digna de ser escrita com letras d’ ouro tanto mais fino, quanto mais de Gothfredo desprezado. Estes cavaleiros de Sam João se uniram pera defender dos Agarenos todos os Christãos que hiam visitar o sepulchro **/149v/** do Salvador. Apregoando assy eles, como os Templários, o quanto se devia estimar a Romaria que o Ceo quis com santas Reliquias consagrar.

Estas peregrinações ou podem ser obrigatorias ou sò de devação; com as obrigatorias ficamos atados, ou por serem feitas a Deos, ou a seus santos, em quem o mesmo Senhor resplandece. Com estas devemos cumprir o mais cedo que poder ser, conforme o conselho do Ecclesiastico<sup>234</sup>, onde nos manda não tardemos com a execuçam da obra a que voluntariamente nos obrigamos; porque detenças na promessa feyta a Deos e a seus santos desdouram muito a fermosura do voto, quando deliberadamente o fizemos, abate o preço da vontade **/150r/** que, quanto mais tarda, tanto mais contrangida se mostra e, por isso, he menos de receber; porque a presença no serviço e offerta tem particular graça. He como o feitio na obra, que às vezes sobe tanto em perfeiçam, que val mais que a materia onde se elle assentou. Bem pode ser que a pouca comodidade do tempo, a despeza do caminho, a solidam da pessoa desagravem a tardança do voto ou promessa feyta no tempo de mais aperto; nada a Deos se esconde e, sem erro das balanças, sabe muito bem pezar as necessidades que impedem a vontade prompta pera se desobrigar, sabe esperar sem recambear o tempo, que a culpa não embaraçou.

---

<sup>233</sup> *Fruct.* 55.

<sup>234</sup> *Ecclesiastico*, cap. 5.

A outros move a devação que na vontade lhes nasceo, ou de ver a /150v/ Imagem que a fama verdadeira abonou, ou por dar saída aos propositos que fez de se offerecer a quem em suas agonias lhe valeo, ou por alcançar em presença o que em ausencia não pôde, obrigando mais com o cançaso do corpo como obra de penitencia, que sempre a Deos contentou<sup>235</sup>. Muitas pessoas emtram neste número, cujas passadas não duvido que os Anjos de sua guarda lhe vão contando como em outro tempo, no deserto, fez o Custodio daquelle ermitam, que, por mais merecer, se determinou a trazer agoa da fonte mais distante da cella, em que por amor de Deos vivia mais encarcerado que agasalhando.

De Santa Luzia se conta<sup>236</sup> que, tendo sua may de sangue muy /151r/ enferma, a levou em Romaria ao sepulchro de Santa Águeda, pedindo-lhe saúde pera quem lhe dera a vida; e foy tam aceita a sayda de sua casa, por ser com santa tenção e pera obra tam pia, que a mesma Virgem Águeda lhe apareceo, fallou e consolou, profetizando-lhe o mimo que Deos lhe tinha aparelhado em a haver de fazer martyr sua e avogada de muitas doenças, cujo principio seria a de sua propria may, a qual logo se achou com saúde.

Em o nosso Reyno de Portugal sabemos que sua Santa Raynha Isabel<sup>237</sup> foy em Romaria a Santarem visitar a sepultura de Santa Iria, que o rio Tejo, como avarento de tam riquo tesouro, tinha fechado emtre suas ondas, o qual, abrindo-se em dous lados, dava segura /151v/ e emxuta estrada aos que de tanto bem queriam participar. Mas não sey se nos queixemos da nossa Raynha S. Isabel, porque tanto que se recolheo, com tal contumacia o rio se fechou, que numqua mais se tornou abrir, ficando tam ousano e vaidoso com a real pessoa e majestosa santidade de Isabel, que julgou seria tido por menos primoroso e cortesam, se desse mais passajem aos que não tinham os passos pera o Ceo tam direitos como sua Raynha e Senhora, a qual com os seus lhe santificara o mais interior de

---

<sup>235</sup> Alonso Rodrigues.

<sup>236</sup> Ribadã.

<sup>237</sup> Santa Raynha Isabel, *in eius vita* (na sua vida).

sua corrente, dando nisto gosto à Virgem Iria, que, depois de tal santa visitada, não queria de quaisquer olhos ser profanada.

Da mesma Santa Isabel lemos /152r/ que, defunto já seu marido, ElRey Dom Diniz<sup>238</sup>, livre da obediência que lhe devia, despojando-se do trajo real, a pè, emcostada em hum bordam, sòmentes do Ceo conhecida, pedindo esmola a que a tantos a tinha repartido, se foy peregrinando a S. Tiago. Deixando exemplo a illustres e não conhecidos de quam aceites eram a Deos os caminhos e jornadas que se fazem às Igrejas, sepulcros, Imagens e reliquias de seus santos. Muy lícitas e proveitosas são as saídas, que levam a Deos diante dos olhos d'alma, quando com ellas procuramos de lhe contentar.

## /152v/ *CAPITULO II*

### *Qual aja de ser o caminho dos Romeiros?*

**A** INTENÇAM he a agulha de marear, que vay mostrando os rumos aos que navegam; sem ella nem a nau vay segura, nem o caminho da Romaria digno de merecimento diante daquelle Senhor, a quem o coração reconhece por inquisidor de seus desejos.

Deve sair de casa com ânimo de servir ao Rey da glória, ou seja, por obrigação ou devação, como temos dito. Primeiro cure de se vestir de armas espirituais. O sinal da Cruz lhe abra e conforte as /153r/ portas principaes de seu corpo, testa, boca e peito; offereça a Deos a jornada, pera que toda seja a honra e gloria sua, peça-lhe favor pera o não offender em todo o caminho. Encommende-se ao Anjo da sua guarda, companheiro fiel desd'o instante de sua vida e lembre-se do respeito e reverencia que lhe deve e como não convem agravar a quem nos ha de guardar. A Virgem Maria seja a alva da menhã, com cuja luz nos partamos da nossa pera a sua casa, esperando alcançar della o que nossa alma deseja.

---

<sup>238</sup> Dom Diniz, *in eius vita* (na sua vida).

Isto em geral a todos, mais em particular às molheres e donzellas se encomenda: desterrem de seu peito a coriosidade<sup>239</sup> com que muitas vezes procuram Romarias para /153v/ verem e serem vistas. Não colhendo destes caminhos senão offensas de Deos, a quem, recolhidas em casa, mais agradavam que distraídas no campo. O trajo seja honesto e não como quem quer fazer feira de seus brincos. A melhor joya que podem levar he a virtude chamada modestia, camareira dos bons costumes. Esta serve de resguardar os olhos das donzellas, pera que não encontrem com os do Principe de Sichem<sup>240</sup>, como socedeo a Dina, filha de Jacob, mal acautelada e, por isso, roubada da honesta safira da castidade.

Muito importa as mays darem exemplo a suas filhas com aquelle veo, que ElRey Abimelech<sup>241</sup> mandou comprar e lançar sobre o rosto de Sara, porque, ainda que casada, /154r/ se se não resguardava podia ser caçada. E as que vivem em matrimonio tambem têm veo de sua profissam, que, quanto as liberta pera com seus maridos, tanto as recolhe pera com os estrangeiros. Alem do credito que alcançam pera com seus esposos, da maneira que Rebecca pera com Isac, quando, vindo de casa do pay pera se casar com elle, vendo-o ao longe passear no campo<sup>242</sup>, com preça cobrio a cabeça e rosto pera lhe offerecer aquellas comprimicias de sua honestidade, ganhando-lhe a vontade com o pouco que desejava de ser vista dos outros, quando parece que delle amorosamente se retirava. E se as filhas acharem nas mays estreita amizade com a santa modestia, dar-se-ão por obrigadas a irem mão /154v/ por mão com o pejo e vergonha, que são os irmãos da virgindade, assy nas palavras como nas obras, que tanto contentam a Raynha da castidade. Pera este resguardo, escolham companheiros de costumes bem esmaltados, sem sospeita de liga sensual, nem escória infernal, que afasta

---

<sup>239</sup> *corioridade* no texto.

<sup>240</sup> *Génesis* 34.

<sup>241</sup> *Génesis* 20.

<sup>242</sup> *Génesis* 26.

de si o Anjo de Tobias<sup>243</sup>, companhia de bons peregrinos e guarda da fresca idade nos caminhos e terras estranhas.

Mandem a memória que torne atraz aos tempos passados, pera que lhe sirva de espia e traga novas de como caminhou a Virgem Maria com Sam Joseph<sup>244</sup> pera casa de Zacharias, marido de Santa Isabel e pay do penitente Baptista. Nestes caminhantes achara ao vivo retratados peregrinos de espirito. /155r/ Vay a Virgem acompanhada e com notavel preça, não que desautorisasse a pessoa, mas que acreditasse a Romaria, com os desejos em que ardia de ser pouco conhecida e vista nas estradas públicas, a quem o recolhimento servia de Sancta Sanctorum<sup>245</sup>. Caminhava com olhos baixos, coração no Ceo, fallava pouco, mas de Deos, toda emlevada naquelle que sem pena nem pezo dentro de sy levava.

Tornem a refrescar a lembrança da jornada que fez a Bethleem<sup>246</sup>, aparelhada a receber em huma lapa nacido, a quem o mundo todo he estreito abrigo; como gastava as horas e dias com Deos de seu coração; como offerencia ao Ceo a obediencia com que humilmente se sojeitou ao Emperador da terra, a que se /155v/ via may do Emperador do Ceo. Vam com ella atè Egypto, onde se retirou com Joseph, sempre acompanhada; porque casadas em caminhos e sem marido podem-se offerecer a olhos de rapina, que empolgam no que he de sua relê, ou seja, livre ou sojeito a jurisdiçam alhea. Em todos estes caminhos da Virgem acharam muito que apreder os que vêm de mais longe a visitar a Senhora.

Os de perto contemplem o espirito com que a Virgem todos os annos tres vezes sobia ao templo, por não desemparar ao Santo Joseph, a quem sòmente cabia a obrigação de se offerecer com os de mais homens. E em huma destas se perdeo o menino Jesus, sendo jà de doze annos, como se quisesse emsinar /156r/ quam facil he perdermos a Deos nestas saidas, se não vam mui santificadas, pois a Virgem o achou menos sem culpa

---

<sup>243</sup> Tobias 6.

<sup>244</sup> Lucas 1.

<sup>245</sup> A igreja de San Lorenzo in Palatio ad Sancta Sanctorum incorpora um antigo santuário papal conhecido como Sancta Sanctorum.

<sup>246</sup> Lucas 8.

sua. Podem-se mais aproveitar das visitas que a Senhora fazia todos os dias depois da Ascensão de Christo aos lugares de Jerusalem, nos quais seu filho em carne mortal obrara nossa redempçam. Achando particular sabor na vista daquelles passos que tam rendosos foram ao genero humano.

Semelhantes considerações formam e reformam muito o coração, pera que governe os membros do corpo, segundo a regra do bem viver, de modo que torne pera casa aproveitado e não derramado pellas creaturas, que, como sejam de sua natureza viscosas /156v/ (como lhe chama Sam Bernardo), em todos pegam, se nos não sabemos desviar; e pode soceder que tenham dentro, na alma, debuxadas<sup>247</sup> tais espécies, que lhe sirvam de espinhas, cujas pontas sem repouso atormentem a quem antes de sair de casa vivia em quietação de serena consciencia.

O melhor pintor de todos he o coração, segundo a doutrina de David<sup>248</sup>, quando se queixou dos que delle e suas affeições se deixavam levar muito por vontade, como quem se passava de huma pera ou[t]ra morada e a letra que outros lhe dão he: *Que seguiram as pinturas do coração*. Quanto os olhos ve[e]m, tanto elle em si retrata e pinta. Por onde os Romeiros e Romeiras trabalhem por ver quanto de perto poderem /157r/ as feições da Imagem que vam adorar a figura do menino Jesus, a traça do altar, a rudesza e grandesa dos penedos, o comprimeento e largura da Ermida, as tintas vivas dos payneis, pera que o coração va debuxando dentro de si Imagens santas, com as quais, dentro em casa, possa o emtendimento passar as horas do dia, como se presente estivera fallando com a Virgem.

E assy como devem salvar a Senhora do primeiro posto onde sua casa aparece, quando de novo vêm pondo-se de joelhos, assy, ao recolher pera suas terras do mesmo lugar onde ultimamente emxergam as paredes daquelle Ceo terrestre, tornem com a *Salve*, ou *Ave Maria* a se despedir e com amorosas saudades, quanto ao corpo e numqua /157v/ do coração, que deve ser custodia e sacrario das lembranças de tal Virgem.

---

<sup>247</sup> esboçadas, delineadas, idealizadas.

<sup>248</sup> *Salmo 72*.

## CAPÍTULO III

### *O Repeito que os Romeiros devem ter à igreja da Senhora.*

**N**O campo estava Moyses<sup>249</sup> feito pastor de gado e com elle aprendendo a ser pastor de homens, quando subitamente vio cuberto de lavaredas hum espinheiro, que, por estar tam aceso, sem se queimar, lhe acendeo os desejos de conhecer mais de perto a causa de tam estranha maravilha. Deixa o gado e posto ao caminho com passo ligeiro se foy chegando e, espantado de ver que as chamas serviam de regadio com que reverdescesse /158r/ e se vestisse de flores (como escreve Josepho) aquella arvore de fogo mysterioso<sup>250</sup>. Não foy de menor espanto a voz que dentre as chamas lhe bradou, mandamdo-o descalçar, sem lhe darem outra rezam mais que estarem seus pés estribados sobre terra santa. Com Deos o mandar descalçar, nos declarou a reverência que se deve aos lugares sagrados, qual era aquelle onde lhe mostrou a Virgem Maria representada na árvore, que sem se queimar ardia, assi como ella entre o fogo do peccado original ficou sem nodoa alguma em sua Conceição e, no tempo do parto, com sua virgindade sem alguma corrupção.

Não quero com esta doutrina persuadir que os Romeiros ajam de entrar na santa casa descalços, porque /158v/ em muitos correra sua saúde gram risco, principalmente no inverno, o qual naquelles lugares se desfaz em neve, assi pera mostrar nella a pureza da Virgem, como pera fazer aos Romeiros symbolo da muita limpeza d' alma, que hão de ter os que diante da Senhora se ouverem de offerccer. Mas toda a visam de Moyses nos ensina a reverencia que se ha de mostrar aos templos, Ermidas e capellas, aonde Deos em suas imagens e nas de seus Santos he adorado.

---

<sup>249</sup> Êxodo 3.

<sup>250</sup> Josefo, l. 2. Ant. c. 5.

Culpa têm alguns peregrinos fazerem das igrejas estalagens e tinello<sup>251</sup> de seus banquetes, mostrando-se faltos de polícia para com a Senhora a quem vêm fazer corte. De Dom Hemrique, Rey de Portugal, conta Ilhegas<sup>252</sup> que, achando-se /159r/ no campo e apertando com elle a sede dentro em huma Ermida, quando lhe trouxeram o pucaro de agoa se sayo pera fora beber, parecendo-lhe não convinha gozar daquelle regallo do corpo humano, posto que necessario, dentro da casa de Deos por ser feyta sò pera casa de oração. Grande exemplo e digno de tal pessoa. Com elle não convem nos mostremos tam rigorosos, que não ajamos de dispensar com os peregrinos, quando a inclemencia do tempo frio ou quente os faz acolher à Igreja por falta das pousadas, onde se ajam de emparar. Quando esta for a causa, guardem a boa criação, que a Escritura aponta, tiveram os Hebreos, quando diz delles que comeram e beberam e que viram a Deos<sup>253</sup>. /159v/ Resalvando com este termo de falar a sospeita que se podia ter de sua pouca modestia, a qual, na verdade, foy tam primorosa como de homens que estavam à vista de Deos. Aja composição no corpo, taixa<sup>254</sup> no comer e beber; as palavras muy resgistradas e todas as acções como quem està na divina presença.

Não seja Deos obrigado a fazer por algum demonio, o que Christo em pessoa executou, quando com hum azorrague deitou fora do templo os que nelle compravam e vendiam, profanando a casa de oração com mundana negoceação<sup>255</sup>. E o peor he que, em seus licitos commercios, o templo ao Ceo dedicado converteram em cova de ladrões; Deos nos livre de ser a casa da Virgem da Lapa, lapa e cova /160r/ de furtos sensuaes e luxuriosos, e que seja necessario ouvir as lástimas com que S. Jeronymo<sup>256</sup>, de semelhante e desaforado atrevimento, cometido na Lapa de Bethlem, cordealmente se queixou. E que julgue Deos merecem nella serem castigadas as abominações que Ezechiel no templo vio se

---

<sup>251</sup> Refeitório onde criados e serventes comem em mesa comum.

<sup>252</sup> *Fructus* 55.

<sup>253</sup> *Êxodo* 24.

<sup>254</sup> Isto é, *taxa, medida*.

<sup>255</sup> *João* 2.

<sup>256</sup> In Epost.

cometiam diante dos olhos divinos. Não permita o Senhor acharem-se, em lugar à purificação consagrado, as lagrimas das mulheres de Jerusalem<sup>257</sup> dentro no mesmo lugar santo mal perdidas, por serem em honra de Adonis, idolo do amor torpe e libidinoso, loucamente despendidas. Crime he este por causa do lugar, tanto pera estranhar e castigar, que até os gentios, na fabula de Medusa e outras no viver mal reguladas, /160v/ quizeram engenhosamente declarar o como devia ser castigado, pois disseram que seus cabellos se converteram em serpentes e que ella, com sua vista, convertia em pedra a todos, a quem com a peçonha de seu rosto e olhos feria.

Outras descortesias se cometem na Igreja da Romagem, que, posto menos graves, comtudo a Deos nada agradáveis, quando não levam as circunstâncias<sup>258</sup> com que se releva a culpa. E pera em summa declarar o que aos Romeiros neste particular he necessario, contarei o que em Marcha, terra de Barbancia, aconteceu. Com solenne festa se dedicou huma Igreja<sup>259</sup>, na qual, entre outros muitos, entrou hum tangedor de fruta e tamboril. Não podemos crer que descontentasse a /161r/ Deos, pellos instrumentos musicos serem humildes e mais de alegrias pastoris do que a pandorga<sup>260</sup> palaciana. Não pagaria a pena por esta via, como nem as samfoninas e gaitas da Beyra e Douro e Minho, as quais, em lugar de arpas e rabequinhas, costumam com aprasivel som e toada camponesa alegrar aos ouvintes, que às missas e festas se ajuntam. Mas foram as que contamos tam descompostas com fruta e tamboril, que chamaram do Ceo hum rayo, com que ficou morto, cortando-lhe hum braço, que foy levado pellos ares, e o corpo emterrado, mas ao outro dia se achou o sepulchro aberto; e elle menos sem deixar recado, mais que vehementes sospeitas de ter acompanhado a alma, sobre quem /161v/ por mal cantar

---

<sup>257</sup> *Ezequiel* 8.

<sup>258</sup> *circunstancias* no texto.

<sup>259</sup> *Fruc.* 55.

<sup>260</sup> Instrumento musical de cordas, citara pequena, da mesma origem que bandurra. Em inglês «bandora» e em francês e italiano «mandore» (Cf. CALDEIRA, António Correia – *Obras completas do Cardeal Saraiva*, Tomo IX, Lisboa, Imprensa Nacional, 1880, p. 18.

se descartava no inferno. Este caso nos advirte o respeito que a Deos se deve, quando nos despomos a cantar dentro nas suas Igrejas, porque, se as musicas não vêm com solfa de honestidade, corre risco que os cantores o paguem, antes que fiquem pagos de seu trabalho.

DelRey Dom Sebastiam sabemos que mandou lhe não emtrasse mais no paço certo musico, que diante delle se descompusera com a composiçam de hum mote amoroso, sem ter passado pella chancelaria da castidade. Quando em hum Rey da terra se acha este rigor, que será no do Ceo, se vir que em seus templos se não guarda o decoro a sua divina magestade tam devido.

**/162r/** Em igual balança se pode pôr o caso de Barbancia com o de Villa Kallo, em Saxonia. Estando o Sacerdote dia de Natal dizendo missa<sup>261</sup>, perturbado com o grande reboliço dos que no alpendre da Igreja balhavam<sup>262</sup>, estimando mais o prazer de suas danças, que a devação e acatamento de tam divino mysterio, experimentaram a sentença do Espirito Santo, quando diz que na materia em que hum pecca he castigado. Desoito homens e quinze mulheres<sup>263</sup> quis Deos ficassem por espaco de hun anno emteyro balhando no mesmo alpendre, sem poderem numqua parar, mostrando com as voltas de seus corpos as muitas que lhe dera o miolo, quando como doudos e sem sentido o fizeram perder, a quem estava no **/162v/** altar sacrificando. Concorria a gente àquelle spectaculo, riam huns, choravam outros, que conheciam a força do braço mais que humano, pasmavam as mays das filhas, os maridos das mulheres, os irmãos huns dos outros, por verem em seus conhecidos tantas mudanças de pès, sem mudança do castigo, atè que, acabados os doze meses e paga por emteyro a annata<sup>264</sup> de seu vil descomedimento, com o anno acabaram balho e vida.

Assy o quis Deos pera emenda dos que, apetitosos de passatempos<sup>265</sup>, não respeitam ao que tem em sua mão nossos tempos,

---

<sup>261</sup> *Fruc.* 55.

<sup>262</sup> Isto é, *bailavam*.

<sup>263</sup> *Sabedoria* 11.

<sup>264</sup> Renda ou pensão anual.

<sup>265</sup> *Salmo* 30.

sortes e ventura e que mais avalia diande si a cortesia bem criada que a alegria descompassada.

### /163r/ *CAPITULO IIII*

#### *Das musicas e danças dos Romeyros*<sup>266</sup>.

**J**A que no outro capitulo vimos castigados musicos e tangedores, neste diremos a modestia que devem guardar sem fastio do Ceo, nem escandalo do proximo. A sagrada Theologia nos emsina que dançar e cantar com outras recreações corporaes (de que tambem a alma se ajuda pera as espirituaes) podem ser honestas, quando vam ao compaço da Eutrapelia, huma das onze virtudes moraes, que se occupam em organizar<sup>267</sup> e pôr em solfa as payxões do appetite sensitivo, pera que não desmanchem /163v/ a harmonia dos bons costumes.

Do Ceo, applicando a orelha espiritual, ouviremos suaves musicas, assy de vozes como de cytharas, temperadas no mais alto ponto dos louvores divinos, como pinta S. João Evangelista<sup>268</sup>. Alguns filosofos querem que os Ceos andem continuamente dançando ao som de seus corpos, que tocando huns nos outros fazem doce melodia. E que os sete planetas sejam como viola de sete cordas, que estão em perenne consonancia, da qual não podemos gozar pella muita distancia que entre Ceos e terra se estende. Os Mathematicos de estrellas fizeram huma constellação, a que chamaram Viola, por não cudaremos que faltavam no alto instrumentos de cordas mais finas que as da /164r/ terra, na qual sabemos que com extraordinario movimento fez a modo de cordeirinhos quando brincam<sup>269</sup>, que seus outeiros com balhos agrestes festejassem a

---

<sup>266</sup> As procissões em que os fiéis vão e vêm dançando, tem origem em tempos imemoriais e aconteciam um pouco por toda o lado, havendo referências não só na Beira, mas também no Minho, na Galiza, na Andaluzia e na Alsácia (conf. VASCONCELOS, José Leite de – *Etnografia Portuguesa*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Vol. IX, 1985, pág. 370, nº 10).

<sup>267</sup> D. Thom. 22 q. 68 a 2.

<sup>268</sup> *Apocalipse* 5 e 14.

<sup>269</sup> *Salmo* 113.

passagem do povo de Israel<sup>270</sup>, como tam bem se emxergou nos do monte Arnon, quando todos se inclinaram como quem dava principio a dança, fazendo cortesia a seu modo aldeam.

Que Deos aprove entre os homens tam honestas recreações, consta desd’o princípio do mundo. O primeiro inventor de musicos instrumentos foy Jubal<sup>271</sup> e, como a author de tam saborosa occupaçam e descuberta, com favor do Ceo lhe deu o sagrado historiador nome de pay. Por ser a musica tam gostosa, como cousa de muita estima, /164v/ a foram os homens dedicando a Deos, a quem tudo o melhor se ha de oferecer. Exemplo de muita doutrina pera nosso intento nos deixou Moyses escrito em o seu Exodo, quando, tendo vadeado o mar vermelho a pè emxuto (e como alguns querem, pisando boninas)<sup>272</sup>, depois que vio a Pharaó com toda a soldadesca e carros belicosos, não sò afogados (mas como se o estamago do mar com tam mà gente emjoara), vomitados nas prayas, com as armas rendidas aos que tam cruamente perseguiam. Acordou o santo capitão que convinha emgrandecer a Deos, cantando-lhe hum poema victorioso, repartindo dous coros, hum de homens e outro de melhores<sup>273</sup>, começando já naquelles annos a /165r/ emsinar aos vindouros quam decente era nestes concursos geraes haver divisam de homens e molheres, assy como se apartou Maria com as de mais do mesmo sexo, levando pandeiros e adufes à guiza das Egypcianas, mas com a toada que seu irmão Moyses lhe emsinara e, alevantando as vozes, deram vivas a quem tam facilmente dera a morte aos inimigos de seu povo.

Quando os Romeyros guardassem esse estilo, não lhe fora mal tomado, antes muito louvado. Lembrem-se, porem, do que já fica dito, que hum dos mudos, a quem a Virgem da Lapa deu saúde, foy o que por honra e serviço da mesma Senhora não quis sair a dançar com huma molher, que no terreyro o esperava e convidava. Aprovando /165v/ já a

---

<sup>270</sup> *Números* 21.

<sup>271</sup> *Génesis* 4.

<sup>272</sup> *Sabedoria* 19.

<sup>273</sup> *Êxodo* 55.

Virgem esta doutrina, que os Hebreos pellas mãos do tempo nos entregaram.

O que sey he que David, dançando diante da Arca, naquella grande procissam que emtam se fez<sup>274</sup>, não se conta que emtrasse nella ou casada ou donzella, nem tam pouco na que alguns annos depois fez Salamão, pera recolher a mesma Arca no templo tam custoso que tinha lavrado. E se não perdermos a memória, ella nos contarà como no triumpho de David<sup>275</sup>, depois do gigante degolado, se ajuntaram todas as molheres das cidades de Israel, cantando e dançando com soalhas e pandeiros, em còros e danças repartidas, e com o mote jà composto pera darem os parabens ao mancebo triumphador, applicando /166r/ a Saul mil e a elle dez mil vitórias. Comtudo não diz o sagrado texto que, entre tantas molheres, viesse hum homem, que servisse de tenor ou contra as folias e chacotas, que de tantas cidades se ajuntaram.

E no último capítulo dos Juizes<sup>276</sup> nos emsinam as donzellas de Silô esta divisam, que se guardava em festas solenes. Porque bem mostra que hiam sòs em còros e danças, sem companhia de pays e irmãos (tanta era a segurança e fidelidade daquelle tempo), quando dantre as vinhas subitamente as saltaram e furtaram (como entre os Romanos as Sabinas) pera com ellas se casarem, remedeando desta sorte à successam, que quasi de todo se acabara com o estrago, /166v/ que as de mais tinham feyto na tribu de Benjamin.

Bem vejo que a muitos ha de parecer este costume muy peregrino, porque jà em o nosso Reyno estão as Romarias de mistura, e parece que não ha festa se não emtra hum contrabaixo, pera dar graça aos tipples<sup>277</sup>. Seja assy, mas comtudo não me ey de sair deste capitulo sem mostrar que he facil, não digo nos dias de huma sò novena, mas em todo o espaço de tres meses, haver entre os Romeyros semelhantes prazeres aos do tempo de Judith, que, pera tanta gloria de Deos e sua, cortou a cabeça a todo o

---

<sup>274</sup> 2 Reis 6.

<sup>275</sup> 2 Reis 18.

<sup>276</sup> Juizes, último cap.

<sup>277</sup> A voz mais alta; soprano.

poder dos Assyrios com degollar a Holofernes. Diz a Escritura<sup>278</sup> que, correndo os povos vezinhos a Jerusalem, pera festejarem victoria numqua /167r/ ouvida. Estavam seus corações tam conformes com Deos, que todos naquelle tempo ou em suas casas ou nas ruas ou na praça ou no templo andavam com rosto de santos. Quer dizer que se não achava nelles desordem que offendesse aos olhos divinos. Singular he este louvor e digno de ser pregado em todas as festas, procissões e Romarias, das quais muitos, por o não quererem emvejar, deixam de imitar a santidade dos antiquos. Caindo com estas saídas nas mãos daquelles que despojaram o homem morador em Jericho. São estes os demonios<sup>279</sup> que em semelhantes festas armam laços de perdiçam e não sò deixam meyo vivo, mas de todo morto o espirito que lhe cae nas suas mãos; e poucos /167v/ acham Samaritano que delle se entregue e despenda a bolsa em sua cura.

Sejam as musicas tambem como as de Moyses e sua irmã Maria cujo principio era: cantemos ao Senhor. Tais eram as canções, tam cheas de louvores divinos<sup>280</sup>, que lhe chamou musica do Senhor, como são todas aquellas que carecem de amores profanos por estarem vestidas de cores do Ceo. As mays e pays devem ser multados na outra, quando não for nesta vida, com graves penas por soffrerem as filhas e meninos de pouca idade (ou aquellas estejam com a almofada e roca; ou estes com a viola em casa, ou esporecendo na villa, ou no campo emtre o gado) sairem com cantigas, que por nada se vendem /168r/ nas tendas da pouca honestidade. E como o mau costume prevaleceo, vêm pellos caminhos com homens, molheres, meninos e moças, cantando prozas que offendem castos ouvidos e descontentam a Virgem tanto, que por isso, pode ser, tornam pera casa mal despachadas as petições que apresentaram.

Que cousa tam gloriosa e alegre seria não ouvir da boca dos Romeiros mais que louvores da Virgem e dos santos; e pera este effeyto convem que venham de casa muy aparelhados e emsayados nas cantigas ao divino, pera ver emtre todos huma santa competencia de quem tras

---

<sup>278</sup> *Judite* 16.

<sup>279</sup> *Lucas* 10.

<sup>280</sup> *Êxodo* 15.

melhor chançoneta à Virgem da Lapa, nem podem com razão dizer que falta materia onde sobeja tanto que glozar.

/168v/ O mesmo se espera dos que fizerem o auto (a quem os naturaes chamam colloquio) nas procissões solennes de S. Bernabe, Espirito Santo, Assumpsam, Nascimento da Gloriosa Virgem. Seja o argumento algum dos milagres ou passo da vida da mesma Senhora, com que a gente alegremente se mova a devação. Desta maneira deviam andar os povos da comarca dentro em Jerusalem, em tempo da santa e valerosa Judith (como temos apontado), sem haver discordias, nem arroidos, que muitas vezes desdouram as Romarias, tingindo as espadas e campos com o sangue de seus corpos. Maior respeito se deve à casa e templo da Virgem que à corte do Rey, onde arrancar espada he crime capital.

### /169r/ *CAPITULO V*

*Donde teve principio a devação  
que se chama Novena.*

**E**MTRE os santos costumes que os Christãos inventaram, hum delles he as que chamamos Novenas, com que emriquecem de bens espirituaes suas Romarias. Bem pode ser, como socede em outras semelhantes, que muitos por obra executem o que não sabem donde naceo; e, pera mais se aservorarem no serviço da Virgem, não será superfluo buscar e descobrir a fonte deste rio espiritual.

Parece que em algum mysterio se funda serem os dias nove e não três ou sete ou oito, por que todos se prezam de nobre nascimento, /169v/ e nos livros assy sagrados como profanos se lhes dá lugar excelente. O número de tres foy de muita estima e pera com os deoses gentios bem avaliado<sup>281</sup>, que por isso o poeta cantou: *numero Deus impare gaudet*<sup>282</sup>. Deos gosta com o número de tres, a que chamamos nones. Várias rezões

---

<sup>281</sup> Vergílio.

<sup>282</sup> “Deus alegra-se com o número ímpar”.

deram os autores pera este número ter tanta entrada com os grandes do Ceo.

Por esta causa os Chaldeos em suas offertas levavam tres cousas, como nos ensina o sagrado Evangelista Sam Mattheus<sup>283</sup>, fallando do real apparatus e profunda humildade com que os Magos deitaram aos pès do minino Jesus Ouro, Incenso e Myrrha, seguindo o costume de sua patria, que era offerecer três dadivas pera agradarem, não sò com /170r/ os dões<sup>284</sup>, mas também com o número tam conhecido; e Aristoteles disse que *tria sunt omnia*<sup>285</sup>, que tudo se emcerrava no numero de tres, posto que teve outra consideração, dizendo que neste numero se achava principio, meyo e fim, onde todas as cousas se fecham. Os que melhor discorrem recorrem à charidade representada no numero de tres, no qual a união que no algarismo se chama unidade serve como de nò, que ata os dous extremos e os concorda emtre si, que he officio proprio de amor.

Jà pode ser que, com emveja do altissimo mysterio da Trindade, quis o demónio, pay de mentira e superstição, inventar emtre os vassallos da idolatria huma imagem de três cabeças, a que chamaram /170v/ *Medius Fidius*; e adoravam como a Deos dos juramentos, pera com elle perturbar os emtendimentos dos que se quisessem reduzir a verdade da fê catholica e, como este Deos fosse dos idólatras muy adorado, lhes deram a investidura de maior nobreza.

Que o numero septimo possa allegar rezões muy favoraveis pera haver de ser o celebrado nas Romarias, não ha dúvida, pois na ley velha, como nota Sam Chrysostomo, foy merecedor da benção divina, o que nenhum dos outros alcançou, achando o criador do mundo que por benção lhes bastavam as criaturas com que cada hum delles ficou riquo e autorizado<sup>286</sup>. E não sò diz o texto que o abendiçoou, mas /171r/ que tambem o santificou, que foy aparta-lo dos mais como mimoso seu e escolhido pera o fazer theatro onde os sacrificios e pias obras saissem a

---

<sup>283</sup> *Mateus*, cap. 2.

<sup>284</sup> Isto é, *dons*.

<sup>285</sup> “Tudo está no número três” (*Livro do Cálculo*)

<sup>286</sup> *Génesis* 3.

publico, vestidas de huma santa ociosidade, mais rendosa que todas as ocupações, em que a vida humana, annos, meses e dias continuamente despende.

Sobre o capitulo onze do Ecclesiastes<sup>287</sup>, descubrem os expositores muitas grandesas do numero septimo, onde o Espirito Santo manda que se dê[e]m sete e oito. Preceito e conselho que muitos declaram pertencer à esmola desta vida e ao premio da eterna nos oito significada. Apollo pera si tomou este numero como mais sagrado, segundo conta Plutarcho e Philo Judeu, sobre a criação do /171v/ mundo, emcostando-se às delicadesas de Pythagoras, que foy muy delgado em abrir as minas e thesouros de alguns numeros. Onde diz Philo que o norte, por ter o lugar mais alto do Ceo e officio de guiar o mundo, lhe deram sete estrelas, que estivessem como foroes postos em atalaya, dando claridade e regimento à terra. O Anjo dos peregrinos, Sam Rafael<sup>288</sup>, quando se deu a conheer a Tobias, foy revelando-lhe que era hum dos sete Espiritos que assistiam a divina magestade e, seguindo a Lyra, era hum dos sete que presidem aos planetas que, por serem deste número, têm à sua conta o governo principal da terra, figurados tambem nos sete lumes que o Senhor mandou acender a Moyses<sup>289</sup> no seu alampadario. /172r/ E quando neste numero se achasse alguma nodoa por tratar em muitos negocios com a gentilidade, facilmente o poderiamos mandar ao Jordam<sup>290</sup>, em companhia de Namão, pera que, lavando-se com elle sete vezes, ficasse de todo purificado. Deixo outras provas que, por serem muitas, ficaram do fastio reprovadas.

O numero de Oito quer allegar de sua justiça, dizendo que nelle està o melhor paynel de todos, por ser symbolo da Bem-aventurança e que, por isso, dera a muitos psalmos este titulo, pera que os leitores guiassem o pensamento pera a gloria. E Beda, com Santo Agostinho, disse que a Resurreição do salvador fora ao oitavo dia<sup>291</sup>, que hoje chamamos

---

<sup>287</sup> *Ecclesiastes* 11.

<sup>288</sup> *Tobias* 12.

<sup>289</sup> *Êxodo* 37.

<sup>290</sup> *4.º Reis* 5.

<sup>291</sup> Oitavo (e não sétimo) porque se contava o dia de partida e de chegada.

Domingo. S. Pedro /172v/ com rezam notou na sua primeira carta<sup>292</sup> que oito almas somente se salvaram na Arca de Noè, por ser este número dos bem-aventurados; e he tanto assi, que pareceo bem a alguns não ser Christo circuncidado senão ao oitavo dia, assi por ser numero dedicada à salvação, como tambem por o nome de Jesus ser penhor de tam grande bem; o qual, alem da significação Hebrea que val tanto como Salvador, tambem pera com os gregos tem grande preço, emtre os quais o nome se escreve com seis letras, que pera com elles ordenam, em rezam de Arithmetica, o algarismo de oitoçentos e oitenta e oito e não se apartando na multiplicação do numero oitavo, como letras saudaveis e nacidas da fonte /173r/ do Salvador Jesus. E o mesmo Senhor, no primeiro sermão que fez<sup>293</sup>, tam celebrado no lugar por ser em monte (e alguns querem fosse o Thabor), como na materia dos premios da glória, todo elle cifrou em oito bem-aventuraças, pera que o número servisse tambem de provas pera a materia sobre que se pregava. Fica pella parte deste número o favor da Igreja Catholica, que celebra santos grandes com oitavas, assy da missa como da reza e ornamentos de altares, dando-lhe as cores que representem a vida e estado do santo que festeja.

Estando tantas rezões pella defeza dos numeros tres, sete e oito, porque os deixaram os Romeiros, metendo-se todos com as novenas, que, por serem férias ou devação /173v/ de nove dias, tomaram o nome dos peregrinos tam conhecido e celebrado? Que causa averà pera isto? Será, porventura, o costume Romano e gentílico, mas a Deos consagrado, como os vasos de Egypto? Porque em Tito Livio<sup>294</sup> achamos que, pera desfazerem os pronosticos que os agoureiros tinham profetizado contra a cidade, toda ella andava por espaço de nove dias em orações, pedindo a seus Deoses lhes desviassem as pragas, que remiam e defendessem ao povo, por tantas vias dedicado ao culto e veneração de suas Imagens.

Outros deitaram o costume à invenção dos mesmos Romanos, que era darem os nomes às meninas aos oito dias depois de nacidas e aos

---

<sup>292</sup> Cap. 3.

<sup>293</sup> *Mateus* 5.

<sup>294</sup> Lívio.

**/174r/** meninos, fechados os nove de seu nascimento. A dúvida tratou Plutarcho<sup>295</sup>, assinando por solução a mesma natureza, que nas molheres, como em obra mais imperfeita, mais se apreça, sendo pera com o[s] homens mais vagarosa no crecer e aperfeiçoar dos membros. Ajunta-se tambem com os Pythagoricos, que em o numero nones poseram grande fecundidade, como a cousa masculina. E no numero pares, como de femea, muita esterilidade. Ou tambem porque o número nove se chama quadrato, composto de tres ternos e pella mesma rezam perfeito; e o numero oytavo he Cubo nacido de pares, dando a entender que o homem deve ser quadrado e perfeito e em suas obras apreçado como **/174v/** que vem de mayor vigor; e a molher como numero Cubo deve de estar em casa recolhida e assentada. Pouco agradavel fica esta ultima rezão às que andam sempre em Romarias, sem acabarem de se santificar, esquecidas da sua primeira feitura com que Deos produzio a Eva, dizendo o texto sagrado<sup>296</sup> que de huma costa a edificara, uzando da palavra que naturalmente quadra aos edificios e casas onde as molheres se recolhem e não às estradas onde atè os mesmos homens não estão muito seguros.

Outros autores inclinados à musica dirão que foy mais contemplação das nove musas, a quem os poetas deram particulares officios segundo a inclinação de cada huma, as quais se chamavam: Clio, **/175r/** Melpomene, Thalia, Euterpe, Thersiphone, Erato, Calliope, Vrania, Polyhymnia. Outros, sobindo sobre todos os ceos, tomaram como padroeiros das novenas da terra outras musas mais celestiaes, as quais todas se podem chamar Urânias por não terem saber terreno e, todas ocupadas em hymnos da glória, repartiram em nove capellas toda a harmonia que com voz Angelica cantam. Estes são os nove còros dos Anjos, cujos nomes, decendo do alto, onde fazem corte à soberana magestade, atè o ultimo còro são estes: Serafins, Cherubins, Thronos, Dominações, Principados, Potestades, Virtudes, Archanjos, Anjos. Bem he que a alma e intenção suba a tam alevantados palacios, pois de là vêm

---

<sup>295</sup> Plutarco.

<sup>296</sup> *Gênesis* 2.

os que andam /175v/ sempre em nossa guarda e vigia, tanto que entramos até sairmos do mundo.

Os que vam mais ao natural dizem ser a novena inventada a honra dos nove meses, que o Verbo Eterno emcarnado se deteve nas emtranhas da Virgem sua May; comprindo com aquella novena, que prometera ao genero humano se seu eterno pay lhe desse corpo, com o qual em tudo se assemelhasse a seus irmãos, aparentando-se com elles, não sò na carne e sangue, mas no tempo de sua formação no sagrado ventre; em o qual a Senhora recebeo tantas graças da mão do omnipotente, que, pera lembranças daquellas honras, lhe offereciam nove dias de oração dentro ou junto à casa da Raynha dos Anjos.

/176r/ Não faltam medicos e Theologos, que, seguindo o curso da natureza, queiram replicar com o texto divino, que no livro da *Sabedoria* Salamão<sup>297</sup> deixou emnobrecido com sua autoridade e experiencia, dizendo que não vira a luz do sol pera entrar na matricula dos viventes senão depois dos dez meses completos, mostrando ser este o prazo ordinario daquele emcerramento, donde os mortais saem, mostrando com seus gemidos e lagrimas manifestos sinais das muitas, que ao diante derramariam, quando a alva de seu dia não se ria, mas chorava; e muitos dos antiguos tiveram pera si que os que haviam de ser grandes homens no mundo não se contentavam com os nove meses ordinários /176v/ dados por assento na câmara da natureza, mas que passavam adiante, chegando aos onze, doze, treze e quatorze, como escrevem Plinio, Gellio, Avicena, dos quais, como monstros, não fallamos agora, contentando-nos com averiguar o dito de Salamão acerca dos dez mezes que andou nas emtranhas da may.

Nem examinaremos por que os nacidos ao septimo mes são de vida, escapando raramente os oito mesinhos, o que tudo tem suas causas na filosofia, que requerem mais tempo. E são bem alheas das patranhas de Empedocles, que chegou a dizer que o primeiro dia que ouve no mundo fora de dez mezes, o segundo de sete e que, por esta causa, estes eram

---

<sup>297</sup> *Sabedoria* 7.

mais vitais que /177r/ todos os outros, como refere Plutarcho<sup>298</sup>. Que os dez meses se dê[e]m a pessoas ilustres, consta até dos Poetas, Comicos, Heroicos, Elegiacos, como são: Plauto, Terencio, Vergilio, Ovidio, o qual Sulmonense, no primeiro dos seus *Fastos*<sup>299</sup>, disse que Romulo, primeiro rey dos Romanos, fizera o anno de dez meses, porque este era o tempo necessario pera a fábrica do homem no ventre de sua may.

Daqui se quizeram alguns valer pera julgarem que Christo não viera ao mundo senão depois de dez meses compridos e, pello conseguinte, que as novenas não estavam bem fundadas se os alicerces de sua devação eram trazer a Senhora em seu ventre o Verbo Divino nove meses, porque, como /177v/ era pessoa tam real e tão ineffavel, não devia de ter nascimento somenos aos de mais, principalmente dos que era descendente segundo a vea do sangue humano. S. Agostinho<sup>300</sup> tem pera si que o tempo de Christo foy de nove meses perfeitos e seis dias em cima, que vem a ser depois de 276. De modo que, pera a verdade da prática ordinaria, basta ter principiado o décimo mês. Olkoth<sup>301</sup> se assina neste parecer, achando que o tropo<sup>302</sup> Synedoché sustenta a verdade dez meses, quando por elles com alguns dias se emtra. Nem a Igreja vai fora deste costume, na licença que dà pera os annos em que se hão de tomar ordens, contentando-se com serem principiados, pera usar de favor em tam grande beneficio, /178r/ como tambem se mostra clemente em não obrigar ao jejum aos vinte e hum começados, senão depois de completos, sendo no bem fazer liberal e no castigo esquaça e detençosa.

O Santo Cardeal Pedro Damião, respondendo ao Cardeal Alberico sobre esta mesma duvida, escreve que assi o Bautista, como Christo<sup>303</sup>, sò nove meses cursaram aquelle primeiro caminho, com que se dá principio à vida humana. Diz mais que os meses dos antigos constavam sò de trinta dias e que Romulo, como menos exercitado nos planetas,

---

<sup>298</sup> D. Placitis, c. 18.

<sup>299</sup> I *Fast.*

<sup>300</sup> L. 88 q. 6 e 4, *De Trinitate.*

<sup>301</sup> *Lect.* 88.

<sup>302</sup> Ou seja, a figura de estilo (ou melhor, tropo) sinédoque.

<sup>303</sup> Pedro Damião.

ordenara os seus meses pello movimento da nova lua (a que os Hebreos tambem faziam grande festa, chamada Neomenia)<sup>304</sup>, que nem /178v/ sempre vinha ao mesmo tempo. Acrescenta, porem, o santo e douto Cardeal<sup>305</sup> que Salamão, não se apartando do comum fallar dos antigos, dissera serem dez meses o tempo que a may em suas emtranhas o agasalhara, emtendendo alguns dias mais alem dos nove e assi vem a concordar com S. Agostinho e Olkoth; e no livro 2 de suas cartas, na 42.<sup>a</sup> nota, que Christo se detivera na recâmara virginal de sua may dous dias mais que o Bautista, porque este, como aposentador, convinha que viesse diante aparelhar caminho e casa ao Emperador.

A resolução de toda esta dúvida seja que as novenas estão muy bem ordenadas, assi porque o número dos nove he muy perfeito /179r/ pellas causas que estão referidas, como tambem porque o ordinario termo de as mays trazerem as crianças he de nove meses. Benefício com que a may dos Machabeos quis obrigar a hum de seus filhos a não desmayar nos tormentos<sup>306</sup>, esperando lhe pagasse a hospedagem de nove meses com a fortaleza da batalha, como se sò pera aquella peleja e vitoria o criara. Não tira este prazo, a todos tam commum, que possam emtrar alguns dias pello decimo mes, como foy Salamão e outros – emtre os quais se mete Christo, em tudo perfectissimo, não querendo faltar neste ponto que aos nobres do mundo os tempos já passados sabiamente accomodaram.

Bem será agora, que demos aos /179v/ Romeiros algum aranzel<sup>307</sup> de como hão de cumprir à vista da Senhora suas novenas, de maneira que cada dia tenham variedade e offerta esperitual, com que suas almas, servindo a Virgem devotamente, se recreem com meditações accomodadas ao tempo e lugar. Por onde julgamos ser conveniente pô-lhes diante hum debuxo, pello qual se governem todos os nove dias de sua Romaria. A este exemplar daremos particular livro com as

---

<sup>304</sup> *Salmo* 80.

<sup>305</sup> De Natali die.

<sup>306</sup> *II Macabeus* 7.

<sup>307</sup> Lista, enumeração, discurso.

considerações colhidas a modo de flores celestiaes da lapa de Belem, da qual podemos com rezam dizer que he esta nossa vivo retrato.

/180r/ **LIVRO VI**  
**DA VIRGEM DA LAPA**

**CAPITULO I**

*O principio da Novena ha de ser Confissão  
e Communham.*

**I**MPOSSIVEL he haver de contentar a Deos, quem està em peccado mortal. Não tem que esperar despacho de suas petições os que primeiro se não vestem de graça, pera cair em graça a Deos. O Rey que fez as vodas e pera ellas mandou chamar todos os que se achassem bons e maos<sup>308</sup>, deu-se por muy agravado contra o que entrou sem vestido de festa nupcial e se pôs à mesa com os /180v/ de mais, com huma confiança temeraria, digna de ser castigada com o rigor com que o Rey o mandou apartar de sua vista, que, por vir mal trajado, mereceo, atado de pès e mãos, ser metido em carcere perpetuo. Este vestido he a graça com que nossas almas se ornam pera apparecerem, decente e honestamente, vestidas diante de Deos na mesa da Sagrada Eucharistia.

O Sacramento da Penitencia he a fonte de que falla o Profeta Zacharias, a qual Deos pôs em sua Igreja pera lavatorio e purificação de nossas culpas<sup>309</sup>, pera medicina de nossas enfermidades espirituaes, pera fermosura da caridade, pera resplendor das virtudes, pera reparação de merecimentos perdidos; esta fonte atè o fim do mundo /181r/ serà perenne e patente sem numqua se fechar em sua Igreja, na qua[l] quis Deos pôr hum juizo particular e tam riquo de indulgencias, que nelle mudou a asperesa e rigor do final juizo, dando-se por satisfeito com a

---

<sup>308</sup> *Mateus 22.*

<sup>309</sup> *Cap. 12.*

sentença que o confessor pronunciar, avendo-nos com ella, não sò livres e soltos, mas reconciliados com sua divina graça e restituídos à sua antiga amizade, com a qual ficamos filhos de Deos, irmãos de Christo; e com toda a confiança, podemos depois da confissam perfeita chamar à Virgem may nossa e obriga-la com este titulo a que nos ouça e seja avogada em as supplicas que lhe fizeremos.

As causas por que tanto agrada a Deos o sacramento da penitência são as seguintes. Primeira he o /181v/ acto de fê que se exercita, crendo que deixou Deos nas mãos do sacerdote o poder de perdoar peccados, que he proprio de Deos, e com tanta liberalidade lhe comunicou jubileo de culpas, que, entregando-lhe as chaves do Ceo, como fez a Sam Pedro, não lhe fallou do inferno, pera que emtendesse o sacerdote que sò pera fazer bem e dar prémio eterno ficava naquelle lugar.

A segunda he o acto de esperança; nella, como em âncora firme, se estribam as almas dos penitentes arrependidos e confessados, pera averem de alcançar o perdam que tanto desejam, dizendo com dor suas culpas; e a confissam do proprio reo, que nos tribunais e justiça do mundo basta pera o condenar, /182r/ nesta Relação de misericordia basta pera o absolver de quantas culpas tem cometido.

A terceira he a caridade; desta nace o arrependimento e pezar que huma alma cobra por ter offendido a seu Deos e criador, desejando de tornar ao caminho do amor, que deve à infinita bondade daquelle Senhor, que todo se empregou em beneficios de altissima misericordia e benevolencia.

A quarta he a profunda humildade, que neste sacramento se exercita, abrindo e descobrindo a hum homem atè os secretos pensamentos, que em seu coração se forjaram, sendo estes por natureza occultos ainda aos Serafins da glória. E como esta virtude seja muy mimosa de Deos, quem della se /182v/ reveste não pode deixar de lhe contentar e de alcançar o que pede, prometendo elle por David que não desprezaria os gemidos e rogos do coração contrito e humilhado com que pede perdam.

A quinta he a obediencia com que o peccador se sojeita ao Sacerdote, vigario de Christo, com ânimo de lhe obedecer em tudo o que for necessario, pera restaurar a amizade perdida com o Ceo.

A sexta he a justiça que o peccador contra si na confissam exercita, na qual sem emgano e sem fingimento elle mesmo he o acusador, reo, testemunha, executor, sojeitando-se muito de vontade ao ministro de Christo, esperando delle a sentença como da boca daquelle supremo juiz, quem todas as culpas estão mais /183r/ claras que os rayos do sol e apparelhado pera acodir com a satisfação e pagar os danos e custas, que forem pello sabio e prudente Sacerdote julgadas.

A sétima he a fortaleza mais que de todos os soldados<sup>310</sup> e esforçados Emperadores do mundo, a qual consiste em hum homem se vencer a si mesmo, cortando pello credito, que naturalmente quer-se tenha delle, pondo de parte a opiniam e fama que se ama mais que a propria vida.

Podemos chamar à confissam recâmara das joyas celestiaes, mais riqas e varias e pera melhores intentos que os brincos das filhas de Jerusalem, de que falla Isaias<sup>311</sup>, pois com as nossas huma alma se emfeita pera sair à vista de Deos e de /183v/ seus cortesãos, assi como sayo Judith<sup>312</sup> diante de Holofernes e todos seus capitães, roubando-lhe os olhos e corações, atè que os venceo. O Ceo todo se alegra, os Anjos festejam, os diabos fojem, o peccado desaparece, a alma triumpho, emtra a graça, ausenta-se a fealdade e, como fresca primavera revestida de boninas, jubila a consciencia de prazer.

Quando a Romaria não tivera outro ganho, mais que reduzir-se a estado de graça a alma peccadora, podera-se andar o mundo todo huma e muitas vezes por alcançar tam grande bem. Quanto mais que este remedio de confissam, que a alguns pairesse dificultosissimo, vem a ser como a difficuldade que achava Namão Syro<sup>313</sup>, quando, cuberto de lepra, pera todos nojento, duvidava /184r/ de se meter sete vezes no Jordam, onde

---

<sup>310</sup> *Provérbios* 16.

<sup>311</sup> *Isaiás* 3.

<sup>312</sup> *Judite* 10.

<sup>313</sup> *4 Reis* 5.

estava todo seu remedio. E quando assi o não executara, pera sua terra tornara, sem alcançar o fim da Romaria que fes à casa do santo Profeta Eliseo. Quam aliviada e renovada volta huma alma, com novas pennas de aguia<sup>314</sup>, pera voar as cousas divinas como ave fenix que, nacendo de suas proprias cinzas (quero dizer da baixeza de seus peccados), à vista do sol de justiça fica de todo justificada e assentada na matrícula dos amigos de Deos.

Pera tanto bem he necessario aparelhar-se o penitente com muito cuidado, apartando-se da conversação dos outros, recolhendo-se comsigo e com Deos a meditar em seus peccados e conforme /184v/ aos tres actos deste sacramento, a saber: contrição de coração, confissam de boca, satisfação de obra, fallarà com a Santissima Trindade. Ao Padre Eterno, a quem se attribue o poder, pedirá forças pera satisfazer com perseverança a paga que se deve a suas culpas. Ao filho, a quem se attribue a sabedoria, pedirá luz pera conhecer os peccados, que contra o Ceo tem cometido. Ao Espirito Santo, a quem se attribue a caridade, pedirá verdadeira dor de coração, rogando-lhe accenda em sua alma o fogo do divino amor, de quem procede o sentimento contra os crimes cometidos. E pera que faça o acto de contrição com as circunstâncias requisitas e sem muitas palavras, dirà assi:

*/185r/ Deos trino e uno, Deos e salvador meu, pezame de todo o coração ter-vos offendido por serdes quem soys e porque vos amo sobre todas as cousas criadas, proponho de numqua mais peccar.*

Estas palavras deve saber todo o Christam, e os pays e mays doutrinarem nellas aos seus meninos, pera que as digam muitas vezes e com grande affecto d'alma, principalmente ao alevantar e deitar e quando se acham em algum perigo, porque, se o disser de todo o coração, fica alcançando de Deos hum plenissimo jubileo de todos seus peccados feitos contra a divina bondade. Mas porque alguns acham difficultoso chegar a vontade a esta finesa de dor e sentimento, que he como ouro sem escoria.

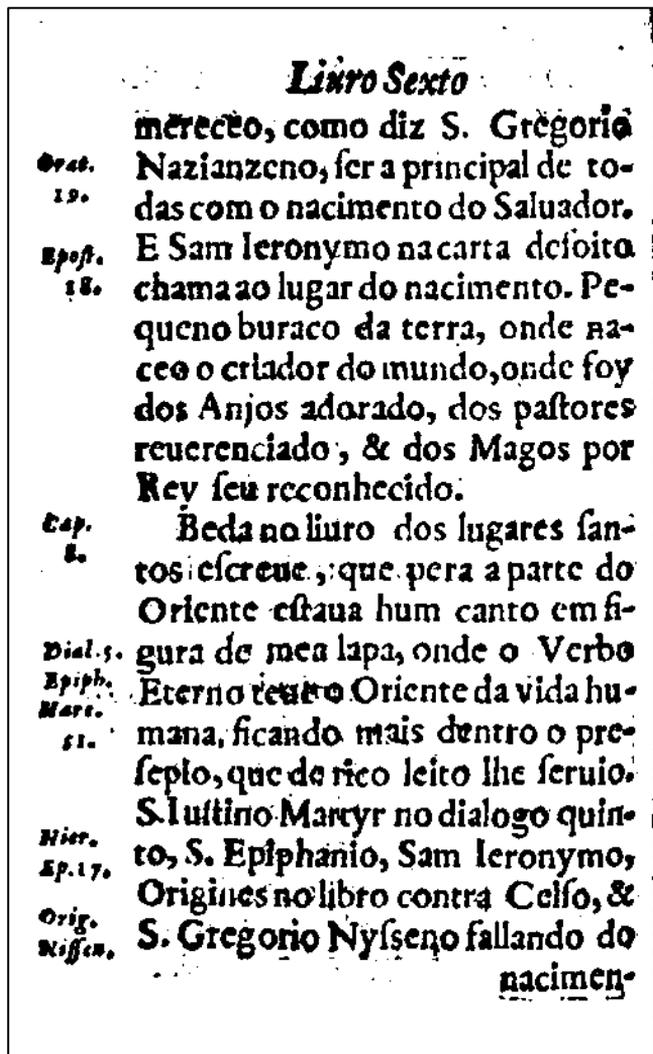
---

<sup>314</sup> *Salmo* 102.

**/185v/** Asconselham os doutores que antes da confissam se faça não sò o acto da contrição, onde o perfeito amor de Deos, como alferes, leva a bandeira da justificação, mas que tambem a alma penitente brote em actos de attrição, no qual o temor governa o leme da penitencia. Este acto, posto que não se iguale com a nobresa da contrição, comtudo, arrimado ao sacramento da confissam, sobe tam alto, que de atrito fica hum homem contrito, servindo-lhe o sacramento como de escada, pella qual emtre na corte da glória. O qual acto de atrição, depois da contrição, se pode fazer desta maneira:

*Tambem me peza, Senhor, de todo o coração ter-vos offendido por causa das penas, assi eternas, como temporaes, que /186r/ tendes apparelhadas contra os peccadores, proponho de numqua mais vos offender.*

Com este aparelho de confissam, podem chegar ao sacramento da Eucharistia os que tiverem idade pera o receber. E fallando com Christo interiormente, lhe proponha a tenção com que vem a casa de sua may sanctissima; pedindo-lhe que, por sua intercessão, lhe conceda o que lhe pede. Começando desta maneira a novena e Romaria, serão a Deos aceitas suas orações. Procure com todas as forças d'alma e corpo não offender a Deos mortalmente emquanto cumprir com a novena, que, posto que esta obrigação seja perpetua, em certo modo obriga mais em tempo dedicado à oração. E se, **/186v/** porventura, tornar a cair em algum peccado, acuda logo à confissão, porque Chrito e a Virgem não ouvem a seus inimigos emquanto estão obstinados no peccado, podendo-se apartar d'elle, e tudo quanto se faz, emquanto o peccado reyna dentro na alma, são obras mortas, ingratas ao Ceo.



Pormenor da p. 187v, em que é apresentado na margem um rico aparato de fontes

## CAPITULO II

*Porque quis a Virgem aparecer  
e morar em Lapa.*

**N**O segundo dia da novena se tomará tempo, e seja o da manhã pera ouvir missa e deter-se algum espaço diante da Virgem, considerando em cousas santas, que alegrem a Senhora e /187r/ façam fruito em nossas almas. Huma destas considerações pode ser a da mesma lapa, meditando entre si as causas que a Virgem teria pera escolher aquelle lugar tam humilde e solitario.

A primeira causa seja a lembrança muy esperta que a Senhora deseja tenham seus devotos da lapa do menino Jesus, a qual estava na pequena cidade de Belem, onde muitos annos dantes tinha nacido David e delle tomara nos tempos antigos o nome, competindo com o Castello de Syão<sup>315</sup>, ganhado pello mesmo Rey à força de braço, donde lhe ficou tambem o nome tam honroso da cidade de David. Mais gloriosa foy Belem, que com ser tam pequenina na povoação e quasi outra Quintella da Beyra, /187v/ mereceo, como diz S. Gregorio Nazianzeno<sup>316</sup>, ser a principal de todas com o nacimiento do Salvador. E Sam Jeronymo, na carta desoito<sup>317</sup>, chama ao lugar do nacimiento: pequeno buraco da terra, onde naceo o criador do mundo, onde foy dos Anjos adorado, dos pastores reverenciado e dos Magos por Rey seu reconhecido.

Beda no livro dos lugares santos<sup>318</sup> escreve que, pera a parte do Oriente, estava hum canto em figura de mea lapa<sup>319</sup>, onde o Verbo Eterno teve o Oriente da vida humana, ficando mais dentro o presepio, que de rico leito lhe servio. S. Justino Martyr, no dialogo quinto, S. Epiphanio,

---

<sup>315</sup> 2 Reis 15.

<sup>316</sup> Orat 19.

<sup>317</sup> Epost. 18.

<sup>318</sup> Cap. 8.

<sup>319</sup> Dial. 5; Epiph.; Marc. 51.

Sam Jeronymo<sup>320</sup>, Origines<sup>321</sup>, no libro contra Celso, e S. Gregorio Nysseno<sup>322</sup>, fallando do /188r/ nacimiento de Christo, todos elles chamam cova ou lapa ao lugar que o menino Jesus com sua emtrada no mundo honrou<sup>323</sup>. Borchardo, pintando como Beleem estava duas legoas de Jerusalem, em hum outeiro não muito alto (que seria como o da nossa lapa), diz que, vindo, correndo do Oriente pera o Occidente, tinha por remate hum rochedo, onde a lapa estava esperando por tanta glória, qual foy a do menino Deos feito homem.

Parece que ao vivo nos debuxou o lugar em que a nossa Raynha appareceu. Do nacimiento do sol se estendem os penedos pera a parte do Occidente, em hum lugar eminente ao demais sitio, como já temos acima referido, quando fallamos da forma dos seixos e /188v/ a postura com que o autor da natureza os armou pera novenas de muitos annos, que sua may santissima comnosco se havia de recrear, empregando-se toda em agalardoar o amor, os caminhos, as offertas de seus Romeiros. Querendo delles, quando se vêm apresentar a tam grande raynha, que tragam por alivio de seu caminho o coração rico de pensamentos divinos, como se fossem pera a lapa de Beleem, acompanhando a Virgem, quando sayo de Nazareth com S. Joseph a cumprir o mandamento do Emperador. E não he pequeno gosto pera a Sacratissima Virgem saber de seus Romeyros, que se lembram de tam grande humildade, como foy a Raynha dos Anjos sojeitar-se à ley de hum gentio, de /189r/ que ella estava tam isenta.

Deseja mais que, depois de emtrados naquella casa de Deos, tragam à memoria o nacimiento do Salvador, quando à mea noyte, no coração do inverno<sup>324</sup>, estando a Virgem fora de sua casa, sem haver estalagem que a recebesse, se sayo fora dos muros e, achando aquelle alpendre onde estava a lapa emtalhada, nelle se recolheo e, em lugar tam desemparedado, tam frio, tam baixo, tam aspero, pario todo nosso bem aos vinte e cinco de Dezembro, estando o sol da terra mais ausente.

---

<sup>320</sup> São Jerónimo, *Epistula* 17.

<sup>321</sup> Origenes.

<sup>322</sup> Nisseno.

<sup>323</sup> I p. c. 71 § 56.

<sup>324</sup> *Lucas* 2.

A nossa lapa de que tratamos he muy acomodada pera esta meditação, principalmente quando tem lume ou de alampada ou das vellas com que se diz missa no altarinho /189v/ da mesma Senhora, onde tudo faz lembrar daquella serena e mais clara noyte que o mesmo dia em que Deos, vestido de nossa humanidade, nos veio buscar por meyo da Virgem may.

Não he de menos proveito a segunda causa: que por isso a Senhora appareceu e se conservou na solidam, emtre aquelles seixos montesinhos, pera nos emsinar quam agradavel he a Deos, filho seu, a vida solitaria, estreita e rigorosa, a qual se representa bem naquelle pequeno aposento, que pera si escolheu, sendo-lhe muito facil mandar aos Anjos lhe lavrassem casarias mais ricas e custosas no meyo daquelle deserto<sup>325</sup>. Sabia muito bem a Virgem Maria que Deos mandara a Moyses que, avendo /190r/ de alevantar altar, lho fizesse ou de terra ou de pedra tosca, como a da nossa lapa, sem artificio de frizo algum, pera se afastar das pinturas e figuras Corintias com que os gentios festejavam seus idolos, inimigos da humildade Christã, segundo declara S. Thomas<sup>326</sup>.

Sabia tambem que o mesmo Senhor se não quisera mostrar a Moyses dentro no paço de Faraó, onde estava toda a corte, se não em lugar apartado da gente e estradas<sup>327</sup>, e nem isso bastou, se não que escolheu o espinheiro, representação da penitencia, rodeado de fogo das tribulações, com que o corpo se ha de affligir pera contentar ao Ceo. E correndo o tempo, quando o mesmo capitão Moyses pediu a Deos lhe desse vista de /190v/ seu rosto como em penhor do muito que o amava<sup>328</sup>, pois havia tantos tempos tratava com elle sempre debaixo de cortina. Ouve por bem o Senhor conceder-lhe sua petição, comtanto que primeiro o havia de meter no buraco de huma rocha ou, como outros le[e]m, na cova e lapa daquelle monte: *In spelunca petrae, in caverna rupis*<sup>329</sup>. Naquelle tão estreito lhe quis dar lição do muito que lhe agradava a vida emtalada com

---

<sup>325</sup> Êxodo 20.

<sup>326</sup> 12 q. 102 a. 7.

<sup>327</sup> Êxodo 30.

<sup>328</sup> Êxodo 33.

<sup>329</sup> “Na caverna de pedra, na caverna de rocha”.

os apertos e asperesa da morada, do vestido, do mantimento, do cilício, da disciplina, acompanhadas de outras santas crueldades que aos justos servem como de seguro pera a gloria.

A mesma doutrina acharemos no livro dos Reys, quando Elias fogio da Raynha Jesabel<sup>330</sup>, que o queria /191r/ matar por lhe ter degolados todos os falsos Profetas, de quem se ella ajudava pera suas feitiçarias e torpes idolatrias. Acolheo-se o santo Profeta ao deserto e, cansado assi do caminho, coma das âncias da morte, se deitou a dormir ao pè de huma arvore, a cuja sombra lhe appareceo o Anjo que, despertando-o, o fez tomar hum bocado, no qual se representava a iguaria do Santissimo Sacramento e, com elle esforçado, se pôs ao restante do caminho, atè sobir ao monte Oreb, onde o Senhor, com sua vista e pratica, lhe quis agradecer o muito que por sua ley padecia. Mas o aparelho que Elias teve pera tam grande mimo não foy a larguesa e altura de todo o monte, senão huma cova e lapa, em que se /191v/ recolheo como em centro natural de penitencia e rigor da vida, que elle professava. E quando ouve de sair a seu Deos, que com aparato de vento, terremoto e fogo o vinha consolar, não quis de todo desamparar sua cova, mas saindo a porta della recebeo a visita. Deixando-nos o santo e zeloso Profeta nestas ceremonias muitos avisos do preço da vida penitente, figurada no pequeno espaço de huma lapa, em que elle morou, como caminho certo pera o monte dos Serafins, conforme a doutrina de Christo – ser muy estreito o caminho do Ceo e muy larga a estrada da perdição<sup>331</sup>.

Por esta causa lemos de milhares de santos e santas que, deixando as cidades e povoado, se /192r/ foram desterrar aos desertos, escolhendo covas, grutas e taliscas de rochas, onde segurassem a salvação e alcançassem nesta vida regalos sem conto da mão divina, merecendo entrar naquella lista tam nobre de Sam Paulo, na qual assentou os que mais agradavam aos Anjos e a Deos por escolherem desertos, covas e

---

<sup>330</sup> 3 Reis, cap. 9.

<sup>331</sup> Mateus 7.

lapas<sup>332</sup> em que, mortos aos gostos do mundo, vivessem em prazeres da gloria.

E já que chegamos a este lugar em dia de Santo Athanasio, fortissimo diamante da fê Catholica, sirva-nos de claro espelho a invencivel paciencia com que viveo cinco annos em huma cisterna seca<sup>333</sup>, pera que nella, mais emterrado que agasalhado, desse ânimo e vida aos que, levemente perseguidos /192v/ e apertados, viram as costas a Deos. Mais ao vivo representou esta morte tam vital, quando por espaço de quatro meses esteve dentro na sepultura de seu pay, pera que, naquella casa da morte de quem lhe dera a vida temporal, amortalhado em pensamentos funerais, a si e a muitos procurasse larga vida espiritual. Podemos guarnecer esta verdade com os exemplos de Sam Paulo, primeiro ermitão, Santo Antão, Santo Hilarião, Santo Inofre, S. Egidio, S. Bras e o grande Bautista, cuja cova era tam pequena, que, abafando nella certo ermitão que dentro quis fazer vida solitária<sup>334</sup>, ouvio huma voz que lhe dice não desprezasse aquella lapa, a qual era maior que o Ceo Empyreo, pois nella estivera muitas vezes Christo em /193r/ doces colloquios com seu precursor.

De modo que aos devotos da Senhora convem, quando entrarem naquella recâmara do Ceo, discorrer com o emtendimento pello muito que Deos ama a pobresa e vida penitente que com ella se cria; e como nos ajuntamos tanto mais com o Ceo, quanto mais da terra nos apartamos. Quam emganados vivem os que no mundo querem ser adorados por causa dos soberbos edificios, quais alevantam como padrões de sua memoria, que finalmente se ha de acabar com o mundo, que vai correndo pera a morte, emsinando-nos com seu desfallecimento como sò as cousas eternas se hão de amar, pois nellas se não exercitam as leys a que /193v/ estão sojeitas todas as terrenas e transitórias; com este pensamento se averão pera com a vida, segundo S. Paulo pregava<sup>335</sup>, como de passagem,

---

<sup>332</sup> *Hebreus* 11.

<sup>333</sup> Santo Athanasio, *in eius ita (na sua vida)*.

<sup>334</sup> *Specul.*

<sup>335</sup> *Hebreus* 13.

pois não nacemos senão pera a gloria, da qual o demonio tanto procura de nos desviar com os gostos do mundo, por nós mais do justo preço avaliados.

Não ficaremos fora do intento santo, com que a Virgem se recolheo em casinha tam desprezível, feita de pedras, onde ferro e arte não tinham mostrado suas perfeições, se disseremos que o fez por nos espertar a lembrança da sepultura, na qual ultimamente se vêm nossos corpos a emcovar, metidos debaixo de huma campa, sem cor, sem fermosura, coalhados de bichos, que de nossa carne se vam /194r/ sustentando, atè que ella e com ella lhes falta a vida. Muito agradaram a Deos os que desta maneira visitarem a Virgem, gastando parte do segundo dia de suas novenas nestas considerações. Porque a memória de nosso último fim faz nacer em nossos corações nova vida, com emenda e sentimento de crimes passados, ladrões que tantas riquezas espirituas nos têm roubado por afastarmos de nós o pensamento da morte, a qual, desd'o primeiro momento em que começamos a viver, nos acompanha, e as mesmas idades vam socedendo, de tal maneira que servem humas às outras de sepultura. A meninice se enterra na mocidade e desaparece esta vaidade de varão, sem deixar rasto de si, a Varonil em a Velhice, /194v/ sem mostras do que passou, e atè esta se vai sepultar nos anos decrépitos, a quem podemos com mais rezam chamar morte que vida, atè que de todo entramos nas lapas e covas<sup>336</sup> donde não sairemos, senão ao som da ultima trombeta, quando nos chamar a juizo.

Etas meditações podem ter a vista daquella devota lapa, e ficara a Romaria muy frutuosa, e voltaram pera suas terras e casas com o proveito que de taes peregrinações se procura e muito mais servira àquelles que já lavutaram com a morte e, por intercessam da Virgem, escaparam pera mais de coração a servirem, governando seus dias pellos caminhos da ley divina, por falta da qual nos falta muitas vezes a saúde e vida por /195r/ mãos da Virgem restaurada. Quam obrigados estão a viver bem os que por esta via foram libertados!

---

<sup>336</sup> *I Coríntios* 15.

### CAPITULO III

*Dos gostos e alegrias com que a Virgem  
foy regalada em a Lapa de Beleem.*

**O** TERCEIRO dia da novena se poderà gastar considerando diante da Virgem os muitos gostos espirituales com que Deos quis aliviar o trabalho do caminho, o desamparo do lugar, a humildade do presepio, a pobresa desta santa Romaria fora da sua terra, acompanhada de S. Joseph, rejeitada de todos, no rigor do inverno, à mea noyte, sem /195v/ abrigo algum; mas, quam esquecida do mundo, tam lembrado do Ceo. Foy a lapa de Beleem tam engrandecida e favorecida de toda a Santissima Trindade, que com rezão lhe podemos chamar lapa das alegrias. E posto que pera todos foy de prazeres, muito mais o foy pera a Virgem, a qual ficou tam paga do thesouro de bens, que ali achou que ainda neste tempo quis ouvesse lugar e Igreja do mesmo apellido, pera com elle refrescarmos a memoria das alegrias que o Ceo lhe comunicou, com cuja repetição e lembrança podemos confiar que a Virgem se mova a nos passar o *fiat*<sup>337</sup> do que lhe pedimos.

O primeiro gosto da Virgem, em que he bem occuparmos /196r/ nosso entendimento diante da mesma Senhora, foy ver, primeiro que todos, o Verbo Eterno encarnado, e que já tinha comprido com a novena dos nove meses de suas emtranhas e começava a dar mostras de si ao mundo, a cujo resgate se offerecera nas mãos da natureza humana, conforme ao decreto de seu divino pay. O que na Virgem passou sò a Deus he descuberto, nós lhe demos os parabéns das mercês, que aquelle menino Deos lhe fez.

Huma dellas foy parir sem dores algumas, isentando-a da maldição de nossa may Eva, que a todas as molheres abrangoe; assi convinha, diz S. Gregoio Nysseno<sup>338</sup>, que parisse sem dores corporaes a que sem gosto

---

<sup>337</sup> “Faça-se”.

<sup>338</sup> Orat. de Christo ressur.

carnal concebera. O mesmo /196v/ afirma S. Agotinho e S. Illefonso<sup>339</sup>, com o de mais coro de santos Padres, os quais, com vozes mais que humanas, cantaram os louvores da Virgem Maria.

Quatro gosto pera a Virgem de estima, honra, dignidade foy a mercê da virgindade, ficando depois do parto tam Virgem, como quando o Anjo S. Gabriel lhe foy dar a nova da Emcarnação. Mimo foy este, a may nenhuma concedido, porque nenhuma teve tal filho, que podesse quanto quisesse; logo este menino parece cousa divina, diz S. Pedro Chrysologo, pois entrou e sayo na virginal salla de sua may<sup>340</sup>, sem lhe deixar sinal algum com que maculasse sua puresa. Tal he o sol quando, com seus rayos, emveste no crystal de huma vidraça, que /197r/ ficando são, sem risca nem lesam alguma lhe dá entrada e saida pera alumiar aos que em casa o esperam.

E Santo Agostinho, deste benefício à Virgem singularmente concedido, faz argumento<sup>341</sup> pera provar como foy facil a Christo, depois de resucitado, entrar a consolar os discipulos, estando com portas fechadas; a quem segue S. Gregorio Papa<sup>342</sup>. Naceo o menino Deos como sol das emtranhas da menhã, à qual não serve mais que pera lhe dar novas cores de fermosura, conforme a declaração do psalmo<sup>343</sup>; e assi como (diz S. Ambrosio)<sup>344</sup> o primeiro nascimento do Verbo Divino de seu Padre Eterno foy com toda a puresa, assi o segundo, quando da Virgem naceo, foy sem nodoa /197v/ alguma; e Santo Thomas<sup>345</sup> diz que, pera Deos provar que tomara verdadeiro corpo, nacia de molher e pera mostrar como era verdadeiro Deos, nacia de Virgem. Quando a fruita madura se colhe, já as flores da mesma arvore têm desaparecido; porem, este fruto de salvação, que he o menino Jesus, com tam boa estrella naceo, que deixou na arvore de Santa Maria as flores da virgindade e, por isso, na

---

<sup>339</sup> Ser 14 de Nativitate; Ser. 2, de Purificatione.

<sup>340</sup> Ser. 142.

<sup>341</sup> Tractatus 121.

<sup>342</sup> Homilia 26 In Evangelio.

<sup>343</sup> Salmo 109.

<sup>344</sup> Sermo 10.

<sup>345</sup> D. Tomás, 3. p. q. 28.

oração a que deu principio o embaixador do Ceo, S. Gabriel<sup>346</sup>, dizemos: *Bento o fruto do teu ventre, Jesus.*

Este mysterio da virginal pureza da Senhora he artigo de nossa fê, a qual nos obriga a crer como sempre foy Virgem antes, depois e no mesmo parto. Manifestou /198r/ Deos esta verdade com muitos exemplos e milagres; dos quais trago à memoria aquelle tam celebrado dos tres lirios, que arrentaram quando o Santo Frey Gil<sup>347</sup>, pera provar este privilegio, batendo com o bordam na terra, disse: Virgem antes do parto, e logo de repente floreceo aquella bonina, que os sabios tomaram por symbolo da virgindade, por ser com seus lavores e no talho de suas flores perfectissima, fazendo à neve não pequenas emvejas com a brancura do seu corpo. Tornou o santo a bater, dizendo: Virgem no parto, e logo sayo outro espelho de virgindade, tam fermoso como o primeiro lirio. Deu o terceiro golpe na terra, repetindo: Virgem depois do parto, a qual, obedecendo, /198v/ lançou de si com a mesma facilidade. Outro retrato de pureza virginal, trajado com a alvura do leyte e seus balaustes de ouro, aos quais a natureza emcostou a fermosura e imagem da virginal castidade.

Daqui se aproveitem os Romeyros pera louvar a Virgem may, alegrando-se com ella e dando-lhe os parabens de tam particular e precioso privilégio, como he o de sua virgindade. E pello inefavel gosto que teve com este mimo, a molher nenhuma concedido, lhe peçam o comprimento de seus desejos. E desta consideração aprendam quam estimada he desta Senhora a vida casta e pura; e como são de seu coração os que professam esta limpesa d'alma e corpo; quam grande crime cometem os que andam /199r/ no vício contrário emfrascados, quam alheos estão em alcançar da Senhora o que lhe pedem, emquanto se não alimparem desta lepra com perfeita confissam e verdadeira emmenda de tão feas culpas.

Outra grande alegria da Virgem na sua lapa de Belem foy ver-se verdadeira may de Deos com todos os privilegios concedidos a este

---

<sup>346</sup> Lucas 1.

<sup>347</sup> Sur. tom. 7.

officio. E assi como qualquer may tem largas licenças pera tratar, fallar, abraçar, regalar e afagar ao seu menino, assi as teve a Senhora com Deos feito homem. E logo naquella noyte e lapa tomou posse desta amorosa e divina conversação. Grande consolação esta, pois em todo o mundo não achou o Padre Eterno donzella de quem fiasse seu unigenito filho, senão a Virgem /199v/ Maria. Por esta mercê lhe havemos tambem de dar infinitas graças, allegando-lhe em nosso favor que se lembre que, assi como Deos, fazendo-se homem em seu ventre sacratissimo, ficou irmão nosso, assi ella, pella mesma rezão, ficou sendo may de peccadores, pera nos valer em todos os apertos e angústias da vida humana. Os que se ajudarem deste argumento entendam a obrigação que lhes corre de se mostrarem verdadeiros filhos, dando perfeita obediencia a esta Virgem como a may. A qual sojeição se experimenta no comprimento de sua vontade, não desgostando a tal may com peccados, indignos de tam honrados filhos.

A estes prazeres ajunta S. Epiphanio as festas que os Anjos na /200r/ lapa de Belem fizeram ao menino Jesus à vista da Virgem Maria; e diz o santo que estava a lapa feita hum Ceo, à qual, por mandado do Padre Eterno, deceram todos os espiritos bem-aventurados, como nos ensina o Apostolo S. Paulo, na que escreveo aos Hebreos<sup>348</sup>, pera o adorarem e reconhecerem por seu Deos e por seu Rey. E o mesmo santo affirma que se vio a Senhora cercada de Anjos, dando-lhe suaves musicas, cuja letra era: *Gloria in altissimis Deo*<sup>349</sup>; acrecenta Chrysippo que vieram todos aquelles espiritos a modo de danças a celebrar a primeira vez tão grande festa e tam proveitosa ao mundo. Especial alegria da Senhora foy ver a ordem com que os nove coros dos Anjos emtraram /200v/ a se offerecer a Deos feito homem. Os serafins, que estão sempre abrasados em amor divino, reconhecendo-se frios em comparação daquelle ardente menino, se dedicavam a lhe querer bem e acender aos homens em caridade das cousas celestiaes. Os Cherubins, a quem pertence a sabedoria, confessavam ser meninos à vista daquelle sabio menino, e todos se

---

<sup>348</sup> *Hebreos* 1.

<sup>349</sup> “Glória a Deus no altíssimo” (*Lucas* 2).

mostravam prestes a ensinar o mundo como devia de se empregar em conhecer o altissimo beneficio da emcarnação, e assi todos os de mais, segundo suas dignidades, diante da Virgem se deitavam aos pès de seu filho e com profunda humildade o adoravam. E, conforme a este acatamento Angelico, devemos de dar os parabens à /201r/ Virgem, alegrando-nos com as honras do seu menino, allegando com elles e pedindo nos ouça por aquelle incomparavel gozo que teve, quando vio a seu filho dentro de tam pobre lapa ser com tanta magestade adorado. E me offerecerei à Virgem pera com a mesma vontade a servir, assi a ella, como ao seu bendito menino, pedindo-lhe graça pera me não desviar deste ânimo tam dividido ao culto divino.

### *CAPITULO IIII*

*Os Anjos, saindo da lapa,  
vão dar nova aos pastores.*

**N**O quarto dia podem os da novena meditar diante da Senhora como os Anjos com serem espiritos nobilissimos, /201v/ depois de darem vassalagem a Deos feito homem, dentro daquella lapa tão humilde e estreita, alegrando a Virgem Maria com a reverencia que mostraram ao seu menino, com seu beneplacito se foram ao campo buscar os pastores, que em vigia do gado passavam a noyte sem dormir, mais que o tempo que por sorte a cada hum delles cabia.

A forma que os Anjos guardaram foy a que diz o Evangelista<sup>350</sup>, quando apareceram a modo de bandeira e companhia militar, dando mil louvores a Deos polla mercê que fazia ao genero bumano. Chamar aos Anjos milicia he grande consolação pera os homens, em cujo socorro Deos os manda pera nossa defeza. E o mesmo Senhor se preza do nome de Sabaoth, que /202r/ vem a dizer: Senhor de exercitos, quais são todos os còros dos Anjos. Christo quando no horto prohibio a seus discipulos que o não defendessem à força de braço e espada, lhe[s] disse que, se

---

<sup>350</sup> *Lucas 2.*

fosse necessario, pediria a seu pay soldados celestiais<sup>351</sup>, e elle lhe mandaria mais de doze legiões de Anjos, de modo que, por cada hum dos Apostolos, ainda em lugar de Judas, teria huma invencivel legião. Jacob, quando tornava pera sua terra, não sò com a companhia de hum bordão, mas com molheres, filhos e grande multidam de gado, cheo, porem, de medo por causa de seu irmão Esau, querendo-o Deos animar, lhe mandou sair ao encontro tanta multidam de Anjos, que elle mesmo deu ao lugar nome de /202v/ exercito de Deos. O Profeta David<sup>352</sup>, pondo em musica celestial a protecção divina, pera guarda dos homens, diz que mandará seu Anjo pera defensão dos que o temem. E S. Jeronymo, na sua tresladação, usou da palavra *castra metabitur*<sup>353</sup>, que monta tanto como se dissera ‘assentará seu arrayal’, à roda dos que o temem. De modo que os Anjos andam sempre rondando e vigiando em som de guerra aos servos de Deos. E deste nome de soldados do Ceo se prezam tanto, que preguntando Christo a hum emdemoninhado como se chamava, o diabo por se honrar em presença de tanta gente, tomou o nome antigo de *legião*<sup>354</sup> que em o Ceo tivera, quando estava em graça de Deos, o qual depois de prevertido /203r/ converteo em alcatea de lobos infernais pera estrago de nossas almas.

Não ha duvida que tambem os Anjos são pastores e que guardam as almas, emsinados pello summo pastor, Christo Jesu, do qual nome se prezou, apelidando-se *Bom pastor*<sup>355</sup>. E tam bom, que por defensam de suas ovelhas, não sò deu a vida e sangue, mas de si todo fez pasto pera lhes dar a vida no Santissimo Sacramento e abrindo em seus costumes e doutrina grandes prados, onde todos livremente emtrassem a gozar da sustentação, com que de mortais se fizessem divinos.

O primeiro Anjo de que as divinas letras claramente nos deram notícia foy o que Deos pôs no paraíso /203v/ terreal, com nome de

---

<sup>351</sup> *Mateus* 26.

<sup>352</sup> *Génesis* 32; *Salmo* 33.

<sup>353</sup> “Montará o acampamento”.

<sup>354</sup> *Marcos* 5.

<sup>355</sup> *João* 10.

Cherubim, metendo-lhe hum montante de fogo na mão<sup>356</sup>, como o qual impedisse a entrada ao homem peccador, porque não tem proporção nenhuma peccado com paraiso; e o resguardo todo era sobre a árvore da vida, da qual, se Adam comera depois do crime cometido, ficaria por mais annos vivendo em grande pena e padeceria dobrado castigo, porque melhor he morte que vida afligida; emsinando-nos Deos como avíamos de pôr às portas do coração o Anjo de nossa guarda, pera que o peccado não emtre na vida, que nelle mora, como em fonte donde se regam<sup>357</sup> os membros do corpo humano e o coração tam nobre, que nelle emtronizou Deos, não sò a vida /204r/ corporal, mas ainda a espiritual, porque a pregação de Christo<sup>358</sup> nos emsina que delle saem os esquadrões de homicidios, adultérios, furtos e outros exercitos de vícios, contra os quais se hão de oppor as companhias dos Anjos com todo genero de armas bem guarnecidas.

Esta guerra Angelical contra a inferno começou no Ceo desd’o principio do mundo e não se acabará se não em o fim delle; e todos os que nacemos ficamos assentados pera a milicia que Job<sup>359</sup> nos apregoa, tanto que saimos a campo vestidos de carne humana. Muitas serão as vitórias, se levaremos comnosco os soldados da glória, tam esforçados e destros no pelejar, que hum sò bastou pera em breve espaço /204v/ da noyte dar a morte a todos os Morgados de Egypto<sup>360</sup> e outro ao grande exército de Senacherib, degolando-lhe, no tempo do sono e maior descanso, cento e oitenta e cinco mil inimigos<sup>361</sup>; e por mais que os demonios se ajuntem em bandos, sempre são menos que os espiritos que Deos pôs em nossa guarda. O que se pode declarar com o caso de Eliseo, quando no alto do monte quis esforçar a seu criado, que de todo desmayou por ver a multidam de Assyrios que vinham contra a cidade.

---

<sup>356</sup> *Génesis* 3.

<sup>357</sup> Ou seja, *rejam*.

<sup>358</sup> *Mateus* 15.

<sup>359</sup> *Job* 7.

<sup>360</sup> *Êxodo* 12.

<sup>361</sup> *4 Reis* 19.

O santo lhe deu alento com dizer<sup>362</sup> que os da sua parte eram muito mais em número que os contrarios e, pera confirmar por obra o que dizia por palavra, pedio a Deos abrisse os olhos àquelle mancebo, tam vencido /205r/ do medo, que com elle estava antes da peleja defunto. Ouvio Deos sua petiçam e, de repente, apareceram milhares de soldados, capitães e carros afogueados com sembrante tam guerreiro, que cada hum delles serviria de copioso exercito pera assolar os inimigos.

Esta verdade acuzas nossas culpas, quando damos entrada ao demonio pera render o coração e nelle, como em torre vencida, alevantar bandeiras de infame victoria contra nossa covardia e traição, que a Deos fazemos, entregando as chaves do castello e dando omenagem ao mais cruel e falsario inimigo que temos; toda a culpa he nossa, porque somos desleaes a Deos e ao corpo da guarda /205v/ que pera nosso bem criou.

Desta contínua assistencia colhe S. Bernardo<sup>363</sup> as grandes honras que devemos fazer ao Anjo da nossa guarda, diante do qual perennemente andamos; e quanto he o gosto que tem, quando usamos bem de nossa liberdade, tanto se malenconiza quando nos vê lançar da parte do diabo. Falta-nos a fê, por isso peccamos. Ninguem ha tam descomedido, que diante da justiça humana se ponha a matar homens, cometer adulterios e furtos, sabendo que o podem logo arrecadar e castigar, quanto mais diante dos ministros da justiça divina, que são seus Anjos.

Alem desta reverência, devemos aos Anjos grande amor, pelos perigos de que nos livram, pellas /206r/ boas inspirações com que nos refrescam nossos corações, pello cuidado que têm de apresentar a Dos nossas orações. E assi o fazem tambem pera com a Virgem da Lapa, diante da qual podemos sem dúvida cuidar que andam os Anjos, não sò ocupados em seu serviço, mas apresentando-lhe as orações daquelles que têm à sua conta, pera lhes alcançarem o despacho dellas.

Ficamos obrigados a dar obediencia a nosso Anjo, quando nos persuade e aconselha que busquemos a Deos. Porque os conselhos angelicos são negocear o Ceo e as cousas de nossas salvação. E servem-

---

<sup>362</sup> 4 Reis 6.

<sup>363</sup> In *Psalmo* 90.

nos de guia no caminho de Belem, que quer dizer casa de pão, onde se acha o mantimento /206v/ de nossas almas e a Virgem Maria com o seu menino em companhia do Santo Joseph. Emsina-nos a reconhecer a humildade de Deos feito homem, pera o adorarmos envolto em pobres pannos, emcostado em hum presepio sem nos escandalizarmos desta vileza, antes adorarmos nella a magestade divina por nosso amor tam abatida.

De muito proveito podem ser estas considerações aos Romeyros, emquanto vai correndo o tempo da novena e ver que movimentos d'alma têm e como Deos e a Virgem por meyo do seu Anjo lhes aballa o coração, pera averem de se empregar em sua salvação, ainda que seja deixando a commodidade e interesse humano, /207r/ por não perder o divino. E como devem acodir primeiro a Deos que às cousas do corpo, fiando delle que nos pode valer e melhorar no temporal, quando por seu respeito sábia e prudentemente o desprezarmos, pretendendo o espiritual. Se derem orelhas às vozes dos seus Anjos, sem dúvida que passarão os dias da Romaria com grande fruito de suas almas e tornarão pera casa com alegria, emgrandecendo e louvando a Deos pella mudança que nelles fez com a vista da Virgem da Lapa, onde milhares de Anjos lhe fazem corte. E façam de conta que o Anjo S. Gabriel<sup>364</sup>, a quem pertencem os mysterios da Emcarnação, os chamou como aos pastores pera gozarem de tanto bem e que agora /207v/ se tornam pera suas terras, levando por mestre e comancheiro do caminho o Anjo dos peregrinos, chamado S. Rafael<sup>365</sup>, cujos conselhos foram tam rendosos ao mancebo Tobias, assi na alma, como no corpo. Elle lhe arrecadou o dinheiro, casou com Sara, livrou do demonio, deu saúde ao pay, desviou de todos os perigos, até o restituir a sua may, que espirava com saudades. Grandes mimos tem quem anda à vista e acompanha com Anjos, o que não pode ser sem conselhos, sem costumes e vida de Anjo.

---

<sup>364</sup> *Lucas* 1.º

<sup>365</sup> *Tobias* 3 e seguintes.

## CAPITULO V

### *Das festas pastoris em a Lapa de Belem.*

**O** QUINTO dia podem os Romeyros da lapa passar /208r/ diante da Senhora, com a consideração das festas espirituaes que teve, vendo as rusticanas dos pastores que, obedecendo ao Anjo, deixaram o gado<sup>366</sup> e se vieram a toda a preça buscar a lapa e thesouro nella escondido. Tres eram os ditosos pastores, segundo escreve Beda e Haymon, quando dizem que, pera a parte do Oriente, fica a torre chamada do *rebanho*, mil passos distante de Belem, onde se alevantou huma igreja, na qual se guardam os corpos dos tres mimosos do Ceo

Diz o Evangelita<sup>367</sup> que estavam guardando seu gado, repartindo a noyte em vigias, como na guerra se costuma, pera que, revezando-se, fiquem todos participando de algum sono, sem perjuizo do gado /208v/ que de seu cuidado depende. E conforme a tresladação Grega, de que se aproveitaram Theophylato e Euthymio, vem a dizer que passavam a noyte ao som da frauta, assi pera afugentarem o sono, como as feras do rebanho, que com a ausência do dia fica mais arriscado aos assaltos do lobo.

Nesta occupação estavam, quando o Anjo junto delles apareceo com roupas de clara luz. Visão tam desusada os meteo em medo e, sem dúvida, desmayados, perderiam o tino se o mesmo S. Gabriel os não confortara com a nova do nacimiento, a que chamou gozo seu e de todos os povos, emsinando-lhes a cidade e lugar, certificando-os como achariam a Deos menino envolto em paninhos, reclinado /209r/ no presepio. E pera o Anjo acompanhar a nova com festa conveniente, assi elle como todos os musicos do seu coro começaram a dar principio à primeira missa do Natal, cantando: gloria seja a Deos nas alturas e aos homens na terra paz de boa vontade.

---

<sup>366</sup> Lucas 2.

<sup>367</sup> Lucas 2.

Assi animados os deixaram e os pastores exhortando-se ao caminho, mais voando que andando, buscaram e acharam a Lapa e no presépio, como em real trono, emcostado o sabio e celestial Salamão. À emtrada, adoração e despedida deram à Virgem, particular meditação com alegrias d' alma, que dizer se não podem, e todas ellas fechou o Evangelista nas palavras que nos deixou escritas: Maria conservava quanto via e ouvia<sup>368</sup> dentro /209v/ em seu coração. Os pastores, comprindo sua Romaria, voltaram ao campo, desfazendo-se em louvores das maravilhas que tinham visto e ouvido, não achando falta no que o Anjo lhes pregara.

Depois de passar pella memoria o que socedeo ao Anjo com os pastores, poderemos considerar as causas desta visão e tam alegre nova. A primeira he o gosto que Deos tem em tratar com os homens, principalmente com os mais singelos, quais são os que vivem no campo; que, por isso, quis o mesmo Senhor que sua may santissima tivesse o nacimiento entre os pastores de seu pay, S. Joachim, aos oito de Setembro.

Outra liçam he ver quanto mais se aproveitam das inspirações /210r/ divinas os moradores do campo que os sábios da cidade. Declara-se isto com a semelhança da nuvem prenhe de agoa, a qual, se se abre e communica as terras lavradas aos pumares, hortas e jardins, faz arrebentar as veas da terra em frescura e fartura: essa mesma nuvem, chovendo nas ruas das cidades e no povoado, dá occasião às muitas lamas e immundicias.

Assi acontece muitas vezes que o homem e molher, criados na solidam com toda a facilidade, se rendam a Deos com o conselho santo, com a confissão e palavra divina, à qual não obedecem os que se criam entre os primores da cidade, antes lhes serve de maior condenação. A quantos os santos pastores fizeram participantes do que /210v/ tinham visto na lapa, e de nenhum destes sabemos que fosse buscar o menino ou emtrassem na cova, onde estava o redemptor do mundo. Ouviam e pasmavam com o costume daquelles que, afogados com os gostos e

---

<sup>368</sup> *Lucas 2.*

ocupações da terra, escaçamente dão orelhas aos brados da consciencia, por mais que o Anjo da sua guarda os chame ao caminho da salvação.

Outros entram na lapa, ve[e]m o menino, conhecem sua may e, parando sò nas primeiras vistas, sem proveito de suas almas, se tornam a casa e ao mundo, ficando cegos como dantes, porque não sabem considerar os beneficios do Ceo, nem busquam quem lhos declare. Os prudentes, como os ditosos pastores, ouvem e acodem ao Ceo, /211r/ quando lhes falla ao coração, livram-se dos gostos mundanos, poem-se ao caminho, cortam pollas difficuldades, buscam a Deos e, achando-o, se detêm com elle.

Tais devem ser os Romeyros da Lapa, não se hão de abalar de suas casas, sò com os corpos, pera darem recreação aos olhos com ares mais frescos e vistas mais livres. Nem hão de entrar e sair daquella santa casa como por comprimento; senão que a principal festa há de ser dentro na alma, com a qual hão de buscar a Deos naquella tam devota lapa, onde se há de abrir o coração, como faz o precioso e prudente marisco pera receber o orvalho do Ceo, com que dentro, em suas emtranhas, concebe e gera perolas de gran valor.

/211v/ À Virgem se hão de dar os parabens da reverencia e alegria, com que os pastores vieram buscar ao seu menino, e a festa que lhe fizeram, offerecendo-lhe cada qual sua oferta: este o queijo, aquelle as castanhas, outro seu cordeirinho; e que, vindo já dos Anjos cheos de grande luz pera celebrar tam alto mysterio, muito mais o ficaram quando seus olhos se apascentaram na vista daquelle infante, a quem o Ceo todo servia. Daremos gosto à Virgem com rendermos de todo as potências de nossa alma ao serviço e obediencia de seu filho. Com sairmos da nossa novena tam aproveitados como os pastores de Beleem, tornando pera nossas casas, emgrandecendo as maravilha que em tal Senhora /212r/ consideramos, de maneira que todos entendam em nosso modo de viver que desejamos e professamos ser pastores da Virgem e de seu Jesus, governando nossos pensamentos, vigiando sobre nossos costumes, livrando a alma dos lobos infernais, acodindo às inspirações da outra

vida, mudando a nossa, de tal sorte que se vejam claramente os efeitos da Romaria e novena como nos pastores de Belem.

Servio de gosto à Virgem o lugar onde os pastores apascentavam seu gado, que era na terra e na mesma paragem onde tantos anos antes Jacob exercitara este mesmo officio, o qual lugar se chamava a Torre dos pastores ou dos seus rebanhos, huma milha distante de Belem. Que fosse este o lugar do /212v/ Santo Jacob, consta dos Genesis<sup>369</sup>, onde se conta que ali posera sua tenda pera vigiar o gado. E diz Borchardo<sup>370</sup> que, com particular providencia, ordenou o Senhor apparecesse naquella paragem o Anjo aos pastores, na qual o Patriarcha Jacob se detivera, pera que os vindouros entendessem a rezam que havia pera que deste mesmo lugar saíssem outros de semelhante officio a buscar a estrella de Jacob, que he a Santissima Virgem Maria, may de nosso redemptor.

Pera que aprendam os Romeyros de quanta alegria seja pera a Virgem ver que elles se occupam em imitar a vida dos antepassados no governo de suas casas, porque todos os pays e mays de familias são pastores dos que têm a seu cargo /213r/ pera os levar a Deos, guiando-os pelo caminho dos que tantos exemplos nos deixaram. Theophylacto achou que, por esta rezam, mereceram tam notavel favor do Ceo, sendo visitados dos Anjos com nova de tanta alegria. O lugar, o officio, a imitação dos antigos Patriarchas lhes alcançou honra tam assinalada.

Os que este officio têm hão de guardar perfeitamente o estilo dos pastores. Etavam vigiando. Não convem dormir e descuidar-se quem tem a seu cargo ovelhas espirituaes, antes deve ser como o pastor Argos, cujo corpo se via semeado de olhos, porque, segundo Santo Antiocho<sup>371</sup>, o prelado há de ser todo olhos, pera lhe não escapar ovelha, que negligencia de quem /213v/ governa muitas vezes perece. Por isso os antigos pintavam hum olho aberto, posto em cetro, como em pilar de seu descanço, porque governo sem vigia he laço de perdição. E Jeremias<sup>372</sup>

---

<sup>369</sup> *Génesis* 35.

<sup>370</sup> Borchardo.

<sup>371</sup> Antiocho.

<sup>372</sup> Cap. 1.

diz que vio huma vara vigilante, porque taes hão de ser as varas que meneam as respublicas. Semelhantes aos animais que S. João, em seu Apocalypse<sup>373</sup>, descobrio, todos por todas as partes cercados com claros olhos, sem darem entrada ao sono.

Advirte mais S. Gregorio sobre os Reys e Sam Chrysostomo no segundo livro dos Sacerdotes<sup>374</sup> que Saul, primeiro Rey e pastor do povo de Deos, levava ventagem a todos dos ombros pera cima. Porque o prelado e pastor das almas deve, assi como he no cargo, ser na /214r/ virtude e exemplo superior a todos; e dos nossos pastores se diz que vigiavam *sobre o gado*: palavra mysteriosa, porque he cousa muy fea ficar o que governa, nas virtudes e vida exemplar, abaixo de suas ovelhas.

Aos que esta perfeição guardam, cerca fermosa luz do Ceo, porque são visitados com particulares illustrações, como emsinou Beda e S. Gregorio, e logo mostram quam favorecidos andam de Deos; acodindo com gram prestesa as obrigações de seu officio, as divinas inspirações, como fizeram nesta noyte os pastores de Beleem. Porque negligência, frouxidam e preguiça nem acham, nem alcanção a Deos. E nesta clara noyte, não sò os pastores apreçaram o /214v/ passo pera entrar na lapa da Virgem a ver o menino Jesus, mas tambem o mesmo sol, como diz S. Ambrosio<sup>375</sup>, veo mais ligeiro e fez a noyte mais curta pera visitar e dar os bons dias ao menino nacido, fazendo-se juntamente Romeyro da santa Lapa de Jesus. Alguns affirmam que as vinhas de Engadi (obra de Salamão)<sup>376</sup>, naquella bem-aventurada noyte, se espartaram tanto, que arrebutaram, floreceram e deram fruto<sup>377</sup>, como competidoras da vara de Aram, mostrando quanto desejavam conviduar a Deos menino.

He pera notar como a singelleza dos pastores não reparou em sinais tam baixos, com que o Anjo os amoestou. Que fossem ver nacido o verdadeiro Isac, riso, gosto /215r/ e alegria do mundo<sup>378</sup>. Menino

---

<sup>373</sup> *Apocalipse* 4.

<sup>374</sup> *I Reis* 7.

<sup>375</sup> *Ambrósio*, sermão 16.

<sup>376</sup> Fonseca, *De vita Christi*.

<sup>377</sup> *Números* 17.

<sup>378</sup> *Gênesis* 21.

envolto em panos, posto em presépio, são as guias que lhe deram no pino da mea noyte pera descobrirem a Deos. Facilmente creram porque estes sinais eram conforme a seu estado, tam pobre e alheo de pompas mundanas. Temeriam, pode ser, se os mandasse ao paço do Rey cercado de guardas, pendurado de pontos e cortesias que, como mosquitos de Egypto<sup>379</sup>, piquam, magoam e ferem e, aos que professam a chanesa dos polos da verdade, *si, não*, emfastiam tanto, que lhes faz vomitar qualquer polícia de enganos pespontada<sup>380</sup>. Porem, leva Deos a cada hum por sua natural inclinação, ficando-lhe assi o caminho da virtude mais suave. Aos Apostolos, porque eram pescadores, /215v/ offereceo o officio de pescar almas<sup>381</sup>. A Santo Eustachio, por ser amigo da caça, lhe apareceo crucificado nas pontas de hum veado. A Sam Paulo, por ser tam zeloso da ley Moysaica, lhe deu a occupação de pregador Evangelico. E pera que tornemos a fazer commemoração da nossa Virgem da Lapa, não appareceo senão à pastorinha Joanna, em trajos de humildade e como pastora de campo, metida em hum penedo por ser amiga da solidam.

## CAPITULO VI

*Da circumcisão do menino Jesus  
dentro na lapa.*

**S**EXTO dia da novena se pode gastar com a circumcisão do menino Jesus. A /216r/ causa he porque, segundo a mais provavel opinião, dentro na mesma lapa se executou esta ley, que Deos tinha dado a Abraham pera com elle e seus descendentes. Esta opinião levou apos si a Santo Epiphanio<sup>382</sup>, porque o menino, de fresco nacido, não entrava no templo senão aos quarenta dias. Alem disto, trabalho seria incomportavel pera os pays e mays se fossem obrigados a trazer os seus meninos de partes remotas ao templo, acabados os oito dias pera nelle se averem de

---

<sup>379</sup> Êxodo 8.

<sup>380</sup> Cosida com pesponto (ponto atrás); bispontada.

<sup>381</sup> Mateus 4. Actos 22.

<sup>382</sup> *Adversus Haereses* 2.

circumcidar. Por onde he muy conforme à rezão que, dentro em suas casas, posessem os pays este ferrete a seus filhos, por escusarem caminhos compridos e fogirem dos perigos em que as crianças podiam cair, se naquella tenrura /216v/ fizessem longas jornadas.

Emtra tambem em questão qual era o ministro deste mandamento da ley velha, que por ser tal parece que sò aos Sacerdotes era devido. Comtudo, não consta da Escritura que sò a elles pertencesse esta sangria, como julga Abulense<sup>383</sup>. Mais conforme à rezam he que as mays tomassem a seu cargo o officio de çurgiam e medico, cortando e curando os seus meninos, como sabemos que fez Sephora, molher de Moyses, quando na estallagem e caminho pera Egipto<sup>384</sup> o Anjo o queria matar, e parece que lhe não escapara se ella apreçadamente não acodira a circumcidar o filho; e nos Machabeos<sup>385</sup> se lè que não custava menos que a vida às mays que circumcidavam os filhos contra mandado /217r/ do Rey gentio e bárbaro, inimigo da ley [de] Deos.

Étas rezões nos fazem cuidar que pera a circumcisam nem avia lugar, nem ministro certo. Donde nos fica livre podermos crer que, ou o Santo Joseph, ou a Virgem Maria tomou à sua conta fazer este sacrificio ao oitavo dia depois do nascimento, na mesma lapinha do mundo, tam desprezada quam favorecida do Ceo. E como as mays sejam por natureza mais brandas e maviosas, deviam de se empregar nesta obra a seu amor tam divida, o que bem se mostra, assi em Sephora como nas mais de que se conta na historia dos Machabeos: que fosse a Virgem, tem pera si o author que escreveo da circumcisão e anda emtre as /217v/ obras de S. Jeronymo. Como tambem o que compôs a Lamentação da Virgem, a qual se attribue à devação do suave Bernardo.

Largo campo temos pera discorrer e ver a nobreza da lapa, pois mereceo receber em si as primicias do sangue e resgate de nosso cativo. Pera meditar na devação da Virgem Maria, com que executou aquella piadosa crueldade, marquandoo ao seu menino com final de

---

<sup>383</sup> In 5.º Josué.

<sup>384</sup> Êxodo 4.

<sup>385</sup> I Macabeus 1.

peccador, que não era, nem podia ser. Pera considerar como a Senhora offereceo ao Padre Eterno aquellas primeiras rosas tintas na púrpura do menino Deos. Pera contemplar como a Virgem cortou o menino, recolhendo as preciosas reliquias da carne e sangue; como o afagou, fallando /218r/ com elle e consolando-o, por começar a padecer pellos homens e outras muitas e devotas acções, que em semelhante caso necessariamente haviam de occorrer.

Soposto entramos na lapa a ver a circumcisão, não he bem que sayamos della sem primeiro satisfazermos aos desejos que alguns têm de saber onde e quem guardou a carne que cortaram ao menino, porque o lume da rezam emsina que se não devia de perder, nem a Senhora a deixaria na lapa e presepio, pois conhecia perfeitamente o valor daquella reliquia. Respondo que a esta carne ou prepúcio chamam graves authores anel da circumcisão, assi porque foy cortada em forma redonda, como tambem porque com ella, a modo de /218v/ anel, se desposou Christo com a Igreja Catholica e com as almas santas. Deste modo falla o douto Padre Salmeirão<sup>386</sup>. Este Anel guardou a Virgem Maria como peça do morgado e, indo-se pera o Ceo, deixou tam riqua joya a quem não estava mais que por emprestemo na terra e tam saudosa da outra vida como era a Magdanela, a qual sete vezes no dia, levada pellos Anjos, sobia sobre as estrellas a ver seu mestre e ouvir músicas da glória. Comsigo a teve, atè que espirou; e por mãos de hum pagem celestial foy entregue ao Emperador Carlos, ficando com esta safira não sò Magno, mas já Maximo e mais contente que com todo o imperio. Assi o refere Jacobo<sup>387</sup>, Bispo Genoves. Correndo /219r/ os tempos se guardou em Aquisgran, dahi foy honrar e emriquecer a triunfadora cidade de Roma, cabeça da Santa Madre Igreja e verdadeira espoza de Christo. O templo Lateranense lhe deu o melhor reliquario que tinha, a saber, o Sancta Sanctorum<sup>388</sup>, no qual por muitos annos se guardou.

---

<sup>386</sup> Do infante 2 p. oração 36.

<sup>387</sup> Jacobus, bispo.

<sup>388</sup> A igreja de San Lorenzo in Palatio ad Sancta Sanctorum incorpora um antigo santuário papal conhecido como Sancta Sanctorum.

O que agora direi causa tanto espanto, que se julga por incrível, se por verdadeiro o não apregoara o Cardeal Toledo sobre S. Lucas<sup>389</sup>, que em summa he o seguinte. No anno de 1527, sendo Roma saqueada, hum dos soldados foy tam atrevido que, entrando no Lateranense com mão sacrílega, tirou e levou comsigo hum cofrinho de reliquias. Mas, saindo fora da cidade e sendo cativo dos camponeses, em /219v/ lugar de cárcere o meteram em hum celeiro, onde emterrou o thesouro que comsigo trazia sem o conhecer. Resgatou-se o soldado, volta a Roma, adocece gravemente e, vendo-se desconfiado, descobrio o furto e lugar do emterro. Deu-se conta ao Papa Clemente Septimo, que logo mandou a Joam Baptista, senhor do lugar chamado Calçada, buscasse aquella mina das sagradas reliquias. Quis, porem, o Senhor guardar este mimo pera o mes de Outubro de 1557, no qual foram descubertas pello Cura da Igreja de S. Cornelio e Cypriano. Era o cofre de aço, meo palmo de comprimento, quatro dedos de alto e com o tampão arcado. O qual se levou a Magdanela Strocia, senhora do mesmo lugar Calçada, /220r/ que em presença do Sacerdote e Lucrecia Ursina e Clarice, donzella de sete pera oito annos, o abrio. Dentro se acharam varias reliquias envoltas em seda com seus letreiros do tempo já gastados. A piadosa e nobre matrona Magdanela as foy tirando pera lhes dar novos emgastes, entre as quais estava a carne de Sam Vallentim Martyr do tamanho de huma noz com sua natural frescura. Achou mais parte da queixada de Santa Martha com hum dente da mesma santa.

Hiam-se desemrolando os envoltorios, chegando ao que era do tamanho de huma bolota, cujo titulo era, Jesus; querendo desatar o fio sentio que os dedos se lhe tolhiam; com lagrimas pedio licença a Deos /220v/ propondo-lhe o ânimo com que o fazia, mas tres vezes acometeo, fiada em sua boa tenção e tres vezes se achou com o mesmo espasmo, e os dous dedos, ministros daquella piedade, lhe ficaram tam duros como se fossem de bronze. Acodio Lucrecia Ursina dizendo se estará aqui o prepúcio de Christo, que o Papa Clemente Septimo mandou a meu

---

<sup>389</sup> Cap. 2, annot. 3.

marido que com diligencia buscasse? E scaçamente tinha com dúvida acertado, quando de repente se espalhou por todas as casas tam perigrino cheiro, que abrangeo a Fliaminio, marido de Magdanela. Corre com mais preça (que as filhas de Siam a suavidade de Salamão<sup>390</sup> quando passeava Jerusalem), acha o Sacerdote como falto de juízo e sentidos; a piedade inclinava as /221r/ devotas matrornas a continuarem no descobrimento daquellas perolas, o desejo crecia, as mãos se tolhiam, o remedio faltava, o medo sobejava. Nesta perplexidade lhe inspirou Deos que emtregassem à Virgem Clarice, que presente estava, aquelle sagrado envoltorio; chega a menina, pega delle e, com toda a confiança, desatou o fio que a tantos tinha com as cores emfiadas, fazendo Deos à vista de todos este regalo à virgindade, em cujas emtranhas andou, em cujos braços descansou, em cujos peitos se criou a carne, que ao presente sò de Virgem se deixa tocar. Viram todos ser prepucio da circumcisão, cuja carne estava crespa e seca do tamanho de hum grão. Fechou-se e guardou-se depois de a adorarem /221v/ com o devido amor e reverencia e com esta mesma se recolheo no templo da Calçada.

Muito maior he a maravilha que socedeo no de 1559, ao primeiro de Janeiro. Vindo de Missano, lugar distante huma milha, muitas molheres e homens com vellas acesas pediram ao Cura lhes desse vista da santa reliquia de Christo; tirando-a elle do sacrario e pondo o cofre sobre o altar pera consolação dos Romeyros, eis que subitamente se emche a Igreja (com igual espanto ao de Esayas)<sup>391</sup> de huma nuvem, que a todos privou da luz por espaço de quatro horas, discorrendo pella Igreja lavaredas e estrellas, a cuja vista, mais mortos que vivos, os que dentro estavam metiam aos de fora tal medo, que, /222r/ não se atrevendo, nem podendo entrar, se sobiram ao telhado e, repiquando os sinos, acodio o sobredito Flaminio, que não longe andava à caça, cuidando ser outro rebate a que o obrigava o primor e officio de sua nobresa e pessoa. Mas quando chegou, desapareceo aquella cerração de nuvem ou nevoa, que daquelle

---

<sup>390</sup> *Cânticos* 1.

<sup>391</sup> *Isaiás* 6.

pequeno lugar fez representação do monte Sinai<sup>392</sup>. Ella, desfeita, deu vista do clérigo, que bem cercado de testemunhas, sem outra autoridade, fez crer o que a tantos atemorizara.

Logo de caso tam estranho foy feito sabedor a Santidade do Papa Paulo quarto, por cuja ordem partiram tres conegos, que de tudo se informaram. Era no mês de Mayo de 1559, o dia muy sereno e claro, /222v/ como proprio daquelle mes, quando hum delles, por nome Pipinello (não sey se o condenemos de temerario e curioso), tomando entre os dous primeiros dedos de ambas as mãos aquella esmeralda da lapinha de Belem e apertando-a com menos cautela do que convinha, deseioso de saber se estava dura, a dividio em duas partes. Logo se escureceo o ar com temerosa trovoada e relampagos, ficam todos sem dia e de medo quasi finados os presentes. Respeitando o Ceo ao officio de Sacerdote, de cujas mãos se deixou tratar, e a obediencia do Vigario de Christo, mas, comtudo, mostrando-se com o sentido da ousadia com que apertou e quebrou aquella anel de amor divino, tantos annos bem /223r/ guardado pera lembrança das vodas santas, com que o Verbo Emcarnado com a natureza humana se desposou.

Vieram relatar ao Pontifice o que passava e acharam que das memórias antigas constava como esta Sacro Santa reliquia se guardara nos annos atrasados em hum vaso de cristal sustentado por dous Anjos, feitos do mais louro e fino metal com grande perfeição. E se recolhera no Sancta Sanctorum, que vem tudo a concordar com o que escreve Salmeirão e conta o Cardeal Toledo. Esta reliquia se guarda hoje na Calçada, dentro da Igreja de S. Cornelio e Cypriano. E Xisto quinto lhe concedeo indulgencia plenaria pera o primeiro de Janeiro à petição de /223v/ Emilia Ursina, parenta da sobredita Magdanela, cujos dedos e mãos testemunharam não consentir a carne nacida da Virgem ser tratada e tocada senão de mãos virginais, quais foram as da donzella Clarice. E se o Conego ficou sem castigo, deve-o ao privilégio do Sacerdocio, a quem se concede tratar e communicar o corpo de Christo, que nestes

---

<sup>392</sup> Êxodo 19.

tempos se quer muy respeitado, posto que em outros, por nosso amor, soffreo ser do mesmo demónio levado ao pinaculo das tentações<sup>393</sup> e dos Judeos em sua paixam com mil tormentos e injurias afrontado. Que se hoje dissimula, ou espera emmenda dos que mal commungam, ou dilata o castigo pera os fogos da eternidade.

**/224r/** Sobre estas maravilhas tinham muito que meditar os devotos da lapa, mas, pera que não sejam tudo espantos sem proveito, será bem neste dia gastar diante da Virgem algum tempo, dando-lhe graças pella doutrina que deixou ao mundo com circumcidar ao seu menino. A saber, como por nosso respeito tomou sinal de peccador, ficando, diz S. Bernardo, não sò menor que os Anjos, mas ainda somenos aos homens, por tomar cautério de ladrão. Allude S. Bernardo a desobediencia de Adam, onde todos ficamos escravos do demonio por causa do pecado original, cujo remedio foy a circumcisão, pera com ella pagarmos o furto que nosso primeiro pay na vontade cometeo, querendo roubar a **/224v/** divindade que não era sua.

Veremos mais como o menino Jesus deste sangue, que agora derrama, faz penhor pera o resgate do genero humano, obrigando-se pera o diante com larga satisfação remir as almas, por quem já começa a padecer; estas gotas ou rubis, que agora nos dá, são como fontes que de pequeno princípio dão origem a grandes rios e mais caudalosos que o do sonho de Mardocheo<sup>394</sup>. São como a nuvem de Elias que aparecendo tamanha, como pêgada ou mão de hum homem<sup>395</sup>, depois crescendo com sua abundacia fertilizou toda Palestina.

Empenhou-se mais com o nome de Jesus, que a poder de seu sangue ganhou, o qual val tanto como Salvador, dando-o à Igreja como **/225r/** sinal de nossa redempção. Do qual nome, como de arco e aljava, està despedindo mil setas de amor, mais certas no atirar que as de Jonathas em segurar a vida de David<sup>396</sup>, com as quais nos cativa os corações e nos

---

<sup>393</sup> *Mateus* 4.

<sup>394</sup> *Ester* 11.

<sup>395</sup> *3 Reis* 18.

<sup>396</sup> *3 Reis* 20.

obriga a lhe querermos bem sobre todas as cousas criadas. O traje de que agora se veste he o mais aprasivel aos olhos de sua esposa, a Igreja Catholica, porque sobre a natural alvura toma matizes de púrpura, com que mais realça a fermosura natural e nos faz lembrar do Principe de Sichem<sup>397</sup>, que por alcançar por esposa a Dina, filha de Jacob, não recusou o tormento da circuncisão, nem Christo por se desposar com as almas recolhidas no coração da santa Igreja Romana e Catholica.

**/225v/** Se Christo nesta lapa começou abrir escola de bem querer e amar, ficamos todos muy obrigados a aprender as lições que nos declara. A primeira, diz S. Bernardo, he circuncisão de nossos vicios, que sobejamente nos perseguem; de modo que saindo desta Ermida da Lapa, tornem os olhos pera casa circuncidados, cortando vistas danosas com que se perde a alma. As mãos cortem a má inclinação de furta. Os pès as passadas ociosas e caminhos prohibidos na ley divina, instituida por este menino Deos. A língua corte as palavras falsarias, deshonestas, murmuradoras, blasfemas, juratórias, pera que tornem os Romeyros da Lapa como vide bem podada pera o fruto esperado, fiquem como o fértil e **/226r/** fresco Libano, que por causa da continua poda levava ventagem aos pomares e jardins reays.

Considerem os que são pays e têm meninos que, por isso, Christo, não tendo do mundo e de idade mais que oito dias foy circuncidado, pera que se veja quanto aproveita ao diante serem os filhos, logo no principio de seus dias e annos, postos em circuncisão de vicios, os quais, como bruxas, buscam o tenro sangue da infancia e mocidade, pera lhe chuparem e roubarem os bons costumes, em os quais, como em pedras fundamentais, se alevanta o edificio da virtude. Primeiro que tudo lhes tirem e cortem os ladrões da honestidade, desviando-os de toda a ocasião, assi de palavras como de **/226v/** obras que se vestem de luxuria.

Não se esqueçam do maravilhoso caso que contamos, do qual nos consta não consentir o Ceo que ninguem tocasse na carne do menino, quando perto de Roma se achou, senão a virgem e menina Clarice, pera

---

<sup>397</sup> *Génesis* 34.

assi autorisar a puresa virginal, que ha de ser o vaqueirinho com que se vistam e os brinquinhos com que se alegrem os meninos e donzellas, quando arrebentarem as flores do emtender, fallar e desejar. E assi diz S. Thomas<sup>398</sup> que a circuncisão era sinal da Castidade; e acrescenta hum grave doutor que esta virtude he o alfabeto das de mais e que logo se deve emsinar, assi como o A. B. C. aos que aprenderem a ler. Tras, por exemplo, a cidade /227r/ DelRey Assuero, chamada Susan, da qual se diz<sup>399</sup> que foy o principio de seu Reyno. Nella pôs a corte, della fez Metropoli, a ella ornou mais com palacios e privilégios. O nome merecia todos os favores, porque Susan quer dizer lirio, symbolo e retrato da castidade, virtude a que podemos chamar princípio do Reyno de Christo.

## CAPITULO VII

*Na Lapa se pôs ao menino  
o nome Sanctissimo de Jesus*

**A**RVORE que não dá fruto menos estimada he que as outras, donde não sò a vista, mas o gosto se apascenta; e as qualidades da fruita acrescentam /227v/ seu valor. Entre os antigos foram muy celebradas as hortas Hesperidas; por dizerem que todas eram de ouro e mais serviam pera enriquecer a Midas, cujas mãos tudo convertiam em riquo metal, que pera dar gosto a Alcínoo, cujos pomares competiam no sabor com a Ambrosia dos Deoses. Com haver no paraíso terreal<sup>400</sup> muitas e muy deleitosas, a que prolongava os dias da vida he a que honrava aquelle lugar de gostos e regalos; mas esta arvore foy sò huma sombra debaixo da qual se abrigaram muitos e santos pensamentos, pera descobrirem as virtudes de seu tronco, a frescura dos ramos, a sombra das folhas, o sabor do fruto, e acharam que era a Virgem Maria, cujo fruto se chama /228r/ Jesus, nacido só pera dar vida. Tem esta arvore

---

<sup>398</sup> In 4 d 1 q 2 a 3.

<sup>399</sup> Ester 1.

<sup>400</sup> Génesis 3.

algumas sombras, debaixo das quais nos podemos recolher com mais gosto e segurança que Abraham<sup>401</sup> no seu carvalho de Mumbre, que Debora na sua palmeira<sup>402</sup>, que Elias no seu Junipero<sup>403</sup>, que Jonas na sua ramada à vista da grande Ninive<sup>404</sup>. Essas todas se gastam e murcham com a quentura de sol, com o soprar dos ventos, com a mudança dos ares, nem dão fruto como a Virgem Maria, donde naceo aquelle pomo da gloria chamado Jesus pera salvação do mundo.

Tem suas raizes no Ceo. O primeiro que delle gostou, tomando-o em sua boca, foy o Anjo S. Gabriel, embaixador da Emcarnação, descuberto a S. Joseph<sup>405</sup>, posto pella /228v/ Virgem may dentro na Lapinha de Beleem, a qual muitos autores, pellos grandes mysterios que nella socederam, igualaram com o Ceo Emyreio. Ditosa cova, mais que nenhum outro lugar do mundo. Dela sayo no dia da circumcisão este infavel nome e thesouro da salvação, *sancta sanctorum*<sup>406</sup> de toda a reverência, milagre perenne, amor dos Anjos, temor do inferno, resgate de peccadores, penhor de beneficios, gloria dos predestinados. Nelle e em suas virtudes, convem que os nossos Romeyros gastem de sua novena o septimo dia, porque neste carbunculo acharam o preço mais sobido, que terra e Ceo numqua abraçaram.

Meditem no costume antigo<sup>407</sup>, que era ser proprio das mays dar o /229r/ nome aos filhos, como se vê na primeira molher e may do genero humano, Eva, que a Caim, Abel e Seth honrou com os vocabulos por ella inventados e com tanta propriedade, que cada hum delles vinha não menos ao natural dos que Adam<sup>408</sup>, seu marido, pôs aos animais, sobre quem Deos lhe deu todo o senhorio. Varias causas se apontam. A primeira dellas he o amor das mays pera com os filhos, mais tenro e

---

<sup>401</sup> *Génesis* 18.

<sup>402</sup> *Jud.* 4.

<sup>403</sup> *3 Reis* 19.

<sup>404</sup> *Jonas* 41.

<sup>405</sup> *Lucas* 10.

<sup>406</sup> Santa dos Santos.

<sup>407</sup> *Génesis* 4.

<sup>408</sup> *Génesis* 2.

ardente que dos pays. Outra: porque às mays cabe maior parte do trabalho na criação dos filhos. Terceira: porque ellas os tratam muito mais enquanto são infantes, e aquella tam familiar conversação he como o segundo leyte com que os sustentam, donde se vê que sempre os filhos tomam /229v/ o geito do fallar e outros movimentos naturaes das mays e amas que os criam, deixando os dos pays, a quem o governo da fazenda, os negocios da familia não consentem viver tanto das portas dentro como as mays com seus filhinhos.

E quando a outras se concede este privilegio, que diremos da Virgem Maria, que sò ella e Deos tinham parte naquelle menino, que naceo de suas emtranhas sem pay terreno, por obra incomprehensivel do divino Espirito! As rezões de que nós podemos ajudar, são as seguintes. Primeira: que nos quis a Virgem dar bons annos com o nome de Jesus, posto no principio de Janeiro, pera que entendessemos que sò os /230r/ annos que se occupam na salvação ficam sendo ditosos, por levarem por guia o nome do Salvador, que se assenta muy bem, como ouro entre azul, sobre a circuncisão dos vícios inimigos de todo o bem espiritual. No primeiro de Janeiro, offereciam os Romanos hum pouco de mel ao falso Deos Jano, pera que o adoçassem a lhes conceder o anno todo suave e saboroso. Com maior rezam neste mesmo dia temos o nome, a quem S. Bernardo<sup>409</sup> chama favo de mel na boca, musica na orelha, jubilo no coração. Com este avemos de temperar todo o azedo da vida, misturando com sua doçura todas as amarguras de nossos trabalhos, pera fazermos huma conserva cordeal e defensivo de toda a peçonha infernal.

/230v/ Segunda: Belem quer dizer casa de pão, por ser terra muy fertil e della se ter provido a maior parte de Palestina em tempo de grande fome. Nesta bem-aventurada terra se dà ao menino dentro na lapa o nome de Salvador, porque elle, com mais propriedade que Joseph, merece este appellido. Este filho de Jacob alcançou o título de Salvador do mundo, porque em tempo de fome abriu os celeiros DelRey Faraó, pera desviar a morte a quem a esterilidade abriera as portas com intento de acabar todo

---

<sup>409</sup> Sermão 15, in Cant.

Egypto<sup>410</sup>. Christo fez da lapa celeiro donde começaram a sair as esperanças de haver ao diante de corresponder ao nome de Jesus, como na verdade comprio, abrindo os celeiros dos sacramentos e mysterios /231r/ e doutrina de sua vida, onde as almas santas suavemente se estão apascentando. Nem he este nome faminto e pobre como o Rey de Israel, quando respondeo à molher que lhe pedia vida e sustentação<sup>411</sup>: “Donde te posso salvar? Da eira ou do lagar?” Como se dissera, nem pão, nem vinho se achara em meu poder. O que de Christo se não pôde dizer, pois de seu corpo e sangue fez pão e vinho pera alimentar aos famintos e sequiosos na mesa do Santissimo Sacramento.

Terceiro: o Balsamo, além do cheiro que tem, com sua particular virtude cura inchaços, sara feridas, tira nodoas e sinais do rosto. O nome de Jesus tomou pera si a virtude do nome de Salamão, /231v/ a quem a Esposa comparou a unguento precioso como suavidade e medicina dos afligidos<sup>412</sup>; e se o balsamo de Jerusalem se derretia das arvores com hum golpe de mão sábia no sarjar e cortar da casca, este divino nome, por arte da Virgem Maria, quando circumcidou o menino, como balsamo espalhou o cheiro de sua bondade, com se offerecer a todos pera remedio de nossas nodoas e feridas, com que os inimigos ou em descuberto ou à treijam nos deixam assinaladas. A primeira arredoma<sup>413</sup> em que este oleo se recolheo foy a lapa de Beleem, pera dahi se tresladar aos corações, onde melhor se conserva, como em vaso natural.

Quarta: querem alguns autores /232r/ que o bordam de Jacob, companheiro de sua peregrinação<sup>414</sup>, fosse delle tam estimado, porque levava em si emtalhado o nome santissimo de Deos. O mesmo dizem outros da vara de Moyses, cujo fruto eram prodigios milagrosos<sup>415</sup>. O mesmo aplicam à vitoria de David no valle de Terebinto, porque das

---

<sup>410</sup> *Génesis* 41.

<sup>411</sup> *4 Reis* 6.

<sup>412</sup> *Cântico* I.

<sup>413</sup> Redoma; vaso de vido.

<sup>414</sup> *Génesis* 32.

<sup>415</sup> *Êxodo* 4.

cinco pedras que no çurrão meteo<sup>416</sup> huma dellas tinha o nome de Deos, e foy a primeira e unica que aceitou na funda pera lançar por terra aquelle monstro de carne, medo de todo Israel; pera que os peregrinos da Virgem e todos que pera outro mundo caminhamos nos emcostemos a este nome, como a bordão seguríssimo, com que se alivie o cançaso da vida. Seja a vara de Moyses, com que /232v/ nos mostremos em nossas obras maravilhosos; seja a pedra de David, com que alcancemos vitorias e celebremos triunfos dignos de eterna memoria.

Daqui veremos a cortesia com que se deve tratar tam soberano nome. De nosso corpo, o melhor lugar se lhe deve, que he o coração, onde se mandou por insculpido com boril de meditação de huma alma tam vigilante em o amar e se lembrar delle, que no braço o esmaltou<sup>417</sup>, como em mão de relógio, que mostrasse as rodas e horas do coração. Neste mesmo lugar, como em ardente rubim, o escreveo Santo Ignacio Martyr. Levando grande ventagem às letras de Moyses<sup>418</sup>, que em safiras debuxaram os preceitos divinos com menos firmesa e /233r/ dura que a invencivel paciencia do Illustrissimo Martyr, pois não descansou até não mostrar ao mundo seu coração feito sacrario de Jesus.

Há de andar sobre a cabeça como em pyramide de mais estima, onde Deos mandou se possesse seu inefavel nome<sup>419</sup>, pera governar (como de lugar mais alto do mundo pequeno) os membros do corpo, segundo o aprazivel e enymatico trajeo do Pontifice Aram. Venha poucas vezes a lingoa, por ser membro muy descuidado na cortesia, que deve a tam alta magestade. Grande injuria lhe faz, quem por elle jura, sem tento, sem tempo, sem necessidade. Em soando descubra a cabeça com profunda reverencia, conhecendo que à /233v/ vista e ao som de Jesus, no Ceo, terra e inferno todo o joelho se dobra<sup>420</sup>. Honra fazemos à may, quando lhe honramos o filho, e por justiça se deve muito maior respeito ao nome do filho, Jesus, que de sua may Maria. Nos trabalhos e afflições seja o

---

<sup>416</sup> *1 Reis* 17.

<sup>417</sup> *Cânticos* 8.

<sup>418</sup> *Êxodo* 24.

<sup>419</sup> *Êxodo* 28.

<sup>420</sup> *Phi.* 2.

cordeal mais escolhido, com que acudamos a nossas angústias; entam se quer invocado, pera corresponder com sòcorro à obrigação do Salvador.

## CAPITULO VIII

*Alegrias dos tres Magos, buscando  
e entrando na Lapa de Belem.*

**T**ODO o mundo se abalou com o Nascimento de Jesus; entre os de mais que de coração /234r/ o buscaram, foram os tres Magos, cuja pátria, estrella e caminho podem servir de meditação no oitavo dia da novena diante da Virgem da Lapa.

Diz S. Mattheus que, nacendo Jesus em Belem, vieram do Oriente, tres homens<sup>421</sup> a quem, por sua muita sabedoria e conhecimento de estrellas e virtudes das constellações, chamaram Magos, nome muy usado entre os Persas, como têm pera si graves autores<sup>422</sup>. Seus nomes foram Belchior, grave no aspecto, coroado de brancas, que a santa e prudente velhice, como insignia de seu muito saber e maduresa na cabeça e barbas, lhe posera. O segundo se chamava Gaspar, mancebo de poucos annos, bem corado e sem barba, como /234v/ quer Beda, mas dotado da velhice que o Espirito Santo louva naquelles<sup>423</sup> a quem, faltando os dias, sobeja a prudencia por onde se julgam os quillates do entendimento. O terceiro, nas cores requeimado, como mais vizinho ao sol, que em sua patria com ardentes rayos faz cores de azeviche. Este se chamava Balthasar, do qual se conta que offereceo myrrha, assi como Gaspar incenso e Belchior fino e fermoso ouro.

A patria destes santos e sabios Reys alevanta curiosas dúvidas, por dizer o Evangelista que vieram do Oriente. Não querem muitos que seja este Reyno onde està Goa e onde as naus Portuguesas vam desembarcar com as mercadorias deste, pera virem com /235r/ retorno e drogas

---

<sup>421</sup> *Mateus 2.*

<sup>422</sup> Ansel, Beda, Ruper, Leo, Cypri., Niceph.

<sup>423</sup> *Sabedoria 4.*

daquelle mundo. Mas têm pera si que se chamam Oriente às terras que ficam ao nascente do sol, em distancia de treze dias, que foram os que os Magos andaram guiados polla nova e prodigiosa estrella que lhes appareceo. Seguram esta opiniam com dizerem que eram descendentes do malvado e cobiçoso Profeta Balam, de cuja boca feiticeira e nigromantica sayo aquella tam celestial profecia da estrella de Jacob<sup>424</sup>, pera mayor condenação sua, pois deixou a Deos por tratar com o diabo e seus sequaces, preso com os grilhões do interesse.

Por me não desviar do que já temos escrito em o nosso primeiro tomo do *Exodo*<sup>425</sup>, julgo que o Oriente donde estes Magos saíram /235v/ foy o que os nossos Portugueses em tempo do felicissimo Rey Dom Manoel descobriram, sendo primeiro Almirante desta viagem, assi arriscada como proveitosa, Dom Vasco da Gamma, descendente dos Gammas de Olivença e Elvas, em Alentejo, a quem, com melhor ventura e verdade que Jason, abriu o Ceo òs Reynos do Oriente. Ajuda muito este nosso parecer o Rey negro, que a tradiçam da Igreja costuma entre dous brancos a pintar. Este, dizem, foy o Rey de Calecut, o qual, sabendo que os dous Reys vizinhos se aprestavam pera tam largo caminho, se offereceo por companheiro da jornada, querendo com esta peregrinação satisfazer a certo peccado, a que a larguesa da corte ainda contra o /236r/ direito natural em grau de Irmandade injustamente toma licença.

He tradiçam naquellas partes, onde està o berço do sol, que depois tornou mais rico com a vista de Deos menino que com as dadivas que lhe offereceo. Mandou fazer hum fermoso templo dedicado à Virgem Maria com a pintura dos tres Romeyros lançados por terra diante da Raynha e may do Salvador, o qual entre os naturais se conservou, não perdendo numqua a memoria de tam estranho caso, assi na Igreja, como na pintura.

Esta nossa opiniam escreve e segue o Marco Tullio Portugues, Dom Jeronimo Osorio (que he o mesmo que boca de ouro), na *Chronica del Rey Dom Manoel*<sup>426</sup>. E o /236v/ insigne e illustre doutor Navarro, parente do

---

<sup>424</sup> *Números* 24.

<sup>425</sup> Padre António Leite, *Commentaria in libro Exodi*.

<sup>426</sup> Livro 1.

grande Apostolo da India, S. Francisco de Xavier, nos Commentarios que fez da Oração, refere como o dito Osorio, Bispo do Algarve, lhe contara estar determinado na segunda impressam a fortificar mais o que na primeira deixara escrito, porque achara com a navegação dos nossos ser a fama sem falha e que assi o contavam os annais daquelles Reynos; e que a Dom Vasco da Gamma se mostrara no Oriente huma capella com nome de Maria, com graves ceremonias respeitada e adorada dos gentios.

Aos que esta alegre historia contentar, não cudem<sup>427</sup> que dentro em treze dias vieram os Magos da India a Beleem, senão que muito /237r/ tempo antes do menino nacido lhes apareceu a estrella, que, como a nuvem dos filhos de Israel, de dia e de noyte os guiava. Acrecentando-se-lhe mais o desejo de chegar e ver com o comprimento e trabalhos dos caminho[s]<sup>428</sup>. Porque o amor, quando he verdadeiro, com as difficuldades crece, com os perigos se accende. Mas se alguem perguntar quantos meses gastaram nesta jornada, respondemos que foram vinte e quatro. Assi o julga Nicephoro<sup>429</sup>, indo após Santo Agostinho, juntamente com o autor chamado imperfeito; e Santo Agostinho se aproveita do texto sagrado quando declara<sup>430</sup> a crueldade de Herodes contra os innocentes, mandando que fossem mortos os que tivessem dous annos ou pouco menos /237v/ de idade, segundo o tempo que inquirio dos Magos, quando, delle preguntados, miudamente lhe referiram o lugar e tempo em que a estrella se descobrira.

Nem se privam do parentesco de Balam, se assi o quisermos affirmar, porque as armadas de Salamão, que navegavam o mar roxo atè sair ao Oceano a carregar de ouro em Ceilam ou Malaca ou Monomotapa, de crer he que deixasse[m] por lá alguns moradores com feitorias pera contratarem; e que muitos de Judea, descendentes das doze tribus, se fizeram povoadores do Oriente, donde se estendeo sua geração, como querem alguns a fosse tambem a casta dos Abexins e naturais do

---

<sup>427</sup> Ou seja, *cuidem*.

<sup>428</sup> *Êxodo* 13.

<sup>429</sup> L. c. 13.

<sup>430</sup> Ser. de & pophan.

Prestejoão<sup>431</sup>, cujos descendentes se prezam não sò dos /238r/ Hebreos, mas da linha de Salamão por via da Raynha Sabbà, depois que se despedio de Jerusalem.

Estes santos tres Romeyros da lapa de Beleem nos offerecem materia pera considerar tres cousas de não pequeno fruto espiritual, a saber: como se há de acodir a Deos; como se há de gastar o tempo na lapa ou igreja da romagem; como se há de tornar pera casa, depois de comprida a Romaria.

Na primeira acharemos a preça e alegria com que havemos de obedecer à lingua celestial das inspirações com que Deos nos chama, assi como os Magos, em vendo a estrella, com estranho alvoroço deixaram patria, parentes e amigos, se poseram ao caminho e, confiados na divina bondade que pois /238v/ os chamava, tambem os guardaria de perigos tam manifestos, que esperam aos peregrinos desterrados de seu natural. Diz o autor chamado imperfeito<sup>432</sup> que na estrella lhe appareceo hum menino, que logo nas feições prometia ser mais que humano; hia na estrella como em carro de triumpho e com a Cruz às costas pera mostrar que naquella postura havia de resgatar ao mundo.

Pera a mudança dos costumes ou de novo estado de vida, faz Deos muitas vezes novas estrellas dos pregadores, confessores e amigos, que, com seus conselhos e amoestações, nos chamam pera Deos, posto que seja cortando por todos os perigos e dificuldades com que os inimigos d'alma procuram /239r/ de nos acovardar. Não nos hão de faltar Cruzes no caminho, depois que bem começaremos, porque he costume do demonio armar siladas aos que de novo se entregam à bandeira da virtude. E acontece muitas vezes desaparecer a mesma estrella que nos chamou, como socedeo aos Magos emtrando em Jerusalem, ou porque nos quer experimentar e provar nas tentações, como ouro no fogo, ou porque nos quer declarar que, quando nos acharemos em duvidas de nossa alma, avemos de consultar os doutos e sabios, que nos emcaminhem conforme a doutrina das divinas letras.

---

<sup>431</sup> João de Barros.

<sup>432</sup> Autor imperfeito.

Se nos acometimentos do ininigo nos mostraremos animosos, todo o medo e perturbação ficará /239v/ com elle, assi como Herodes com toda sua corte ficou emleado e amedrontado<sup>433</sup> por ouvir dentro em seu Reyno a homens estrangeiros perguntar por novo Rey sem temor algum de prisam ou morte; e diante do mesmo Herodes declarando-lhe por extenso a causa de sua vinda. Daqui veremos a quantos Deos chama e manda recado do Ceo, pera que o busquem e não se abalam. No Oriente muitos viram a estrella e sò tres a seguiram; em Jerusalem todos ouviram a nova que pollas casas, ruas e praças se espalhou, e nimguem se moveo a ir acompanhar aos Magos pera verem a Deos nacido, comprindo-se já naquelle tempo o que ao diante Christo pregou: que muitos são chamados e poucos /240r/ escolhidos<sup>434</sup>.

A segunda consideração seja como se não acha Deos nas cortes, nem no marulho do mundo, antes com esses se perde muitas vezes a guia, que nos emcaminhava pera a gloria. Não desmayaram, nem em seus corações se alevantou algum desprezo contra o Rey que tam affectuosamente desejavam, quando o não descobriram na populosa cidade de Jerusalem; e com a mesma vontade, rececendo a alegria com lhes aparecer o seu norte, foram seguindo a sua luz até parar sobre a lapa de Beleem, termo de seus desejos, porto de suas eperanças, premio de seus trabalhos, mina de suas riquezas. Quam grandes fossem as consolações destes santos, por si o podem julgar /240v/ os Romeyros da Virgem da lapa, quando ao longe e perto têm vista da sagrada Ermida, as saudações que lhe fazem, os perabens que se dão huns aos outros, como de longe a adoram, como com sua vista se accendem em devação.

Todos estes gostos foram promessas e penhores do que haviam de alcançar, entrando na lapa e achando Jesus menino com sua may. Pasma o entendimento, emmudece a lingoa na declaração deste mysterio, logo no rosto daquelle infante viram rayos de divindade, nos quais conheceram a magestade do filho em os braços da may, como em trono de gloria e, derribados em terra como leais vassalos, adoraram a Deos

---

<sup>433</sup> *Mateus 2.*

<sup>434</sup> *Mateus 20.*

menino sem repararem no desemparo da /241r/ casa, na pobreza do lugar, na estreitesa da lapa. As palhas lhes pareciam alcatifas, as teas de aranhas preciosas armações, a solidam grandiosa corte, a may celestial e o menino Deos; e como a tal, abrindo primeiro os corações com amor, devação e humildade, abriram tambem seus cofres e lhes offereceram, ouro, incenso e myrrha.

Mestres são estes peregrinos, de como nos havemos de haver diante da Virgem da Lapa, com amor, humildade e oferta, e como ella com seu filho não querem mais que as almas; destas, como de tesouros, hão de sair as principais dadivas com que a reconheçamos por senhora nossa, em cujos braços nos espera seu filho Deos, por nosso bem feito menino. O ouro /241v/ que ao menino Jesus na sua lapa se offereceo, deixaram alguns escrito que era huma bola redonda, a qual fora de Alexandre Magno, que tambem no Oriente alevantou muitos trofeos de suas vitorias, mas feita e batida com tal emgenho, que nella se emcerrava o ouro de todo o mundo por elle sojeitado, tomando certa quantidade de cada hum dos tributos que lhe pagavam e ajuntando-o em figura de bola, que trazia na mão, recreando-se por se ver senhor do mundo, naquelle glóbulo representado. Este se guardava por cousa singular no Oriente e, como tal, se trouxe de presente ao menino, como a verdadeiro Emperador do Ceo e da terra.

Mas na bola e no metal de que /242r/ he feita se declara a caridade e amor, que em todas as cousas e tempo devemos ter pera com Deos e sua may, metendo-lhe debaixo de sua obediencia todas as cousas criadas e reconhecendo nelle grande senhorio, pagando-lhe de tudo o que fizemos tributo de bem-querer, como a Rey e Salvador nosso. Metendo nesta ordem de amor sua may santissima, por cujo meyo tantos bens de contínuo recebemos e, achando-nos por todas as vias obrigados, nos avemos de todo o coração offerecer a seu divino serviço.

A segunda offerta que, de joelhos e com grande acatamento, se pôs aos pès do menino foy Incenso, o qual he figura da Oração, conforme ao

que nos emsina o Evangelista, /242v/ em seu Apocalypse<sup>435</sup>. Este incenso, posto no thuribulo de nosso coração, sobre as brasas do amor divino, desfaze em cheiro e fumo de suavidade diante do menino e sua may. Estas pastilhas e pivetes, posto que em todo o tempo tenham seu valor, mais agradaveis são se se queimam no das matinas, porque as horas de polla manhã estão mais orvalhadas e têm maior graça diante de Deos. Neste tempo se queimava o thymiana, que era huma massa feita de preciosas confeições, e competia ao Sacerdote Aram<sup>436</sup>, logo em amanhecendo, fazer este suave sacrificio. A alma que santamente se ocupa em colher este manà pera sua sustentação deve de [o] cortar pello sono, em o qual muitos benefícos /243r/ do Ceo fazem naufrágio, porque preguiçosa perde muito por tardar as laudes da manhã; e he certo que o manà, iguaria de todos os sabores, antes do sol nado se colhia, so[b] pena de perder a reção quem por não perder o sono a tempo o não recebia, porque, em se ferindo com qualquer rayo de sol, logo em agoa se desfazia aquelle pão dos Anjos<sup>437</sup>, feito pera gente esperta e diligente no serviço divino. Assi devem de o fazer os que estão em novena, procurando de levar ao sol, ventagem pera alcançar a benção da Virgem e gastando a manhã em louvores seus, ou seja, assistindo à missa ou rezando pellas contas ou Horas ou Breviario; ou meditando em os benefícos recebidos, ou na mudança ou emenda /243v/ de vida ou em qualquer outra devação.

A terceira dádiva com que se adorou o menino foy myrrha, que serve como de esmalte delicado ao ouro e incenso, ao amor e devação. E como todos concordem ser a myrrha amargosa e que perserva os corpos mortos de podridam, querem os santos Doutores que nella fique estampada a mortificação e penitencia de peccados, pellos quais entra a morte e se apodera do corpo e alma. A dos Cantares se presava de trazer as mãos untadas de myrrha, a mais escolhida de todas. Sem esta pouco montam as primeiras duas ofertas; e porque os santos, como bons astrologos das cousas celestiaes, conheceram a altura /244r/ em que esta myrrha ou

---

<sup>435</sup> *Apocalipse* 5.

<sup>436</sup> *Êxodo* 30.

<sup>437</sup> *Sabedoria* 18.

mortificação andava diante de Deos, inventaram jejuns, orações, cilícios, disciplinas com tanta variedade, que seria infinito contar os modos com que castigam seu corpo, porque sabem quanto a Deos contentam, quando se descontentam de si.

Com esta myrrha conservam a virtude, a qual sem mortificação he como arvore sem casca, carne sem sal, corpo sem alma; tudo vem a dar em podridam e fealdade. Qual fora o homem ou molher que, constando-lhe tinha das portas adentro hum escravo que lhe cometia treição e tinha prometido de pôr fogo à casa, queimando o senhor della, que o não prendesse, açoutasse, possesse em estreita dieta, quebrando-lhe as forças, os brios, estorvando-lhe /244v/ seus intentos e segurando-se por todas as partes de tam cruel inimigo? Este he o nosso corpo escravo desleal e atreçoado à nossa alma, que tantas vezes faz peccar e tem determinado queimar-nos com fogos eternos. E comtudo, os que pouco entendem e com elle vivem enganados fazem-lhe mimos, vestem-no de seda, dão-lhe cama regalada, buscam-lhe manjares saborosos, em tudo lhe fazem a vontade, criando o mais cruel inimigo que têm.

Diferente he a vida dos santos que, conhecendo os grandes danos e perdas que recebem deste inimigo, imitam aquelle monge o qual, tratando-se em o deserto onde vivia com estranha asperesa, emcontrando em tudo a seu corpo, /245r/ negando-lhe a refeição ordinaria, as recreações licitas e honestas; indo-lhe à mao hum dos outros ermitãos e dizendo-lhe que se não matasse, respondeo: *Mato a quem me mata*<sup>438</sup>. Licito he a todos, quando outro remedio não ouvesse pera conservar a vida, matar a quem injustamente lhe quer dar a morte; assi o fazem os penitentes com seus corpos, quando com a myrrha da mortificação e asperesa os trazem embalsamados.

A última cousa de muita importancia que os Magos nos ensinaram foy a volta que fizeram pera suas terras. Desviaram-se de Herodes, indigno de tanto bem, como era ver o menino Jesus no presepio e lapa de Beleem. Por ordem do Ceo tomaram outro caminho differente /245v/ do

---

<sup>438</sup> Pallad.

que trouxeram. Despedindo-se primeiro daquelle menino do Ceo e de sua may e do Santo Joseph, derretendo-se em lagrimas com humas saudades muy cordeais, que lhe atormentavam a alma, por serem forçados a deixar quem tanto os roubara e emcantara, que lhes era mais duro deixa-lo depois de conhecido que antes de o ter visto ama-lo. Levavam dentro no peito debuxado os rostos, as feições, as palavras, os meneos daquelle trindade da terra, Jesus, Maria, Joseph, pera lhes servirem de viático na torna-viagem, sendo cada huma daquellas tres pessoas alegre painel, com cuja vista aliviassem o caminho. Pera que os Romeyros da nossa Lapa saibam como se hão de despedir da Virgem /246r/ Maria e do seu menino, não os tirando numqua de seu coração.

Tornarem os Magos por outro caminho quer dizer, conforme aos Santos Padres, que a verdadeira devação e fruto da Romaria he não tornarem ao caminho do demonio, nem aos peccados que na confissam e sangue de Christo se afogaram. Voltamos por outro caminho, quando tornamos à estrada das virtudes, sem vermos outra vez o rosto de Herodes, nem a seus vasallos em o reboição de Jerusalem; quero dizer, quando da Romaria imos tam mudados pera nossas casas, que já os peccados antigos nos não conhecem, os olhos não se espalham, nem se detêm nas flores do mundo, nem se deixam render da fermosura que tantas /246v/ vezes servio de laço aos mal acautelados. A lingua não blasfema, nem jura, nem murmura, nem afronta ao proximo, toda se emprega em louvores divinos, dedicando-a ao rosario ou coroa da Virgem<sup>439</sup>. Os ouvidos já se fecham com a prudencia de áspide pera não ser vencida das canções mundanas, nem das sereas luxuriosas, que com brandas palavras cativam as almas, pera as meterem em mortal naufragio. O gosto já tem sua taixa no comer e beber, sem passar alem do justo preço que lhes pôs a rezam. O cheiro já se afasta de delicias e regalos femininos, ficando assi homens como molheres devotas da Lapa, inclinadas mais ao cheiro das virtudes que dos vestidos, entre os quais a luxuria suavemente se /247r/ cria, gostando sò com os lirios em que Jesus e Maria se

---

<sup>439</sup> *Salmo 57.*

apascentam<sup>440</sup>. O sentido do tacto vai tam mudado e por caminho tam diverso, que já a aspereza lhe parese mimo e regalo, afastando-se das siladas, que o demonio em tantas cousas arma a este sentido em todos os sentidos emxertado.

Finalmente o caminho dos tres Reys, que deve ser o do[s] nossos peregrinos, vai dar no que conta Santo Ambrosio<sup>441</sup> daquelle homem que, sendo devaço em sua vida, caindo em si por não cair no inferno, deu tam grande volta à vida, que, encontrando-se com a mesma occasiam que tantas vezes lhe roubara alma e sentidos, querendo passar com olhos baixos, lingoa muda aquella furia e peste infernal, /247v/ entendeo com elle, dizendo-lhe: *Vós não sois fullano?* O que já estava mudado como a Magdanela, o que já chorava fora das ocasiões como S. Pedro, o que já estava cego ao mundo como S. Paulo, o que já levava outra vereda como os tres Reys Magos, respondeo: *Eu já não sou eu*. Porque seus passos, seus propositos, sua vida, deixando o caminho errado e esquerdo, quais são todos os do mundo, tomou a mão direita da virtude, por onde caminham todos os que buscam e acham a Jesus e Maria em companhia do sagrado Joseph.

## CAPITULO IX

*Como se ha de acabar a Novena.*

**D**IZ Sam Jeronymo que no Christão não se busca tanto /248r/ o bom principio, como o bom fim, porque muitos começaram bem e acabaram mal; semelhantes aos de Galacia, dos quais se queixou S. Paulo<sup>442</sup>, por começarem com grande fervor de espirito a entrar no caminho do Ceo e depois vieram a descair tanto, que mais pareciam carnaes que espirituaes, mais pagãos que christãos. Bons principios teve Judas no Collegio de Christo, a cujo bafo andava e ouvia

---

<sup>440</sup> *Cânticos* 2.

<sup>441</sup> Ambrósio.

<sup>442</sup> *Gálatas* 3.

continuamente sua doutrina e divinos conselhos; porem, o remate da vida foy desestrado. Muito val dar boa entrada à novena. De maior estima he continua-la e acaba-la com fim correspondente ao principio, se este foy com devação, contrição e sacramento de Confissam e Communhão, tal seja o remate, com que se /248v/ despida da Santissima Virgem, examinando de novo sua consciencia, vendo as culpas com que desagradou à Virgem nos dias que à sua vista gastou; peça-lhe perdão, se com algum de seus sentidos a offendeo, torne ao rio da Confissam, onde se lave de novo e onde se reconcilie com Deos e sua may.

Despida-se da Senhora, correndo pella memoria as boas inspirações com que naquelles dias a<sup>443</sup> visitou e proponha de as executar no caminho, em sua terra e casa, com os seus, com os proximos, de modo que se entenda ter feito a Romaria pera proveito espiritual e não pera regalo e recreação do corpo. E os que receberam saúde por intercessam da Senhora lembrem-se que, com esse benefício, os penhorou /249r/ pera emmendarem a vida, apartando-se dos peccados que, pode ser, foram occasião de Deos com doença os castigar; e imaginem que lhe diz aquellas palavras com que Christo avizou e reprendeo ao que tantos annos estivera entrevado<sup>444</sup>: já que estàs são, não tornes a pecar, porque te não abranja mais grave castigo.

Offereça à Senhora o coração pera custo dia de suas lembranças, peça-lhe que o tome todo em seu serviço e lhe ponha marca e ferrete de escravo, porque não pode ter maior honra que ser cativo de tal Senhora; rogue-lhe que lhe alcance do seu menino exercitar as virtudes com que na Lapa de Belem Anjos, Pastores e Reys se entregaram e offereceram a Jesus. /249v/ Que nas occasiões de peccados se não esqueça de sua presença, à vista da qual fiquem os inimigos de sua alma vencidos.

Com estas e outras semelhantes palavras dê o último ‘fikai-vos embora’ à Raynha dos Anjos; e no caminho procure de contar seus louvores e milagres, afastando de si historias profanas, que muito descontentam a mesma Virgem. E emquanto os olhos alcançarem ou das

---

<sup>443</sup> o, no texto.

<sup>444</sup> João 5.

estradas ou montes, não deixem de saudar a Senhora com palavras de amor, mostrando que a leva no peito pera numqua della se esquecer. Desta maneira se porá o remate a que os antigos chamaram Corônís, por ser a modo de coroa, com que mostravam ficar o edificio perfeito. E os Hebreos /250r/ depois de segarem o trigo e posto em monte, o cercavam de lirios como sinal de abundante colheita. E hoje em nossos tempos mostram os officios estas alegrias com bandeira alevantada no alto do telhado ou torre, a que deram a ultima demão. Assás ditosa Romaria será a que desta sorte se fizer e acabar, indo os Romeyros coroados de merecimentos de nova graça, de lirios e virtudes, que naces do pão e sacramento de vida, alevantando bandeira de vitoria contra os inimigos de nossa salvação.

Se levar comsigo alguns pòs ou pedacinhos de seixo ou reliquias da casa da Virgem, estime-as como Namão Syro que, avendo de tornar de Jerusalem pera sua patria limpo e são da lepra, que tantos /250v/ annos o afrontava e atormentava, pedio ao Profeta Eliseo<sup>445</sup> lhe desse licença pera levar comsigo duas azemalas carregadas de terra. Porque ficou reconhecendo tanta virtude no Santo Profeta e cobrou tam grandes conceitos da cidade Santa de Jerusalem, que da terra pisada com pès virtuosos quis levar quantidade bastante pera fazer altar onde sacrificasse a Deos. Lembrando-se com aquella invenção dos beneficios que recebera da mão divina por intercessão de seu grande servo Eliseo.

Autores graves<sup>446</sup> contam que no lugar onde Deos criou o primeiro homem creceo tanto a devação dos peregrinos, que foram cavando a terra, pera se ajudarem em seus perigos e doenças, daquellas reliquias /251r/ em que o criador posera suas mãos; e que he tanto o concurso de gente pello remedio e virtude que acham naquelles pòs, pedras e torrões, que levam cargas delles como cousa preciosa e divina. E que muito he, se ache tanta virtude em lugares sagrados, quando lemos<sup>447</sup> que a terra de Hibernia he preservativo e defensivo contra bichos peçonhentos; e que

---

<sup>445</sup> 4 Reis 5.

<sup>446</sup> Broch.

<sup>447</sup> Alan.; Cop.

por essa rezam, assi em naus, como em cavalgaduras e carros carregam pera varias partes, como quem leva comsigo escolhida semente, que aja não sò de brotar em suas patrias com o fruto desejado, mas que lhe sirva de antidoto contra as serpentes naturaes, contra cuja peçonha he peçonha aquella terra.

O mesmo podemes dizer dos /251v/ pòs e pedacinhos de seixo, que os Romeyros da Lapa colhem e guardam com particular devação e affeto d'alma. Estejam em suas casas, como memorial pera com a Virgem; sejam defensivo contra o demonio, medicina contra as enfermidades. Basta virem de tam santa casa pera serem avidos pella melhor pedra de Bezar<sup>448</sup>, que naceo no Oriente.

Este he, soberana Virgem, o ramallete de boninas colhidas em vosso jardim e todas ellas emcarnadas com o real e gracioso nome de Maria. A singella vontade de vos contentar suprirà a falta da perfeicam, que pera tam santa magestade se requiere. Chegamos ao que podemos, porque impossivel he abranger ao que se vos /252r/ deve. Quam facil he abrir o princípio de vossos louvores milagrosos, por tam difficultoso se julga comprehender ò *Gloria Patri* de vossos panegyricos, pois estes se igualam com a eternidade. Desculpo-me com o autor da *Historia Natural*<sup>449</sup>, quando a ouve de apresentar ao Emperador Vespasiano (conhecendo que, à vista de tam grande Cesar, todo o preço ficava abatido), o aplacou, fazendo lembrança que de grandes Principes e de corações divinos era receber de gente montesinha agrestes lacticínios, quando a posse não se estendia às offertas e perfumes aromáticos da Arabia felix.

Premio não vo-lo peço, soberana Raynha, porque muy emgrandecida fica minha humilde pena /252v/ com voar tam alto, que lhe concederam tratar de vossos beneficios. Sò desejo licença pera sempre, entre os leitores desta vossa história, me prezar e animar o verdadeiro sentido consagrado a vosso nome naquella letra, que em cythara Romana com grato ânimo se cantou.

---

<sup>448</sup> Isto é, *Bazar*.

<sup>449</sup> Plínio, *História Natural*.

*Quod spiro e placeo, si placeo, tuum est*<sup>450</sup>.

FINIS. LAVS DEO.

---

<sup>450</sup> “O que aspiro e me apraz, se me apraz, é teu”.

## **ÍNDICES REMISSIVOS**

### **ÍNDICE ONOMÁSTICO E TOPONÍMICO**

(tal como o nome surge no texto)

## A

- Abade Vasco Moreira – 32  
Abbade João – 77  
Abdele (rei de Cordova) – 77  
Abderramen (rei) – 65  
Abel – 61, 219  
Abel Botelho – 18  
Abexins – 225  
Abimelech (rei) – 165  
Abraham – 157, 210, 219  
Abulense – 211  
Açores – 9  
Adam (pai) – 86, 109, 158, 216, 219  
Adonis – 170  
Adrião Fernandes – 139, 140  
Aegypt (Egypto) – 99, 102, 103, 159, 166, 179, 202, 210, 221  
Africa – 61, 66  
Agostinho N. de Sousa (cónego) – 35  
Aguiar da Beyra – 20, 32, 64, 130  
Alanos – 75  
Alberico (cardeal) – 182  
Albucadem (rei) – 76  
Alcacere do Sal – 74  
Alcacerquibir – 106  
Alcínoo – 218  
Alcobaça – 75  
Aldeia Nova – 20  
Aldora (rainha) – 76  
Alemtejo – 74, 75, 224  
Alexandre Herculano – 33  
Alexandre Magno – 228  
Algarve – 12, 75, 106, 225  
Algodres – 126  
Alhaca (príncipe) – 65  
Alhães (lugar) – 156  
Alhagis (=Almançor)  
Almançor – 26, 58, 65, 66, 67, 68, 70, 76, 77, 78  
Almançor de Tidore (rei) – 65  
Almeida Fernandes – 33  
Altar do incenço – 70  
Alvite – 20  
Amador de Amaral – 122  
Amarante – 104  
Amós (Amos) – 60  
Andalusia – 75  
Andre Pires – 138  
Anna Marques – 122  
António Correia de Oliveira – 19  
António de Vasconcelos – 28  
António Ferreira – 21  
Antonio Martins – 142  
Antonio Nunez – 134  
Apelles – 95  
Apocalypse – 159, 209, 229  
Apollo – 178  
Apostolos – 109, 110, 149, 152, 160, 201, 210  
Aquisgran – 212  
Arabia (felix) – 235  
Aram (pontífice) – 209, 222, 229  
Arca de Noè – 179  
Arca do Testamento – 70, 72  
Arcanjo Sam Miguel – 150  
Archense (mosteiro) – 66  
Arganil – 52 (n.)  
Argos – 137, 208  
Arion (fábula) – 138  
Aristophanes – 71  
Aristoteles – 177  
Ariz – 20  
Armenia – 99  
Arnaldo Pinto Cardoso – 22, 23

Arouca – 67  
Artoxerxes – 92  
Assírios (Assírios) – 154, 175, 202  
Assuero (rei) – 218  
Astaroth (demónio) – 99  
Attaces (rei) – 76  
Augusto Cesar – 84  
Aveiro – 94, 138  
Avicena – 110, 181

## **B**

Babilonia – 61, 85, 87  
Badajos – 74  
Balam (profeta) – 78, 224, 225  
Balthazar (Bíblia) – 61, 223  
Balthazar (miraculado) – 107  
Balthesar Fialho – 52  
Barbancia – 170, 171  
Barbora (miraculada) – 122  
Bautista (João) – 113, 182, 183, 194, 213  
Beda – 148, 151, 178, 190, 205, 209, 223  
Beira Alta – 14  
Beiras – 12, 14, 19, 20, 24, 32, 57, 66, 77, 78, 88  
Beja – 74, 75  
Belchior – 223  
Belém (Bethlem, Belem, Bethlehem) – 12, 57, 59, 169, 184, 191, 196, 198, 199, 204, 205, 207, 208, 209, 215, 219, 220, 221, 223, 225, 226, 227, 230, 233  
Belem em Lisboa – 72  
Belzebud – 151  
Benjamin (tribo) – 174  
Berones (povo) – 77

Besteiros (concelho) – 122  
Betica – 74  
Bezar – 235  
Biblioteca Nacional – 24  
Bispo de Lamego – 17, 19, 93  
Boleyfe (rei) – 65  
Borchardo (pintor) – 191, 208  
Botam (rio) – 142  
Braga – 9, 48, 66, 76  
Brazil – 133  
Britiande – 20  
Britonia (junto a Viana) – 66

## **C**

Cabo de Espichel – 74  
Cabo de S. Vicente – 74  
Caim – 219  
Calçada (lugar) – 213, 214, 215  
Caldeos – 154  
Calecut – 224  
Calipodio – 71  
Callisto – 71  
Câmara de Lobos – 145  
Cambra – 67  
Campos Elysios – 76  
Cândido de Azevedo – 33  
Cardeal Toledo – 213, 215  
Carlos V (imperador) – 88, 212  
Carquere – 77, 88  
Carvalho (lugar) – 132  
Casa Professa de S. Roque – 9  
Castella – 61, 67, 74  
Castello Branco – 78  
Castelo Novo – 20  
Castro de Ayro – 106  
Castro Marinho – 74  
Caulina (mosteiro) – 63

Cavadoude – 20  
 Cea (lugar) – 126, 127  
 Ceilam – 225  
 Celso – 191  
 Celtas – 74, 77  
 Ceroliquo – 93  
 Cerramcelhe – 114  
 Chaldeos – 177  
 Chelidonia – 110  
 Cherubins – 180, 199  
 Christo – *passim*  
 Chronista (João de Barros) – 72  
 Chrysippo – 199  
 Cidade Calippo (Leiria) – 75  
 Clarice (donzela) – 213, 214, 215, 217  
 Claudiano – 157  
 Claudio Ptolomeo – 78  
 Cleantes – 71  
 Coimbra – 9, 10, 11, 12, 21, 47, 52, 66,  
 67, 76, 77, 88, 94, 96, 126, 142,  
 143  
 Colégio de S. Miguel – 9  
 Collegio de Coimbra – 11, 55, 94, 96,  
 145  
 Columba Osores (abadessa) – 66  
 Companhia de Jesus – 7, 9, 11, 12, 13,  
 27, 28, 47, 51, 53, 55, 88  
 Compostella – 65, 66, 161  
 Concílio de Trento – 13, 17, 20  
 Conde D. Juliam – 62, 63  
 Conde de Seita – 63  
 Conde de Tarouca – 88  
 Conde Garcia Fernandes – 67  
 Condeixa-a-Velha – 76  
 Convento da Santíssima Trindade – 50  
 Convento do Senhor Santo Cristo da  
 Fraga – 32

Cordova – 65, 66, 77  
 Couto de Bostello do Porto – 107  
 Covilhã (Cava Iuliani, Covilham) – 62,  
 78

## D

D. Affonso Enriques – 74, 75  
 D. Affonso, o Magno – 76  
 D. Affonso, o Catholico – 77  
 D. Aleixo de Menezes (arcebispo de  
 Goa) – 94, 136  
 D. Bermudo – 67  
 D. Catarina de Áustria – 16  
 D. Diniz – 161, 164  
 D. Fernando (infante) – 15, 16  
 D. Fernando – 66  
 D. Fernando (rei de Leão e Castela) –  
 76, 77, 78  
 D. Froiax Vermuiz – ver Froiax  
 D. Froyla (=D. Froiax Vermuiz): ver  
 Froiax  
 D. Henrique (rei) – 169  
 D. Joam Coutinho (Arcebispo de Évora;  
 bispo de Lamego) – 93  
 D. Joam III (João) – 17, 88, 94  
 D. João IV – 10  
 D. João Mendes de Távora – 52  
 D. Manoel – 88, 224,  
 D. Manuel de Noronha – 17, 20  
 D. Rodrigo – 58, 61, 62, 63, 64, 65, 68,  
 77  
 D. Sebastião – 12, 22  
 Daniel – 85  
 David – 102, 110, 113, 135, 139, 167,  
 174, 185, 190, 201, 216, 229, 222  
 Deão de Braga – 48  
 Debora – 219

Decermilo – 32  
Delfim de França – 138  
Diana – 85  
Dina (filha de Jacob) – 63, 165, 217  
Diogo de Amaral Castello Branco – 119  
Diogo Gomez de Loureiro – 9, 47  
Diogo Osorio de Castro – 48, 49, 51  
Diogo Soares (veador de Dom Aleixo de Meneses) – 94  
Dioscórides – 110  
Domingos Gonçalves – 146  
Domingos Soares – 136  
Dona Isabel Osorio – 126  
Dona Leonor de Vilhena – 88  
Douro – 12, 73, 74, 75, 76, 141, 142, 170  
Douro Litoral – 12  
Doutor Angélico (ver São Tomás)  
Duque de Bragança – 75

## **E**

Egypto (Ver Aegypto)  
Eirado – 20  
Elias (profeta) – 129, 193, 216, 219  
Eliseo (profeta) – 105, 108, 128, 130, 187, 202, 234  
Elvas – 75, 224  
Empedocles – 181  
Engadi – 209  
Entre Douro e Minho – 12, 75, 76, 105, 170  
Epheso – 72  
Epiteto – 71  
Esau (irmão de Jacob) – 201  
Esayas – 214  
Espanha(s) (Hespanha) – 30, 56, 58, 60, 61, 62, 63, 66, 68, 76, 77, 78, 79  
Espírito Santo (freguesia) – 156

Estefânia – 25  
Estrabo – 75, 77  
Estremadura – 74  
Estremós – 75  
Euphrates – 75  
Euthymio – 150, 151, 205  
Eutrapelia – 172  
Eva – 86, 151, 180, 196, 219  
Evora – 74, 75, 93  
Ezechiel – 86, 151, 169

## **F**

Faraó (Pharaó) – 61, 99, 154, 173, 192, 220,  
Favayos (lugar) – 142  
Feira (casa da) – 67  
Felicitas Iulia (Beja) – 74, 75,  
Fernando da Lapa (coxo) – 112  
Ferreira (lugar) – 142  
Ferreira de Aves – 32  
Figueirò da Granja (vila) – 131  
Fliaminio – 214  
Flora (deusa) – 85  
Florinda – 62  
Foca (gramático) – 50  
Fonte Arcada – 111, 114  
Fontello (vila) – 134  
Forno Telheiro – 20  
Fr. Adrião Pedro – 11, 49, 50  
Fr. Agostinho de Santa Maria – 32  
Fr. Baltazar da Piedade – 26, 27  
Fr. Bernardino – 122  
Fr. Bernardo de Brito – 25, 27, 28, 29, 30, 34, 83  
Fr. Joam de Vasconcellos – 48  
Fr. Leão de São Tomás – 32

Fr. Luis Alvares de Tavora (Baylio de Lessa) – 93

Fr. Luís dos Anjos – 29

Fr. Roque do Soveral – 30

Francisco (mudo) – 107

Francisco (da Lapa) – 104, 105

Francisco Annes de Souto Maior – 127

Francisco Cardozo Torneo – 48, 49, 51

Francisco Thomas – 144

Frantina – 62

Freixo – 94

Froiax (conde Froyla, Froiax Vermuiz)  
– 67

Fundam – 78

## G

Gabaonitas – 157

Gabriel (anjo) – 103, 197, 198, 204, 205,  
219

Gabriel (da Lapa) – 104

Galeno – 110

Galiza – 74, 76, 160

Garajal – 129

Gaspar (rei mago) – 223

Gaspar Leirão – 142

Gaya – 76

Gellio – 181

Geovandes (lugar) – 156

Gibraltar (colunas de) – 158

Giraldo sem Pavor – 74

Goa – 136, 223

Goadiana – 73, 74

Gonçalo Annes – 125

Gothfredo de Bulhão – 162

Gregos – 61, 75, 179

Guadalete – 63

Guarda – 70, 78

Guimarães – 76, 111

Guosende (lugar) – 156

## H

Harpocrates (ídolo) – 102

Hebreos – 129, 169, 174, 183, 199, 226,  
234

Helena (de Tróia) – 63

Heli – 72

Hercules – 84, 158

Herodes – 225, 227, 230, 231

Hesperidas – 218

Hierusalem – 71, 135

Hissem (rei) – 65

Holofernes – 175, 186

Homisio (lugar) – 156

Horácio – 21, 56, 157

## I

Igreja da Estrada – 53

Ilha da Madeira – 88, 145

Ilhegas – 169

Índia – 26, 72, 94, 133, 136, 225

Infante D. Fernando – 15

Infante D. Pedro – 15

Inquisição de Lisboa – 20, 47

Isabel (menina) – 129, 130

Isabel (menina) – 142, 143

Isabel Fernandes – 127

Isabelinha (miraculada) – 130, 131

Isac – 165, 209

Isaías (Isaias) – 61, 186, 214

Isilda Monteiro (poeta) – 14

Israel – 78, 97, 102, 173, 174, 221, 222,  
225

Italia – 76, 87

## J

J. Bispo Conde (D. João Mendes de Távora) – 52  
Jacobó (bispo) – 212  
Jano (deus) – 220  
Jason – 224  
Jebuseos – 113  
Jeremias – 70, 72, 208  
Jericho (Jericò) – 108, 175  
Jeroboam – 61  
Jerónima de Valadares – 9  
Jeronimo Osorio – 224  
Jerusalem – 71, 113, 118, 160, 161, 162, 167, 170, 175, 176, 186, 191, 214, 221, 226, 227, 231, 234  
Jesabel (rainha) – 193  
Jesus – 59, 152, 166, 167, 177, 179, 190, 191, 197, 198, 199, 207, 209  
Joam Dias (miraculado) – 94  
Joam Gonçalves da Camara – 88  
Joanna – 82, 83, 84, 103, 210  
João de Pavia – 30  
João Fernandes – 138  
João Sanches de Baena – 48  
Job – 61, 202  
Joel (profeta) – 154  
Jonas (profeta) – 129, 138, 219  
Jonathas – 216  
Jordam (rio) – 93, 97, 178, 186  
Jorge de Mello de Sam Payo – 126  
Josepho – 71, 158, 168  
Josue (Josuè) – 99, 99, 157  
Jubal – 173  
Judá (tribo) – 92  
Judas – 201, 232  
Judea – 225  
Judeos – 86, 109, 216

Judith – 174, 176, 186

Juliana Borges – 127

Juliano – 158

Júlio III – 17

## L

Lagrosa (lugar) – 115

Lalim (lugar) – 156

Lamego – 7, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 25, 66, 67, 77, 78, 88, 89, 134

Lapa – *passim*

Lapa de Belem – 12, 56, 80, 83, 169, 184, 191, 196, 198, 199, 205, 221, 223, 226, 227, 230, 233

Lazarim (lugar) – 156

Lazaro – 133

Leam (Leão) – 65

Leomil (lugar) – 117, 156

Libano – 217

Lima (Lethes) – 76,

Linhares (vila) – 78, 127, 143, 145

Lisboa – 9, 10, 12, 20, 21, 48, 49, 50, 51, 72, 75

Loreto – 7, 87

Lucrecia Ursina – 213

Lusitânia (Lusitania) – 11, 57, 58, 65, 73, 77, 141

Luso – 73

## M

Machabeos – 69, 70, 183, 211

Madanela Vaz – 107

Mafamede – 60, 66, 146

Mafoma – 106

Magdanela – 212, 213, 214, 215, 232

Mageia (lugar) – 155

Magos – 59, 177, 190, 223, 224, 225,  
 226, 227, 230, 231, 232  
 Malaca – 225  
 Manoel da Cunha – 49, 51  
 Manuel Faria e Sousa – 29  
 Marc Bloch – 15  
 Marcha (terra) – 170  
 Marcial – 11, 56, 158  
 Mardocheo – 216  
 Margarita (lugar) – 139  
 Maria (adolescente) – 121  
 Maria (miraculada) – 115  
 Maria (irmã de Moisés) – 103  
 Maria dos Anjos (miraculada) – 119  
 Maria Luis – 127  
 Maria Sarayva – 121  
 Marialva – 132  
 Marte – 84  
 Martim Velho – 16  
 Matança (lugar) – 67  
 Matias Leite – 9  
 Matthiolo – 110  
 Mauritana – 65  
 May de Deos (ver Virgem Maria)  
 May Santissima (ver Virgem Maria)  
 Medina Celi – 68  
 Medusa – 170  
 Mello (lugar) – 126, 143  
 Merida – 63, 65, 74  
 Mertola – 74  
 Mesopotâmia – 75, 76  
 Midas – 218  
 Miguel Leite Ferreira – 21  
 Minerva – 84  
 Minho (rio) – 74, 75  
 Miphiboseth – 113  
 Mircea Eliade – 23  
 Missano (lugar) – 214  
 Moimenta da Beira (Beyra) – 24, 32,  
 115  
 Mondego – 71, 72, 131, 132, 142  
 Mondim da Beira – 20  
 Monomotapa – 225  
 Monserrate – 53  
 Monte Mor – 77  
 Monte Sião – 135  
 Monteiras (lugar) – 106, 156  
 Montemor o Velho – 67  
 Morales – 77  
 Mourama – 146  
 Mouros – 30, 58, 60, 61, 63, 64, 65, 66,  
 67, 68, 74, 75, 76, 77, 145, 162  
 Moyses – 70, 73, 75, 90, 91, 103, 112,  
 146, 150, 154, 168, 173, 175, 178,  
 192, 211, 221, 222  
 Mumbre – 219  
  
**N**  
 Nabuchodonozor – 61  
 Namão Syro – 178, 186, 234  
 Narcisso – 131  
 Navarro (doutor) – 224  
 Nazaré (Nazareth) – 30, 58, 62, 65, 87,  
 191  
 Neachile Porcaraga (rainha) – 65  
 Neomenia (lua nova) – 183  
 Nephtalim – 55  
 Nicephoro – 225  
 Nilo – 159  
 Ninive – 219  
 Nossa Senhora das Seixas – 32  
 Nossa Senhora do Barrocal – 32  
 Nossa Senhora do Livramento – 32  
 Nossa Senhora do Vencimento – 32

Nossa Senhora dos Meninos – 18

Nossa Senhora dos Remédios – 18

Nove Musas – 180

Numa Pompilio – 73

## O

Oceano (Oceano) – 64, 74, 96, 141, 225

Oliveira – 224

Olkoth – 182, 183

Ordem de S. João (Malta) – 93, 162

Origenes – 109, 147

Ormuz – 92

Osma – 68

Osset (=Ossella) – 67

Ossonoba (Faro) – 74

Outeyro – 67

Ovar – 107

Ovidio – 182

## P

Padre António Cordeiro – 8, 13, 29

Padre António Leite – 7, 10, 12, 13, 30, 96, 224

Padre Antonio Mascarenhas (reitor do Santuário da Lapa) – 94

Padre Cláudio Aquaviva – 27

Padre Diogo Rodrigues Cardoso – 145

Padre Guilherme Bro – 20

Padre João Alvarez – 27, 31

Padre José Alves Amorim – 7

Padre Lourenço Soares – 131

Padre Luis Gonçalves da Camara – 88

Padre Manuel de Azevedo – 8

Padre Manuel de Brito Alão – 31

Padre Martim de Amaral – 123

Padre Salmeirão – 212, 215

Padres da Companhia – 7, 11, 88, 89, 90, 160

Palestina – 216, 220

Pampilhosa – 116

Papa Clemente VII – 213

Papa Eugenio – 161

Papa Gregorio XIII – 22, 61, 88, 151, 197, 209

Papa Honorio – 161

Papa Paulo IV – 215

Papa Paulo V – 89

Papa Xisto V – 215

Parrhasio – 95

Passos (lugar) – 125

Pederneira – 64

Pedro da Lapa (miraculado) – 144, 145

Pedro da Sylva – 48

Pedro Damiano (santo cardeal) – 182

Pedro e Inês – 21

Pedro Pinheiro – 20

Pena Macor (Penamacor) – 105, 121

Penaguiam (concelho) – 122, 126

Penalva (concelho) – 123

Penude (lugar) – 155

Pera (serra) – 66

Pernambuquo – 140

Pero da Costa – 106

Pero da Sylva – 49, 51

Pero de Reyna – 145

Pero Pinto (abade) – 122

Pérsia – 69

Peso de Penaguiam – 126

Phariseos – 151

Philisteos – 72

Philo Judeu – 78

Pinhel – 133

Pipinello – 215

Plauto – 182  
Plínio – 56, 95, 235  
Plutarcho – 78, 180, 182  
Pompeo – 74  
Ponte do Ladrão – 20  
Porto (cidade) – 9, 66, 67, 73, 74, 76,  
141  
Porto de Annibal (Portimão) – 74, 106  
Porto Grayo – 73  
Portugal – 10, 11, 13, 14, 25, 27, 29, 30,  
58, 60-62, 64, 65, 67, 73, 74, 76,  
79, 87, 141, 163, 169  
Prata (rio) – 140  
Príncipe das trevas – 99  
Príncipe de Sicheu – 165, 217  
Probática (piscina) – 118  
Promontorium Barbaricum – 74  
Proserpina – 85  
Prothogenes – 95  
Ptolomeo – 74, 78  
Purgatorio – 128  
Pythagoras – 109, 178  
Pythagoricos – 180  
Pyxocas (piratas) – 139

## Q

Queiriz – 20  
Quinta dos Cepos – 32  
Quintela (Quintella) – 12, 20, 32, 33

## R

Rafael (marido) – 25  
Ramiro (rei) – 76, 77  
Raynha Sabbà – 118, 226  
Rebecca – 165  
Reccaredo (rei) – 77  
Rei de Navarra – 67

Remismundo (rei) – 76  
Reyno de Portugal – 79, 141, 163  
Rio Balsemão – 18  
Rio Coimbra – 67  
Roma – 17, 23, 53, 71, 87, 161, 212,  
213, 217,  
Romano (monge) – 64, 65  
Romanos – 71, 73, 76, 78, 147, 174,  
179, 182, 220  
Romulo – 161, 182

## S

S. Adriam (lugar) – 146  
S. Ambrosio – 157, 197, 232  
S. Antão –  
S. Antíoco –  
S. Athanasio –  
S. Barnabe – 155, 176  
S. Bartholameu – 65  
S. Basilio – 86  
S. Bento – 66, 70  
S. Bernardo – 119, 136, 167, 203, 211,  
216, 217, 220  
S. Bertholameu (apóstolo) – 99  
S. Boaventura – 86  
S. Bras – 65, 194  
S. Chrysostomo – 147, 150, 151, 177,  
209  
S. Cornelio – 213, 215  
S. Cypriano – 213, 215  
S. Egidio – 194  
S. Epiphanio – 190, 199, 210  
S. Eustachio – 210  
S. Francisco Xavier – 65, 225  
S. Frey Gil – 198  
S. Hilarião – 194  
S. Gregorio Nazianzeno – 158, 190

- S. Gregorio Nysseno – 191  
 S. Ignacio Martyr – 222  
 S. Illefonso – 197  
 S. Inácio de Loiola (Ignacio) – 53  
 S. Inofre – 194  
 S. Jeronimo (Jeronymo) – 71, 147, 169, 190, 191, 201, 211, 224, 232  
 S. Joachim – 206  
 S. Joam (João, apóstolo) – 94, 100, 108, 172, 209  
 S. João Baptista (ver Bautista)  
 S. Joaquinho (lugar) – 156  
 S. João (freguesia) – 156  
 S. João da Pesqueira – 26  
 S. João Evangelista – 108, 172, 209  
 S. Joseph – 166, 191, 196, 204, 211, 219, 220, 231, 232  
 S. Judas Thadeo – 149, 150  
 S. Justino Martyr – 190  
 S. Lucas – 57, 100, 113, 147, 149, 159, 166, 175, 191, 198, 200, 204, 205, 206, 213, 219  
 S. Marcos – 100, 147, 149, 150, 153, 201  
 S. Marcos de Roma – 90  
 S. Martinho (freguesia) – 155  
 S. Mattheus – 147, 149, 177, 223  
 S. Miguel (freguesia) – 156  
 S. Miguel de Pena (lugar) – 125  
 S. Miguel do Fetal – 64  
 S. Paio de Caria – 22  
 S. Paio de Rua – 20  
 S. Paulo – 70, 72, 160, 193, 194, 199, 210, 232  
 S. Payo de Carva – 87  
 S. Pedro – 149, 160, 161, 179, 185, 232  
 S. Pedro (freguesia) – 155, 156  
 S. Pedro Chrysologo – 197  
 S. Rafael (anjo) – 178, 204  
 S. Sebastiam – 106  
 S. Sebastiam (freguesia) – 156  
 S. Thomas – 97, 100, 192, 197, 218  
 S. Tiago – 65, 66, 67  
 S. Tiago (freguesia) – 155, 156  
 S. Tiago de Chave – 67  
 S. Vallentim Martyr – 213  
 S. Vicente – 75  
 Sabaoth – 200  
 Sabinas – 174  
 Sagrada Escritura – 12, 69, 153  
 Salamam (Salamão) – 85, 118, 154, 174, 181, 183, 206, 209, 214, 221, 225, 226  
 Samaria – 84  
 Samaritana – 84  
 Sancta Sanctorum – 166, 212, 215  
 Santa Águeda – 163  
 Santa Caterina (mártir) – 140  
 Santa Cecilia – 64  
 Santa Iria – 76, 163, 164  
 Santa Isabel (Bíblia) – 129, 166  
 Santa Isabel (rainha) – 163, 164  
 Santa Luzia – 163  
 Santa Marinha (lugar) – 125  
 Santa Martha – 213  
 Santarem – 75, 76, 163  
 Santiago (de Compostela) – 21, 65, 66, 160, 161, 164  
 Santuário da Lapa – 7, 8 e *passim*  
 Sarzeda – 114  
 Satanás – 151  
 Sátão – 32  
 Saul – 61, 113, 174, 209  
 Saxonia – 171

Sè de Cordova – 66  
Sebastião Cesar de Meneses – 48, 49, 51  
Sebastião de Carvalho – 52  
Seita – 63  
Senacherib – 202  
Senhora de Ceixa – 77  
Senhora do Rosario (freguesia) – 156  
Sephora (mulher de Moisés) – 211  
Sernancelhe – 33  
Serolico – 78  
Serra (lugar) – 130  
Serra da Estrella – 97, 116  
Serra do Carneiro – 104  
Sertorio – 74  
Seth – 219  
Setuval (Cetuval) – 74, 138  
Sichem – 63, 165, 217  
Sinai (monte) – 215  
Sismiro – 26, 66, 70, 72  
Sofala – 92  
Sophonias – 71  
Souto (lugar) – 67  
Suevos – 75, 76  
Sulmonense – 182  
Susan (cidade) – 218  
Syão – 190  
Syrtes e Carybdes – 141

## T

T. F. Earl – 22  
Tabernaculo – 70, 91  
Tago (rei) – 75  
Tamanhos – 26  
Tavira – 74  
Tejo – 74, 75, 75, 163  
Templarios – 161  
Terebinto (vale) – 221

Terencio – 182  
Ternate (rei) – 65  
Tertulliano – 151  
Thabor (monte) – 179  
Theodofrido – 62  
Theophyl – 150  
Theophylacto (Theophylato) – 205, 208  
Thomé Veloso – 126  
Tiberio (imperador) – 77  
Tigre (rio) – 75  
Tobias – 110, 166, 178, 204  
Tojal (lugar) – 145  
Toledo – 62, 213, 215  
Tomar – 76  
Tondella – 107  
Trancoso (Trancozo) – 26, 66, 127  
Trás-os-Montes – 12  
Travanqua (lugar) – 141  
Troia – 63  
Turdetanos – 74, 75, 77  
Túrdulos – 75, 77

## U

Universidade de Coimbra – 11, 22  
Universidade de Évora – 10, 29  
Urânias – 180

## V

Valhelhas (vila) – 127  
Varzea (lugar) – 155  
Vasco da Gama (Gamma) – 26, 224, 225  
Venus – 85  
Vergilio – 158, 182  
Vespasiano (imperador) – 235  
Vettones – 74  
Vettonica (erva) – 74  
Vila Meã – 20

Villa Chaã – 127  
Villa Cortês (lugar) – 143  
Villa Cova (lugar) – 156  
Villa de Aguiar – 66  
Villa de Conde – 105  
Villa de Monsanto – 117  
Villa Kallo – 171  
Villa Nova de Portimão – 74, 106  
Villa Real – 90, 115, 116, 120, 126  
Villa Ruiva – 144  
Villa Viçosa – 75  
Villar (de Fonte Arcada) – 111, 114  
Villarinho de Froizas – 115  
Villas de Moura – 75  
Vimioso – 126  
Virgem Clarice – 214

Virgem da Lapa – *passim*  
Virgem Maria – *passim*  
Viseu – 30, 64, 66, 67, 77, 78, 93, 107,  
111, 126  
Vitrúvio – 84, 86  
Vouga (rio) – 18, 19, 32, 80

## **W**

Witiza – 62

## **Z**

Zacharias (pai de J. Baptista) – 166, 184  
Zahara – 76  
Zeuxis – 95

# ÍNDICE GERAL

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	9
AUTOR E OBRA	9
CONTEXTO HISTÓRICO E HISTORIOGRÁFICO	14
BIBLIOGRAFIA	35
IMAGENS	42
CRITÉRIOS DA EDIÇÃO	45
Licenças	47
À soberana magestade da raynha e Virgem da Lapa	53
Aos religiosos do Real Colegio de Coimbra	55
Índice dos livros e capitulos desta obra	58
Livro I	60
Livro II	73
Livro III	96
Livro IIII	123
Livro V	160
Livro VI	184
ÍNDICES	237
ONOMÁSTICO E TOPONÍMIO	237
GERAL	250

(página deixada propositadamente em branco)